

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA SANTIAGO DE BRITO

Estudo do vocabulário do cururu em Cuiabá

Versão Corrigida

São Paulo
2024

MARIANA SANTIAGO DE BRITO

Estudo do vocabulário do cururu em Cuiabá

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em Letras.

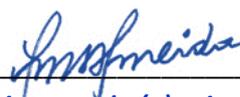
Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

São Paulo
2024

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Mariana Santiago de Brito****Data da defesa: 04/12/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Manoel Mourivaldo Santiago Almeida**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 31/01/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: BRITO, Mariana Santiago de

Título: Estudo do vocabulário do cururu em Cuiabá

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em Letras.

Aprovado em: 04/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Instituição: Universidade de São Paulo (FFLCH – USP)

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a)

Maria do Socorro Vieira Coelho

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a)

Dalva de Souza Lobo

Instituição: Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a)

Abel Santos Anjo Filho

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Julgamento: _____

Para Elisa

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Inês e Augusto, pelo apoio e incentivo, agradeço o amor e a generosidade, cuidando de mim e da nossa Pituca para que eu pudesse concluir esse trabalho, ele também é de vocês.

Ao meu irmão, Vinícius, e minha cunhada, Talita, que torceram e celebraram toda etapa vencida. Agradeço cada palavra de apoio e cada abraço que foi colo.

Aos meus familiares e amigos, balsamo para vida.

A minha filha, Elisa. Obrigada, minha pequena, por ser meu sorriso diário.

Ao meu esposo, Murilo, meu porto seguro para os momentos difíceis e parceiro para celebrar os bons.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – por continuar acreditando em mim, por todo incentivo para que eu não desistisse, apesar das adversidades. Agradeço pelas palavras sempre amigas, pelo olhar humano e pelas contribuições inestimáveis em minha formação acadêmica. Minha gratidão, chefe.

Aos professores Manoel Mourivaldo, Irenilde Pereira dos Santos, pelas contribuições intelectivas e afetivas que me transformaram de maneira única.

Às amigas que fiz durante as aulas da pós-graduação, Lívia e Socorro, pelos cafés e afeto. O caminho teria sido mais difícil sem vocês.

Às professoras doutoras Maria do Socorro Coelho e Mariângela de Araújo, pelas contribuições na banca de qualificação. E aos professores Abel Santos e Dalva de Souza Lobo, pelo aceite em participar da defesa do trabalho.

Meus agradecimentos à **CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) por seu auxílio a essa pesquisa.

Ao amigo que fiz em Cuiabá, Thomas Flaviano, cururueiro generoso que tanto contribui para a realização desse trabalho.

Aos cururueiros que conheci, artistas talentosos, pelo acolhimento e benevolência em compartilhar comigo seu fazer. Minha admiração, amizade e respeito.

Por fim agradeço a todos colaboradores dessa pesquisa, que disponibilizaram de seu tempo para responder ao questionário.

RESUMO

BRITO, Mariana Santiago. **ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO CURURU EM CUIABÁ.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar o vocabulário do cururu na cidade de Cuiabá, propondo uma discussão das influências e contribuições do léxico dessa manifestação cultural. Os *corpora* desse trabalho são essencialmente constituídos por entrevistas (livres e controladas), produções lítero-musicais e bibliografia sobre o tema. Apoiamo-nos no referencial teórico-metodológico da sociolinguística, da geolinguística, da dialetologia, da lexicografia e da lexicologia, para a realização da pesquisa de campo, elaboração e aplicação do questionário semântico-lexical. Como resultado foi possível: i) definir um glossário do cururu cuiabano; ii) desenvolver uma análise diacrônica do conteúdo desse glossário, comparando as acepções das lexias listadas às encontradas em dicionários dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX, XXI; iii) estabelecer comparativo com o estudo sobre o cururu realizado por Brito (2013) na cidade de Piracicaba, São Paulo. A investigação permitiu realizar o registro das unidades lexicais dessa manifestação cultural e compreender seu *status* na cidade de Cuiabá, suscitando uma discussão sobre a tendência à manutenção, variação ou a mudança em curso dos elementos que compõem seu vocabulário. Os resultados alcançados apontam para maior reconhecimento e uso dos itens pesquisados, sendo que as lexias com tendência à manutenção representam 45,09%, contra 37,29% das que apresentaram variação e 17,64% das com tendência ao desuso. A investigação possibilitou compor um *corpus* linguístico para futuras pesquisas, apresentar uma mostra atual do cururu em Cuiabá, além de traçar um comparativo do cururu praticado em duas regiões do Brasil.

Palavras-chave: Pesquisa Dialetal. Cuiabá. Léxico. Cururu.

ABSTRACT

BRITO, M. S. **STUDY OF CURURU VOCABULARY IN CUIABÁ**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research has the general objective to study the vocabulary of cururu in the city of Cuiabá, proposing a discussion of the influences and contributions of the lexicon of this cultural manifestation. The corpora of the paper constitute of interviews (free and controlled), literary and musical productions, as well as bibliography on the topic. We rely on the theoretical methodological framework of sociolinguistics, geolinguistics, dialectology, lexicography and lexicology, to carry out field research and prepare the application of the semantic-lexical questionnaire. With the corpus obtained it was possible: i) to define a glossary of Cururu Cuiabano; ii) develop a diachronic analysis of the content of this glossary, comparing the meanings of the lexis listed to those found in dictionaries from the 17th, 18th, 19th, 20th and 21st centuries; iii) establish a comparison with the study on cururu carried out by Brito (2013) in the city of Piracicaba, São Paulo. The investigation allowed recording the lexical units of this cultural manifestation and understanding its status in the city of Cuiabá, sparking a discussion about the tendency towards maintenance, variation or ongoing change the elements that make up its vocabulary. The results achieved point to greater recognition and use of the researched items, with a tendency to maintenance representing 45.09%, compared to 37.29% of those that showed variation and 17.64% of those with a tendency to disuse. The investigation made it possible to compose a linguistic corpus for future research, present a current sample of cururu in Cuiabá, in addition to drawing a comparison of cururu practiced in two regions of Brazil.

Keywords: Dialectical Research. Cuiabá. Lexicon. Cururu. *Caipira* culture

Lista de tabelas

Tabela 5.1 – Comparação da lexia alferes de bandeira entre os dicionários.....	91
Tabela 5.2 – Porcentagem de escolha da lexia alferes de bandeira.....	92
Tabela 5.3 – Comparação da lexia amargo entre os dicionários.....	93
Tabela 5.4 – Porcentagem de escolha da lexia amargo.....	93
Tabela 5.5 – Comparação da lexia baixão entre os dicionários.....	94
Tabela 5.6 – Porcentagem de escolha da lexia baixão.....	94
Tabela 5.7 – Comparação da lexia grito entre os dicionários.....	95
Tabela 5.8 – Porcentagem de escolha da lexia grito.....	96
Tabela 5.9 – Comparação da lexia bandeira entre os dicionários.....	97
Tabela 5.10 – Porcentagem de escolha da lexia bandeira.....	98
Tabela 5.11 – Comparação da lexia quadra entre os dicionários.....	98
Tabela 5.12 – Porcentagem de escolha da lexia quadra.....	98
Tabela 5.13 – Comparação da lexia braço entre os dicionários.....	99
Tabela 5.14 – Porcentagem de escolha da lexia braço.....	100
Tabela 5.15 – Comparação da lexia brincador entre os dicionários.....	101
Tabela 5.16 – Porcentagem de escolha da lexia brincador.....	101
Tabela 5.17 – Comparação da lexia folgador entre os dicionários.....	102
Tabela 5.18 – Porcentagem de escolha da lexia folgador.....	102
Tabela 5.19 – Comparação da lexia cavalete entre os dicionários.....	103
Tabela 5.20 – Porcentagem de escolha da lexia cavalete.....	104
Tabela 5.21 – Comparação da lexia chá-com-bolo entre os dicionários.....	104
Tabela 5.22 – Porcentagem de escolha da lexia chá-com-bolo.....	105
Tabela 5.23 – Comparação da lexia canutilho entre os dicionários.....	105
Tabela 5.24 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho.....	106
Tabela 5.25 – Comparação da lexia entre os dicionários cantar esclarecido.....	107
Tabela 5.26 – Porcentagem de escolha da lexia cantar esclarecido.....	107
Tabela 5.27 – Comparação da lexia cantar bonito entre os dicionários.....	108
Tabela 5.28 – Porcentagem de escolha da lexia cantar bonito.....	108
Tabela 5.29 – Comparação da lexia cantar bem entre os dicionários.....	109
Tabela 5.30 – Porcentagem de escolha da lexia cantar bem.....	109

Tabela 5.31 – Comparação da lexia cantar nas escrituras entre os dicionários.....	110
Tabela 5.32– Porcentagem de escolha da lexia cantar nas escrituras.....	110
Tabela 5.33 – Comparação da lexia cantar em cima da escritura entre os dicionários.....	111
Tabela 5.34 – Porcentagem de escolha da lexia cantar em cima da escritura.....	111
Tabela 5.35 – Comparação da lexia cantador de lari larai entre os dicionários.....	112
Tabela 5.36 – Porcentagem de escolha da lexia cantador de lari larai.....	112
Tabela 5.37 – Comparação da lexia ruim entre os dicionários.....	113
Tabela 5.38 – Porcentagem de escolha da lexia ruim.....	113
Tabela 5.39 – Comparação da lexia capelão entre os dicionários.....	114
Tabela 5.40 – Porcentagem de escolha da lexia capelão.....	114
Tabela 5.41 – Comparação da lexia capitão do mastro entre os dicionários.....	115
Tabela 5.42 – Porcentagem de escolha da lexia capitão do mastro.....	116
Tabela 5.43 – Comparação da lexia cebolão entre os dicionários.....	117
Tabela 5.44 – Porcentagem de escolha da lexia cebolão.....	117
Tabela 5.45 – Comparação da lexia canutilho solto entre os dicionários.....	118
Tabela 5.46 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho solto.....	118
Tabela 5.47 – Comparação da lexia canutilho preso entre os dicionários.....	119
Tabela 5.48 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho preso.....	119
Tabela 5.49 – Comparação da lexia corpo entre os dicionários.....	120
Tabela 5.50 – Porcentagem de escolha da lexia corpo.....	120
Tabela 5.51 – Comparação da lexia cocho entre os dicionários.....	121
Tabela 5.52 – Porcentagem de escolha da lexia cocho.....	121
Tabela 5.53 – Comparação da lexia contra entre os dicionários.....	122
Tabela 5.54 – Porcentagem de escolha da lexia contra.....	123
Tabela 5.55 – Comparação da lexia corda entre os dicionários.....	123
Tabela 5.56 – Porcentagem de escolha da lexia corda.....	124
Tabela 5.57 – Comparação da lexia cravelha entre os dicionários.....	125
Tabela 5.58 – Porcentagem de escolha da lexia cravelha.....	126
Tabela 5.59 – Comparação da lexia cururu entre os dicionários.....	127
Tabela 5.60 – Porcentagem de escolha da lexia cururu.....	127

Tabela 5.61 – Comparação da lexia cururueiro entre os dicionários.....	128
Tabela 5.62 – Porcentagem de escolha da lexia cururueiro.....	128
Tabela 5.63 – Comparação da lexia de cima entre os dicionários.....	129
Tabela 5.64 – Porcentagem de escolha da lexia de cima.....	130
Tabela 5.65 – Comparação da lexia do meio entre os dicionários.....	131
Tabela 5.66 – Porcentagem de escolha da lexia do meio.....	131
Tabela 5.67 – Comparação da lexia desentoadado entre os dicionários.....	132
Tabela 5.68 – Porcentagem de escolha da lexia desentoadado.....	132
Tabela 5.69 – Comparação da lexia desafinado entre os dicionários.....	133
Tabela 5.70 – Porcentagem de escolha da lexia desafinado.....	133
Tabela 5.71 – Comparação da lexia empalizado entre os dicionários.....	134
Tabela 5.72 – Porcentagem de escolha da lexia empalizado.....	134
Tabela 5.73 – Comparação da lexia salão entre os dicionários.....	133
Tabela 5.74 – Porcentagem de escolha da lexia salão.....	133
Tabela 5.75 – Comparação da lexia ensopadão entre os dicionários.....	135
Tabela 5.76 – Porcentagem de escolha da lexia ensopadão.....	136
Tabela 5.77 – Comparação da lexia afogado entre os dicionários.....	137
Tabela 5.78 – Porcentagem de escolha da lexia afogado.....	138
Tabela 5.79 – Comparação da lexia cozidão entre os dicionários.....	138
Tabela 5.80 – Porcentagem de escolha da lexia cozidão	139
Tabela 5.81 – Comparação da lexia escritura entre os dicionários.....	139
Tabela 5.82 – Porcentagem de escolha da lexia escritura	140
Tabela 5.83 – Comparação da lexia bíblia entre os dicionários.....	140
Tabela 5.84 – Porcentagem de escolha da lexia bíblia.....	141
Tabela 5.85 – Comparação da lexia festa de santo entre os dicionários.....	142
Tabela 5.86 – Porcentagem de escolha da lexia festa de santo.....	142
Tabela 5.87 – Comparação da lexia festeiro entre os dicionários.....	143
Tabela 5.88 – Porcentagem de escolha da lexia festeiro	143
Tabela 5.89 – Comparação da lexia promesseiro entre os dicionários.....	144
Tabela 5.90 – Porcentagem de escolha da lexia promesseiro	144

Tabela 5.91 – Comparação da lexia função do cururu entre os dicionários.....	145
Tabela 5.92 – Porcentagem de escolha da lexia função do cururu.....	146
Tabela 5.93 – Comparação da lexia arrodia cururu entre os dicionários.....	146
Tabela 5.94 – Porcentagem de escolha da lexia arrodia cururu.....	147
Tabela 5.95 – Comparação da lexia galanteoso entre os dicionários.....	147
Tabela 5.96 – Porcentagem de escolha da lexia galanteoso.....	148
Tabela 5.97 – Comparação da lexia bem aparelhado entre os dicionários.....	149
Tabela 5.98 – Porcentagem de escolha da lexia bem aparelhado.....	149
Tabela 5.99 – Comparação da lexia elegante entre os dicionários.....	150
Tabela 5.100 – Porcentagem de escolha da lexia elegante.....	150
Tabela 5.101 – Comparação da lexia ganzá entre os dicionários.....	151
Tabela 5.102 – Porcentagem de escolha da lexia ganzá.....	151
Tabela 5.103 – Comparação da lexia licor entre os dicionários.....	152
Tabela 5.104 – Porcentagem de escolha da lexia licor.....	153
Tabela 5.105 – Comparação da lexia louvação entre os dicionários.....	153
Tabela 5.106 – Porcentagem de escolha da lexia louvação.....	154
Tabela 5.107 – Comparação da lexia louvar o santo entre os dicionários.....	155
Tabela 5.108 – Porcentagem de escolha da lexia louvar o santo.....	155
Tabela 5.109 – Comparação da lexia mastro entre os dicionários.....	156
Tabela 5.110 – Porcentagem de escolha da lexia mastro.....	156
Tabela 5.111 – Comparação da lexia osso entre os dicionários.....	157
Tabela 5.112 – Porcentagem de escolha da lexia osso.....	158
Tabela 5.113 – Comparação da lexia pé-de-verso entre os dicionários.....	159
Tabela 5.114 – Porcentagem de escolha da lexia pé-de-verso.....	159
Tabela 5.115 – Comparação da lexia ponto entre os dicionários.....	160
Tabela 5.116 – Porcentagem de escolha da lexia ponto.....	161
Tabela 5.117 – Comparação da lexia toada de ponto entre os dicionários.....	161
Tabela 5.118 – Porcentagem de escolha da lexia toada de ponto.....	162
Tabela 5.119 – Comparação da lexia prima entre os dicionários.....	162
Tabela 5.120 – Porcentagem de escolha da lexia prima.....	163

Tabela 5.121 – Comparação da lexia principiante entre os dicionários.....	164
Tabela 5.122 – Porcentagem de escolha da lexia principiante.....	164
Tabela 5.123 – Comparação da lexia iniciante entre os dicionários.....	165
Tabela 5.124 – Porcentagem de escolha da lexia iniciante.....	165
Tabela 5.125 – Comparação da lexia rainhado entre os dicionários.....	166
Tabela 5.126 – Porcentagem de escolha da lexia rainhado.....	166
Tabela 5.127 – Comparação da lexia requinta entre os dicionários.....	167
Tabela 5.128 – Porcentagem de escolha da lexia requinta.....	167
Tabela 5.129 – Comparação da lexia reza entre os dicionários.....	168
Tabela 5.130 – Porcentagem de escolha da lexia reza.....	169
Tabela 5.131 – Comparação da lexia louvor entre os dicionários.....	169
Tabela 5.132 – Porcentagem de escolha da lexia louvor.....	170
Tabela 5.133 – Comparação da lexia roda de cururu entre os dicionários.....	170
Tabela 5.134 – Porcentagem de escolha da lexia roda de cururu.....	170
Tabela 5.135 – Comparação da lexia sede entre os dicionários.....	171
Tabela 5.136 – Porcentagem de escolha da lexia sede.....	172
Tabela 5.137 – Comparação da lexia associação entre os dicionários.....	173
Tabela 5.138 – Porcentagem de escolha da lexia associação.....	173
Tabela 5.139 – Comparação da lexia tampo entre os dicionários.....	174
Tabela 5.140 – Porcentagem de escolha da lexia tampo.....	175
Tabela 5.141 – Comparação da lexia terno entre os dicionários.....	175
Tabela 5.142 – Porcentagem de escolha da lexia terno.....	176
Tabela 5.143 – Comparação da lexia calça e camisa entre os dicionários.....	177
Tabela 5.144 – Porcentagem de escolha da lexia calça e camisa.....	177
Tabela 5.145 – Comparação da lexia toada entre os dicionários.....	178
Tabela 5.146 – Porcentagem de escolha da lexia toada.....	178
Tabela 5.147 – Comparação da lexia trovo entre os dicionários.....	179
Tabela 5.148 – Porcentagem de escolha da lexia trovo.....	180
Tabela 5.149 – Comparação da lexia rima de verso entre os dicionários.....	180
Tabela 5.150 – Porcentagem de escolha da lexia rima de verso	181

Tabela 5.151 – Comparação da lexia verso entre os dicionários.....	182
Tabela 5.152 – Porcentagem de escolha da lexia verso.....	182
Tabela 5.153 – Comparação da lexia viola-de-cocho entre os dicionários.....	184
Tabela 5.154 – Porcentagem de escolha da lexia viola-de-cocho.....	184
Tabela 6.1 - Relação das lexias consultadas nas duas localidades pesquisadas.....	185
Tabela 6.2 – Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical entre os diferentes grupos.....	186
Tabela 6.3 - Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção.....	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Alferes de bandeira.....	91
Quadro 2 –	Amargo.....	93
Quadro 3 –	Baixão.....	94
Quadro 4 –	Sinônimo de baixão: grito.....	95
Quadro 5 –	Bandeira.....	97
Quadro 6 –	Sinônimo de bandeira: quadra.....	98
Quadro 7 –	Braço.....	99
Quadro 8 –	Brincador.....	101
Quadro 9 –	Sinônimo de brincador: folgador.....	102
Quadro 10 –	Cavalete.....	103
Quadro 11 –	Chá-com-bolo.....	104
Quadro 12 –	Canutilho.....	105
Quadro 13 –	Cantar esclarecido.....	106
Quadro 14 -	Sinônimo de cantar esclarecido: cantar bonito.....	108
Quadro 15 –	Sinônimo de cantar esclarecido: cantar bem.....	109
Quadro 16 –	Cantar na escritura.....	110
Quadro 17 –	Sinônimo de cantar na escritura: cantar em cima da escritura.....	111
Quadro 18 –	Cantador de lari-larai.....	112
Quadro 19 –	Sinônimo de cantador de lari-larai: ruim.....	113
Quadro 20 –	Capelão.....	114
Quadro 21 –	Capitão do mastro.....	115
Quadro 22 –	Cebolão.....	117
Quadro 23 –	Canutilho solto.....	118
Quadro 24 –	Canutilho preso.....	119
Quadro 25 –	Corpo.....	120
Quadro 26 –	Sinônimo de corpo: cocho.....	121

Quadro 27 –	Contra.....	122
Quadro 28 –	Corda.....	123
Quadro 29 –	Cravelha.....	126
Quadro 30 –	Cururu.....	127
Quadro 31 –	Cururueiro.....	128
Quadro 32 –	De cima.....	130
Quadro 33 –	Do meio.....	131
Quadro 34 –	Desentoadado.....	132
Quadro 35 –	Sinônimo de desentoadado: desafinado.....	133
Quadro 36 –	Empalizado.....	134
Quadro 37 –	Sinônimo de empalizado: salão.....	137
Quadro 38 –	Ensopadão.....	136
Quadro 39 –	Sinônimo de ensopadão: afogado.....	137
Quadro 40 –	Sinônimo de ensopadão: cozidão.....	138
Quadro 41 –	Escritura.....	139
Quadro 42 –	Sinônimo de escritura: rima.....	141
Quadro 43 –	Festa de santo.....	142
Quadro 44 –	Festeiro.....	143
Quadro 45 –	Sinônimo de festeiro: promesseiro.....	144
Quadro 46 –	Função do cururu.....	145
Quadro 47 –	Sinônimo de função do cururu: arrodar cururu.....	147
Quadro 48 –	Galanteoso.....	148
Quadro 49 –	Sinônimo de galanteoso: bem aparelhado.....	149
Quadro 50 –	Sinônimo de galanteoso: elegante.....	150
Quadro 51 –	Ganzá.....	151
Quadro 52 –	Licor.....	152

Quadro 53 –	Louvação.....	154
Quadro 54 –	Sinônimo de louvação: louvar o santo.....	155
Quadro 55 –	Mastro.....	156
Quadro 56 –	Osso.....	157
Quadro 57 –	Pé-de-verso.....	159
Quadro 58 –	Ponto.....	160
Quadro 59 –	Sinônimo de ponto: toada de ponto.....	162
Quadro 60 –	Prima.....	162
Quadro 61 –	Principiante.....	164
Quadro 62 –	Sinônimo de principiante: iniciante.....	165
Quadro 63 –	Rainhado.....	166
Quadro 64 –	Requinta.....	167
Quadro 65 –	Reza.....	168
Quadro 66 –	Sinônimo de reza: louvor.....	170
Quadro 67 –	Roda de cururu.....	170
Quadro 68 –	Sede.....	172
Quadro 69 –	Sinônimo de sede: associação.....	173
Quadro 70 –	Tampo.....	174
Quadro 71 –	Terno.....	176
Quadro 72 –	Sinônimo de terno: calça e camisa.....	177
Quadro 73 –	Toada.....	178
Quadro 74 –	Trovo.....	179
Quadro 75 –	Sinônimo de trovo: rima de verso.....	181
Quadro 76 –	Verso.....	182
Quadro 77 –	Viola-de-cocho.....	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CUIABÁ	20
1.1 Formação da cidade.....	22
1.2 Economia.....	24
1.3 Cultura.....	26
2. CURURU	30
2.1 Origem.....	31
2.2 Organização.....	33
2.3 Música.....	39
2.4 Coreografia.....	42
2.5 Pré-glossário do cururu.....	44
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	62
3.1 Lexicologia.....	63
3.2 Processos de renovação lexical.....	66
3.3 Geolinguística.....	68
3.4 O questionário semântico-lexical.....	71
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
4.1 Classificação e seleção dos sujeitos.....	78
4.2 Procedimentos e coleta dos dados.....	85
5 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO CURURU CUIABANO	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	190
APÊNDICE A- GLOSSÁRIO DO CURURU CUIABANO	196

INTRODUÇÃO

A dissertação¹ sobre o estudo do vocabulário do cururu de Piracicaba foi realizada e apresentada no ano de 2013, como exigência para obtenção do título de mestre em língua portuguesa. A pesquisa trouxe algumas respostas que procurávamos, mas também algumas inquietações, uma vez que esperava-se encontrar, no interior de São Paulo, maior vigor dessa manifestação cultural. Foram poucos cururueiros encontrados para realizar as entrevistas e responderem ao questionário semântico-lexical. Por meio dos resultados obtidos, constatou-se que, naquela região, o vocabulário do cururu tendia à inovação.

No entanto, durante as pesquisas, foi descoberto que o cururu paulista foi levado ao interior do Brasil, ao que tudo indica, pelo movimento das bandeiras, e passou a ser prestigiado em algumas localidades, especialmente no Mato Grosso, onde a tradição do cururu se consolidou e permanece. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é estudar o vocabulário do cururu em Cuiabá, a fim de testar a hipótese de que o cururu é uma tradição prestigiada por sua comunidade e o vocabulário do cururu cuiabano tende à manutenção. E como objetivos específicos é elaborar um glossário do cururu cuiabano, realizar análise diacrônica do conteúdo desse glossário, comparando as acepções das lexias listadas às encontradas em dicionários dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX, XXI e ainda comparar os resultados com os do estudo sobre o cururu realizado por Brito (2013) na cidade de Piracicaba, São Paulo.

Inserido no contexto das festas dos santos católicos, o cururu cuiabano é responsável por conduzir as cerimônias religiosas realizadas nas casas dos devotos que, geralmente, por cumprimento de promessa, promovem tais eventos. Mas, atualmente, também pode ser observado em outras ocasiões, como eventos sociais, mostras culturais ou simples divertimento.

O cururu sempre esteve associado aos festejos populares, diferentemente de outras manifestações associadas ao erudito e ao aristocrático. No que se refere a isso, Romancini (2005) lembra que “o batuque, o cururu, a capoeira e a congada eram os folguedos preferidos pelas pessoas de menor poder aquisitivo” (p. 43), o que torna o cururu um fenômeno essencialmente da tradição oral, daí a necessidade de estudá-lo e promover seus registros.

Muito se caminhou a respeito do estudo e dos registros das variedades do português popular brasileiro desde a publicação de *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920), no entanto, a

¹ BRITO, M. S. **Estudo do vocabulário do cururu em Piracicaba**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RESUMO

BRITO, Mariana Santiago. **ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO CURURU EM CUIABÁ.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar o vocabulário do cururu na cidade de Cuiabá, propondo uma discussão das influências e contribuições do léxico dessa manifestação cultural. Os *corpora* desse trabalho são essencialmente constituídos por entrevistas (livres e controladas), produções lítero-musicais e bibliografia sobre o tema. Apoiamo-nos no referencial teórico-metodológico da sociolinguística, da geolingüística, da dialetologia, da lexicografia e da lexicologia, para a realização da pesquisa de campo, elaboração e aplicação do questionário semântico-lexical. Como resultado foi possível: i) definir um glossário do cururu cuiabano; ii) desenvolver uma análise diacrônica do conteúdo desse glossário, comparando as acepções das lexias listadas às encontradas em dicionários dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX, XXI; iii) estabelecer comparativo com o estudo sobre o cururu realizado por Brito (2013) na cidade de Piracicaba, São Paulo. A investigação permitiu realizar o registro das unidades lexicais dessa manifestação cultural e compreender seu *status* na cidade de Cuiabá, suscitando uma discussão sobre a tendência à manutenção, variação ou a mudança em curso dos elementos que compõem seu vocabulário. Os resultados alcançados apontam para maior reconhecimento e uso dos itens pesquisados, sendo que as lexias com tendência à manutenção representam 45,09%, contra 37,29% das que apresentaram variação e 17,64% das com tendência ao desuso. A investigação possibilitou compor um *corpus* linguístico para futuras pesquisas, apresentar uma mostra atual do cururu em Cuiabá, além de traçar um comparativo do cururu praticado em duas regiões do Brasil.

Palavras-chave: Pesquisa Dialetal. Cuiabá. Léxico. Cururu.

ABSTRACT

BRITO, M. S. **STUDY OF CURURU VOCABULARY IN CUIABÁ.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research has the general objective to study the vocabulary of cururu in the city of Cuiabá, proposing a discussion of the influences and contributions of the lexicon of this cultural manifestation. The corpora of the paper constitute of interviews (free and controlled), literary and musical productions, as well as bibliography on the topic. We rely on the theoretical methodological framework of sociolinguistics, geolinguistics, dialectology, lexicography and lexicology, to carry out field research and prepare the application of the semantic-lexical questionnaire. With the corpus obtained it was possible: i) to define a glossary of Cururu Cuiabano; ii) develop a diachronic analysis of the content of this glossary, comparing the meanings of the lexis listed to those found in dictionaries from the 17th, 18th, 19th, 20th and 21st centuries; iii) establish a comparison with the study on cururu carried out by Brito (2013) in the city of Piracicaba, São Paulo. The investigation allowed recording the lexical units of this cultural manifestation and understanding its status in the city of Cuiabá, sparking a discussion about the tendency towards maintenance, variation or ongoing change the elements that make up its vocabulary. The results achieved point to greater recognition and use of the researched items, with a tendency to maintenance representing 45.09%, compared to 37.29% of those that showed variation and 17.64% of those with a tendency to disuse. The investigation made it possible to compose a linguistic corpus for future research, present a current sample of cururu in Cuiabá, in addition to drawing a comparison of cururu practiced in two regions of Brazil.

Keywords: Dialectical Research. Cuiabá. Lexicon. Cururu. *Caipira* culture

Lista de tabelas

Tabela 5.1 – Comparação da lexia alferes de bandeira entre os dicionários.....	91
Tabela 5.2 – Porcentagem de escolha da lexia alferes de bandeira.....	92
Tabela 5.3 – Comparação da lexia amargo entre os dicionários.....	93
Tabela 5.4 – Porcentagem de escolha da lexia amargo.....	93
Tabela 5.5 – Comparação da lexia baixão entre os dicionários.....	94
Tabela 5.6 – Porcentagem de escolha da lexia baixão.....	94
Tabela 5.7 – Comparação da lexia grito entre os dicionários.....	95
Tabela 5.8 – Porcentagem de escolha da lexia grito.....	96
Tabela 5.9 – Comparação da lexia bandeira entre os dicionários.....	97
Tabela 5.10 – Porcentagem de escolha da lexia bandeira.....	98
Tabela 5.11 – Comparação da lexia quadra entre os dicionários.....	98
Tabela 5.12 – Porcentagem de escolha da lexia quadra.....	98
Tabela 5.13 – Comparação da lexia braço entre os dicionários.....	99
Tabela 5.14 – Porcentagem de escolha da lexia braço.....	100
Tabela 5.15 – Comparação da lexia brincador entre os dicionários.....	101
Tabela 5.16 – Porcentagem de escolha da lexia brincador.....	101
Tabela 5.17 – Comparação da lexia folgador entre os dicionários.....	102
Tabela 5.18 – Porcentagem de escolha da lexia folgador.....	102
Tabela 5.19 – Comparação da lexia cavalete entre os dicionários.....	103
Tabela 5.20 – Porcentagem de escolha da lexia cavalete.....	104
Tabela 5.21 – Comparação da lexia chá-com-bolo entre os dicionários.....	104
Tabela 5.22 – Porcentagem de escolha da lexia chá-com-bolo.....	105
Tabela 5.23 – Comparação da lexia canutilho entre os dicionários.....	105
Tabela 5.24 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho.....	106
Tabela 5.25 – Comparação da lexia entre os dicionários cantar esclarecido.....	107
Tabela 5.26 – Porcentagem de escolha da lexia cantar esclarecido.....	107
Tabela 5.27 – Comparação da lexia cantar bonito entre os dicionários.....	108
Tabela 5.28 – Porcentagem de escolha da lexia cantar bonito.....	108
Tabela 5.29 – Comparação da lexia cantar bem entre os dicionários.....	109
Tabela 5.30 – Porcentagem de escolha da lexia cantar bem.....	109

Tabela 5.31 – Comparação da lexia cantar nas escrituras entre os dicionários.....	110
Tabela 5.32– Porcentagem de escolha da lexia cantar nas escrituras.....	110
Tabela 5.33 – Comparação da lexia cantar em cima da escritura entre os dicionários.....	111
Tabela 5.34 – Porcentagem de escolha da lexia cantar em cima da escritura.....	111
Tabela 5.35 – Comparação da lexia cantador de lari larai entre os dicionários.....	112
Tabela 5.36 – Porcentagem de escolha da lexia cantador de lari larai.....	112
Tabela 5.37 – Comparação da lexia ruim entre os dicionários.....	113
Tabela 5.38 – Porcentagem de escolha da lexia ruim.....	113
Tabela 5.39 – Comparação da lexia capelão entre os dicionários.....	114
Tabela 5.40 – Porcentagem de escolha da lexia capelão.....	114
Tabela 5.41 – Comparação da lexia capitão do mastro entre os dicionários.....	115
Tabela 5.42 – Porcentagem de escolha da lexia capitão do mastro.....	116
Tabela 5.43 – Comparação da lexia cebolão entre os dicionários.....	117
Tabela 5.44 – Porcentagem de escolha da lexia cebolão.....	117
Tabela 5.45 – Comparação da lexia canutilho solto entre os dicionários.....	118
Tabela 5.46 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho solto.....	118
Tabela 5.47 – Comparação da lexia canutilho preso entre os dicionários.....	119
Tabela 5.48 – Porcentagem de escolha da lexia canutilho preso.....	119
Tabela 5.49 – Comparação da lexia corpo entre os dicionários.....	120
Tabela 5.50 – Porcentagem de escolha da lexia corpo.....	120
Tabela 5.51 – Comparação da lexia cocho entre os dicionários.....	121
Tabela 5.52 – Porcentagem de escolha da lexia cocho.....	121
Tabela 5.53 – Comparação da lexia contra entre os dicionários.....	122
Tabela 5.54 – Porcentagem de escolha da lexia contra.....	123
Tabela 5.55 – Comparação da lexia corda entre os dicionários.....	123
Tabela 5.56 – Porcentagem de escolha da lexia corda.....	124
Tabela 5.57 – Comparação da lexia cravelha entre os dicionários.....	125
Tabela 5.58 – Porcentagem de escolha da lexia cravelha.....	126
Tabela 5.59 – Comparação da lexia cururu entre os dicionários.....	127
Tabela 5.60 – Porcentagem de escolha da lexia cururu.....	127

Tabela 5.61 – Comparação da lexia cururueiro entre os dicionários.....	128
Tabela 5.62 – Porcentagem de escolha da lexia cururueiro.....	128
Tabela 5.63 – Comparação da lexia de cima entre os dicionários.....	129
Tabela 5.64 – Porcentagem de escolha da lexia de cima.....	130
Tabela 5.65 – Comparação da lexia do meio entre os dicionários.....	131
Tabela 5.66 – Porcentagem de escolha da lexia do meio.....	131
Tabela 5.67 – Comparação da lexia desentoadado entre os dicionários.....	132
Tabela 5.68 – Porcentagem de escolha da lexia desentoadado.....	132
Tabela 5.69 – Comparação da lexia desafinado entre os dicionários.....	133
Tabela 5.70 – Porcentagem de escolha da lexia desafinado.....	133
Tabela 5.71 – Comparação da lexia empalizado entre os dicionários.....	134
Tabela 5.72 – Porcentagem de escolha da lexia empalizado.....	134
Tabela 5.73 – Comparação da lexia salão entre os dicionários.....	133
Tabela 5.74 – Porcentagem de escolha da lexia salão.....	133
Tabela 5.75 – Comparação da lexia ensopadão entre os dicionários.....	135
Tabela 5.76 – Porcentagem de escolha da lexia ensopadão.....	136
Tabela 5.77 – Comparação da lexia afogado entre os dicionários.....	137
Tabela 5.78 – Porcentagem de escolha da lexia afogado.....	138
Tabela 5.79 – Comparação da lexia cozidão entre os dicionários.....	138
Tabela 5.80 – Porcentagem de escolha da lexia cozidão	139
Tabela 5.81 – Comparação da lexia escritura entre os dicionários.....	139
Tabela 5.82 – Porcentagem de escolha da lexia escritura	140
Tabela 5.83 – Comparação da lexia bíblia entre os dicionários.....	140
Tabela 5.84 – Porcentagem de escolha da lexia bíblia.....	141
Tabela 5.85 – Comparação da lexia festa de santo entre os dicionários.....	142
Tabela 5.86 – Porcentagem de escolha da lexia festa de santo.....	142
Tabela 5.87 – Comparação da lexia festeiro entre os dicionários.....	143
Tabela 5.88 – Porcentagem de escolha da lexia festeiro	143
Tabela 5.89 – Comparação da lexia promesseiro entre os dicionários.....	144
Tabela 5.90 – Porcentagem de escolha da lexia promesseiro	144

Tabela 5.91 – Comparação da lexia função do cururu entre os dicionários.....	145
Tabela 5.92 – Porcentagem de escolha da lexia função do cururu.....	146
Tabela 5.93 – Comparação da lexia arrodia cururu entre os dicionários.....	146
Tabela 5.94 – Porcentagem de escolha da lexia arrodia cururu.....	147
Tabela 5.95 – Comparação da lexia galanteoso entre os dicionários.....	147
Tabela 5.96 – Porcentagem de escolha da lexia galanteoso.....	148
Tabela 5.97 – Comparação da lexia bem aparelhado entre os dicionários.....	149
Tabela 5.98 – Porcentagem de escolha da lexia bem aparelhado.....	149
Tabela 5.99 – Comparação da lexia elegante entre os dicionários.....	150
Tabela 5.100 – Porcentagem de escolha da lexia elegante.....	150
Tabela 5.101 – Comparação da lexia ganzá entre os dicionários.....	151
Tabela 5.102 – Porcentagem de escolha da lexia ganzá.....	151
Tabela 5.103 – Comparação da lexia licor entre os dicionários.....	152
Tabela 5.104 – Porcentagem de escolha da lexia licor.....	153
Tabela 5.105 – Comparação da lexia louvação entre os dicionários.....	153
Tabela 5.106 – Porcentagem de escolha da lexia louvação.....	154
Tabela 5.107 – Comparação da lexia louvar o santo entre os dicionários.....	155
Tabela 5.108 – Porcentagem de escolha da lexia louvar o santo.....	155
Tabela 5.109 – Comparação da lexia mastro entre os dicionários.....	156
Tabela 5.110 – Porcentagem de escolha da lexia mastro.....	156
Tabela 5.111 – Comparação da lexia osso entre os dicionários.....	157
Tabela 5.112 – Porcentagem de escolha da lexia osso.....	158
Tabela 5.113 – Comparação da lexia pé-de-verso entre os dicionários.....	159
Tabela 5.114 – Porcentagem de escolha da lexia pé-de-verso.....	159
Tabela 5.115 – Comparação da lexia ponto entre os dicionários.....	160
Tabela 5.116 – Porcentagem de escolha da lexia ponto.....	161
Tabela 5.117 – Comparação da lexia toada de ponto entre os dicionários.....	161
Tabela 5.118 – Porcentagem de escolha da lexia toada de ponto.....	162
Tabela 5.119 – Comparação da lexia prima entre os dicionários.....	162
Tabela 5.120 – Porcentagem de escolha da lexia prima.....	163

Tabela 5.121 – Comparação da lexia principiante entre os dicionários.....	164
Tabela 5.122 – Porcentagem de escolha da lexia principiante.....	164
Tabela 5.123 – Comparação da lexia iniciante entre os dicionários.....	165
Tabela 5.124 – Porcentagem de escolha da lexia iniciante.....	165
Tabela 5.125 – Comparação da lexia rainhado entre os dicionários.....	166
Tabela 5.126 – Porcentagem de escolha da lexia rainhado.....	166
Tabela 5.127 – Comparação da lexia requinta entre os dicionários.....	167
Tabela 5.128 – Porcentagem de escolha da lexia requinta.....	167
Tabela 5.129 – Comparação da lexia reza entre os dicionários.....	168
Tabela 5.130 – Porcentagem de escolha da lexia reza.....	169
Tabela 5.131 – Comparação da lexia louvor entre os dicionários.....	169
Tabela 5.132 – Porcentagem de escolha da lexia louvor.....	170
Tabela 5.133 – Comparação da lexia roda de cururu entre os dicionários.....	170
Tabela 5.134 – Porcentagem de escolha da lexia roda de cururu.....	170
Tabela 5.135 – Comparação da lexia sede entre os dicionários.....	171
Tabela 5.136 – Porcentagem de escolha da lexia sede.....	172
Tabela 5.137 – Comparação da lexia associação entre os dicionários.....	173
Tabela 5.138 – Porcentagem de escolha da lexia associação.....	173
Tabela 5.139 – Comparação da lexia tampo entre os dicionários.....	174
Tabela 5.140 – Porcentagem de escolha da lexia tampo.....	175
Tabela 5.141 – Comparação da lexia terno entre os dicionários.....	175
Tabela 5.142 – Porcentagem de escolha da lexia terno.....	176
Tabela 5.143 – Comparação da lexia calça e camisa entre os dicionários.....	177
Tabela 5.144 – Porcentagem de escolha da lexia calça e camisa.....	177
Tabela 5.145 – Comparação da lexia toada entre os dicionários.....	178
Tabela 5.146 – Porcentagem de escolha da lexia toada.....	178
Tabela 5.147 – Comparação da lexia trovo entre os dicionários.....	179
Tabela 5.148 – Porcentagem de escolha da lexia trovo.....	180
Tabela 5.149 – Comparação da lexia rima de verso entre os dicionários.....	180
Tabela 5.150 – Porcentagem de escolha da lexia rima de verso	181

Tabela 5.151 – Comparação da lexia verso entre os dicionários.....	182
Tabela 5.152 – Porcentagem de escolha da lexia verso.....	182
Tabela 5.153 – Comparação da lexia viola-de-cocho entre os dicionários.....	184
Tabela 5.154 – Porcentagem de escolha da lexia viola-de-cocho.....	184
Tabela 6.1 - Relação das lexias consultadas nas duas localidades pesquisadas.....	185
Tabela 6.2 – Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical entre os diferentes grupos.....	186
Tabela 6.3 - Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção.....	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Alferes de bandeira.....	91
Quadro 2 –	Amargo.....	93
Quadro 3 –	Baixão.....	94
Quadro 4 –	Sinônimo de baixão: grito.....	95
Quadro 5 –	Bandeira.....	97
Quadro 6 –	Sinônimo de bandeira: quadra.....	98
Quadro 7 –	Braço.....	99
Quadro 8 –	Brincador.....	101
Quadro 9 –	Sinônimo de brincador: folgador.....	102
Quadro 10 –	Cavalete.....	103
Quadro 11 –	Chá-com-bolo.....	104
Quadro 12 –	Canutilho.....	105
Quadro 13 –	Cantar esclarecido.....	106
Quadro 14 -	Sinônimo de cantar esclarecido: cantar bonito.....	108
Quadro 15 –	Sinônimo de cantar esclarecido: cantar bem.....	109
Quadro 16 –	Cantar na escritura.....	110
Quadro 17 –	Sinônimo de cantar na escritura: cantar em cima da escritura.....	111
Quadro 18 –	Cantador de lari-larai.....	112
Quadro 19 –	Sinônimo de cantador de lari-larai: ruim.....	113
Quadro 20 –	Capelão.....	114
Quadro 21 –	Capitão do mastro.....	115
Quadro 22 –	Cebolão.....	117
Quadro 23 –	Canutilho solto.....	118
Quadro 24 –	Canutilho preso.....	119
Quadro 25 –	Corpo.....	120
Quadro 26 –	Sinônimo de corpo: cocho.....	121

Quadro 27 –	Contra.....	122
Quadro 28 –	Corda.....	123
Quadro 29 –	Cravelha.....	126
Quadro 30 –	Cururu.....	127
Quadro 31 –	Cururueiro.....	128
Quadro 32 –	De cima.....	130
Quadro 33 –	Do meio.....	131
Quadro 34 –	Desentoadado.....	132
Quadro 35 –	Sinônimo de desentoadado: desafinado.....	133
Quadro 36 –	Empalizado.....	134
Quadro 37 –	Sinônimo de empalizado: salão.....	137
Quadro 38 –	Ensopadão.....	136
Quadro 39 –	Sinônimo de ensopadão: afogado.....	137
Quadro 40 –	Sinônimo de ensopadão: cozidão.....	138
Quadro 41 –	Escritura.....	139
Quadro 42 –	Sinônimo de escritura: rima.....	141
Quadro 43 –	Festa de santo.....	142
Quadro 44 –	Festeiro.....	143
Quadro 45 –	Sinônimo de festeiro: promesseiro.....	144
Quadro 46 –	Função do cururu.....	145
Quadro 47 –	Sinônimo de função do cururu: arrodar cururu.....	147
Quadro 48 –	Galanteoso.....	148
Quadro 49 –	Sinônimo de galanteoso: bem aparelhado.....	149
Quadro 50 –	Sinônimo de galanteoso: elegante.....	150
Quadro 51 –	Ganzá.....	151
Quadro 52 –	Licor.....	152

Quadro 53 –	Louvação.....	154
Quadro 54 –	Sinônimo de louvação: louvar o santo.....	155
Quadro 55 –	Mastro.....	156
Quadro 56 –	Osso.....	157
Quadro 57 –	Pé-de-verso.....	159
Quadro 58 –	Ponto.....	160
Quadro 59 –	Sinônimo de ponto: toada de ponto.....	162
Quadro 60 –	Prima.....	162
Quadro 61 –	Principiante.....	164
Quadro 62 –	Sinônimo de principiante: iniciante.....	165
Quadro 63 –	Rainhado.....	166
Quadro 64 –	Requinta.....	167
Quadro 65 –	Reza.....	168
Quadro 66 –	Sinônimo de reza: louvor.....	170
Quadro 67 –	Roda de cururu.....	170
Quadro 68 –	Sede.....	172
Quadro 69 –	Sinônimo de sede: associação.....	173
Quadro 70 –	Tampo.....	174
Quadro 71 –	Terno.....	176
Quadro 72 –	Sinônimo de terno: calça e camisa.....	177
Quadro 73 –	Toada.....	178
Quadro 74 –	Trovo.....	179
Quadro 75 –	Sinônimo de trovo: rima de verso.....	181
Quadro 76 –	Verso.....	182
Quadro 77 –	Viola-de-cocho.....	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CUIABÁ	20
1.1 Formação da cidade.....	22
1.2 Economia.....	24
1.3 Cultura.....	26
2. CURURU	30
2.1 Origem.....	31
2.2 Organização.....	33
2.3 Música.....	39
2.4 Coreografia.....	42
2.5 Pré-glossário do cururu.....	44
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	62
3.1 Lexicologia.....	63
3.2 Processos de renovação lexical.....	66
3.3 Geolinguística.....	68
3.4 O questionário semântico-lexical.....	71
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
4.1 Classificação e seleção dos sujeitos.....	78
4.2 Procedimentos e coleta dos dados.....	85
5 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO CURURU CUIABANO	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	190
APÊNDICE A- GLOSSÁRIO DO CURURU CUIABANO	196

INTRODUÇÃO

A dissertação¹ sobre o estudo do vocabulário do cururu de Piracicaba foi realizada e apresentada no ano de 2013, como exigência para obtenção do título de mestre em língua portuguesa. A pesquisa trouxe algumas respostas que procurávamos, mas também algumas inquietações, uma vez que esperava-se encontrar, no interior de São Paulo, maior vigor dessa manifestação cultural. Foram poucos cururueiros encontrados para realizar as entrevistas e responderem ao questionário semântico-lexical. Por meio dos resultados obtidos, constatou-se que, naquela região, o vocabulário do cururu tendia à inovação.

No entanto, durante as pesquisas, foi descoberto que o cururu paulista foi levado ao interior do Brasil, ao que tudo indica, pelo movimento das bandeiras, e passou a ser prestigiado em algumas localidades, especialmente no Mato Grosso, onde a tradição do cururu se consolidou e permanece. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é estudar o vocabulário do cururu em Cuiabá, a fim de testar a hipótese de que o cururu é uma tradição prestigiada por sua comunidade e o vocabulário do cururu cuiabano tende à manutenção. E como objetivos específicos é elaborar um glossário do cururu cuiabano, realizar análise diacrônica do conteúdo desse glossário, comparando as acepções das lexias listadas às encontradas em dicionários dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX, XXI e ainda comparar os resultados com os do estudo sobre o cururu realizado por Brito (2013) na cidade de Piracicaba, São Paulo.

Inserido no contexto das festas dos santos católicos, o cururu cuiabano é responsável por conduzir as cerimônias religiosas realizadas nas casas dos devotos que, geralmente, por cumprimento de promessa, promovem tais eventos. Mas, atualmente, também pode ser observado em outras ocasiões, como eventos sociais, mostras culturais ou simples divertimento.

O cururu sempre esteve associado aos festejos populares, diferentemente de outras manifestações associadas ao erudito e ao aristocrático. No que se refere a isso, Romancini (2005) lembra que “o batuque, o cururu, a capoeira e a congada eram os folguedos preferidos pelas pessoas de menor poder aquisitivo” (p. 43), o que torna o cururu um fenômeno essencialmente da tradição oral, daí a necessidade de estudá-lo e promover seus registros.

Muito se caminhou a respeito do estudo e dos registros das variedades do português popular brasileiro desde a publicação de *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920), no entanto, a

¹ BRITO, M. S. **Estudo do vocabulário do cururu em Piracicaba**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

cultura caipira é rica e diversa e ainda há muito a ser investigado. Com o intuito de pesquisar sobre o linguajar caipira, faz-se necessário também compreender a sua cultura para além do universo material, com todo o acervo cultural que o representa.

Esses produtos são inseparáveis dos usos e costumes: impossível explicar completamente a poesia da roça, sem a música, a dança e os hábitos de trabalho da roça, que com ela nascem e com ela evoluem, formando um todo psicológico indissolúvel; impossível decifrar muitas alusões, ideias e formas encontradas nos contos, versos, dizeres populares, sem o conhecimento das crenças e credences, das usanças e práticas do povo; impossível compreender os encantos e rezas, sem os atos e gestos que os acompanham e completam. Convém, então, ampliar os registros daqueles produtos com a descrição cuidadosa e fiel desses conseqüências (AMARAL, 1982, p. 10).

Sendo assim, procurou-se, nesta pesquisa, encontrar na manifestação folclórica tradicional do cururu um campo privilegiado para a observação, especialmente do léxico e da articulação entre o moderno e o tradicional, já que manifestações como essa carregam consigo o tradicionalismo cultural e a modernização pela qual sua comunidade passou, buscando resgatar e explicar as diferentes formas de uma mesma manifestação cultural se apresentar, como no caso do cururu paulista e cuiabano.

Ao levantar brevemente a produção acadêmica sobre o cururu, foi notado que ainda há lacunas e indagações sobre sua origem e de que forma a transmissão desse legado cultural se deu ao longo do tempo e do espaço. É notória a contribuição do estudo do léxico a fim de comparar o *status* de uma mesma manifestação em diferentes momentos e regiões, sendo possível suscitar, a partir dele, uma discussão sobre o grau de manutenção, variação e mudança em curso dos elementos que compõem esse vocabulário.

Assim, justifica-se a realização desta pesquisa, tendo em vista a pouca produção acadêmica sobre a transmissão dessa manifestação a partir do estudo lexical da mesma, além de possibilitar a exposição de uma mostra da tradição atual do cururu cuiabano, seguida da comparação com o cururu piracicabano.

Os *corpora* objeto deste trabalho são constituídos por entrevistas livres e controladas, produções litero-musicais, literatura encontrada sobre o tema e o próprio questionário linguístico que foi utilizado no estudo sobre o cururu, em Piracicaba. A partir dele, foi possível a reelaboração do questionário semântico-lexical que foi aplicado a dois grupos de sujeitos da pesquisa nascidos naquela comunidade linguística – cururueiros e não cururueiros – divididos em subgrupos, considerando-se as variáveis sociais de idade e sexo,

Os estudos da dialetologia, guiados pelas orientações do método geolinguístico, permitem observar as relações entre o ambiente geográfico e a distribuição espacial dos fenômenos linguísticos, chegando-se, assim, à norma diatópica da localidade. No entanto, já há algum tempo, tornou-se nítida a necessidade de atrelar aos estudos linguísticos determinadas variáveis sociais, como idade, sexo e escolaridade, uma vez que “os sentidos se dão nessa interação entre sujeitos, que estão situados num determinado tempo, num dado espaço, e pertence a um grupo” (Cristianini, 2012, p. 21).

Por essa razão, registramos a fala de sujeitos integrantes de determinados grupos sociais e históricos, observando não apenas os fatores linguísticos, internos ao sistema da língua, mas os sociais, externos. E, para isso, a pesquisa se apoia nos preceitos da Geolinguística e da Sociolinguística, sob a luz dos estudos de Brandão (1991), Tarallo (1994), dentre outros.

Com a intenção de apresentar um glossário do atual cururu cuiabano, a pesquisa é guiada pelos estudos da lexicologia e da lexicografia, baseados em Biderman (2001) e Alves (1998), que nos darão o suporte necessário para a elaboração de um glossário, constando das unidades lexicais selecionadas. Na sequência, consultamos algumas obras lexicográficas selecionadas, com a intenção de elaborarmos tabelas comparativas nos quais seja possível observar as diferentes acepções oferecidas pelas obras, em diferentes datações. Essas tabelas permitirão a análise do percurso histórico de cada uma das diferentes lexias ao longo dos séculos XXII, XVIII, XIX, XX e XXI.

Para a realização deste estudo interdisciplinar, à luz da dialetologia, da sociolinguística, da lexicologia e da lexicografia, de modo a contribuir para os estudos a respeito da história do léxico do português brasileiro, a tese apresenta a estrutura exposta a seguir.

O capítulo I – **Cuiabá**, apresenta a reconstituição de dados históricos sobre a formação da cidade de Cuiabá, com a intenção de contextualizar a importância do município no cenário cultural brasileiro, no qual se inserem a cultura caipira e, conseqüentemente, o cururu.

O capítulo II – **Cururu**, descreve a manifestação artística e cultural do cururu: origem, definição e organização.

No capítulo III – **Pressupostos teórico-metodológicos**, ainda em andamento, apresenta-se o arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa.

No capítulo IV – **A pesquisa de campo**, discorre-se, em linhas gerais, sobre os pressupostos teóricos-metodológicos e o modelo do questionário utilizado na pesquisa de campo. Apresenta-se, ainda nesse capítulo, a lista de algumas das lexias que compõem o

glossário e que são estudadas no trabalho, obtidas a partir das entrevistas livres, pela bibliografia consultada sobre o assunto e pelas respostas dadas ao questionário aplicado.

O capítulo V – **Estudo semântico-lexical do cururu cuiabano**, investiga os aspectos semântico-lexicais do cururu cuiabano, observando as variedades utilizadas pelos diferentes grupos de sujeitos. Para isso, as lexias estão organizadas em quadros comparativos, contendo porcentagem de escolha das lexias, uma abonação e as diferentes acepções encontradas no acervo lexicográfico pesquisado, composto pelas obras dos seguintes obras lexicográficas: Pereira (1647), Bluteau (1712 – 1728), Silva (1789), Pinto (1832), Vieira (1871-1874), Freire (1922), Aulete (1964), Ferreira (1986), Michaelis (1970), Houaiss (2003) e Borba (2005).

O capítulo VI – **Considerações finais**, apresentamos as conclusões a cerca dos resultados obtidos e discorremos sobre o status atual do cururu cuiabano.

Financiada pela CAPES, espera-se que esta pesquisa suscite a discussão sobre o *status* do vocabulário do léxico do cururu cuiabano, além de documentar essa manifestação artística e folclórica para estudos futuros.

Minha Cuiabá,
Te amo tanto e canto de alegria
Sou cuiabano, sou cuiabano, sou cuiabano.
Se me perguntar
Se sou capaz de te deixar um dia
Agora quando? Agora quando? Agora quando?
É vôte! Figa! Tchá, por Deus, eu falo assim
O que que há? O que que há?

Tem rasqueado, cururu, tem siriri,
Em Cuiabá, em Cuiabá! (Flaviano, 2014)

1 CUIABÁ

Capital do estado do Mato Grosso, a cidade de Cuiabá está localizada na região centro-oeste do Brasil, contando, segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, com uma população de aproximadamente 650.877 de pessoas, dados do ano de 2022.

O município está situado na porção centro-sul do estado, na região chamada Depressão Cuiabana. Ocupa a área de 3.224,68 km² e é dividido em quatro distritos: Cuiabá (sede), Coxipó do Ouro, Coxipó da Ponte e Nossa Senhora da Guia. Recebe destaque por ser o Centro Geodésico da América do Sul, apresentando uma altitude média de 165 metros.

A cidade está localizada à margem esquerda do rio Cuiabá, afluente da margem esquerda do rio Paraguai, pertencendo à bacia do Prata. Possui clima tropical com duas estações bem definidas, o verão chuvoso e o inverno seco, mas com temperaturas elevadas o ano todo, médias em torno de 27° C.

Cuiabá destaca-se pela concentração das funções administrativas, constituindo-se como centro comercial atacadista e varejista, como também atendendo à população com a prestação de serviços especializados.

Diversas manifestações artísticas e culturais podem ser observadas ao longo do ano todo, eruditas ou populares. A cidade de Cuiabá conta com salões de arte, produção literária e musical e uma rica tradição de festejos populares, nos quais podem ser observados os cerimoniais, as vestimentas, as músicas e as danças. Destacam-se as Cavalhadas, as Danças do Chorado, do Congo e dos Mascarados, o Siriri e o Cururu, sendo o Cururu objeto de nosso estudo.

1.1 Formação de Cuiabá

A fundação da cidade está ligada à história das bandeiras, sendo que os primeiros registros de bandeirantes paulistas remontam aos anos de 1673 a 1682, com a passagem de Manoel de Campos Bicudo, que fundou o primeiro povoado, chamado até os dias de hoje de

São Gonçalo, localidade onde o rio Coxipó deságua no rio Cuiabá e onde foi realizada grande parte de nossa pesquisa.

Poucos anos depois, em 1718, uma segunda bandeira foi incursionada à região, liderada por Pascoal Moreira Cabral, paulista da cidade de Sorocaba. Em busca de força de trabalho escrava indígena, o bandeirante percorreu com sua comitiva o leito do rio Coxipó, travando uma batalha sem sucesso com os índios coxiponés. Contudo, encontraram ouro no percurso e passaram, então, a dedicar-se ao garimpo.

A notícia da descoberta do ouro se espalhou e se fez necessária alguma organização política na região. Pascoal Moreira Cabral foi designado para o cargo de guarda-mor pelos próprios mineiros que ali estavam e ficou responsável pelos trabalhos administrativos e fiscais. A nomeação oficial só ocorreu alguns anos depois, em 1723, dada pelo capitão-general da capitania de São Paulo.

Com o esgotamento rápido da primeira mina encontrada, a exploração continuou ainda pelo leito do rio Coxipó, às margens do córrego Mutuca, onde foram encontradas novas jazidas de ouro, o que provocou o nascimento de um novo arraial, nomeado de Forquilha. Pouco tempo depois, no ano de 1721, o bandeirante paulista Miguel Sutil de Oliveira, descendo o rio Cuiabá, realizou a descoberta da terceira jazida aurífera.

Para fins de registros históricos, o governador da capitania de São Paulo pede para que seja redigido o texto da Ata de Fundação da cidade de Cuiabá, garantindo, assim, os direitos da descoberta à capitania de São Paulo. O documento foi assinado com a data de 8 de abril de 1719, ano no qual Cuiabá ainda não existia, mas é tido como documento fundador das minas mato-grossenses.

Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove anos neste Arraial do Cuiabá fez junta o Capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó invocação de Nossa Senhora da Penha de França depois que foi o nosso enviado o Capitão Antônio Antunes com as amostras que levou do ouro ao Senhor General com a petição do dito capitão-mor fez a primeira entrada aonde assistiu um dia e achou pinta de vintém e de dois e de quatro vinténs a meia pataca e a mesma pinta fez na segunda entrada em que assistiu sete dias ele e todos os seus companheiros às suas custas com grandes perdas e riscos em serviço de Sua Real Majestade e como de feito tem perdido oito homens brancos fora negros e para que a todo tempo vá isto a notícia de Sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e por assim por ser verdade nós assinamos todos neste termo o qual eu passei bem e fielmente a fé de meu ofício como escrivão deste Arraial. Pascoal Moreira Cabral, Simão Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Garcia Velho, Baltazar Ribeiro Navarro, Manoel Pedroso Lousano, João de Anhaia Lemos, Francisco de Sequeira, Asenço Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antônio Ribeiro, Alberto Velho Moreira, João Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antônio Garcia Velho, Pedro de Godoi, José Fernandes, Antônio Moreira,

Inácio Pedroso, Manoel Rodrigues Moreira, José Paes da Silva. (SIQUEIRA, 2002, p. 45)

O controle de toda a riqueza que estava sendo descoberta nas minas de Cuiabá tornou-se um problema administrativo para a sede da capitania, a Vila de São Paulo de Piratininga, devido à grande distância entre as duas localidades, “o acesso à legislação régia, a fiscalização na extração aurífera, a entrada de mercadorias e sobretudo, a saída do ouro ficavam, praticamente sobre o controle dos próprios descobridores” (SIQUEIRA, 2002, p. 36). Por essa razão, em 1726, o governador da capitania de São Paulo, Rodrigo Moreira César de Menezes, decidiu estabelecer residência em Cuiabá.

Com a vinda do capitão-general governador de São Paulo, Cuiabá foi elevada à categoria de vila, em 1727, com o nome de Vila Real do Senhor do Bom Jesus de Cuiabá. Em 1818, passou à condição de cidade e à capital da província de Mato Grosso, em 1835.

A mudança da capital para o município não foi suficiente para trazer significativo desenvolvimento econômico. Devido à guerra do Paraguai, Mato Grosso foi invadido e batalhas foram travadas, provocando muitas mortes.

A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai ocorreu entre os anos de 1865 a 1870, período em que a província do Mato Grosso apresentava dificuldade em estabelecer comunicação com a capital do Império, o Rio de Janeiro, fato que, combinado com a precária militarização da região, grande extensão territorial e baixa densidade demográfica, resultou em uma fragilidade que foi notada por Francisco Solano López, ditador paraguaio, que resolveu atacar a região mais frágil do Império brasileiro.

As primeiras batalhas foram perdidas para as forças brasileiras que eram constituídas não apenas pelas tropas militares, mas incluíam os índios, assim como a população livre e escrava. Cuiabá contou com a ajuda de um batalhão dos Voluntários da Pátria sob o comando de Augusto Leverger que, ao final da guerra, assumiu a Presidência da Província e tomou providências para que as tropas paraguaias fossem retiradas do território.

Apesar da boa notícia do fim da guerra, houve um surto de varíola trazido pelos soldados que retornavam do Paraguai, dizimando metade da população local, cerca de 6 mil habitantes morreram infectados. Naquela época, ainda não se podia contar com vacinação e o contágio era muito rápido, devido às precárias condições de moradia e saúde pública. Dessa forma, “famílias inteiras morriam e muitas casas permaneciam fechadas com os corpos dentro; outros saíam às ruas em busca de socorro e acabavam mortos nas vias públicas” (SIQUEIRA, 2002, p. 98).

Os poucos cemitérios da cidade de Cuiabá não foram suficientes para atender à demanda da época e o governo providenciou a construção do cemitério Nossa Senhora do Carmo, especialmente para os casos de varíola.

O auge da doença foi no ano de 1867, sendo registrados 1.176 óbitos na Paróquia do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Os médicos passaram, então, a atender nas cidades vizinhas, com a intenção de evitar a proliferação da doença.

Quadro 1 – Óbitos registrados na Paróquia do Bom Jesus de Cuiabá (1865 a 1874)

ANO	QUANTIDADE	%
1865	211	7,60
1866	287	10,34
1867	1.176	42,37
1868	109	3,92
1869	148	5,33
1870	252	9,08
1871	152	5,47
1872	180	6,68
1873	131	4,72
1874	129	4,64
TOTAL	2.775	100,00

Fonte: Vilela (2000).

Com o fim da Guerra do Paraguai, o município voltou a se desenvolver economicamente, concentrado no plantio da cana-de-açúcar e extrativismo. Entretanto, foi com a transferência da capital federal para o interior do país e o respectivo programa de povoamento que o estado do Mato Grosso viveu a expansão do agronegócio e o município de Cuiabá começou a se modernizar e industrializar. Atualmente, o turismo integra boa parte da economia.

1.2 Economia

A navegação pelo rio Paraguai voltou a ser liberada, ao final da guerra, e os mais diversos produtos passaram a ser conduzidos por meio do transporte fluvial, a fim de abastecer as casas de comércio mato-grossenses. Importavam-se da Europa desde bebidas (vinhos,

cervejas e champanhes) a adornos para a casa (lustres, espelhos, mobiliários, entre outros). Já do Mato Grosso eram exportadas matérias-primas, como couro, sebo e erva-mate. Esses produtos atendiam, principalmente, aos mercados europeu e norte-americano. Conforme Romancini (2005, p. 38)

A navegação trouxe mudanças no contexto socioeconômico regional, viabilizou o transporte pesado de carga, amenizou a crise de abastecimento de produtos importados e trouxe mudanças tecnológicas e investimentos nacionais e estrangeiros para o Estado. Desenvolveu alguns setores da economia, a exemplo das usinas de açúcar e álcool, instaladas às margens do rio Cuiabá, aumento do rebanho bovino no Pantanal que atendia aos saladeiros, exportadores de carne bovina, houve investimentos para a extração vegetal do látex, da poaia ou ipeca e da erva-mate, produtos de exportação.

A movimentação comercial gerada atraiu olhares e investimentos tanto de capital internacional quanto de moradores da província. Sendo assim, “muitos imigrantes entraram em Mato Grosso e ali permaneceram, constituindo famílias e investindo na região. Escolheram morar nas cidades portuárias: Corumbá, Cáceres e Cuiabá, onde montaram seus estabelecimentos comerciais” (SIQUEIRA, 2002, p. 104).

Paralelamente, algumas atividades econômicas foram sendo desenvolvidas no Mato Grosso, com destaque para a exploração e extração da erva-mate e do látex, da produção de açúcar em usinas estabelecidas em antigos engenhos e na pecuária extensiva.

Durante o processo de estabelecimento do limite de fronteira entre Brasil e Paraguai, o comércio nessas localidades passou a ser explorado e um desses comerciantes, Tomás Laranjeira, encontrou, durante suas jornadas, ervais nativos, produto bastante procurado nos mercados do Prata. Requereu, então, ao governo da província de Mato Grosso, licença para explorar os campos de erva-mate. Siqueira (2002, p. 105) acrescentou que:

Estabelecidas em moldes empresariais, a Companhia Mate Laranjeira, tendo à frente como proprietário-gerente Tomás Laranjeira, expandiu as terras arrendadas, adquiriu propriedades territoriais, construiu trechos interligados por trilhos, adquiriu chatas, vapores e lanchas, comprou gado, construiu edificações para a sede administrativa, empregados e armazenagem da erva, contando ainda com setores de serraria, marcenaria, ferraria, etc.

A empresa prosperou desde a sua fundação, em 1878, até sua desativação, que ocorreu no governo de Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945), no qual foram implantadas medidas trabalhistas que favoreciam a produção em pequenas propriedades, descontinuando o arrendamento das terras pelo estado do Mato Grosso à Companhia Mate Laranjeira, que foi fechada.

O período de extração do látex no Brasil ficou conhecido como a “febre da borracha” e teve início na metade do século XIX, quando as empresas europeias, fabricantes de pneus, necessitavam dessa matéria-prima para a produção de pneumáticos, a partir do processo de vulcanização.

A produção da borracha no Mato Grosso era excelente, pois as árvores nativas, mangabeiras e seringueiras, produziam um látex com alto teor de coagulação e, conseqüentemente, bastante valorizado no mercado europeu. Contudo, mudas dessas plantas foram levadas à Ásia, onde se obteve boa produção, com custo mais baixo para ser comercializado na Europa, e, a partir de 1913, a extração da borracha entrou em decadência no Brasil.

Com a possibilidade de navegar pelo rio Paraguai, devido ao fim da guerra e à modernização tecnológica trazida pela revolução industrial, os proprietários de engenhos viram a chance de transformá-los em grandes usinas, aumentando significativamente suas produções.

Desde seu estabelecimento, no final do século XIX, a produção de açúcar nas usinas do estado do Mato Grosso foi expressiva, mas não o suficiente para ser subsidiada pelo governo, e acabaram por fechar.

A decadência da produção açucareira de Mato Grosso ocorreu por volta do ano de 1933, quando foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). Por ele, o governo somente subsidiaria as usinas que tivessem uma produção acima de 1.000 sacas anuais. Considerando que a maioria das usinas mato-grossenses era de médio e pequeno portes, elas não conseguiam contemplar essa exigência, vindo, muitas, a fechar definitivamente suas portas (SIQUEIRA, 2002, p. 115).

Já a pecuária estava sendo desenvolvida concomitantemente às outras atividades econômicas, por exemplo, a da extração aurífera, uma vez que era responsável por fornecer alimento aos mineiros. Em sua forma mais rudimentar, na criação extensiva de gado, exige poucos funcionários e tecnologia.

Contudo, somente com a inauguração da linha férrea Noroeste do Brasil, que o Mato Grosso passou a receber muitos migrantes e imigrantes dispostos a investir capital e força de trabalho no estado, provocando a revitalização rural e urbana da região. Empresas estrangeiras foram atraídas, no início do século XX, e aportaram seus capitais no lucrativo mercado da criação intensiva de gado, além de estabelecerem indústrias para processar os subprodutos bovinos, sendo o charque o produto de maior valor comercial, visto que, devido a sua longa durabilidade, podia ser exportado com facilidade e abastecia as regiões brasileiras onde a pecuária ainda não havia se desenvolvido.

A pecuária, atualmente, representa uma grande parcela da economia e, juntamente com os demais ramos do agronegócio, representa 50,5% do PIB do estado, de acordo com o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea).

As mais recentes políticas públicas estão investindo em desenvolvimento tecnológico a fim de agregar valor à borracha natural produzida no estado, desde o beneficiamento à industrialização. Investimentos também têm sido feitos em busca de viabilizar a agricultura familiar, através de linhas de crédito especiais.

Por último, o turismo ecológico vem se consolidando no Mato Grosso e, conseqüentemente, recebendo investimentos governamentais, com a intenção de se promover ainda mais a região como destino para os turistas e garantir que as belezas naturais sejam preservadas.

1.3 Cultura

Assim como no restante do Brasil, a formação da cidade de Cuiabá contou com a convivência e a miscigenação entre diferentes povos: nativos brasileiros, portugueses, africanos, espanhóis, entre outros. Desse rico conjunto de culturas variadas, nasceram e recriaram-se diversas manifestações artístico-culturais, com destaque para o cururu, o siriri, as cavalhadas, as danças do chorado, do congo e dos mascarados.

As festas mais tradicionais e populares geralmente são relacionadas ao culto de santos católicos, tais como a Festa do Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Pedro, São Gonçalo e São Benedito. Contudo, em algumas regiões do Mato Grosso, como na antiga capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, devido à forte influência da cultura africana, introduzida pelos escravos, até hoje, santos não católicos são cultuados, por meio da dança do congo e da dança do chorado.

Entre os costumes da população cuiabana, no século XIX, as festividades tanto profanas como religiosas eram realizadas com grande participação popular. A festa do Divino Espírito Santo era precedida pelos mensageiros mascarados, que percorriam, a cavalo, as ruas da cidade convidando o povo e anunciando a realização do baile, iluminação e coreto de música, enquanto grupos visitavam as casas, recolhendo a esmola, que podia ser em espécie ou em prendas para serem leiloadas (ROMANCINI, 2005, p. 42).

O rasqueado é uma típica manifestação cuiabana, sua origem mistura elementos do siriri com a polca paraguaia, contato estabelecido durante os anos da guerra contra o país. Nasceu nos bailes mais populares e foi ganhando o gosto dos cidadãos mais sofisticados da

cidade e logo chegou aos grandes salões. A estudiosa da música e da cultura mato-grossense, Dunga Rodrigues, narra essa história: “esta dança começou nos chinfrins, nos bailecos de becos da cidade: Beco da Marinha, depois batizado de Beco Torto, Beco do Urubu e outros becos daí foi passando para o salão até chegar ao piano, nos mais sofisticados e planejados rasta-pés puxados ao piano” (RODRIGUES, 2000, p. 68).

As cavalcadas são apresentações semiteatrais nas quais os moradores encenam sobre seus cavalos a luta que foi travada, na península Ibérica entre cristãos e mouros. A narrativa apresentada é de uma princesa cristã que é sequestrada pelos mouros e liberta pelos bravos cristãos que travam uma batalha para reavê-la. Os figurinos são muito bem elaborados e com riqueza de detalhes que aludem à moda medieval, “a roupa dos cavalheiros é riquíssima, apresentando-se os cristãos de azul e os mouros de vermelho. A princesa, tal como os demais componentes do espetáculo, veste-se ricamente com uma roupa longa, toda em babados, à moda medieval” (SIQUEIRA, 2002, p. 257).

De tradição exclusivamente feminina e dançada ainda hoje na vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do estado, a dança do chorado remonta ao período colonial, quando as mulheres escravizadas dançavam o chorado na tentativa de seduzir os senhores e conseguir o perdão deles para aqueles que estavam sofrendo algum tipo de castigo. “Contam os moradores da vila Bela da Santíssima Trindade que as mulheres usavam desse artifício para atrair os patrões para si, após o que faziam pedidos para que eles perdoassem os escravizados que estavam presos, açoitados ou até mesmo prometidos de morte” (SIQUEIRA, 2002, p. 258).

A dança do Congo ou congada, encontrada em outras regiões do Brasil, é apresentada durante as festividades religiosas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Também representa uma luta, dessa vez entre dois reis: o de Portugal, representando o colonizador, e outro da África, representando o colonizado. A apresentação divide-se em dois momentos: a cantiga e a embaixada. Sendo que, no primeiro momento, todos os participantes cantam, dançam e tocam seus instrumentos livremente, geralmente cantigas da antiga cultura africana. Já no segundo momento, respeita-se uma coreografia e o grupo é dividido em dois, entre portugueses e africanos, que cantam em desafio, trocando mensagens que representam a disputa entre eles.

Tipicamente mato-grossense, a dança dos mascarados ainda tem em sua origem um enigma, sendo a versão mais reconhecida a que considera esse folguedo herdado dos índios beripoconé, nativos da região de Poconé, cidade em que a tradição dessa dança é mais presente. Por se acreditar, antigamente, que a presença feminina traria azar, as mulheres não podem participar da encenação que conta com vinte e quatro homens, divididos em doze pares. Os

integrantes usam belas máscaras, vestem roupas coloridas e adornadas e devem ser exímios dançarinos, uma vez que a coreografia é bastante elaborada.

O siriri é uma dança característica do Mato Grosso e pode ser encontrada em diferentes regiões, tanto do meio rural, quanto urbano. Dançada especialmente durante os festejos juninos, em celebração aos santos católicos, São João, São Pedro e Santo Antônio, também pode ocorrer em outros momentos. Ao som de instrumentos típicos como ganzá, mocho e viola de cocho, o siriri apresenta um ritmo alegre e vibrante, no qual seus participantes dançam suas coreografias, usando vestimentas vibrantes e coloridas.

Atualmente, em Cuiabá, percebe-se um movimento de revigoramento das tradições locais, a partir de algumas políticas públicas, mas sobretudo do empenho de pessoas que anseiam pela manutenção da cultura e história local. Grupos de siriri estão sendo formados e passaram a representar a cultura mato-grossense em âmbito nacional e internacional. Com destaque para o grupo Flor Ribeirinha da comunidade São Gonçalo Beira Rio, da cidade de Cuiabá, que esteve em turnê durante dois meses, no ano de 2018 e que representou o Brasil no encerramento da Copa da Rússia, com uma bela apresentação na Praça Vermelha.

O cururu se caracteriza por ser um folguedo que envolve dança e canto, ao som da viola de cocho, seu instrumento mais expressivo, do ganzá e adufo. É comum em variadas regiões do Mato Grosso, mas de origem ainda incerta. Há uma vertente que defende que seja tipicamente mato-grossense, “originado, possivelmente, da dança indígena Bororo, intitulada Bacururu, encenada por ocasião dos rituais fúnebres” (SIQUEIRA, 2002, p. 263).

No cururu, assim como na dança dos mascarados, não é permitida a participação de mulheres. Desafiando seu oponente ou cantando temas variados sobre o cotidiano, a natureza ou religião, os cururueiros, como são chamados os cantadores de cururu, apresentam-se de pé, em um semicírculo, revezando-se nas apresentações individuais e em coro. Alguns são muito ágeis em seus passos de dança e a essas estripulias apresentadas se dá o nome de “brincar cururu”. Para Siqueira (2002, p. 263),

Os cantadores se colocam num semicírculo ou em roda e iniciam a apresentação, sempre cantando quadrinhas sobre a região, louvando santos ou desafiando. Os passos do bailado são marcados, dando voltas pela direita e batendo os pés a cada dois passos. Esse som da junção dos pés dá muito colorido à dança.

Durante as chamadas festas de santos, o cururu tem papel de destaque, pois é por meio dele que é feito todo o cerimonial de apresentação e condução dos festejos. Em todos os momentos, os cururueiros estão presentes, são eles que aclamam os festeiros, convidam os

presentes para acompanhar a procissão do erguimento do mastro e da bandeira e encerram o evento.

Podemos encontrar muitos grupos em Mato Grosso que se empenham para manter a tradição viva. Por costume, os cururueiros herdaram de seus pais esse fazer, contudo, essa cultura foi perdendo prestígio social e os jovens deixaram de se interessar por ela. Atualmente, os grupos são compostos, na maioria, por homens com mais de cinquenta anos, mas, devido aos novos incentivos, podemos observar alguns jovens integrando os grupos de cururu.

Como foi levantado anteriormente, podemos notar que a tradição cultural mato-grossense é muito rica e variada. Com influência de diversas origens, sendo elas indígenas, africanas, portuguesas e espanholas, apresenta-se em variadas formas de expressão da dança e da música, guardando nelas sua história social. Entre essas expressões artísticas, escolhemos estudar o cururu, sua história, contexto de apresentação e mais especificamente seu vocabulário, a fim de estabelecer um comparativo com trabalho realizado por Brito (2013) sobre o cururu encontrado em São Paulo, na região de Piracicaba.

2. CURURU

Assim como as mais variadas expressões culturais encontradas em todo o território brasileiro, o cururu apresenta complexidade em sua composição, exigindo daquele que pretende estudá-lo versatilidade, a fim de compreender a riqueza nele contida. Interagindo com as áreas de conhecimento da música, comunicação oral e escrita, religião, história social e poesia, revela muitas abordagens possíveis de estudo.

A expressão cultural não formal brasileira ainda é pouco acessível, por não ser amplamente divulgada e registrada. Pretende-se, assim, conhecer melhor a tradição do cururu, inserido na cultura caipira, por meio do estudo de seu vocabulário.

2.1 Origem

São algumas as hipóteses que tentam explicar a origem dessa expressão cultural, contudo, a de maior aceitação é a que defende que o cururu foi criado a partir da mistura de elementos da catequese jesuítica portuguesa e de tradições dos povos indígenas brasileiros. Essa hipótese encontra apoio em autores como Antônio Cândido e Mario de Andrade, assim como outros estudiosos do folclore nacional. Por essa razão, também é a que foi tomada como parâmetro para este estudo.

Entre os métodos utilizados pelos jesuítas para promover a catequização dos índios brasileiros, estava o aproveitamento da própria cultura indígena. Os padres, observando e entendendo a importância da musicalidade e dos ritmos na cultura dos nativos, acreditavam que a aproximação entre eles pudesse ser estabelecida por meio do reconhecimento desses elementos.

A intenção era criar uma relação amistosa e garantir que a doutrina cristã fosse aceita pelos indígenas, através características culturais familiares e, lentamente, em seguida, enfraquecer suas tradições, estabelecendo um universo diferente para o novo cristão. Entretanto, aquilo que foi criado para ser provisório, passou a ser regra e, ainda hoje, há marcas desses rituais da tradição dos nossos povos originários nos cerimoniais católicos, especialmente nos festejos. Sobre o sincretismo religioso no Brasil, diz Candido, em seu ensaio sobre o Cururu:

O desenvolvimento da religião católica no Brasil deu lugar a fenômenos de acentuado sincretismo, em que a pureza das expectativas eclesiais foi muitas vezes eclipsada por novas práticas e sentimentos, aberrantes, mas úteis à sua preservação nas novas populações formadas aqui (CANDIDO, 1999, p. 41).

Paralelamente, existe o registro de uma dança tipicamente tupi, nomeada dança do sapo, cuja lexia correspondente, nessa língua, é “cururu”. Trata-se de uma encenação que rememora o mito do animal ligado à origem do fogo, nessa cultura. Segundo Baldus (1931), durante o cerimonial, os indígenas cantam e dançam em volta de uma fogueira, enquanto estão sob o efeito de uma fumaça entorpecente. Exemplifica Baldus (1931, p.213- 214)

De repente o chefe acorrou-se e pôs-se a saltitar pelo fogo e a soltar o hu, hu, hu do sapo. Depois tomou uma brasa e pondo-se a assoprá-la, engoliu-a devagar. Isso foi o ponto culminante do baile, mas não o único. A dança durou, quase sem interrupção, a noite toda. E sempre se repetia a cena de engolir a brasa.

Não há provas suficientes para associar diretamente a dança do sapo com o atual cururu, mas talvez seja possível estabelecer a hipótese, apontada por Candido (1999), de que o termo cururu tenha sido estabelecido pelos jesuítas como uma generalização para qualquer tipo de dança circular, como conhecemos hoje, mas que não derive, necessariamente, da dança do sapo dos Tupi.

Considerando válida a hipótese de o cururu ter sido originado a partir da mistura dos elementos usados na catequese pelo colonizador com as tradições indígenas tupis, questiona-se sobre a ausência dessa manifestação em outras localidades, para além de São Paulo, uma vez que os tupis ocupavam grande parte do território litorâneo brasileiro.

A colonização brasileira aconteceu de formas variadas, nas diferentes regiões do país. Nas primeiras localidades, onde a coroa portuguesa se fez fortemente presente, por razões político-administrativas, como na Bahia e Pernambuco, a população indígena foi marginalizada, limitando, assim, o contato cultural.

Já em São Paulo, a influência dos costumes da coroa era menor, enquanto a convivência entre diferentes povos era mais próxima, favorecendo a miscigenação cultural que foi consolidada e mais tarde difícil de ser alterada. O dominador português, afastado dos centros urbanos, acabava por ceder às limitações impostas pelo contexto em que vivia. A convivência com o nativo se fazia necessária, permitindo que existisse, nessas localidades, uma relação bem mais próxima entre o dominador e o dominado. Conforme Cândido (1999, p. 47).

Em São Paulo, houve, portanto, condições favoráveis e duradouras para a mistura de traços e a formação de uma sociedade relativamente homogênea, onde o fazendeiro, o predador de índios, o descobridor de ouro, o morador, o agregado, estavam muito mais perto um do outro, do ponto de vista racial, cultural e social, do que os latifundiários nordestinos dos seus dependentes, ou dos comerciantes da cidade. Daí a permanência de traços aborígenes incorporados desde logo e fundidos de maneira harmoniosa na cultura do conquistador (CANDIDO, 1999, p. 47).

Como consequência de ter sua origem fundada nas tradições indígenas e jesuíticas, os registros sobre o cururu estão sempre relacionados à religiosidade das louvações em festas de santos católicos e preservado na cultura caipira. Ainda hoje, predominantemente, as apresentações de cururu ocorrem nos meses em que se celebraram os santos da tradição católica.

Atualmente, podemos encontrar cururu em três estados brasileiros: São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Há registro dessa expressão cultural, coincidentemente, nos caminhos percorridos pelos bandeirantes que incursionaram pelo oeste do país. Explica Garuti (2003, p. 5) que “com as bandeiras, o costume sobreviveu e se expandiu. Isso explicaria a presença do cururu primitivo e religioso em Mato Grosso, por exemplo, tocado ao som de viola de cocho, cujas terras foram fundadas por bandeirantes sorocabanos”.

Em pesquisas realizadas sobre o cururu de São Paulo, notamos forte enfraquecimento dessa tradição. São poucos os cururueiros encontrados e o mais grave, todos idosos, sem perspectiva de manutenção, uma vez que não há interesse dos jovens paulistas em dar continuidade ao fazer de seus tios, pais ou avós cururueiros.

As sessões de cururu que foram assistidas na cidade de Piracicaba foram sempre com um número limitado de participantes, ao som de apenas uma viola e sem a presença dos outros instrumentos característicos do cururu.

Diferentemente, em Cuiabá, onde a autora esteve para realizar a presente pesquisa (2017, 2018), encontrou-se um número expressivo de cururueiros. Lá, existem grupos de cururu organizados que se reúnem frequentemente em suas associações, a fim de ensaiarem e discutirem a agenda de eventos.

Também foi na capital do Mato Grosso que foi conhecida, pessoalmente, a viola de cocho e o ganzá, principais instrumentos do cururu, que ainda pode ser acompanhado pelo adolfo, espécie de pandeiro, confeccionado artesanalmente como os demais instrumentos. Cada cururueiro, sem exceção, apresenta-se tocando e cantando. Conforme Andrade (1981, p. 34),

No Cururu, cada folgador se faz acompanhar por seu instrumento, de modo que há tantas violas de cocho quantos cururueiros estiverem presentes na roda. Considera-se ótima a roda que tem de doze a vinte e cinco cururueiros, mas existem com número menor de participantes; com maior número do que vinte e cinco, subdividem-se duas rodas, ou mais, para que todos possam mostrar suas habilidades.

Em comum entre as duas localidades está o fato de ser o cururu uma tradição exclusivamente masculina. Às mulheres só é permitido assistir ao espetáculo. Contudo, em Cuiabá, há o registro de outra manifestação cultural na qual a presença feminina é marcante: o siriri.

Na dança, homens e mulheres dançam e cantam, apresentando suas coreografias muito bem ensaiadas, vestindo fantasias coloridas e saias rodadas. Assim como no cururu cuiabano, há vários grupos de siriri, espalhados por diferentes localidades e são utilizados os mesmos

instrumentos musicais, com o acréscimo do mocho, uma espécie de tambor. Pela aproximação musical, é comum que cururueiros também participem dos eventos de siriri.

2.2 Organização

A apresentação de cururu geralmente está relacionada ao contexto das festas religiosas da tradição católica. Os registros mais comuns são os das festas do Divino Espírito Santo, que ocorrem a partir do mês de maio, coincidindo com o período das antigas Monções, expedições fluviais que, entre a segunda década do século XVIII e a primeira metade do século XIX, eram responsáveis por estabelecer contato, principalmente econômico, entre as capitânicas de São Paulo e Mato Grosso.

As incursões pelo interior do Brasil, ainda pouco desbravado, caracterizavam viagens realmente perigosas. As doenças, o clima, a privação de alimentos e o próprio trajeto configuravam um cenário de inseguranças para o viajante e de incertezas para aqueles que o aguardavam. Por essa razão, o retorno dos bandeirantes era comemorado com festa, “afinal, a chegada é em suma, a comemoração da sobrevivência, implica em gratidão à Deus, demonstração da fé e da esperança depositadas no Divino e recompensadas por ele. Implica em cantar e manifestar a alegria” (ANDRADE, 1992, p. 150).

Ainda hoje é mantida a tradição de receber com muita agitação os foliões, com o estouro de rojões, mesa farta e orações. Para o anfitrião trata-se de uma honra poder acolher os chegantes com hospitalidade e fartura, louvando o divino.

O cururu é presença obrigatória nas festas de santos de devoção familiar. Em Cuiabá, celebram-se especialmente São Benedito, Santana e São Gonçalo. Entre os meses de maio e agosto, os cururueiros são convidados a participar das comemorações e percorrem diversas casas, aos finais de semana, tentando atender a todos os pedidos até o limite de suas possibilidades. Andrade (1981, p. 35) relata que,

Há casos bem característicos, como o de um dos informantes que começou um cururu no sábado ao entardecer, tendo varado à noite. No domingo, às dez horas da manhã, despediu-se, subiu o rio Cuiabá, chegando à capital ao meio dia, para buscar um terno limpo, eis que teria cururu de segunda para terça; ao chegar em casa, havia solicitação para um cururu em levantamento de mastro naquele mesmo dia. Ele atendeu ao pedido, terminando a função na segunda-feira às doze horas, à noite cantou cururu até amanhecer terça-feira. Não pudera negar presença a ninguém.

A depender da grandiosidade do evento, o cururu pode ser realizado em diferentes espaços. Ele pode acontecer em locais fechados, dentro de casa, o que é menos comum, ou em

áreas abertas, os quintais nas frentes das casas, ou nos “empalizados²”, como são chamados os salões construídos para receber os festejos e suas apresentações. Geralmente, o dono da casa que pretende oferecer uma festa ao seu santo de devoção, escolhe um local no terreno de sua propriedade, que é delimitado por palanques de madeira, podendo ser coberto ou não. Passa a ser denominado empalizado quando são construídas paredes em volta, utilizando-se algum tipo de vegetação, a fim de bloquear o vento frio, comum no período dessas celebrações.

O público divide-se entre estar acomodado em cadeiras e bancos dispostos no terreiro da casa ou estar em pé, podendo acompanhar mais de perto as apresentações de cururu. Como as festas prolongam-se por toda a noite e muitas vezes adentram o dia seguinte, é necessário que haja assentos para se poder descansar.

As festas de santos são planejadas com a antecedência de um ano. Com o encerramento do presente evento, iniciam-se os preparativos para o do ano seguinte. Determinando-se, por exemplo, quem será o próximo festeiro, pessoa responsável por organizar e financiar parte da cerimônia.

Contudo, o espírito comunitário é bastante presente e pessoas próximas ao dono da festa voluntariam-se para contribuir com doações de mantimentos para as refeições que são servidas, ou com mão de obra própria, ajudando a preparar o ambiente, os alimentos e garantir que tudo transcorra da melhor forma possível.

Presenciamos, em uma das viagens à Cuiabá, momento em que um de nossos colaboradores da pesquisa, Tomas Flaviano, recebia justamente uma ligação de sua irmã, oferecendo a doação do feijão que seria consumido na festa, em homenagem a Nossa Senhora das Dores, realizada todo ano por ele, no mês de setembro.

Esses eventos são gratuitos e amplamente divulgados, sendo uma honra para as famílias receber o prestígio da comunidade em suas festas que, com o passar do tempo, tornam-se uma espécie de herança, uma vez que os filhos assumem o compromisso de seus pais em manter tais celebrações, como no caso do nosso referido colaborador que tomou para si a responsabilidade de manter a tradição de seu pai, já falecido, em promover a festa em homenagem ao santo de devoção da família, São Benedito.

Em Cuiabá, pudemos observar a complexidade de organização das festas de santos, nas quais ocorre, sistematicamente, o cururu. O cerimonial, geralmente, tem início pela manhã, com a celebração de missa, seguido por procissão que é conduzida pelo cururu até o local da

² Palavra de origem espanhola que designa cerca feita a partir de varas de bambu que serve para delimitar o espaço da festa e proteger os presentes das intempéries.

festa. Na sequência, os festeiros chegam e são anunciados com muitos rojões e alegria dos presentes. É, então, servido o tradicional chá-com-bolo, primeiro momento de acolhimento dos presentes que, em seguida, acompanham o levantamento do mastro e bandeira do santo homenageado.

Próximo ao meio-dia, é feita a *reza*, conduzida por um capelão, pessoa versada nos conhecimentos bíblicos e que apresenta boa oratória. Em seguida, é servido o almoço, geralmente um prato de carne cozida com legumes, conhecido como ensopadão, acompanhado de arroz e feijão. A refeição é farta, saborosa e preparada em grandes panelas, em fogões a lenha improvisados no terreiro das casas. Os cururueiros têm prioridade em se servir, os demais se organizam nas filas.

A festa continua com as apresentações de siriri, outra manifestação cultural típica do Mato Grosso, e baile, momento em que outros ritmos musicais são apresentados, como o rasqueado. Já no fim da noite, ocorre a descida do mastro, momento em que os cururueiros são novamente requisitados para conduzir o cerimonial e serve-se o jantar.

O horário de início das festas e sua duração podem variar, dependendo da organização dos anfitriões. Há festas que começam já à noite, estendem-se por toda a madrugada e encerram-se apenas no outro dia. Os cururueiros, que são responsáveis por anunciar e conduzir os principais momentos, permanecem ao longo de toda a festa e, por vezes, ainda seguem, sem descanso, para outra localidade, onde foram convidados a participar de mais um evento.

Ao contrário do que se possa imaginar, o cururueiro não tem no cururu uma profissão e não aceita receber pagamento por sua participação nos eventos. Todos os cururueiros com quem conversamos desenvolvem seus trabalhos durante a semana e reúnem-se ao final dela, para ensaiarem ou apresentarem-se. Afinal, “ser cururueiro não é profissão, mas vocação, inclinação. É saber trovar à maneira do cururu” (ANDRADE, 1992, p. 25).

Em São Paulo, tradicionalmente, o cururu configura-se como uma disputa entre cantadores que devem, por meio de seus versos improvisados, provocar ou mostrar maior habilidade que seu adversário. Geralmente são quatro cururueiros que se apresentam por vez, divididos em duas duplas e que respeitam seus turnos de acordo com aquilo que foi sorteado para cada um.

O sorteio se faz necessário pois o cururueiro que se apresenta por último pode escutar a apresentação e as provocações dos outros participantes e, por isso, possui melhores condições para elaborar sua resposta e fechar a disputa. Andrade (1992, p.20) informa que

Sorteados os cantadores, começa a função. Seu esquema consiste numa sequência de apresentações dos cantadores, um por vez na ordem sorteada. Evidentemente, todos prefeririam ser o número quatro, pois quem canta em último lugar tem uma visão global dos três precedentes, pode responder a todas as provocações e suprir as lacunas, improvisando para provocar a dupla contrária, já para o segundo turno.

Diferentemente do que é registrado no cururu paulista, em que existe um sorteio no qual é decidido quem é o primeiro cantador a se apresentar, em Cuiabá a regra é outra. A apresentação é iniciada pelo cururueiro mais velho, em sinal de respeito. Na capital do Mato Grosso não ocorre mais esse tipo de apresentação, caracterizada pela competição. Segundo nossos colaboradores, as brigas geradas pelas provocações foram responsáveis pelo enfraquecimento desse costume. Hoje, os cururueiros cantam complementando o que já foi colocado na roda de cururu.

Por esse motivo, não encontramos, no cururu cuiabano, a figura do pedestre, cururueiro responsável por determinar a rima que deve ser utilizada nas composições de uma determinada sessão de cururu. Muitos dos cururueiros com quem conversamos nem ao menos reconheceram a lexia. Enquanto, em São Paulo, a participação do pedestre é determinante para o êxito da apresentação. Geralmente, nos cururus, seleciona-se um cururueiro especialmente para ser o pedestre e ditar as carreiras, um sinônimo para rima. Quando não há participantes suficientemente, o primeiro a cantar também fica responsável por ditar quais serão as rimas utilizadas.

A temática das composições de cururu são variadas, geralmente o mote é o cotidiano, as paixões, a história, a política e a religiosidade. Hoje as informações são mais acessíveis, em função do desenvolvimento dos meios de comunicação, contribuindo para maior variedade de temas. Contudo, quando analisamos o material fonográfico produzido cinquenta anos atrás, percebemos que esses compositores, homens de pouco estudo formal, eram pessoas muito curiosas e atentas, aproveitando cada informação que lhes chegassem. Isto é

Cururueiro lê. Lê tudo o que lhe cai às mãos. Conhece a bíblia, Novo e Antigo Testamento. Cururueiro conhece vidas de Santos, lendas e episódios versando sobre Anjos; lê História da Civilização, História do Brasil. Cururueiro conhece os heróis da pátria e da cultura a que ele pertence. É um homem profundamente inserido na sua realidade; se morar numa vila, conhece-lhe a formação, os momentos históricos mais importantes, o hino local, os cânticos usuais de sua paróquia – não raro canta no coro da igreja (ANDRADE, 1992, p. 42).

Aqui se faz necessário estabelecer uma diferença entre toada e verso. A toada é a composição previamente elaborada e que representa cada cururueiro. Há toadas famosas que transcendem seus compositores e são cantadas em memórias deles. Já o verso é a composição

de improviso, que compõe a maior parte da apresentação. Na sequência, apresentamos algumas toadas de cururueiros que integram o grupo “Tradição Cuiabana do Coxipó”, grupo que acompanhamos em nossas visitas à cidade e que é composto pelos colaboradores que estabelecemos para esta pesquisa.

A primeira toada apresentada é intitulada **Viva Júlia** (CÉSAR, 2014) de autoria de um dos cururueiros mais jovens com quem tivemos contato, J.C. A música fala sobre a alegria de um pai pelo nascimento de sua filha, prestando uma homenagem a ela. Tema frequente no cururu é o de enaltecer as qualidades de pessoas próximas.

Pra fazer minha homenagem

O meu verso eu vou cantar

Dia oito de dezembro

Dia de seu nascimento

Abriu a porta do céu!

Assim que Deus escreveu

Os anjos foram cantando

Viva Júlia que nasceu!

Viva Júlia que nasceu!

Um viva a minha menina

Vida torna revivar

Minha filha, minha Júlia

Pra sempre eu vou te amar

Eu já fiz minha homenagem

Nas suas mãos eu vou deixar

Comumente, são apresentados cururus que tratam da beleza da mulher, da morena, assim chamada por eles. A seguir, trazemos a toada **Oi, morena**, de autoria de Amarante da Silva (2014). Em seus versos, o autor fala sobre o encontro amoroso que é dificultado em função do tempo e dos compromissos do eu-poético.

Primeiro peço licença

Oi darão! Pra mim apresentar

Mas, oi morena

Eu não posso te levar

Eu queria te levar
 Mas eu não posso
 Porque eu tenho hora marcada, pra mim voltar
 Eu gosto de cantar verso
 Oi darão! Pra quem sabe apreciar
 Eu venho vindo de longe
 Oi darão! Pra perto eu quero chegar
 Eu já vou deixar meu verso
 Oi darão! Nas suas mãos eu vou deixar

Também frequentes são as letras que enaltecem a terra natal. No caso da toada **Viva o nosso Mato Grosso**, celebra-se o fato da capital mato-grossense sediar alguns jogos da Copa do Mundo de futebol, que aconteceu no Brasil, no ano de 2014, configurando mérito para o estado. A composição é de autoria de Marcelino de Jesus (2014), o cururueiro mais experiente com quem conversamos e presidente da citada Associação de Cururu.

Viva Deus que está no céu, ai!
 Viva tudo quanto é bom, ai!
 Estado de Mato Grosso
 Estado de todos nós
 Cuiabá vai sediar
 A copa de dois mil e quatorze
 Viva o nosso Mato Grosso!
 Viva a nossa Cuiabá!
 Vamos dar um bravo viva, ai!
 Pra todos que aqui estão, ai!
 Aqui vai nossa homenagem, ai!
 Pra nossa tradição, ai!
 Eu já vou parar meu verso, ai!
 Vou deixar nas suas mãos, ai!

Por fim, apresentamos um exemplo de toada que recebe o apreço daqueles que cantam ou que assistem a um cururu, são as toadas de cunho religioso. Nelas, os cururueiros, por vezes, demonstram seus conhecimentos sobre os textos bíblicos, narrando passagens da bíblia ou sobre

a vida dos santos. Outras vezes, como no exemplo a seguir, provoca-se nos expectadores algum tipo de reflexão moral. A toada **Gente, vamos rezar** é de autoria de Leocádio da Silva (2014).

Dá licença, folião. Ai darão!
 Eu também quero brincar, ai, darão, dão!
 O povo tá reclamando
 Gente, o mundo tá diferente
 Mas não é o mundo
 É o povo que tá descrente
 Gente, vamos rezar e pedir a Deus
 Quem sabe as coisas melhoram
 Para louvar São Benedito, ai darão!
 Sentado no seu altar, ai darão, dão!
 Meu senhor, dono da casa, ai darão!
 De saúde como está? Ai darão, dão!
 Eu já vou parar meu verso, ai darão!
 A linha pendeu pra lá, ai darão, dão!

2.3 Música

As apresentações de cururu configuram-se como sessões poético-musical-coreográficas, nas quais cada integrante reveza entre apresentar suas composições previamente elaboradas e versos improvisados que devem obedecer à temática e à rima, impostas no começo das apresentações.

Inserido no contexto das festas católicas, o cururu tradicional dispõe de algumas rimas obrigatórias, dependendo do santo que está sendo homenageado. Nas festas do Divino, por exemplo, a primeira rima deve ser em “ino” (carreira do Divino), a próxima rodada de cururu, geralmente, segue a carreira de “São João”, depois é apresentada a carreira do “sagrado”, as demais carreiras são determinadas pelo primeiro cururueiro a cantar, dispondo de liberdade de escolha.

A última carreira a ser apresentada é a do “dia”, referência ao amanhecer, pois os cururus geralmente transcorrem noite adentro e só têm fim no dia seguinte. Durante a carreira do dia, os cantadores se despedem, sem mais porfiar, utilizando versos religiosos ou líricos.

Quando uma rima é considerada difícil ela é chamada de carreira dura, nessa situação as apresentações são de menor duração, em função da dificuldade de elaboração. São consideradas carreiras duras as carreiras de São Bento, Santa Catarina, Santa Teresa e São Vicente. É considerado um bom cururueiro aquele que canta em qualquer tipo de carreira.

Presente, no cururu paulista e cuiabano, o “baixão” é uma entoação silábica, do tipo ai-lai-lai ou oi-nã-nã-nã, cantada por todos os cururueiros presentes, em um crescente de voz. Curiosamente, em São Paulo, o baixão acontece no início da apresentação de cada um dos cantadores. Já em Cuiabá, o baixão, também chamado de “grito”, surge ao final das apresentações, momento em que o público interage, cantando junto.

Dizem dar o Baixão, fazer o Baixão, embora ele não seja feito na hora. Ele é uma demonstração do gosto musical do cururueiro, uma demonstração de poder da voz, uma característica pessoal, criação própria ou adaptação de algum motivo melódico cantado à guisa de introdução, como um arauto que dissesse: – Vai começar minha apresentação; eu sou assim (ANDRADE, 1992, p. 32).

Como já foi explicado, no cururu, além das composições espontâneas, criadas no momento da apresentação, os versos, há as toadas que são peças elaboradas previamente pelos cantores. Nem sempre o cururueiro é um exímio compositor e, por isso, canta toadas de outrem e que, geralmente, já são de conhecimento público e apreciadas por ele. Entretanto, esses cururueiros não são tão valorizados quanto aqueles que apresentam habilidade em compor.

Para ser um cururueiro, além de cantar, deve-se apresentar habilidade em tocar um dos instrumentos característicos desse fazer: a viola de cocho ou o ganzá, pois “no cururu, cada folgador se faz acompanhar por seu instrumento, de modo que há tantas violas de cocho quantos cururueiros estiverem presentes na roda” (ANDRADE, 1981, p. 34).

Em nossas pesquisas sobre o cururu paulista, não encontramos a presença de nenhum desses instrumentos. Os cururus a que assistimos eram acompanhados pelo som da viola, que nem todos os cururueiros tocavam. Já em Cuiabá, encontramos situação oposta, sem exceção, todos os músicos sempre estavam acompanhados de seus instrumentos, e alguns deles sabiam tocar tanto a viola de cocho, quanto o ganzá.

O ganzá é um instrumento de percussão construído a partir de um pedaço de bambu de, aproximadamente, cinquenta centímetros, no qual são feitas ranhuras no sentido transversal ao comprimento. Para se obter o som, essas ranhuras são friccionadas por uma baqueta que, geralmente, é feita de osso de costela bovina, mas também pode-se usar um pedaço de madeira ou qualquer outro utensílio.

A viola de cocho é o instrumento que caracteriza o cururu e ainda é feita artesanalmente pelos mestres artesãos que, geralmente, seguem os passos de seus pais, como no caso de Alcides Ribeiro, que conhecemos em nossas visitas a Cuiabá. Em 2004, o instrumento foi reconhecido como patrimônio nacional, registrado no livro dos saberes do patrimônio imaterial brasileiro.

A palavra cocho que caracteriza a viola se refere ao processo de confecção do instrumento, que é esculpido em tronco de madeira maciço, escavando-se a parte que corresponde à caixa de ressonância. Da mesma maneira são lavrados os comedouros dos animais na zona rural, daí o nome.

A produção tem início na busca e escolha da madeira que é usada, segundo o artesão Alcides Ribeiro, que contribuiu gentilmente para esta pesquisa, são consideradas boas as madeiras do sarã, sarã-de-leite, tamboril e cedro. A madeira precisa passar pelo processo de secagem, que leva pouco menos de uma semana, para ser então escavado o cocho.

A viola é concluída quando se adicionam as demais partes que a caracterizam, como o tampo, o cavalete, o espelho, o rastilho e as cravelhas. As cordas, atualmente, são de náilon, mas já foram feitas com tripa de animal silvestre, geralmente macacos. Além da proibição por força de lei de proteção ambiental (Lei 9.605/1998), contam os cururueiros mais velhos, com que conversamos, que chegaram a tocar com tripa de animal, ser esse tipo de encordoamento muito frágil, rompendo-se com frequência, e se fazia necessário ter mais de um jogo de cordas reserva. Um de nossos colaboradores, o mestre artesão na fabricação de viola-de-cocho, Alcides Ribeiro nos relatou que

A viola de cocho no início, ela começou a tocar com corda de tucum, mas segundo meu pai e seu Manoel Severino, eu sempre estava conversando com eles, eles me disseram que aquilo acabava com a unha, chegava até a sangrar o dedo. Aí mudaram para corda de tripa de animais silvestres, que era o bugio, o ouriço e mais alguns outros, aí. E isso, como já dizia meu pai, você já tinha que levar mais dois ou três encordoamentos, porque durante a noite, quando o cururu tava bom, o povo dizia vamu aquecer o cururu, nisso se passava a noite e ia durante o outro dia. E nisso a corda feita com a tripa de macaco arrebentava e tinha que parar para trocar.

O instrumento teve sua introdução no Brasil graças a seus colonizadores, como afirmam Castilho & Castilho (2006, p. 38): “A entrada da viola em nosso país ocorreu na época de sua colonização, através dos colonos vindos de diversas regiões de Portugal”. Em seus estudos sobre a origem da viola de cocho, a pesquisadora Julieta de Andrade (1981) acredita que o instrumento descenda dos alaúdes de pequeno porte, que foi sofrendo modificações ao longo do tempo e pelos espaços para onde foi levado. Para a autora,

Pela documentação existente, evidencia-se que ela pertence ao ramo dos alaúdes muito curtos que apareceram pela primeira vez no Irã, entre os elamitas; desde logo iniciou-se longa caminhada através de culturas asiáticas, depois europeias e norteafricanas. Pelo nomadismo, ciganos, kirguises e principalmente árabes contribuíram para a difusão dos alaúdes através do velho mundo (ANDRADE, 1981, p. 73).

Há ainda um outro instrumento a que tivemos acesso apenas na literatura, o adufo, feito com couro de animal e soalhas de tampinhas de garrafa, uma espécie de pandeiro rudimentar. Questionados sobre o instrumento, alguns dos cururueiros com quem conversamos conheciam, mas não há registro de seu uso atualmente.

2.4 Coreografia

Os estudos já realizados sobre o cururu, sendo eles de cunho folclórico, etnográfico ou literário, definem essa expressão como dança acompanhada de canto e poesia. Resumidamente, Cascudo (1959, p. 28) define o cururu como “dança, canto em desafio, relacionados com as festas religiosas no plano da louvação popular”.

No ensaio intitulado “Cururu”, Antônio Candido também traz a informação sobre a presença da dança, nessa expressão cultural, dizendo que “as suas formas são várias, mas essencialmente consta de uma dança rodeada em que tomam parte via de regra apenas os homens [...]” (CANDIDO, 1999, p. 50).

Contrariando o que foi consultado na bibliografia que levantamos em nossas pesquisas sobre o cururu, e, quebrando nossa expectativa de encontrarmos uma manifestação cultural cantada e dançada, em São Paulo não encontramos a presença da dança circular citada nas obras. Os cururueiros paulistas disseram que se trata de um costume antigo, mas que há anos não ocorre mais.

Já, em nossas visitas à Cuiabá, encontramos o cururu “arrodiado”, como é chamado por eles, ou “função do cururu”, momento em que os cururueiros cantam e dançam, percorrendo o círculo em que ficam dispostos, em sentido horário. Na presença de um altar, os cururueiros ficam, em pé, na configuração de um semicírculo, reverenciando o local sacro; na ausência dele, os músicos cantam dispostos em um círculo completo.

Nas apresentações a que assistimos, realizadas em festas de santos ou em confraternizações, pudemos perceber que o momento em que ocorre a função do cururu, no qual os cururueiros dançam, é bastante aguardado e prestigiado pelo público, que interage com palmas e brados. Destacam-se, nesses momentos, os cururueiros que praticam algumas

estripulias, indo ao centro da roda, girando, saltando e fazendo de sua viola quase um malabar que é jogado para o alto ou trançada entre as pernas do bailarino, em uma coreografia ágil e animada. Esses cururueiros são chamados de “brincadores”. É o que nos afirma Andrade (1992, p. 52)

Começam a girar em sentido horário (e, por isso, o braço da viola deve ficar em direção ao centro do círculo, não para fora dele). Os passos, andados, estão no ritmo da música que todos os cururueiros cantam juntos, para começar a arrodia: alguns versos tradicionais ou o Baixão de um deles.

Um dos cururueiros mais conhecidos e até hoje lembrado por sua destreza com os versos improvisados, mas, principalmente, por sua desenvoltura coreográfica, é Antônio Cândido, que “recebeu o apelido de ‘Parafuso’, como foi conhecido por causa de seus volteios e rodopios durante suas apresentações” (CARRADORE, 1998, p. 49).

Para a pesquisadora Julieta de Andrade (1992), a função do cururu pode remontar à uma manifestação coreográfica de ordem religiosa, dançada em diversos países europeus, tais como França, Espanha e Itália, que é a “corola”. Também registrado como dança da coroa, ou seja, da coroa, representa um círculo que, em diversas simbologias, evoca o significado de união entre seus participantes. De acordo com a autora

Na sua modalidade medieval, houve coreografia ritual anti-horária com a mesma função mística do arrodia do cururu, guiando também os passos pelos tempos musicais, em situações de romaria católica, em celebrações festivas, no lugar de onde vieram os trovadores para a Galícia e Portugal. O Auto de Sainte-Foy é do período trovadoresco, no sul da França, onde o arrodia se chamava corola (pronúncia, curulo) e contava com uma figura nas funções do pedestre.

A dança circular, explica Andrade, perpassou a Idade Média, por meio da mistura heterodoxa dada pela interação cultural dos povos, foi percorrendo a História da civilização ocidental até chegar nas diversas expressões de cultura não formal brasileira.

O cururu, como vimos nesse capítulo, tem a sua origem ainda incerta, mas a que acreditamos ser mais coerente é a estabelecida a partir da mistura de elementos da tradição indígena, tupi, e características da cultura portuguesa e da religião católica. Caracterizado por ser uma dança de roda, acompanhado por música e canto, ao som de vozes instrumentos típicos (ganzá, viola-de-cocho, adufe), o cururu dá voz a vida do cururueiro. Em Cuiabá, encontramos uma tradição que resiste e através de seu vocabulário, objeto de estudo desse trabalho, foi possível analisar o grau de prestígio em sua comunidade linguística. Para isso, precisávamos,

inicialmente, definir as lexias que seriam consultadas. A escolha e definição dessas lexias será apresentada no próximo sub-capítulo.

2.5 Pré- glossário do Cururu

Estreitando o interesse inicial de nosso trabalho, o de estudar o léxico do cururu, nós precisávamos de material linguístico que envolvesse esse campo lexical, a fim de observar qual *status* que tem entre seus supostos falantes, bem como buscar entender os possíveis fatores condicionantes de suas alterações. Por isso, elaboramos uma lista que compreende a) as lexias que encontramos no falar de alguns cururueiros, durante entrevistas livres que fizemos com eles; b) as lexias presentes nas letras de suas músicas; c) por último, na bibliografia que encontramos a esse respeito. Essa lista é apresentada a seguir, com as respectivas fontes de consulta.

Nessa lista não constam as lexias que surgiram em resposta ao nosso questionário, dadas como sinônimos às lexias de entrada, por nossos sujeitos da pesquisa. A junção de todas essas lexias será apresentada ao final do trabalho, como apêndice, no glossário.

Alferes de bandeira

Um dos representantes da festa de santo é o alferes da bandeira, cuja função é conduzir a bandeira do santo homenageado durante a procissão do levantamento do mastro, no qual a bandeira é hasteada. A bandeira, geralmente, encontra-se na casa do festeiro e é levada até à residência que sediará a atual festa. Pelegrine (2011, p.237) ilustra,

Em Paraitinga o “**alferes**” sai à frente, sendo incumbido do translado da bandeira, posto de prestígio, comumente assumido pelo “festeiro” ou “imperador”, ou seja, pelo organizador administrativo da festa; na sequência seguem quatro músicos, dois tocadores de viola (mestre e contramestre), um percussionista de caixa (contralto) e outro de triângulo (tipi); por fim, vai o “cargueiro”, responsável por angariar as “prendas” doadas pelas comunidades.

Amargo

As semanas que antecedem as festas de santos, são de preparativos. O cardápio deve ser elaborado, o local da festa é decorado, os cururueiros são convidados e as bebidas a serem

servidas são preparadas. Entre essas bebidas, está o amargo. Como o próprio nome sugere, trata-se de uma bebida à base de cachaça e raízes aromáticas, que dão à bebida a tonalidade e o amargor característicos.

A maioria dos cururueiros bebe o amargo durante toda a apresentação e têm acesso ilimitado à bebida. Segundo eles, o amargo ajuda a limpar as cordas vocais, melhorando as condições do canto.

A preparação do amargo é bastante artesanal e o dono da festa inicia seu estoque com muita antecedência. A bebida é acondicionada em garrafas plásticas que são guardadas nos depósitos das casas. Com a proximidade de sua festa, um de nossos colaboradores disse ter “mais de trinta litros de ‘amargo’ preparado pra festa” (M.A.).

Baixão

Diferentemente daquilo que registramos em Piracicaba, onde o baixão é o canto inicial do cururu, no qual os cantores entrosam suas vozes e afinavam seus instrumentos, entoando versos monossilábicos, o baixão do cururu cuiabano, ocorre no final de cada apresentação, momento em que os cururueiros unem suas vozes e todos cantam, com o timbre elevado, daí alguns chamarem esse momento de “grito”.

Temos o registro a seguir do que é o baixão para o cururu piracicabano, depoimento de Cecília Ramos, filha do famoso cururueiro, já falecido, Parafuso, como era conhecido:

“O baixão dele era dandai... dandá. Era assim que ele cantava: Oi nanai, nanai na, oi nai nai nai na... Num tem quem pudesse cum ele. Suas colocações em desafio encurralava os outro cantadô, e ele acabava cum todo mundo. E a hora que falava oi dandai dá ele virava em vorta, dava a vorta de 360 graus” (ALLEONI, 2006, p. 83).

Ao realizarmos as entrevistas livres com os cururueiros de Cuiabá, tendo como ponto de partida o questionário semântico-lexical aplicado em Piracicaba, fomos esclarecidos sobre a diferença de aceção da lexia nas duas localidades.

Baixão pra nós, que a gente conhece, é no final do cururu. O povo conhece como grito, mas não é um grito, é uma entonação mais alta. Acabou a toada a gente entra, finalizando, com todos os cururueiros. E quando o cururu está, como a gente fala, tá bonito, aí é que o baixão fica mais fervoroso (J.C.).

Bandeira

Um dos elementos simbólicos da festa de santo de Cuiabá, mas que também está presente em outros festejos da tradição católica, é a bandeira. Confeccionada, geralmente, em tecido vermelho, com variados adornos chamativos, apresenta estampada a figura do santo que está sendo reverenciado.

A **bandeira**, chamada de “Doutrina”, é feita de pano brilhante. Nela é colada uma estampa dos Reis Magos. Constitui o elemento sagrado da Companhia e assim é tratada: beijam-na respeitosamente os moradores das casas visitadas, é passada com muita fé sobre as camas da residência e nunca pode ser colocada num lugar menos digno. Esse respeito perdura durante o ano todo, mesmo passada a época de Reis: na casa onde fica guardada, há orações periódicas diante dela. No universo cultural de nosso povo, a bandeira é a representação dos três Reis; por isso, explicam os Mestres, ela deve ir sempre à frente pelos representantes dos pastores que seguiram os Reis Magos (PORTO, 1982, p. 19, grifo nosso).

A condução da bandeira pelo alferes determina o início das festividades. Ela é reverenciada durante todo o trajeto percorrido e, quando chega à festa, é colocada em um altar, até chegar o momento de erguê-la no mastro. Também é a retirada da bandeira que anuncia o fim das comemorações.

Brincador

Durante as apresentações de cururu, há um momento em que o público está mais animado, incentivando os cururueiros com palmas e gritos. Nesses momentos, alguns dos cantores encorajam-se e começam a dançar no centro da roda de cururu, girando em volta do próprio corpo, trançando a viola entre suas pernas, quase como um malabar. Esses cururueiros são chamados de brincadores.

Chá-com-bolo

Há, em Cuiabá, uma prática alimentar muito comum, o chá-com-bolo. Frequente, nas recepções de festas ou mesmo em encontros familiares são servidos os tradicionais bolo de arroz e bolo de queijo, acompanhados por chá, leite e café.

Logo após a missa que dá início aos festejos, os convidados são recepcionados por uma espécie de café da manhã, com as comidas típicas do local. O preparo é feito com antecedência pelos donos da festa e voluntários da comunidade que também contribuem com doações de alimento.

Canutilho

Canutilho é o nome dado à quarta corda da viola de cocho, contadas de baixo para cima. Ela apresenta uma singularidade em relação às outras cordas pois, por meio dela, pode-se obter diferentes tipos de afinações para o instrumento. Alguns violeiros gostam de tocar com o canutilho preso, que caracteriza uma determinada afinação. Outros já preferem a afinação com o canutilho solto. Segundo um de nossos colaboradores, a preferência dos cururueiros da região onde realizamos nossa pesquisa, é usá-lo solto.

Na verdade, o canutilho surgiu, tem alguns que não usam canutilho, aqui nós chamamos rio acima, região de Nobres e Rosário eles não usam o canutilho. Aí tem o canutilho preso e o canutilho solto que se usa tocar, né? Aqui pra cima, tem uma outra região, toca com o canutilho preso. Nós aqui, o tocado nosso é mais com o canutilho solto. Mas antigamente, pra você vê uma coisa não tinha o canutilho (A.R.).

Cantar esclarecido

Quando o cururueiro apresenta boa locução, enquanto canta, e talento na composição de seus versos, diz-se que ele “canta esclarecido”. É comum ouvir, especialmente de quem nunca assistiu a um cururu, que não se entende nada do que eles dizem. De fato, são muitas vozes cantando juntas e em um ritmo acelerado. É preciso uma audição atenta, ser conhecedor do dialeto e prosódia locais, para se compreender as composições. O cururueiro que melhor se faz compreender e com versos de boa elaboração é considerado um cantor que “canta esclarecido”.

Cantar na escritura

Atualmente, os temas do cururu são os mais diversos, canta-se sobre o cotidiano, sobre os relacionamentos amorosos, anedotas, entre outros. Contudo, o cururu surgiu no contexto das festas religiosas e, por isso, antigamente, era mais comum que as composições apresentassem temas religiosos, narrando passagens da bíblia ou versando sobre a vida dos santos. Até hoje, o cururueiro que “canta na escritura”, que conhece e compõe sobre temas bíblicos, é prestigiado e respeitado, como fala um de nossos colaboradores, Alcides Ribeiro,

Meu pai tinha um tema que era preferencial dele, dizendo que nasceu no Mato Grosso, então as toadas dele era focada na região do Pantanal. Outros já fazem para louvar o santo. Meu pai também tinha, tipo o pai de T., outros que a gente conheceu aqui da cidade que estudava muito as escrituras e que cantam as toadas nas escrituras.

Cantador de lari larai

Existe muito respeito e ética entre os cururueiros, por isso, foi difícil recolher a lexia cantador de lari larai, que caracteriza o compositor ruim, de pouco talento. Nas entrevistas livres que realizamos, os nossos colaboradores ficaram desconcertados sobre essa questão. Brincando, disseram que só havia cantador de lari larai em Poconé, outro município mato-grossense. Explicaram que recebem essa adjetivação por não terem habilidade em compor os repentes, e ficam entoando seus baixões por muito tempo.

Capelão

As festas de santos demandam bastante organização e muitas pessoas são envolvidas, desempenhando diferentes funções. O capelão está entre elas e é o responsável por conduzir a reza da festa, celebração religiosa não oficial, conduzida por uma pessoa da comunidade que possua boa oratória e entendimento bíblico. Além de ser feita pelo “capelão”, um homem, a reza também pode ser conduzida pela “capeloa”, como é chamada a mulher que realiza essa função.

Depois a gente tem a reza, né. O capelão ou a capeloa, aqui a gente tem muita capeloa, faz a reza, como se fosse assim a missa, uma oração pro santo de devoção da casa, pros donos da casa, e aí a procissão do erguimento do mastro segue (J.C.).

Capitão do mastro

O capitão de mastro é um dos festeiros e tem por obrigação conduzir e levantar o mastro em que é pendurada a bandeira. Ele é adornado com fitas coloridas que vão sendo colocadas pelos moradores durante o percurso da procissão. Ela integra o cerimonial chamado “rainhado”, muito similar à folia de reis, encontrada em alguns outros estados brasileiros.

A festa de santo tem todo um processo, uma sequência. Tem uma palavra mais científica, que T. fala, tem um cerimonial. Então, por exemplo, neste ano aqui, já vai se indicar quem vai ser os festeiros do ano que vem. Aí, vem o capitão do mastro, alferes de bandeira. Quando vai levantar o mastro, tem todo esse processo. Aí vai chamar o pessoal pra acender vela, o pessoal da procissão, pegar o santo que tá no altar. Nessa aí, tem o alferes de bandeira que pega a bandeira, tem os santos para pegar, tem o capitão do mastro que pega a coroa que vai na ponta do mastro, que é quase igual a folia de reis. Então, tem todo esse processo, no qual o pessoal que tá no pé de verso vai chamando. Vamos acender a iluminação. Tudo aquilo, quando está tudo composto aí sai com a procissão, até a onde vai fazer o levantamento de mastro e continua ainda. Ainda vai mandar colocar a bandeira, que é o alferes de bandeira.

Isso tudo é processo, tem gente aqui que acha demorado, mas é uma coisa muito bonita, leva, assim, de uma hora à uma hora e meia todo esse processo (A.R.).

Cururu

O cururu é um embate poético, um repente cantado e dançado por seus integrantes, no contexto das festas da tradição católica. Originalmente encontrado em São Paulo, foi levado para os estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, onde se incluíram os instrumentos, que hoje caracterizam essa manifestação artística, a viola de cocho e o ganzá.

Tradicionalmente, o cururu é executado por homens apenas, apesar de haver relatos da existência de algumas mulheres cururueiras. Os cantadores, durante as apresentações, permanecem na configuração de um círculo e, em alguns momentos, praticam sua coreografia. A função do cururu, como é chamado momento em que há dança na apresentação, não foi presenciado por nós em São Paulo, mas é frequente em Mato Grosso. Sobre a sua execução nos fala Cândido (1999, p. 37).

As suas formas são várias, mas essencialmente consta de uma dança rodeada em que tomam parte via de regra apenas os homens; de uma saudação aos presentes; uma louvação aos santos e finalmente desafios em que os contendores – sempre dançando – propõem uns aos outros problemas, de fundo religioso ou profano, visando derrotar o adversário e exaltar a própria pessoa.

Quanto a sua origem, as pesquisas apontam para uma mistura de elementos da cultura portuguesa com a dos nativos brasileiros. Acredita-se que os padres jesuítas, desejosos de converter os índios ao catolicismo, salvando suas almas, promoviam sua religião, aproveitando-se das tradições ameríndias. E aquilo que seria momentâneo, amalgamou-se por completo, sendo impossível dissociar as duas culturas. Sobre isso, afirma Cândido (1999, p. 38)

Ora, os processos coreográficos desta dança têm um tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos de danças brasílicas com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosas, fora (e talvez dentro) do templo. E esse costume e dança permaneceram até agora.

Em Cuiabá, o cururu marca e conduz toda a realização das festas de santos. Não há festa de santo sem a presença dos cururueiros, que cantam anunciando cada um dos momentos da celebração. São eles que cumprimentam os donos da casa, anunciam a chegada dos festeiros, convidam os presentes para a procissão do erguimento do mastro e para a reza. São os mestres de cerimônias dessas ocasiões. Nas palavras de um de nossos colaboradores, “sempre a prioridade da festa de santo é o cururu” (J. C.).

Cururueiro

O representante do cururu, aquele que toca e canta, já que não há cururueiro que não desempenhe as duas funções, é chamado, amplamente, em Cuiabá, de cururueiro. Esses músicos, amadores em sua maioria, aprendem o ofício com seus familiares e com muito orgulho se dizem ser filhos de algum cururueiro, cantando e perpetuando as toadas de seus pais e avós, como podemos perceber no relato de um de nossos colaboradores.

Sim, e sou filho e neto de cururueiro. Nasci nesse contexto assim das... que aqui chamamos assim de festa de santo, né? Nesse contexto das festas de santos, desse movimento do cururu, siriri. Meus avós, meus tios, meus pais, tudo era envolvido com isso. Nasci nesse meio. E desde aí fui criando gosto, né? Por essa, essa manifestação e fui me envolvendo, aprendendo e hoje eu continuo sendo assim cururueiro, participando (T. F.).

Atualmente, no cenário cultural cuiabano, podemos observar algumas políticas públicas que incentivam a educação musical. Há alguns projetos que ensinam a confeccionar os instrumentos do cururu e siriri, assim como, a iniciação à música. Dessa forma, muitos jovens que não tiveram a oportunidade de ter um familiar cururueiro para se inspirar, podem aprender as técnicas nas escolas da região.

Cebolão

Um dos tipos de afinações de cordas mais recorrentes na música caipira, em geral, e no cururu é o cebolão. De nome curioso que, segundo Vilela (2010, p. 332, grifo nosso), “conta-se que os homens tocadores de viola inventaram uma afinação que tinha o som tão maravilhoso, que, quando tocavam, as mulheres, emocionadas, choravam como se estivessem descascando cebolas. Daí o nome **cebolão**”.

Desentoado

Há algumas pessoas que admiram o cururu e gostariam de integrar um grupo, mas não são afinadas, essas pessoas são consideradas desentoadas. Algumas dessas pessoas dedicam-se a tocar um instrumento ou participam de alguma outra forma, contribuindo de outras maneiras para manter a tradição do cururu. Esse é o caso de um de nossos colaboradores que, apesar de

gostar muito dessa tradição e ser filho de cururueiro, diz não ter o dom para cantar, mas se dedicou à fabricação das violas de cocho e hoje é referência nacional.

Nem todo mundo que faz toca e nem todos que toca faz viola de cocho, que é o meu caso. Sou filho e neto de cururueiro, tô na quarta geração, só que não nasci com esse dom. Como diria seu Marcelino aqui “você é muito desentoadado”, então demoraria muito tempo para eu aprender, então deixa eu ficar só na confecção de viola de cocho (A. R.).

Empalizado

As festas de santos ocorrem com maior frequência nos meses de julho, agosto e setembro, período de menores temperaturas na região de Cuiabá. A fim de receber os convidados com maior conforto, os donos das festas constroem o empalizado, uma espécie de salão, que consiste em delimitar um espaço do quintal da casa, fincando-se, no chão, taquaras e, para que o vento não penetre no local, são trançadas folhas de acuri, uma palmeira nativa da região.

Empalizado é um salão de fazer a festa, né. Você coloca as taquara, os madeiramento, né, aí corta folha de acuri, que é uma palmeira daqui, né, corta ele, deixa ele tudo assim empalizado, nessa altura. Então virou tradição por aqui o empalizado, há muitos e muitos anos tá tendo isso (A. R.).

Ensopadão

Nas festas de santos, além do cerimonial religioso, também é servida uma refeição aos presentes, algumas vezes mais de uma, visto que as comemorações, por vezes, estendem-se por mais de um dia. A comida farta é preparada em fogões à lenha, improvisados nos quintais das casas, em grandes panelas. Os donos das festas geralmente recebem doações de alimentos dos próprios festeiros, dos amigos e de familiares.

Em uma de nossas visitas, tivemos a oportunidade de presenciar o preparo dos alimentos e degustar posteriormente. Acompanhado de arroz e mandioca cozida, é servido o ensopadão, um prato à base de carne de gado cozida, com bastante molho e temperos. Atualmente, em algumas festas, serve-se churrasco, mas o mais comum e tradicional é o ensopadão, como afirma Grandó (2007, p. 26)

Após o momento de interação e troca importante do espaço democrático da festa é o jantar, que é oferecido gratuitamente a todos que participam. [...] para que a festa seja tradicional precisa ter uma boa comida, isto é, o tradicional ensopadão, sopão, além de licores e bebidas típicas geralmente feitos pela própria comunidade.

Escritura

Para se referir à bíblia, muitas vezes, os cururueiros usam a lexia escritura, em alusão às escrituras sagradas. Os temas bíblicos já não são tão recorrentes entre as composições dos cururueiros, mas ainda são comuns e respeitados. Há cururueiros dedicados a esse mote e são conhecidos por saber cantar na escritura.

Festa de santo

Em Cuiabá, é comum que as famílias católicas demonstrem sua devoção a um determinado santo por meio da promoção das festas de santos. Essas festas ocorrem entre julho e setembro e, geralmente, uma família que promoveu sua primeira festa, em cumprimento de uma promessa, passa a ter a tradição realizá-la anualmente, sendo esperada por aquela comunidade.

Essas festas duram o dia inteiro, começando pela manhã, quando os festeiros e a comunidade se reúnem para rezar em agradecimento e homenagem ao santo. Em seguida, é feita a procissão e depois realiza-se a missa. Os festeiros servem, então, o tradicional chá-com-bolo para os convidados e a festa segue ao som do cururu.

Em determinado momento, o anfitrião pede para que os cururueiros chamem a atenção dos presentes para o cumprimento do ritual sacro. O mastro com a bandeira do santo é erguido e inicia-se a reza. Logo após o cururu recomeça e é servido o jantar, na maioria das vezes, o ensopadão.

Festeiro

Por estar inserido no contexto de festas religiosas, é comum encontrar no vocabulário cururueiro a lexia festeiro. Trata-se de uma das figuras mais importantes das festas, pois é o festeiro que se encarrega de financiar grande parte do evento. A pessoa pode assumir tal compromisso em duas ocasiões: em gratidão ao santo, é chamado de festeiro de promessa, ou por indicação, um convite. Geralmente, as pessoas que possuem esse interesse manifestam sua vontade. Nas conversas que tivemos com os cururueiros, notamos que festeiro é um termo genérico para se referir aos diversos colaboradores do evento, cada um com uma função específica.

Minha mãe faz essa festa também. O patrocínio que a gente tem é assim, o festeiro. A comunidade pega alguém como o rei e ele dá a vaca, pega a rainha e dá outra ajuda, através de cota, mas ajuda, assim geral, de governante, quase não tem. Mas junta todo mundo, faz o que pode. Dá de comer ao pessoal, comida, bebida. Não cobra nada (M. J.).

Função do cururu

Outra diferença significativa que encontramos nas duas localidades pesquisadas é o fato de o cururu não ser apenas uma expressão de canto, mas também de coreografia. Enquanto, em Piracicaba, os cururueiros cantavam parados, estáticos em seus lugares, em Cuiabá, eles se apresentam na configuração de um círculo e, em dado momento da apresentação, os integrantes do grupo passam a rodar em sentido horário e alguns deles arriscam passos mais elaborados no centro da roda de cururu.

Galanteoso

O cururueiro que apresenta certa preocupação com sua aparência e cuida para que esteja bem-vestido, é chamado de galanteoso por seus pares. Para se apresentarem, os cururueiros vestem, basicamente, calça, camisa, sapato e chapéu, sendo este último a peça mais característica e indispensável. Alcides Ribeiro, um de nossos colaboradores nos exemplifica,

Aqui os cururueiros ainda tá simples, eles anda mais galanteoso. Tudo, né, com sua roupa, sua farda melhor, chapéu só de moscaro, Um dia, seu M.S. passando na avenida aqui. Ele lá com a viola dele, num domingo de manhã, tinha saído de uma festa. Aí passou umas meninas, chegou e falou assim “mas, olha aquele velho, como tá bem bonito, galanteoso, todo orgulhoso. E com isso, com essa palavra de orgulhoso, ele fez essa toada “me chamaram de orgulhoso, eu não sei porque razão, nasci na casa de palha, num ranchinho beira chão, maior orgulho que eu tenho, de eu ser mato-grossense, não nego minha geração” (A. R.).

Hoje, os grupos de cururu passaram a ter uma preocupação de se organizarem melhor. Fundaram associações, em que são tomadas algumas decisões e são feitos os ensaios. Uma das provas dessa organização é a padronização da vestimenta. Em algumas ocasiões, determina-se, por exemplo, o uso de camisa branca, calça jeans e chapéu preto; já, em outras, quando todos cururueiros presentes são da mesma associação, veste-se a camiseta do próprio grupo.

Ganzá

No cururu, o elemento de percussão é o ganzá. Instrumento bastante acessível, pois é feito a partir de um pedaço de bambu, matéria-prima geralmente comum, na qual são feitas

algumas ranhuras que depois serão friccionadas por um pedaço de osso para se obter o som, como nos apresenta Andrade (1981, p. 34),

O ganzá consta de um fragmento de bambu (*Bambusa vulgaris*, ou o tipo que existir ao alcance) ranhurado no sentido transversal ao comprimento. As ranhuras são friccionadas por uma baqueta, pedaço de pau, grafo ou pedaço de osso de costela de boi. Alguns cracachás são preparados fendendo-se um dos gomos do bambu para se obter o ruído característico de madeira oca. Na falta de cracachá, usa-se prato ágate, raspado com garfo.

Por ser um instrumento que apresenta menor grau de dificuldade para ser tocado, aqueles cururueiros que não conseguiram aprender a tocar a viola de cocho, devido a sua complexidade, tocam obrigatoriamente o ganzá, uma vez que, no cururu, todos se apresentam cantando e tocando algum instrumento.

Licor

São duas as bebidas alcólicas oferecidas nas festas de santos: o licor e o amargo, ambas produzidas artesanalmente. O licor é uma bebida adocicada, à base de leite, e é servido especialmente às mulheres, por ter um teor alcóolico menor.

Louvação

Tradicionalmente, o cururu é iniciado pela louvação, que consiste em versos elaborados pelos cururueiros, agradecendo ao santo padroeiro e aos donos da festa. Explica Ercolin (2005, p. 91) que

ao dar início à festança, os que tomam parte se colocam em duas filas, diante do altar. A louvação é feita por todos na primeira volta (quando o primeiro que cantou canta pela segunda vez, é iniciada a segunda volta) e a carreira é sempre a de São João (rimas em ão) (ERCOLIN, 2005, P. 91).

Contudo, no cururu cuiabano, nem sempre se cumpre com o momento da louvação, apesar de continuar havendo respeito e devoção pelo santo celebrado, como explica um de nossos colaboradores, dizendo que “louvação é o certo, né? Mas, nós aqui não coloca essa regra, não. Costuma cantar na hora, né, fazer o verso, louvando os santo. Mas falar assim, agora é a hora da louvação. Não tem esse momento, não. Eu chego já vejo e já faço meu verso pra saudar aquele santo” (J. C.).

Mastro

O mastro é o pau em que é hasteada a bandeira do santo que está sendo homenageado na festa. Ele é de responsabilidade do capitão do mastro, que deve escolher a madeira adequada e levá-lo até o local da festa. O mastro é, então, adornado com fitas coloridas e mais tarde, durante a cerimônia, recebe a bandeira. Ele é erguido em local de destaque, no quintal da casa, para que todos os presentes possam observá-lo, como apresenta Pelegrini (2011, p. 237),

Os anfitriões, por sua vez, também seguem as formalidades, cabe à dona da casa receber a “santa bandeira” e atrelar fitas coloridas ao seu mastro e, em sequência, oferecer aos membros da família para que seja beijada, num ritual de louvor ao Divino. Enquanto isso, os foliões retomam a cantoria, o dono da casa entrega a prenda e a sua esposa passeia com a bandeira pelo interior casa, adentra cada um dos seus ambientes para que sejam abençoados.

Osso

A viola de cocho e o ganzá são os principais instrumentos do cururu cuiabano, ainda feitos em processo artesanal, sendo que muitos músicos constroem seus próprios instrumentos. Prova disso é a utilização de um pedaço de osso de costela bovina para se tocar o ganzá. Alguns cururueiros improvisam com outros materiais, mas o mais comum é, de fato, o osso, assim como nos explica um de nossos colaboradores, Alcides Ribeiro,

Para fazer o ganzá precisa escolher a taquara, que é o bambu, chamado em São Paulo. A taquara tem que toronar ela todinha e, para sair o som, você tem que rachar o gomo da taquara para poder sair o som no que raspa ela com o osso, que é um pedaço de osso de costela bovina.

Pé-de-verso

Há eventos que reúnem muitos cururueiros, mas com curta duração. Nessas ocasiões, os cantores se organizam, para que todos tenham o mesmo tempo de apresentação. Eles combinam quantas vezes devem cantar suas toadas ou seus versos, esse número é chamado de pé-de-verso, que é devidamente respeitado pelos participantes, como nos conta nosso colaborador Tomas Flaviano,

Tem outro detalhe dos versos também aqui é que a gente fala assim: pé-de-verso. Por exemplo, vai cantar a toada, numa apresentação, numa festa é livre, né? O cururueiro, às vezes canta a sua toada quatro vezes, cinco vezes, uma toada curta. Então, ele vai cantar quatro versos, cinco versos. Numa apresentação, a gente já determina. Assim, se for uma apresentação rápida, já combina, cada um vai cantar três pé-de-verso, diz pé-de-verso, ou seja, vai cantar a toada três vezes.

Ponto

No cururu paulista, há a porfia, que representa o desafio entre dois cururueiros que devem versar sobre algum tema, respeitando a rima proposta, até que um saia campeão. Questionando nossos colaboradores sobre esse assunto, eles disseram que já houve essa modalidade de cururu em Cuiabá, mas hoje não há mais, pois muitas brigas violentas ocorriam. Hoje, o cururu cuiabano funciona em sistema de parceria.

Contudo, até hoje, mesmo em outros contextos, que não do cururu, é comum se ouvir a lexia “ponto”. Na região, não se diz porfia, mas cururu de ponto ou, simplesmente, dizer que se vai jogar um ponto para alguém, que significa fazer uma provocação, levantar alguma questão polêmica, para que a pessoa responda. Como nos explica um de nossos colaboradores, Tomas Flaviano,

Pode ser uma toada ou um verso que você pode fazer pra uma situação que alguém fez você passar. Alguém passou na rua. não te cumprimentou. Aí você improvisa ali um verso, pra jogar um ponto pra essa pessoa, ou uma toada falando desse episódio. Por isso, que até hoje aqui em Cuiabá, tem esse linguajar, por exemplo, fala assim, A, só falou assim pra jogar um ponto pra M.

Principiante

Ao contrário da realidade que encontramos na cidade de Piracicaba, onde havia poucos cururueiros, sendo todos eles senhores de mais de setenta anos, em Cuiabá pudemos encontrar cururueiros jovens, que ainda estavam aprendendo o ofício, são eles os principiantes.

Entretanto, nem sempre foi assim, recentemente algumas políticas públicas, juntamente com o entusiasmo de algumas pessoas dedicadas em manter as tradições culturais da cidade, foram decisivos para se reestabelecer a valorização do cururu, do siriri e de outras manifestações. Hoje, há vários grupos de siriri espalhados pela cidade que, com frequência, apresentam-se. Nas escolas públicas, estão sendo oferecidas aulas de canto e de viola de cocho. Todo esse contexto fez com que os jovens que antes sentiam vergonha de sua cultura, hoje ajudem a propagar e a perpetuar essa tradição. É o que nos conta um de nossos sujeitos,

Desde que eu me entendo por gente, eu canto cururu. Diferente não tá, né, agora com os pessoal mais novo que tá vindo, os principiante. Antigamente o povo era acostumado a ir nas festa mesmo, né. Agora tá ficando mais fácil de aprender e mais difícil das criança querer aprender, se envolver nesse negócio de cururu, né. É mais fácil eles se envolverem nesse negócio do baile, do siriri. O siriri é mais fácil para eles. Eu tenho um neto. Ele toca viola, toca ganzá, mas pra cantar ele é meio desentoadado, né. Já não tem aquele dom que a gente tem, né. (M. J.).

Rainhado

O rainhado é o conjunto de todo o cerimonial da festa de santo. Mais uma vez são os cururueiros os responsáveis por convidar os presentes para assistir e os integrantes para configurar o rainhado. Os festeiros e o público em geral se reúnem em procissão, a bandeira é levada até o mastro em que é hasteada, faz-se a reza e volta-se para a festa. Sobre isso, nos fala um de nossos colaboradores,

Geralmente é acordado o louvor ao santo, né. Se tá louvando São Benedito, então a gente tem que compor mais ou menos em cima disso aí. Tem o rainhado, então já tem que compor a toada pra chamar o rei, a rainha, pra levantar o mastro, pra beijar a bandeira. Então, tem todo esse envolvimento (M. J.).

Requinta

A viola de cocho mais comum possui cinco cordas, mas também existe viola de cocho com seis cordas, chamada pelos cururueiros de requinta. Segundo os músicos, que já tocaram com esse tipo de viola, não há diferença significativa no som, por isso, preferem a viola tradicional.

Também surgiu há muito tempo atrás a tal da requinta. Tem uma viola de cocho que seria a prima que viria junto com a do meio, seria seis corda, então. Era colada, aqui, ela vinha colada junto com essa corda do meio, então, eram seis cordas. E a afinação, segundo seu M. era fácil também de acertar (A. R.).

Reza

Um dos momentos que compõem festa de santo é a reza. Geralmente, ela antecede o levantamento de mastro e é conduzida pelo capelão ou capeloa. No formato de um canto responsorial, os presentes devem responder ao que lhes é proposto. Geralmente, são cantadas as orações mais comuns da tradição católica e também se reza para o santo homenageado naquele dia.

De localidade para localidade, de vez em quando tem uma mudança, nessa região é de um jeito, no Pantanal, na Várzea Grande é diferente. Um faz à noite, outro faz durante o dia. Tem uma região, a região de Santo Antonio, lá eles fazem a reza, depois que levanta o mastro. Aqui, a reza é primeiro. Então tem umas variações, depende do festeiro, da localidade. Porque tem o capelão que tira a reza cantada, tem uns que tiram já meia-noite, uma hora. Tem outros que já quer que tira mais cedo. Depende de como o dono da festa organiza a festa (A. R.).

Roda de cururu

Na maior parte do tempo, os cururueiros cantam parados, em pé, um ao lado do outro, formando um círculo. Quando estão nessa disposição, tem-se a roda de cururu. A partir do momento que eles começam a rodar, em sentido horário, tem-se a função do cururu, na qual os cururueiros executam sua coreografia, mas ainda cantando e tocando seus instrumentos.

Geralmente começa parado, o processo de cururu, aí é a roda de cururu. O pessoal fica de frente pro altar, e mesmo no improviso, louva o santo. Já olha o santo que tá lá, louva o santo e volta na toada de novo. Agora tem uma hora que um companheiro chama pra rodar, pra fazer a função do cururu, como a gente chama (T. F).

Sede

Atualmente, existe melhor organização dos grupos de cururu em Cuiabá. Os integrantes perceberam que muitas vezes os eventos aconteciam e eles nem ao menos ficavam sabendo. Outras vezes, havia mais de uma festa para ser contemplada, mas eles só cantavam em uma. Estabeleceram, então, um local onde é possível marcar as reuniões, montar a agenda de eventos, ensaiar e resolver assuntos pertinentes ao cururu. Segundo os nossos colaboradores, essa mudança foi boa, pois favoreceu a divulgação do trabalho do grupo.

Nós aqui vamos completar quatros anos da existência da nossa sede, mas pela cara de dezoito anos (risos) você tá vendo aqui, é um grupo que já cantava antes junto. Tem gente aqui que já canta junto tem mais de trinta anos. Mas, a agora a gente consegue saber melhor das coisas, das festas, de como a gente faz para ir. Agora a gente tem um uniforme, todo mundo já sabe que é do nosso grupo (T. F.).

Terno

As apresentações de cururu, geralmente, ocorrem em circunstâncias que exigem de seus participantes certo cuidado quanto ao vestir-se. São festas religiosas ou ocasiões oficiais e os cururueiros, tradicionalmente, apresentam-se vestindo camisa, calça e chapéu, a esse conjunto dá-se o nome de terno. Como afirma Andrade (1981, p. 20),

Quanto à indumentária, por pobre que seja, um cururueiro deve ter um terno. Terno significa conjunto de calça e paletó, ainda que diferentes entre si quanto ao tecido, cor, categoria. O paletó é a peça de cerimônia, guardado para os domingos, dias festivos, cururus, ocasiões especiais. A calça, usada com mais frequência, é lavada às vésperas de compor o conjunto.

Da indumentária cururueira, a peça essencial é o chapéu. Todos os cururueiros usam e, se fazem parte de um grupo específico, ainda há padronização de cor. No caso do grupo que acompanhamos, todos vestem chapéu preto. Interessante que mesmo os jovens cururueiros também usam chapéu. Ele simboliza uma marca do cantador de cururu.

O chapéu virou uma marca do cururu. Até os mais novos que entram, usam. Não que seja obrigado, até porque, assim, dos nossos tem muitos que não usam o chapéu cotidianamente. Mas os nossos avós, nossos tios, era comum, fazia parte da vestimenta do dia a dia usar chapéu e eles eram cururueiro. Então ficou uma marca, assim, do cururu. (T. F.).

Toada

A toada, no cururu, é a composição previamente elaborada. Esse tipo de composição aparece em alguns momentos da apresentação e pode abordar diferentes temas – o encontro amoroso, a história local, a política, a religião, entre outros. As toadas representam seus compositores, que passam a ser lembrados por elas. Com frequência, algum cururueiro canta a toada de outro compositor, mas com os devidos créditos, como uma homenagem.

Você vê tocando aqui, tem pessoas, tem hora que dizem não sei, não consigo entender o que vocês estão cantando, não é claro o que eles estão cantando. Eu digo, gente, não é claro, eles são verdadeiros compositores. Quando eles estão ali parados, eles estão criando a toada do cururu, como nós chamamos, seria a composição de uma música, na qual é para louvar um santo, é para dar uma cantada, é para aquelas coisas, tudo que tem na música popular brasileira, tem no cururu (A. R.).

Trovo

A composição de cururu que apresenta rima é chamada de trovo, como explica um dos cururueiros entrevistados por nós, dizendo que “nós aqui, como se diz, um verso que fala assim que é rimado, nós, os cururueiros, não chama rima, chama trovo. Diz, nós vamos trovar, com A, com ão, com Ei. Isso chama trovo. No linguajar, pra quem não sabe, é rima” (J. C.).

A rima que deve ser seguida por todos os cururueiros, em cada rodada, pode ser determinada em função do nome do santo que está sendo louvado. Por exemplo, se a festa homenageia São João, a rima será em ão. Em São Paulo, a rima era estabelecida pelo pedestre, cururueiro que não participava da apresentação, mas que ditava as rimas. Em Cuiabá, não existe essa pessoa.

Verso

O cururu pode apresentar dois tipos de composições: a toada e o verso. A toada é fixa, pronta, é marca de cada cururueiro e pode ser repetida algumas vezes. Já o verso é o repente, a composição criada no momento da apresentação, de improviso. A inspiração surge a partir do desejo de se homenagear o santo de devoção, de se elogiar o dono da festa ou para introduzir algum momento do cerimonial da festa de santo.

Os temas das toadas são variados, tem toada que fala sobre a amizade, que fala da morena. Só que, antes dele cantar a toada, ele tem que ver, assim, o que, o momento que é pra fazer o que. É pra chamar o rei pra pegar o santo, então ele improvisa um verso pra chamar o rei pra pegar a imagem do santo que está sendo celebrado, aí pode entrar com a toada dele que fala sobre a amizade. Então, mesmo que é um momento religioso, é um momento sacro, como ele está dizendo, o verso tem que acompanhar isso, já a toda não (T. F.).

Viola de cocho

Juntamente com o ganzá, a viola de cocho é o instrumento mais importante e emblemático do cururu. Trata-se de um instrumento de cordas, talhado em uma única peça de madeira, ainda hoje produzido artesanalmente. Tivemos a oportunidade de conhecer um dos artesãos de Cuiabá que, juntamente com outras pessoas, é um entusiasta da cultura popular e, com seu ofício, promove e perpetua a história da viola de cocho, para além dos limites do município. Atualmente, além da fabricação do instrumento, ele também ministra palestras sobre a viola de cocho e possui um projeto para a criação de um museu que preserve toda essa história.

Eu aprendi com o meu pai, o mestre Caetano, no qual eu passei a acompanhar ele desde os quinze anos de idade. Isso fez com que, até hoje eu estou nesse ofício e é o meu sustento de família. Hoje trabalha eu, minha esposa, meu filho. Ele na verdade com uns colegas mais antigos acabou segurando essa bandeira do cururu, do siriri, da viola de cocho. Hoje a viola-de-cocho é um patrimônio nacional e fez com a gente sentisse vontade de continuar com esse trabalho. Fez com que surgissem várias oficinas para ensinar o jovem que quer aprender a tocar a viola de cocho ou o ganzá. Nós ganhamos muito com isso, no sentido de manter a tradição (A. R.).

Para a pesquisadora Julieta Andrade (1981) que estudou sobre o instrumento, a viola de cocho pertenceria a um ramo dos alaúdes muito curtos com reduzido número de cordas. Uma tradição muito antiga que foi sendo incorporada por variadas culturas no decorrer da história.

Um de nossos colaboradores, cururueiro e professor de música, explicou-nos sobre a importância da viola de cocho para o cururu por ser um instrumento harmônico, diferentemente dos outros, que apresentam caráter percussivo. Ele também lembrou de outros instrumentos que hoje não são mais vistos nas apresentações, como o adolfo.

No cururu o instrumento que participa né? Além da voz é a viola-de-cocho e o ganzá. A viola é um instrumento já melódico, harmônico. Já o ganzá é um instrumento percussivo. Somente esses dois instrumentos que participam. Tempos atrás, é... tinha mais um instrumento que chamava adulfe, adolfo, que era uma espécie de pandeiro, mas foi abolido, né. Já tá em extinção, não se usa mais no cururu. Hoje é somente a viola de cocho e o ganzá. Às vezes também se usava aquele prato, chamado prato de ágata, outros falavam prato de folha, que se tocava com um garfo, um talher (T. F.).

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A observação e o estudo de uma determinada língua revelam processos de transformações e mudanças pelas quais essa língua passou em sua trajetória histórica. É por meio dela que o homem transmite seus pensamentos individual e coletivamente, sendo o meio de perpetuar ou renovar tradições. O falante, como um ser de cultura, tem o arbítrio de usá-la e modificá-la, de acordo com as necessidades de seu tempo. Conforme aponta Brandão (1991, p. 6).

A língua, portanto, só existirá para englobar a cultura, comunicá-la, transmiti-la. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda (BRANDÃO, 1991, p. 6).

Para além da mensagem, o falante também transmite outras informações em seu discurso que podem ser analisadas em diferentes níveis de estudo. Sua escolha vocabular, sua pronúncia e sua construção frasal podem dar pistas sobre a nacionalidade, faixa etária grau de escolaridade e grupo social a que pertence. Para este estudo, optamos pelo exame do aspecto lexical, por acreditarmos que o léxico reflita diretamente o conhecimento linguístico de uma comunidade. Sobre isso fala Cristianini:

A medida que o léxico se constitui, podemos observar como uma determinada comunidade vê o mundo que a rodeia, pois, por meio da língua, se deixam transparecer as ideologias, crenças, valores, costumes, práticas, hábitos e, conseqüentemente, as transformações sócio-econômico-político-culturais por que a comunidade passou em sua história (CRISTIANINI, 2012, p. 22).

Com especial interesse no léxico, buscamos nos referenciar nas ciências deste e suas disciplinas que acreditamos poderem contribuir significativamente para o presente estudo. Neste capítulo, faremos uma breve apresentação das disciplinas que nós aqui utilizamos, a lexicologia e a geolinguística, na busca de melhor compreender o fenômeno pesquisado.

A lexicologia vem a contribuir com nosso trabalho à medida que compreendemos que o léxico de uma língua em uso está em constante transformação e, quando se pretende investigar o grau de conservação e desuso na variedade oral de uma comunidade linguística, faz-se necessária uma minuciosa investigação de suas unidades lexicais. Por meio da consulta em obras lexicográficas, conseguiremos analisar as lexias quanto a seus contextos de utilização e datação. Por fim, na lexicografia, conhecida como a ciência dos dicionários, buscaremos os instrumentos necessários para a produção do glossário do cururu cuiabano.

Com o desejo de apresentarmos, ao final do trabalho, não apenas uma lista de palavras representativas do cururu, mas uma análise interpretativa dos dados coletados, acreditamos que é preciso considerar fatores extralinguísticos e somar forças com outras áreas do conhecimento. O método da geolinguística, juntamente com os preceitos da sociolinguística, contribui com a definição da escolha dos sujeitos da pesquisa, o recolhimento das unidades lexicais, a formulação do questionário semântico-lexical e sua aplicação. O sistema linguístico também é reflexo das mudanças sociais e culturais de uma comunidade e a sociolinguística nos permite observar elementos linguísticos a partir dos extralinguísticos.

3.1 Lexicologia e lexicografia

A humanidade tem na linguagem e, antes de tudo, no vocabulário, uma das primeiras maneiras de perceber e refletir o mundo. O léxico de uma língua natural se estabelece, portanto, da necessidade de nomear a realidade, mediante processos de cognição. Ao atribuir nomes aos objetos e seres que integram seu universo, o homem estabelece categorias a partir do reconhecimento de semelhanças e diferenças das entidades discriminadas. No que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Ao associar palavras a conceitos, o homem elaborou signos linguísticos que se estabelecem no universo referencial. Sendo assim, a língua reflete a sociedade em que está inserida, o que Benveniste (1989) chamou de “semantismo social”, pois a língua se constitui como um sistema e designações em constante movimento, uma vez que pode ser sempre renovado. A língua é um dos principais registros das diferentes formas de existência, em diferentes momentos e localidades, ainda para Benveniste (1989, p. 100) “o vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social”.

Para Benveniste (1989), língua e sociedade constituem dois sistemas indissociáveis, uma vez que, para o pesquisador ambas nasceram da mesma necessidade, a de se atingir o outro. Por meio da comunicação, é possível transmitir e perpetuar informações de cultura, o que acontece na presença de signos linguísticos. Contudo, são dois sistemas diversos, sendo difícil propor comparações entre eles, a não ser quando se estabelece, para o termo sociedade, o entendimento de coletividade humana e, para língua, a compreensão de formas significantes. Só assim podemos discutir as alterações dadas em determinada língua ou sociedade. Pois,

O que os homens veem mudar, o que eles podem mudar, o que eles efetivamente mudam através da história, são as instituições, às vezes a forma inteira de uma sociedade particular, mas nunca o princípio da sociedade que é o suporte e a condição da vida coletiva e individual. Da mesma maneira, o que muda na língua, o que os homens podem mudar, são as designações, que se multiplicam, que se substituem e que são sempre conscientes, mas jamais o sistema fundamental da língua (BENVENISTE, 1989, p. 96).

As diversas línguas naturais são o reflexo das diferentes formas de que o ser humano, nos mais variados pontos do globo terrestre, foi se apropriando do conhecimento, ou seja, “embora provavelmente se baseiem num processo de conceptualização universal, as línguas constituem sistemas muito distintos e variados” (BIDERMAN, 2001, p. 14). A arbitrariedade do signo linguístico demonstra que a forma que a conceptualização do mundo foi ocorrendo de maneiras diferentes, constituindo sistemas linguísticos variados, refletindo elaborações próprias de cada cultura.

Diferentemente dos outros domínios da língua, tais como morfologia, sintaxe e fonologia, o léxico é um sistema aberto, justamente por referenciar o universo humano, sendo que “as palavras geradas por tal sistema nada mais são do que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio (BIDERMAN, 2001, p. 14)”. Conforme são feitas novas descobertas nos ramos da ciência e da tecnologia, é necessário nomear tais invenções, por isso, o léxico de uma língua natural está em constante expansão.

A lexicologia é a ciência do léxico, que pode se interessar pela análise da palavra, pela categorização lexical ou pela estruturação do léxico, ou seja, a lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos (VILELA, 1994). O léxico está localizado em uma espécie de intersecção linguística que contata diversas áreas de estudo, como da fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática e semântica, esta última que apresenta especial aproximação, uma vez que o estudo do léxico está relacionado diretamente ao significado. Para a autora,

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (VILELA, 1994, p. 6).

Conforme a autora, o léxico de uma língua pode ser comparado a um dicionário ideal dessa mesma língua, sendo sua unidade básica a palavra. Ao longo dos séculos, o conceito de palavra foi marginalizado por alguns cientistas, sendo considerado um conceito pré-científico por André Martinet e, segundo Biderman (2001), Holt teria afirmado que a palavra poderia ser excluída da linguística.

Embora seja um termo que apresentou resistência por parte de alguns linguistas, percebeu-se que não se poderia abandonar de vez a noção de palavra, por se tratar de conceito-base para a compreensão de frase e morfologia, por exemplo. Sendo um dos critérios para se delimitar a palavra “a autonomia oracional, a permutabilidade externa e a existência da capacidade para desempenhar uma função sintática” (VILELA, 1994, p. 11).

Já nas décadas de 1950 e 1960, os linguistas Sapir e Whorf trouxeram um novo modelo de concepção de palavra: nele, considera-se a palavra como um reflexo da realidade social experienciada pelo falante, associando ao conceito de palavras fatores extralinguísticos que, até então, eram analisados separadamente da língua.

A conceitualização de palavra também foi buscada por Ullmann que se debruçou sobre os sentidos produzidos por meio da palavra, definindo-a como “unidade semântica mínima do discurso” (*apud* BIDERMAN, 2001, p. 151). Para ele, a palavra deveria ser entendida como a mínima unidade semântica e outras unidades gramaticais significantes menores que a palavra não possuiriam autonomia de significação.

Pelo exposto, percebemos que a definição de palavra foi bastante discutida ao longo dos anos e gerou divergências, mas é inegável que os linguistas consideram a relevância do termo e o debate a respeito dele.

Para Vilela (1994), a unidade básica da lexicologia é a palavra e seus estudiosos têm se dedicado, principalmente, às questões de formação de palavras e criação lexical, a neologia. Mas, a lexicologia frequentemente dialoga com a dialetologia e a etnolinguística, em pesquisas interdisciplinares sobre língua e cultura.

Outra importante ciência do léxico que não deve ser confundida com a lexicologia é a lexicografia. Trata-se do estudo da descrição da língua feita pelos dicionários. O fazer lexicográfico é muito antigo e teve início com os glossários latinos medievais que listavam palavras com o intuito de ajudar o leitor a compreender os textos da antiguidade clássica ou bíblicos. Para Biderman (2001), a lexicografia teve seu início, de fato, com a construção dos primeiros dicionários, que ocorreu nos séculos XVI e XVII. Em língua portuguesa, as primeiras obras lexicográficas representativas são o **Vocabulário Português-Latino**, elaborado por Rafael Bluteau (1712-1728) e o **Dicionário da Língua Portuguesa** de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789).

Grande parte dos registros e descrição do léxico foi sendo realizada pela lexicografia e muito daquilo que temos de acervo hoje é graças a essa ciência, mesmo que com pouco cientificismo, sendo “muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos” (BIDERMAN, 2001, p. 17).

Os dicionários configuram o produto final da pesquisa lexicográfica e têm por objetivo “registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos básicos elaborados e cristalizados na língua” (BIDERMAN, 2001, p. 17). Também os dicionários desempenham uma função normativa, uma vez que registram formas e informações fixadas socialmente e usadas por sua comunidade linguística.

Segundo Verdelho (1990), a lexicografia portuguesa moderna tem por referencial as publicações de Bernardo Barcelar, em 1783, e de Antônio de Moraes Silva, em 1789. Mas, os dicionários, como os conhecemos atualmente, só passaram a desempenhar a função de escolarizar a aprendizagem de uma língua através da decodificação de significado com os seguintes dicionaristas: Moraes Silva, Cândido Figueiredo e Francisco Júlio de Caldas Aulete.

A elaboração de uma obra lexicográfica demanda esforços grandiosos de pesquisa, uma vez que conceituar termos não é tarefa fácil e exige do pesquisador a busca por critérios científicos que corroborem seu trabalho. Essa construção advém do recorte do vocabulário em uso da comunidade linguística estudada, pois “claro está que os significados e usos referidos

são aqueles já registrados e documentados em contextos realizados e não valores semânticos possíveis, eventualmente atribuíveis aos lexemas da língua” (BIDERMAN, 2001, p. 18).

De forma sucinta, o dicionário organiza seu conteúdo em verbetes, que são suas unidades mínimas. Cada verbete é constituído pelas entradas lexicais, ou lemas que estabelecem relação de sentido com um termo da língua ou a um referente do universo extralinguístico, buscando ofertar a definição de uma palavra. Modernamente, o verbete apresenta abonações, que podem ser da realização da língua oral ou escrita, e, ainda, traz informações sobre registros sociolinguísticos do uso da palavra.

3.2 Processos de renovação lexical

O acervo lexical das línguas naturais está em constante processo de renovação, à medida que o universo referencial muda, há a necessidade de se criar nomenclaturas para atender a essa demanda. Palavras deixam de ser utilizadas, perdendo prestígio na sua comunidade linguística, enquanto outras são criadas por seus falantes. Esse processo de criação lexical é chamado de *neologia* e, os elementos resultantes dele são os *neologismos*.

O léxico, por configurar um sistema mais aberto da língua, permite-nos observar com maior frequência essas modificações – nele são refletidas diretamente as transformações sociais e culturais de sua comunidade linguística, enquanto outros sistemas, mais estruturantes, são menos passíveis de modificar-se e quando ocorre tal alteração, leva-se, geralmente, muito tempo no processo. Vilela, (1994, p.14) afirma que

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

Segundo Alves (1994), o léxico da língua portuguesa, de origem latina, vem ampliando seu acervo por meio dos mecanismos de derivação e composição, que já ocorriam no latim. Há também a possibilidade de o idioma herdar unidades lexicais de outros sistemas linguísticos. No caso do português, esse fenômeno ocorre desde sua formação, por meio do contato entre variadas comunidades de fala. Atualmente, esses empréstimos linguísticos são frequentemente oriundos da língua inglesa, principalmente do que diz respeito a termos ligados à tecnologia.

A neologia, ou seja, a criação lexical é direito de todo e qualquer falante de uma determinada língua, porém, o novo termo, para ser aceito por sua comunidade linguística e

passar a compor seu vocabulário, geralmente segue alguns critérios, a fim de manter certa inteligibilidade. Com base em grandes meios de comunicação que os neologismos têm a oportunidade de serem conhecidos pelo grande público e até mesmo integrarem seu vocabulário. Hoje as novas mídias são as grandes responsáveis por esse fenômeno e tornaram esse processo muito mais acelerado. Ferraz (2007, p. 55) salienta que

os neologismos se apresentam, inicialmente, como unidades do discurso, tornando-se unidades do sistema linguístico quando revelam caráter permanente e estável. Podemos dizer que depois de criadas num ato de fala, as novas unidades léxicas passam a ser aceitas pelos interlocutores e, a partir de então, reutilizadas em outros atos de comunicação. A frequência de uso dos neologismos faz com que, gradativamente, a sensação de novidade lexical vá se perdendo até que, naturalmente, as unidades neológicas passam a integrar o conjunto das unidades lexicais memorizadas e de distribuição regular entre usuários da língua.

Os neologismos sintáticos são estabelecidos por meio da combinação de elementos já existentes no sistema de uma língua e acabam por extrapolar o nível lexical, uma vez que o acréscimo do sufixo à base pode alterar a classe gramatical da palavra-base. Fundamentalmente, são dois os processos mais frutíferos, em língua portuguesa: a derivação, que é estabelecida pela junção de afixos a uma base; e a composição, que ocorre por aglutinação ou justaposição de bases autônomas ou não autônomas.

Dessa forma, a língua, tal qual um organismo vivo, vai se renovando naquelas estruturas que se tornam obsoletas, ao mesmo tempo que se mantém, naquelas que são estruturantes e garantem o funcionamento dela. Nossa pesquisa tem por objetivo realizar a análise semântico-lexical do vocabulário do cururu cuiabano, com vistas a verificar os graus de manutenção e desuso dos itens estudados.

Para tal, utilizamos o referencial elaborado por Moraes (2016, p. 99), que determina cinco categorias classificatórias, a fim de melhor compreender o fenômeno estudo, sendo elas:

1. **Manutenção semântico-lexical:** há reconhecimento da forma e da acepção buscada, entre a maioria dos sujeitos da pesquisa;
2. **Manutenção da forma e desuso semântico:** há apenas o reconhecimento das formas, mas não da acepção buscada;
3. **Tendência à manutenção:** reconhecimento da lexia buscada, em forma e acepção, entre todos os sujeitos da pesquisa, não importando a faixa etária;
4. **Tendência ao desuso:** reconhecimento da lexia buscada, em forma e acepção, apenas entre o grupo de sujeito mais velhos da pesquisa;
5. **Desuso semântico-lexical:** unidade lexical sem reconhecimento entre os sujeitos da pesquisa.

3.3 A Geolinguística

A Geografia Linguística teve em Jules Gilliéron (1902) seu fundador, cientista sensibilizado pelos anseios de seu mestre, Gaston Paris (1888), que idealizou e concretizou o Atlas Linguístico da França – ALF (1902-1910), obra de extrema importância para os estudos dialetais e que muito contribuiu como método de investigação científica.

Gaston Paris havia atentado para o fato de que o linguajar campesino estava sendo corrompido pela língua comum, devido à centralização francesa, seguido de uma expansão cultural e, sendo assim, existia a necessidade de se fazerem os registros dos dialetos franceses, antes que desaparecessem as formas populares. Para isso, foi proposta a criação de um atlas no qual estivessem registradas e conservadas as formas linguísticas.

Gilliéron confiou a recolha dos dados a Edmond Edmont, comerciante interessado pelo assunto e que já havia realizado trabalho sobre o léxico de Saint-Pol-sur Ternoise. Para o pesquisador, alguém que não fosse um cientista melhor conseguiria identificar e registrar os fenômenos pretendidos. Brandão (1991, p. 10) relata que “Gilliéron partia, portanto, do princípio de que só um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não se deixando trair por conhecimentos, expectativas ou preconceitos linguísticos”.

Diferentemente de outros trabalhos realizados por Gilliéron, o questionário do ALF contemplava, para além de aspectos fonéticos, os sintáticos, os morfológicos e os lexicais. Foram escolhidas 639 localidades onde se falavam dialetos franceses, provençais e franco-provençais, mas que não eram grandes cidades, uma vez que se desejava recolher o vernáculo. Também foram excluídas aquelas regiões francesas de língua não românica, áreas de domínio bretão, basco e flamengo.

Essa pesquisa teve início em 1897, as respostas recolhidas por Edmont eram transcritas em cadernos e o material era enviado a Gilliéron, que fazia a edição. Trabalho que foi realizado com seriedade ao longo de quatro anos, por meio do questionário que foi sendo construído e que chegou a contar, ao final, com 1.920 questões.

O critério adotado para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi a faixa etária. Edmont acreditava que as pessoas de maior idade seriam aquelas que melhor conheceriam o dialeto local. Ele aplicava, então, o questionário, ao passo que fazia a transcrição fonética simultânea das respostas. A tecnologia dos gravadores de voz não era uma realidade naquele momento histórico e os registros que temos dessa época retratam o empenho dos pesquisadores, mas que,

inevitavelmente, ficaram limitados ao entendimento do entrevistador, uma vez que ele não podia acessar posteriormente a conversa realizada, a fim de conferir possíveis dúvidas de compreensão.

Ao receber os cadernos de Edmont, Gilliéron dava ao material coletado e registrado o tratamento necessário para a elaboração dos mapas. Ao final, foram criados 1.920 mapas linguísticos, sendo um para cada conceito.

O ALF trouxe diversas contribuições para a Dialectologia. Gilliéron destacou-se no desenvolvimento e aplicação do método da Geografia Linguística, coletou e registrou em mapas os dialetos franceses do século XIX, o que nos permitiu observar que não há áreas dialetais uniformes, mas que essas fronteiras são permeáveis e suas palavras migram, sendo alteradas ou substituídas por sinônimos.

No tocante à metodologia, o ALF atentou para a importância da interação face a face entre sujeito-entrevistado e sujeito-entrevistador, *in loco*, na coleta dos dados, fato que não vinha acontecendo, anteriormente, na elaboração de outros atlas, na Europa, como era o caso do questionário por correspondência desenvolvido por Wenker (1852-1911), na Alemanha, que enviava questionários a professores e pessoas consideradas cultas e que, a partir das respostas recebidas, elaborava os cartogramas.

Na metade do século XX, o professor Manuel de Paiva Boléo fez um apelo à academia quanto à inexistência de um Atlas Linguístico de Portugal, uma vez que, em tal período, outros países românicos já os tinham concretizado ou estavam no processo de elaboração destes. Voltou a salientar que

Só Portugal passa pela vergonha de não ter feito nada de concreto neste capítulo! E não é só vergonha, é também um grave perigo não se criarem quanto antes as condições necessárias para que os dialetos e os falares regionais sejam explorados com a maior urgência e de forma sistemática (BOLÉO, 1942, p. 17).

Em sua obra, **O estudo dos dialetos e falares portugueses** (1942), Boléo apresentou inúmeras dificuldades para a realização do atlas português, desde a escassez de material de pesquisa, pois havia poucos exemplares de atlas linguísticos nas bibliotecas de Coimbra e Lisboa, até a falta de material humano capacitado para esse tipo de estudo.

Reconhecendo, assim, tais limitações, mas desejoso de alguma maneira registrar os falares de Portugal, o pesquisador viu, no inquérito por correspondência (nomenclatura usada por ele), uma solução viável, mesmo ciente da problemática contida nessa metodologia. “Não obstante conhecer os inconvenientes que apresenta sempre um inquérito feito nestas condições,

estou certo de que, apesar de tudo, vai prestar bons serviços e suscitar dedicações” (BOLÉO, 1942, p. 22).

Apesar de compreender as limitações contidas em uma pesquisa dialetal feita sem interação interpessoal direta, na qual, inevitavelmente, são perdidos desde expressões faciais e gestos até diálogos mais complexos com o sujeito-entrevistado, a pesquisa feita por correspondência foi uma solução viável para aquele momento histórico de poucos recursos financeiros, tecnológicos e até mesmo de pessoas. O questionário linguístico, nomeado então de **Inquérito Linguístico Boléo**, era enviado a padres e professores primários, que recebiam também instruções de como aplicá-lo e o faziam contribuindo de forma valorosa para a compilação daquelas informações. Os dados colhidos eram enviados de volta ao professor Manoel de Paiva Boléo que faria, assim, o tratamento deles.

Também foi da metade do século XX a intenção de se produzir um atlas linguístico brasileiro, idealizado, entre outros pesquisadores, por Antenor Nascentes, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto.

Em seu **Guia para estudos dialetológicos** (1957), Serafim da Silva Neto alertou para criar no Brasil uma mentalidade dialetológica, com terreno fértil para as pesquisas de campo. Elencou algumas condições importantes para isso, tais como a criação de um curso anual de Dialetologia brasileira nas faculdades de filosofia, e o incentivo dos professores no encaminhamento de seus alunos para tipo de estudo.

Silva Neto reconheceu as inúmeras dificuldades, assim como Boléo e Gilliéron, em realizar tal projeto, considerando principalmente a realidade brasileira de um país de dimensões continentais, com infraestrutura precária de estradas e acessos, além das questões de incentivo financeiro governamental na viabilização do projeto.

Ao mesmo tempo que o autor nos preveniu dos possíveis percalços, ele também nos encorajou dizendo que “a ele havemos de chegar, mas temos de partir do começo, se o quisermos realizar com segurança. Não é obra fácil, nem passível de se fazer apressadamente. Um atlas linguístico é empresa que exige cerca de 20 a 25 anos de trabalho” (SILVA NETO, 1957, p. 11).

Há ainda na obra do referido autor uma ressalva quanto à confecção de atlas regionais que, segundo ele, “não substituem os atlas nacionais: são diferentes os objetivos de uns e de outros e eles por isso, se completam, mas não se excluem” (SILVA NETO, 1957, p. 13).

E foi por meio dos atlas regionais que caminhamos e progredimos nos estudos dialetais brasileiros, criando, assim, a cultura dialetológica desejada por Serafim da Silva Neto. Foram sendo elaboradas, ao longo dos anos, obras significativas dessa natureza. Desde **O dialeto**

caipira (1920); passando pelo **O linguajar carioca** (1923) e pelo **O Atlas prévio dos falares baianos** (1963); chegando ao **Atlas Linguístico da Paraíba** – ALPB (1985), ao **Atlas Linguístico de Sergipe** – ALS (1987) e ao **Atlas Linguístico do Paraná** – ALPR (1994).

Imbuído desse mesmo sentimento, o de registrar a língua falada, de uma determinada comunidade e em determinado momento histórico, que esse trabalho humildemente busca trilhar o caminho fundado por esses pesquisadores. E, para isso, o questionário semântico-lexical é ferramenta fundamental. Sua elaboração e metodologia de aplicação serão tratadas no próximo subcapítulo.

3.4 O questionário semântico-lexical

O questionário linguístico está presente nas pesquisas da geolinguística desde sua criação, configurando seu instrumento principal. Dependendo do objeto a ser estudado, há a escolha do tipo de questionário a ser utilizado, uma vez que não há apenas um modelo, mas variações de acordo com o nível linguístico que se deseja examinar. No presente trabalho, nos limitaremos a discutir a respeito do questionário semântico-lexical.

É constituído por questões descritivas que têm por finalidade registrar a forma utilizada pelo sujeito-entrevistado a respeito de um determinado objeto do mundo referencial ou imaginário. A aplicação dessas perguntas é feita em ocasião de entrevista que ocorre, geralmente, em situação de pouca familiaridade, pois os envolvidos, em muitas das vezes, pouco ou não se conhecem. O sujeito-entrevistado é escolhido por atender a critérios de perfil pré-determinados e por ter aceitado colaborar com a pesquisa.

A fim de garantir que as informações colhidas possam ser passíveis de análise e comparação, faz-se necessário seguir um roteiro de entrevista, conferindo certa uniformidade ao conjunto, o que não significa que haja total enrijecimento na postura do entrevistador, pois é na interação comunicativa que elementos almejados de serem registrados podem emergir.

A maior parte das respostas se dá por lexemas, podendo ocorrer, em menor escala, algumas situações de diálogo, nas quais o pesquisador questiona se o entrevistado conhece um outro registro ou se há alguma informação complementar para aquele item. Dessa forma, o objeto de pesquisa principal dos trabalhos de Geolinguística passa a ser os lexemas que, posteriormente, são listados e tabulados, para servirem de base na elaboração de cartas lexicais que constituem os atlas linguísticos.

Embora as transcrições dos diálogos estabelecidos durante as entrevistas não sejam inseridas nos mapas, podem e muitas vezes são materiais utilizados para estudos posteriores,

até mesmo porque há uma limitação espacial e um objetivo estabelecido na elaboração de mapas e atlas linguísticos.

O fazer científico também está atrelado às condições de pesquisa, sendo que, o avanço tecnológico vem a contribuir no sentido de facilitar algumas situações de coleta de dados. Uma tecnologia que, atualmente, é banal e trouxe grande benefício para os estudos dialetológicos é o gravador de voz. As entrevistas tornaram-se mais rápidas, uma vez que o pesquisador passou a poder fazer suas transcrições posteriormente e recorrer a elas quantas vezes forem necessárias, até ter certeza da ocorrência de determinado fenômeno.

As estradas e os meios de locomoção também melhoraram, além de muitos estudos que foram sendo feitos nessa área do conhecimento, contribuindo para o aprimoramento dessa metodologia. Mas, é justamente nesse momento histórico de consolidação do saber, que corremos o risco de nos acomodarmos e repetirmos as fórmulas standardizadas. É preciso reflexão sobre a motivação de se fazer e os melhores meios para se produzir um atlas linguístico.

A motivação para elaboração de um atlas está nas especificidades da localidade de onde derivará tal estudo. A partir do desejo de se estudar algum fenômeno linguístico, deve-se procurar conhecer e entender a história social do lugar onde ele ocorre, para, dessa forma, almejar a elaboração do questionário linguístico. Para Boléo, “o êxito de um atlas linguístico ou mesmo de um simples inquérito como aquele que vai realizar-se em todo o país, depende em grande parte do questionário previamente elaborado – o trabalho preparatório mais difícil” (BOLÉO, 1942, p. 25).

Tomemos por definição de questionário linguístico semântico-lexical a oferecida por Santos: “segmentado em domínios, é constituído de um conjunto de questões que visam a indagar a designação atribuída por um sujeito-entrevistado a um determinado objeto do mundo/espço referencial ou imaginário” (SANTOS, 2012, p. 39).

Não é tarefa mesmo fácil a elaboração de um questionário linguístico, por isso que os estudiosos concordam em dizer que se faz necessário considerar esse um processo aberto, passível de modificações.

Um questionário, por mais bem feito que esteja, nunca se pode considerar obra definitiva; os exploradores dos falares terão de completar e modificar de harmonia com a feição própria de cada região, com o modo de viver dos seus habitantes e também, em parte, com o objetivo que propõe o investigador (BOLÉO, 1942, p. 33).

Por isso a importância de se elaborar uma base preliminar de questões e ir a campo para testá-las. Esses testes envolvem desde a percepção de entendimento da questão, podendo haver

questões dúbias ou mal formuladas, até o desconhecimento total de determinado assunto, por não fazer parte daquela cultura.

Os resultados obtidos no inquérito experimental – entre eles incluídas as experiências advindas do contato interpessoal (documentador/informante) – poderão levar à mudança de critério de seleção de informantes, à inclusão de perguntas no questionário (ou, ao contrário, a exclusão de algumas delas), e, mesmo, à ampliação do número de pontos de inquérito (BRANDÃO, 1991, p.35).

Ao longo de nosso percurso de pesquisa sobre o vocabulário do cururu cuiabano, fizemos um primeiro contato com a comunidade pretendida no ano de 2017, quando pudemos conhecer e estabelecer nossa rede de sujeitos da pesquisa e com eles aplicar, durante conversas livres, o que Brandão (1991) chamou de inquérito experimental. Nessas entrevistas informais, coletamos material de valiosa importância para nosso trabalho, uma vez que ele nos guiou para uma reflexão sobre aquilo que já havíamos produzido, tais como questões mal formuladas ou improdutivas para aquela realidade e até mesmo a ampliação do número de questões do nosso questionário semântico-lexical.

Ao retornarmos no ano de 2018 a Cuiabá, em posse de um questionário revisado, percebemos o quanto aquela conversa prévia foi importante para tornar a nossa pesquisa mais objetiva e com resultado mais próximo ao da realidade estudada, mas reconhecemos as limitações do trabalho de campo que implica tentar prever diversas situações e que, obviamente, nem sempre é bem-sucedido.

Uma questão que pode ser suscitada, ao analisarmos os dados de um atlas nacional ou mesmo regional, quando temos um país como o nosso, de vasta diversidade cultural, social e paisagística, é de como elaborar um questionário uno que reflita tal diversidade. Serafim da Silva Neto (1957) nos ofereceu pistas para essa resposta, lembrando-nos que a vantagem de aplicar o mesmo questionário em toda extensão territorial é a de poder estabelecer, posteriormente, comparações desses dados, fato que não seria possível se não houvesse tal unidade.

O questionário nos oferece, desde logo, duas vantagens: a de se poder, periodicamente, investigar determinados grupos de designações e auxiliar, portanto, a memória do inquiridor ou dos inquiridores, e a de ser aplicável a todo território, conferindo assim a possibilidade de se comparar os materiais (SILVA NETO, 1957, p. 28).

Encontramos, contudo, no Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç, a metodologia que nos apontou para nova perspectiva. Pelos conceitos que abrangem este

questionário tratem de diversas áreas semânticas, devido àquela realidade cultural sócio-histórica, optou-se por considerar dois grupos de sujeitos-entrevistados: um principal, que responde às questões de conhecimento geral; e um secundário, para os saberes mais específicos. Sob essa luz, é possível pensar em um atlas de caráter nacional que possa contemplar tanto os aspectos da língua, que são comuns à maior parte da população, quanto àqueles que caracterizam as peculiaridades de cada região.

Autores como Manoel de Paiva Boléo e Antenor Nascentes já apontavam para esse direcionamento. Em sua obra, **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**, Antenor Nascentes (1958) sugeriu um questionário de caráter geral, mas advertiu para que cada região tivesse seu questionário suplementar próprio. E Boléo afirmou que “há partes do questionário que terão de ser encurtadas ou alargadas, conforme as necessidades da região. Assim, numa região montanhosa conhecer-se-ão poucos peixes e, inversamente, numa praia podem conhecer-se poucas árvores” (BOLÉO, 1942, p. 36).

O uso de ilustrações ou objetos podem ser bons aliados do investigador no momento de se aplicar o questionário. Por mais experiente que o pesquisador seja e por maior conhecimento e preparação que apresente, somente no momento de cada entrevista que será possível avaliar o sucesso do questionário elaborado. O próprio Silva Neto (1957, p. 34) considerou que é preciso lembrar, contudo, que as pesquisas de campo são a negação de todo e qualquer esquematismo. Cada região tem seus problemas próprios, que muitas vezes não podem ser resolvidos senão no terreno.

Dá a importância da sensibilidade do pesquisador em fazer adaptações, reformular a questão, fazer algum gesto ou mostrar uma imagem ou até mesmo um vídeo, recurso hoje bastante acessível, devido às inovações tecnológicas de internet sem fio. Para Boléo (1942, p. 44), tratando-se de objetos ou trajes característicos de uma localidade e que sejam mal conhecidos, seria ótimo que viessem acompanhados, quando possível, de desenhos, ou então de fotografias tiradas de propósito.

No já referido Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores, a utilização de imagens, desenhos elaborados exclusivamente para esse trabalho, é algo comum, podendo ser observada em várias das cartas, principalmente, naquelas que dizem respeito à fauna ou flora das ilhas, como na carta da gaivota, na qual a ave é retratada.

Nos casos que julgamos serem necessários, usamos fotografias para facilitar a compreensão do entrevistado e evitar possíveis confusões. Por exemplo, quando desejávamos

obter por resposta o nome de um dos instrumentos musicais utilizados no cururu: o “ganzá”. Acreditamos que a forma mais objetiva de fazer essa indagação seria apontar para a imagem ou para o próprio objeto, quando possível, e perguntar o que era aquilo.

O número de questões de um questionário linguístico também foi sofrendo alterações com o passar do tempo. Gilliéron, ao final de seus estudos, chegou a uma monta de quase dois mil itens. Nesses moldes, inicialmente, o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza contava com quatro mil perguntas, que foram reduzidas pela metade devido à inviabilidade desse projeto. O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2014), apresenta 421 perguntas, abrangendo aspectos de cunho fonético-fonológico, prosódico, semântico-lexical e morfossintático.

Os questionários linguísticos foram sendo modificados conceitual e metodologicamente, a fim de atender às demandas de pesquisa mais atuais. A Dialectologia, a princípio, ocupava-se de investigar a diatopia, fazendo o levantamento de pontos geográficos a serem estudados e selecionando, como sujeitos da pesquisa, homens idosos, analfabetos e nascidos na localidade. Hoje, as pesquisas são motivadas pelo viés da pluridimensionalidade, no qual são observados outros fatores que podem ser condicionadores de variação e, portanto, desejáveis de serem analisados.

Há, atualmente, o interesse em se observar para além da variação diatópica, considerando fatores diageracionais, diagenéricos, diastráticos e etnográficos. Para tanto, devemos considerar trabalhos interdisciplinares que, embora orientados pela Dialectologia, possam conter vieses sociolinguísticos, por exemplo.

Essa reflexão, que hoje é predominante no pensamento dos estudiosos, exige, por outro lado, a aceitação por eles mesmos, de outra metodologia de trabalho e, ainda, leituras e informações que permitam uma pesquisa com maior fundamentação, a fim de que o tratamento teórico seja o real suporte da interpretação dos dados (OLIVEIRA, 2005, p. 388).

O questionário linguístico é um instrumento valioso, de grande contribuição da Geolinguística para os estudos dialetológicos. Houve um percurso percorrido e outro que está se trilhando, como todo fazer científico.

Já não se crê mais, como Gilliéron, que um leigo deva proceder a entrevista, mas, ao contrário, é desejável que essa tarefa seja feita por um pesquisador preparado e consciente da metodologia escolhida. O inquérito por correspondência, apontado por Boléo como sendo uma opção, em um momento histórico escasso de recursos financeiros e humanos, não oferece, hoje,

as garantias de que precisamos. Como já apontava Silva Neto, “o tipo ideal de inquérito linguístico é a pesquisa *in loco*, a pesquisa no terreno” (SILVA NETO, 1957, p. 27).

Inicialmente, os trabalhos realizados pela Dialetoлогия apresentavam interesse exclusivo pela variação diatópica, prioritariamente, em áreas rurais. Hoje, as pesquisas dialetológicas seguem um caminho interdisciplinar, buscando respostas e direcionamentos na Sociolinguística, por exemplo. Esse novo olhar deu origem à dimensão pluridimensional da Dialetoлогия, uma vez que passou a se ocupar, além da dimensão diatópica, também da diageracional, da diassexual e da diastrática.

Produzir um questionário semântico-lexical exige muito trabalho, a começar pelo reconhecimento da história social da localidade determinada na pesquisa, das pessoas que a compõem, passando pela elaboração de um questionário experimental, que deverá ser testado e reelaborado, na expectativa de se conseguir obter um retrato o mais fiel possível da realidade linguística pretendida de ser estudada, chegando ao término do estudo.

É desejável que o sujeito-entrevistado esteja confortável na situação de entrevista, mas a formalidade existe e ela pode interferir no material coletado. A presença de um gravador de voz e de uma pessoa desconhecida que, na maioria das vezes, não pertence àquela localidade, com sabido grau de escolaridade superior, podem fazer que os colaboradores se sintam constrangidos e modifiquem sua fala natural, omitindo realizações consideradas de menor prestígio social. As conversas livres tornaram-se material importante nesse tocante, pois proporcionam certa interação inicial entre os envolvidos e geralmente deixam os sujeitos entrevistados mais à vontade em tal situação. É também por meio desse diálogo inicial que são recolhidas formas e estruturas a serem investigadas no pretendido questionário.

Não há respostas prontas ou unas, mas o desejo constante de se registrar de forma coerente e ética os mais diferentes falares. Partindo dos estudos clássicos, as pesquisas atuais também vêm incorporando perspectivas teórico-metodológicas diversas, mediante os objetivos estabelecidos.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que nossa pesquisa fosse sistematizada, buscamos, na metodologia de algumas disciplinas, os critérios e procedimentos para nos guiar durante a construção de nosso trabalho.

A sociolinguística nos ajudou a definir como seria feita a escolha dos sujeitos da pesquisa; a geolinguística, contribuiu para a recolha das lexias, a formulação e aplicação do questionário, a fim de alcançarmos os dados pretendidos. O detalhamento desse processo pode ser acompanhado a seguir, neste capítulo.

4.1 Classificação e seleção dos sujeitos

Com interesse específico no léxico cururueiro, em Cuiabá, coletamos material por meio de entrevistas com os cururueiros. Além disso, também nos valem da consulta de alguns autores que abordaram o assunto, tais como Andrade (1992), de gravações de cururu a que tivemos acesso e do trabalho de Brito (2013) sobre o cururu em Piracicaba, São Paulo.

O modelo de seleção de sujeitos da pesquisa, segundo a orientação da sociolinguística, sugere que “para cada uma das células (...) você necessitará de um número mínimo de 5 sujeitos, de modo a garantir a representatividade da amostra” (Tarallo, 1994, p. 29). Contudo, entendendo que o nosso questionário se limita a um único campo semântico, o cururu, e, por essa razão, apresentando quarenta e duas questões, propusemo-nos a ampliar o número de sujeitos da pesquisa de cinco, para dez, em cada uma das células.

Para tal, determinamos nossa relação de sujeitos da pesquisa, selecionando um grupo de cidadãos cuiabanos, nascidos na localidade, separados por sexo (masculino e feminino), e

por faixa etária (até trinta e cinco anos e superior a essa idade). Cada uma dessas células contando com dez voluntários. Nesse grupo, não há cururueiros, pois dessa maneira poderíamos averiguar o *status* atual do vocabulário do cururu, entre a população não envolvida diretamente com esse fazer e determinar, assim o grau de manutenção ou mudança desse léxico.

Já o segundo grupo é composto por cururueiros apenas, também nascidos na localidade, divididos nas duas faixas etárias, estabelecidas acima, mas apenas homens, uma vez que o cururu é tradicionalmente masculino. Cada uma dessas células também é composta por dez sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, estabelecemos sessenta sujeitos da pesquisa que foram selecionados de acordo com os critérios anteriormente relacionados, e a seguir descrevemos os grupos:

Cururueiros		Não cururueiros			
Idade inferior a 35 anos	Idade superior a 35 anos	Idade inferior a 35 anos		Idade superior a 35 anos	
Homens	Homens	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10 sujeitos	10 sujeitos	10 sujeitos	10 sujeitos	10 sujeitos	10 sujeitos

Nosso objetivo foi buscar compreender o atual *status* do cururu na cidade de Cuiabá – se ainda há o reconhecimento das lexias que compõem o presente vocabulário do cururu pela população desse município. Posteriormente, poder estabelecer um comparativo entre os resultados obtidos com a pesquisa já feita em Piracicaba, cidade de origem do cururu, com os resultados alcançados na capital do Mato Grosso, estado para onde o cururu foi levado.

Nós já tínhamos, como base inicial de dados, o vocabulário do cururu piracicabano, que nos guiou durante as entrevistas livres que realizamos com um grupo de cururueiros e pessoas da comunidade também envolvidas com as tradições populares da região. Foi assim que estabelecemos nossa rede de contato e passamos a conhecer melhor as particularidades do cururu em Cuiabá, o contexto em que ele se insere, a relevância dele para seu grupo social, como ocorre e as diferenças linguísticas para sua significação.

Os cururueiros com quem conversamos receberam-nos com gentileza e curiosidade em conhecer as diferenças existentes entre as duas localidades e contribuíram significativamente para a elaboração do questionário, no qual também estão presentes as lexias encontradas na bibliografia consultada e nas letras das músicas a que tivemos acesso.

Feita essa primeira interação, elaboramos um primeiro questionário, um esboço e o testamos com um dos nossos colaboradores, que nos guiou quanto às limitações daquilo que havíamos produzido. Algumas questões estavam mal formuladas, outras eram ambíguas e precisaram ser revisadas. Fizemos as correções sugeridas por nosso colaborador cururueiro e, reconhecendo que o trabalho da pesquisa de campo nunca está completo, aplicamos nosso questionário com a nossa rede de colaboradores.

Totalizando o número de sessenta sujeitos da pesquisa, optamos pela pesquisa direta, *in loco*, quanto à forma de coleta de dados, evitando questionários aplicados por terceiros. Isso se deve ao fato de que, à distância, não há como observar casos de direcionamento das respostas, o que alteraria o resultado da pesquisa.

Para tanto, procuramos elaborar as perguntas seguindo os preceitos da onomasiologia, de modo que fosse possível obter como resposta a lexia desejada ou outras que se configurassem como variáveis dela. Com especial interesse de testar nossa hipótese, a de que o vocabulário do cururu cuiabano é reconhecido e prestigiado em sua comunidade, reunimos uma seleção de lexias que podem ser observadas, juntamente com o questionário semântico-lexical que foi aplicado, a seguir.

Questionário Semântico-Lexical do cururu cuiabano

1. **Chá-com-bolo**

Como é chamada a refeição servida, pela manhã, na recepção da festa de santo?

2. **Cururu**

Como é chamado o estilo musical encontrado em Mato Grosso, tocado e cantado apenas por homens, ao som da viola de cocho e do ganzá?

3. **Toada**

Os versos que o cururueiro já tem preparado e canta em sua apresentação recebem qual nome?

4. **Verso**

Como se chama a composição improvisada, elaborada durante a apresentação de cururu?

5. **Trovo**

No cururu, como se chama a composição que apresenta rima?

6. Pé-de-verso

Em uma apresentação rápida, na qual o número de versos a ser apresentado deve ser limitado, qual o nome que se dá a essa quantidade de versos que será cantada por cada cururueiro?

7. Ponto

Como é chamado o verso construído para fazer ou responder a uma provocação?

8. Louvação

Nas festas de santos, como se chama o momento no qual os cururueiros cantam para homenagear algum santo?

9. Rainhado

Como se chamam os versos cantados para convidar os presentes a dar início à procissão, na festa de santo?

10. Baixão

Como se chama, no cururu, o momento final, conhecido como grito, em que todos os cururueiros entoam juntos uma vocalização mais alta?

11. Cururueiro

Como se chama o cantador de cururu?

12. Cantar na escritura

Quando o cururueiro canta sobre temas relacionados às histórias da bíblia, diz-se que ele está a...?

13. Cantador de Lari Larai

Como se chama o cururueiro considerado ruim, que não compõe boas toadas, não possui habilidade em improvisar versos?

14. Desentoado

E como se chama o cururueiro desafinado?

15. Cantar esclarecido

O que se diz sobre um bom cantador de cururu, alguém que compõe bonitos versos, com boa entonação? Diz-se que ele canta...?

16. Galanteoso

Como é chamado um cururueiro que apresenta preocupação com sua aparência e se veste bem, para comparecer a uma apresentação?

17. Principiante

Como é chamado o cantador de cururu de pouca idade, que ainda está aprendendo?

18. Brincador

Como é chamado o cururueiro conhecido por apresentar estripulias em suas apresentações, dançando com sua viola no centro da roda de cururu?

19. Festa de santo

Qual o nome você dá a uma reunião festiva de pessoas, em um determinado local, para homenagear um santo, com a presença de cururu?

20. Festeiro

Quem é a pessoa responsável por organizar e patrocinar as festas de santos?

21. Alferes de bandeira

Como se chama a pessoa responsável por carregar a bandeira, nas festas de santos?

22. Capitão do mastro

Como se chama a pessoa responsável pelo mastro, nas festas de santos?

23. Capelão

Como é chamado aquele que faz a celebração religiosa da festa, conduzindo as orações?

24. Reza

Como é chamado o momento da oração, nas festas de santos?

25. Escritura

Qual outro nome pode ser usado para se referir à bíblia?

26. Mastro

Como é chamado o pau erguido no terreiro de uma casa, em que a bandeira do santo de devoção é colocada?

27. Bandeira

Como é chamada a peça, geralmente feita de tecido, ornamentada com a figura de um santo de devoção e que é colocada no alto do mastro?

28. Empalizado

Como é chamado o espaço construído com taquaras e folhas de coqueiro, onde acontece a apresentação de cururu?

29. Função do cururu

Como é chamado o momento em que os cururueiros desenvolvem sua coreografia, cantando seus versos, rodando em sentido horário?

30. Roda de cururu

E quando os cururueiros estão cantando parados, como é chamado esse momento?

31. Amargo

Como é chamada a bebida oferecida aos cururueiros, à base de cachaça e raízes aromáticas?

32. Licor

E a bebida adocicada, também alcóolica, à base de leite, que é servida ao público em geral, mas, especialmente, às mulheres?

33. Ensopadão

Nas festas, geralmente é oferecido um prato típico, uma carne cozida. Como é chamado?

34. Sede

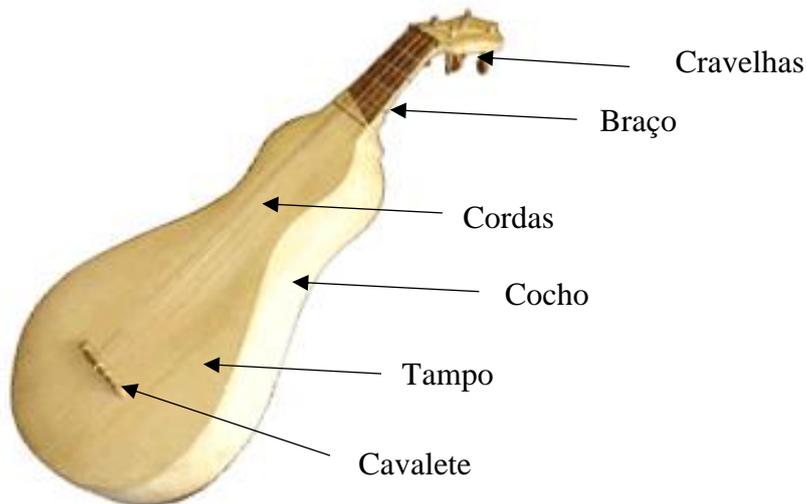
Como é chamado o local onde os cururueiros se reúnem para organizarem seus eventos e ensaiarem?

35. Terno

Como se chama o conjunto de vestimenta usado pelos cururueiros?

36. Viola de cocho

Qual o nome deste instrumento e como são chamadas as partes dele?



Google imagens, 2017

37. Prima; contra; do meio; canutilho e de cima

Cada corda da viola de cocho recebe um nome específico. De baixo para cima, como são chamadas?

38. Requinta

Como é chamada a viola de cocho de seis cordas, em vez de cinco?

39. Ganzá

Qual o nome deste instrumento?



BRITO, 2017

40. Osso

O que se usa para tocá-lo?

41. Canutilho

Qual o nome dado à quarta corda da viola de cocho, contada de baixo para cima?

42. Cebolão

Qual o nome dado à afinação da viola-de-cocho no cururu?

4.2 Procedimentos e coleta dos dados

Para realizarmos a coleta dos dados necessários à nossa pesquisa, procuramos determinar nossos sujeitos da pesquisa de acordo com as orientações contidas no Atlas Linguístico do Brasil (ALIB, 2001), apegando-nos aos aspectos que atendessem às nossas necessidades.

Com o primeiro grupo, que compõe nossa rede, os habitantes de Cuiabá, envolvidos diretamente com o cururu, estabelecemos os seguintes critérios de escolha:

- a) Número de dez sujeitos da pesquisa, em cada célula;
- b) Apenas homens, já que os cantores dessa modalidade são apenas homens;
- c) Com idade inferior a 35 anos;
- d) Com idade superior a 35 anos;
- e) Nascidos no local e, preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade.

Conhecendo nossos pré-requisitos, não sabíamos se conseguiríamos encontrar número suficiente de cururueiros que atendessem às nossas expectativas, uma vez que em Piracicaba não encontramos jovens cururueiros e, por isso, excluímos esse grupo de nossa pesquisa. Contudo, tivemos a surpresa de acharmos um cenário diferente em Cuiabá, onde há um número expressivo de cantores, inclusive de jovens, mesmo que em menor quantidade.

Antes de irmos a Cuiabá, recebemos o contato de uma aluna de pós-graduação da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT – moradora da comunidade São Gonçalo Beira Rio, localizada a onze quilômetros do centro da cidade, que nos recebeu e nos levou para essa região que mantém forte a tradição dos grupos de siriri e cururu. Lá pudemos conversar com alguns dos integrantes do grupo de siriri “Flor ribeirinha”, que nos contou um pouco sobre sua cultura.

Em seguida, marcamos um encontro com Tomaz Flaviano da Silva, um de nossos principais colaboradores, que nos recebeu em sua casa e com quem estabelecemos uma longa entrevista. Tomaz é filho e neto de cururueiros e segue os passos de seus familiares, e também é professor de música na universidade e nas escolas públicas, onde leciona em projetos de revitalização da cultura cuiabana.

Foi ele quem nos deu um panorama atual do cururu, em Cuiabá. Ele nos disse que a cidade ainda mantém forte a tradição das festas de santos. As famílias, principalmente, aquelas dos vilarejos mais afastados do centro urbano, preservam o costume de promover festas para se homenagear o santo de devoção familiar. Nessas ocasiões, o cururu exerce um papel fundamental, como um mestre de cerimônias, anuncia cada etapa da celebração.

Além disso, o cururu, assim como outras manifestações culturais locais, passou a receber, há pouco tempo, maior atenção dos governantes, que entenderam que o estado do Mato Grosso possui economia também centrada na cultura, e passaram a promover eventos e projetos que valorizassem não somente o cururu, mas também outras tradições. Conversando com alguns jovens cuiabanos, eles contaram que antes tinham vergonha de dançar o siriri, de tocar viola de cocho, do sotaque local, mas, hoje, eles se orgulham de sua cultura e querem participar ativamente dela.

Também foi Tomaz quem facilitou nosso primeiro encontro, e, 2017, com os integrantes do grupo de cururu “Tradição Cuiabana do Coxipó”. Fomos recebidos na sede do grupo, localizada na casa do cururueiro mais experiente, seu Marcelino de Jesus. Lá encontramos uma mesa farta e soubemos se tratar do “chá-com-bolo”, nome da refeição composta do tradicional bolo de arroz, biscoitos de mandioca, chá e café.

Os cururueiros falaram um pouco de seus percursos, dentro do cururu. Comentaram suas percepções da atual situação da tradição e suas projeções futuras. Em seguida, comentamos sobre nosso trabalho e sobre a pesquisa que já havíamos realizado em outra localidade. Eles demonstraram curiosidade e decidimos que seria mais produtivo apresentar as lexias colhidas em nosso trabalho em Piracicaba. A partir delas, eles apontaram similaridades e diferenças, além disso, abriram espaço para a introdução de novos tópicos.

Em mãos de todo esse material das conversas gravadas sobre o cururu, estabelecemos o que chamamos de questionário prévio, que sofreu as intervenções necessárias, com a colaboração de Tomaz, que mais uma vez contribuiu para que a nossa pesquisa estivesse o mais próximo de representar a realidade linguística pretendida.

Voltamos a Cuiabá, em 2018, com o intuito de aplicarmos nosso questionário não somente aos cururueiros, mas também à população local não envolvida com esse fazer. Pois, como afirma Tarallo (1994, p. 31) a respeito da validade dos questionários: “além do dado não natural que forçosamente estará gravado em sua fita cassete, você poderá elaborar testes de língua sobre as variantes estudadas a fim de ampliar o escopo estilístico”.

Sendo assim, para além do grupo de pessoas envolvidas diretamente com o cururu, os cururueiros, definimos dois outros grupos de sujeitos, compostos por dez pessoas cada. Um primeiro grupo constituído por pessoas com idade até 35 anos e outro grupo, com idade acima de 35, e que obedecessem aos seguintes critérios:

- a) Ambos os sexos;
- b) Nascidos no local e, preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade;
- c) Não cururueiros.

Não conhecíamos os sujeitos que responderam ao questionário gentilmente e que colaboraram com a nossa pesquisa, pois, concordando com a fala de Tarallo, acreditávamos que essa escolha deveria ser feita ao acaso, para que assim pudessemos ter um reflexo mais fiel do fato estudado. Para o autor,

O critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória. Tal critério deverá ser usado especialmente no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados. (TARALLO, 1994, p. 27)

Tivemos a oportunidade de ir a dois eventos. O primeiro promovia a parceria entre uma associação de cultura com o órgão governamental responsável por essa área. Já o outro, tratava-se de uma festa de santo. Nas duas situações, pudemos, para além de aplicar nosso questionário, nosso principal objetivo, também conversarmos com várias pessoas sobre o atual cenário dessas manifestações. Falamos com o atual secretário de cultura da cidade, antigo morador da região onde estávamos, que disse se sensibilizar pelo empenho dos líderes comunitários em manter a cultura local. Já na festa de santo, pudemos acompanhar o rico cerimonial contido no evento.

Fizemos, então, a aplicação do questionário com esses dois grupos – o grupo de cururueiros e o de não cururueiros – utilizando-nos desse instrumento tão necessário à nossa pesquisa, pois nos ajudou na identificação dos vocábulos ainda reconhecidos entre os falantes daquela comunidade e suas variantes, ampliando nosso repertório.

5 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO CURURU CUIABANO

Uma vez aplicados os questionários, conseguimos dar início à análise dos resultados obtidos. Para que haja melhor organização do capítulo e facilidade de possível consulta, organizamos as lexias de entrada que serão analisadas, na lista a seguir, organizadas em ordem alfabética.

1. Alferes de bandeira;
2. Amargo;
3. Baixão;
4. Bandeira;
5. Braço;
6. Brincador;
7. Cavalete;
8. Chá-com-bolo;
9. Canutilho;
10. Cantar esclarecido;
11. Cantar na escritura;
12. Cantador de lari-larai;
13. Capelão;
14. Capitão do mastro;
15. Cebolão;
16. Corpo;
17. Contra;

18. Corda;
19. Cravelha;
20. Cururu;
21. Cururueiro;
22. De cima;
23. Do meio;
24. Desentoadado;
25. Empalizado;
26. Ensopadão;
27. Escritura;
28. Festa de santo;
29. Festeiro;
30. Função do cururu;
31. Galanteoso;
32. Ganzá;
33. Licor;
34. Louvação;
35. Mastro;
36. Osso;
37. Pé de verso;
38. Ponto;
39. Prima;
40. Principiante;
41. Rainhado;
42. Requinta;
43. Reza;
44. Roda de cururu;
45. Sede;
46. Tampo;
47. Terno;
48. Toada;
49. Trovo;
50. Verso;
51. Viola-de-cocho.

Com a intenção de mostrar as informações com maior didatismo, elaboramos um quadro para cada lexia de entrada, apresentando sua definição e porcentagem de resposta ao questionário, em cada grupo de sujeitos da pesquisa. Conjuntamente, apresentamos os registros realizados pelos onze dicionaristas por nós consultados, verificando se neles encontramos a lexia estudada com a forma e acepção desejada, sendo eles:

Autor	Ano	Título
Bento Pereira	1647	Thesouro da Lingoa Portuguesa.
Bluteau	1712-1728	Vocabulário Português e Latino
Moraes Silva	1813, 2. ed.	Dicionário da Língua Portuguesa
Luiz Pinto	1832	Dicionário da língua portuguesa
Vieira	1871 -1873	Grande Dicionário portuguez ou thesouro da língua portuguesa
Freire	1957, 3. ed.	Grande novíssimo dicionário da língua portuguesa
Aulete	1964, 3 ed.	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.
Ferreira	1975, 1. ed.	Novo dicionário da língua portuguesa
Michaelis	1998	Moderno dicionário da língua portuguesa
Borba	2004	Dicionário UNESP do Português contemporâneo
Houaiss	2009	Dicionário Houaiss da língua portuguesa

A seleção dos dicionários se deu em função de seu valor acadêmico, histórico e referência lexicográfica-padrão, além de oferecermos o comparativo de registros de quatro séculos distintos.

A seguir, podemos observar todas as lexias que constam em nosso questionário, apresentadas em ordem alfabética, bem como as variantes fornecidas por nossos colaboradores. Realizamos o exame dessas informações, permitindo-nos nossas primeiras reflexões sobre o atual *status* do cururu cuiabano e, conseqüentemente, da própria manifestação cultural.

Quadro 1: Alferes de bandeira

Alferes de bandeira: festeiro responsável por conduzir as bandeiras, nas festas de santos.

Contexto de utilização:

“Depois que os mais velho não aguentá mais eu quero ver quem dos novo vai fazer isso. Eu tenho um sobrinho que foi **alferes de bandeira** esse ano, ele sabe tocar ganzá, viola de cocho, mas o jovem não quer aprender mais nada disso. Tem que ter baile, se não tiver baile não é festa pra eles” (M.C.).

Tabela 5.1 Comparação da lexia alferes de bandeira entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Signifer, ri
BLUTEAU	+	s.m. oficial militar, que levava o pendão, a insígnia, e hoje a bandeira, quando a não tem os Portabandeiras.
SILVA	+	s.m. oficial militar, que levava o pendão, a insígnia, e hoje a bandeira, quando a não tem os Portabandeiras.
LUIZ PINTO	+	s.m. Oficial que levava a bandeira, que hoje levam os porta-bandeiras.
VIEIRA	+	s.m. Na Milícia antiga, o portate, 'a ou porta-estandarto, na infanI, sentido moderno, a primeira latente de oficial, logo abaixo de tenen• plural, não muda.
FREIRE	+	s.m. Oficial militar imediatamente inferior ao tenente.
AULETE	+	s.m. Porta-bandeira de regimento militar
MICHAELIS	s.m. Nas festas do Espírito Santo, pessoa escolhida pelo festeiro como responsável pela bandeira do Divino, quando ela sai, de porta em porta, angariando donativos. Esse personagem também aparece em outras cerimônias de cunho profano ou religioso.	
FERREIRA	s.m. Porta-bandeira.	
BORBA	+	s.m. Antiga patente de oficial inferior a tenente.
HOUAISS	s.m. nas folias (no sentido de 'festejos religiosos'), o que conduz a bandeira.	

Tabela 5.2 Porcentagem de escolha da lexia alferes de bandeira

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

ALFERES DE BANDEIRA

Encontramos o registro da lexia pesquisada nas onze obras lexicográficas consultadas, contudo, somente duas, Michaelis e Houaiss, apresentam com a mesma acepção, a de pessoa que conduz a bandeira do santo no contexto das festas religiosas. Nas demais obras, faz-se menção ao contexto militar. Sendo alferes uma patente, podemos sugerir que o termo possa ter sido emprestado e passado ao novo uso, mas que guarda sua origem simbólica, a de se carregar a bandeira.

Ao analisarmos a tabela de frequência de uso, notamos que o registro é totalmente reconhecido em todos os seguimentos, sugerindo assim, notoriedade em sua comunidade linguística e tendência à manutenção.

Quadro 2: Amargo

Amargo: bebida preparada à base de cachaça e raízes aromáticas.

Contexto de utilização:

“Aqui nós temos por costume preparar o **amargo** e o licor, quando vai chegando a época das festa de santo. O licor é feito com leite e é mais docinho, agrada mais as mulheres. Já o **amargo** é feito com a cachaça que a gente deixa curtindo com algumas raízes, por isso do nome” (A.S.).

Tabela 5.3 Comparação da lexia **amargo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	adj. Amargosa coisa
BLUTEAU	+	adj. De sabor semelhante ao do fel, quina, da babosa e outros.
SILVA	+	adj. De sbor semelhante ao do fel, quina, da babosa e outros.
LUIZ PINTO	+	adj. Sabor de coisa amarga.
VIEIRA	+	s.m. O sabor acre, do fel ou absinto.
FREIRE	+	adj. Que tem sabor acre, desagradável, como o absinto, o fel, a quássia, o quinino.
AULETE	+	adj. Com pouco ou nenhum adoçante.
MICHAELIS	+	adj. De sabor acre, desagradável, como o absinto, o fel, a quássia ou o quinino; acre, amaro, amarescente, amargoso.
FERREIRA	+	adj. Que tem sabor adstringente, penetrante, desagradável.

BORBA	+	adj. Que tem sabor adstringente e penetrante.
HOUAISS	+	adj. de sabor áspero, freq. desagradável, como o do fel de certos animais ou do quinino etc.

Tabela 5.4 Porcentagem de escolha da lexia **amargo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	100/10	10/10	10/10

AMARGO

Encontramos o registro da lexia amargo em todas as obras lexicográficas consultadas, contudo, em todas elas com outra acepção, a de característica dada a algo de sabor desagradável, semelhante ao fel, apontando para variação semântica da lexia.

Ao observarmos o quadro de frequência de uso, notamos o alto grau de reconhecimento da lexia entre os entrevistados. Em todos os seguimentos consultados, obtivemos a totalidade das respostas afirmativas quanto ao reconhecimento do item investigado. O que nos permite deduzir que se trata de uma lexia bastante reconhecida em sua comunidade, com tendência à manutenção lexical.

Quadro 3: Baixão

Baixão: vocalização em coro que ocorre no final do cururu.

Contexto de utilização:

“**Baixão** pra nós, que a gente conhece, é no final do cururu. O povo conhece como grito, mas não é um grito, é uma entonação mais alta. Acabou a toada a gente entra, finalizando, com todos os cururueiros. E quando o cururu está, como a gente fala, tá bonito, aí é que o **baixão** fica mais fervoroso” (J.C.).

Tabela 5.5 Comparação da lexia **baixão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	organum ligeneum grauiter fonans
BLUTEAU	+	Baixa, Baixamar, baixão, baixar, baixel, baixo, baixura, assim os escrevem os bons autores.
SILVA	+	Baixa, Baixamar, baixão, baixar, baixel, baixo, baixura, assim os escrevem os bons autores.

LUIZ PINTO	+	s.m. Instrumento de veuto.
VIEIRA	+	s.m. Fagote, instrumento musico de Páo, de sôpro e palheta, que constitue o baixo do oboé.
FREIRE	+	s.m. Instrumento de palheta e sopro, de som baixo, uma oitava abaixo do fagote.
AULETE	+	s.m. instrumento de sopro de som grave.
MICHAELIS	+	s.m. Instrumento musical de sopro, de som grave, semelhante ao fagote, usado do século XV ao século XVII.
FERREIRA	+	s.m. Instrumento de grandes dimensões e palhetas duplas, da família das charamelas de madeira.
BORBA	+	s.m. Baixada.
HOUAISS	s.m. No batuque (no sentido de 'dança') e no cururu (no sentido de 'dança de roda'), a introdução executada pelo violeiro.	

Tabela 5.6 Porcentagem de escolha da lexia **baixão**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
80%	100%	0%	0%	30%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
8/10	10/10	0/10	0/10	3/10	1/10

BAIXÃO

Com exceção do dicionário Houaiss, em todas as obras lexicográficas consultadas localizamos a lexia baixão com outra acepção da fornecida por nossos entrevistados. Luis Pinto, Vieira, Ferreira, Aulete e Michaelis fazem menção a um instrumento de sopro, o que nos aproxima do campo lexical da música. Já Houaiss, traz a informação precisa relacionada ao cururu, definindo com sendo a introdução realizada pelo violeiro.

Aqui fazemos uma comparação com nosso estudo realizado sobre o cururu na cidade de Piracicaba, onde o baixão era a parte introdutória e um cururu. Enquanto em Cuiabá, segundo nossos colaboradores, trata-se do momento final, como em que um clímax da apresentação.

Os dados da tabela de frequência nos mostram que a lexia é de uso mais específico ao grupo dos cururueiros, uma vez que entre os entrevistados mais jovens não cururueiros, não há reconhecimento, e há pouco reconhecimento entre os entrevistados mais velhos não cururueiros, apenas 30%.

Podemos considerar, assim que há manutenção semântico-lexical, em relação aos registros dos dicionários e a utilização entre os cururueiros.

Quadro 4: sinônimo de baixão: grito

Grito: O mesmo que baixão.

Resposta dada como sinônimo a baixão.

Tabela 5.7 Comparação da lexia **grito** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. vociferatus.
BLUTEAU	+	s.m. esforço violento da voz, com paixão ou meramente por ser mais ouvido do que se diz.
SILVA	+	s.m. esforço violento da voz, com paixão ou meramente por ser mais ouvido do que se diz.
LUIZ PINTO	+	s.m. esforço violento da voz.
VIEIRA	+	s.m. Fagote. Instrumento de música, de sopro e palheta, que constitui o baixo do oboé.
FREIRE	+	s.m. Som de voz agudo e muito elevado.
AULETE	+	s.m. Som de voz agudo e estridente, emitido ger. em situações de medo, desespero etc. ou para se fazer ouvir ao longe
MICHAELIS	+	s.m. Voz aguda e muito elevada, articulada ou não; som muito forte, emitido pela voz humana para ser ouvido ao longe; berro, brado.
FERREIRA	+	s.m. Voz, geralmente aguda e elevada, de modo que se possa ouvir ao longe; brado.
BORBA	+	s.m. Voz, geralmente aguda e elevada, de modo que se possa ouvir ao longe.
HOUAISS	+	s.m. Som penetrante, voluntário ou espontâneo, articulado ou não, e emitido com força pela voz humana; berro, brado.

Tabela 5.8 Porcentagem de escolha da lexia **grito**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%	0%	40%	50%	70%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10	0/10	4/10	5/10	7/10	7/10

GRITO

A lexia grito foi dada como sinônimo por nossos entrevistados em relação ao item **baixão**. Tal denominação feita principalmente pelo público geral, de não cururueiros, é facilmente compreendida ao se assistir a um cururu, uma vez que ao final de sua apresentação aos cantores entoam de maneira entusiasmada vocalizações típicas. Assemelhando-se a gritos para quem não conhece essa tradição.

Tal distinção fica mais clara quando analisamos o quadro de frequência, uma vez que não é realizada entre os cururueiros mais idosos e pouco entre os cururueiros mais jovens (20%). Já entre o público geral é comum. Analisamos assim, que os dados apontam para um processo de variação em que a lexia grito concorre.

Podemos ainda observar que há manutenção lexical da palavra entre o grupo pesquisado, já que encontramos coincidência entre o registro da fala e o registro das obras lexicográficas, mesmo que em nenhuma delas tenhamos encontrado o registro com a acepção desejada.

Quadro 5: Bandeira

Bandeira: peça de pano ornamentada com a imagem do santo homenageado.

Contexto de utilização:

“Festa de santo aqui em Cuiabá é coisa muito antiga. Cada família tem sua devoção, aqui em casa nossa devoção é São Benedito. Quando termina uma festa, já começa a preparar a próxima. Quem vai ser o festero, quem vai levar a **bandera**, quem vai cantar o cururu” (M.C).

Tabela 5.9 Comparação da lexia **bandeira** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	Signum.
BLUTEAU	s.f. A bandeira da Cruz.	
SILVA	+	s.f. Insígnia militar. É uma peça de lenço ou de seda, com pinturas,

		armas, talvez quarteada de várias cores.
LUIZ PINTO	+	s.f. Insígnia militar. Insígnia de navio.
VIEIRA	s.f. Estandarte, pendão, pavilhão; insígnia que se usava antigamente nas procissões, e ainda hoje se chama guião.	
FREIRE	s.f. Pano ou quadro de tela com imagens de santos e emblemas religiosos pintados, pendente de um pau atravessado na extremidade de uma haste, que é levado adiante das confrarias nas procissões.	
AULETE	Sf. Pano ou quadro assentado sobre um caixilho de madeira, ou outro material, com imagens de santos e emblemas religiosos pintados que, ger. enfeitado com fitas e laços, é preso por uma haste em um dos lados para ser levado adiante das confrarias nas procissões.	
MICHAELIS	s.f. Procissão em homenagem a um santo, geralmente em zonas rurais ou em pequenas cidades, tendo um estandarte com a imagem do santo à frente do cortejo.	
FERREIRA	+	s.f. Pedaco de pano, com uma ou mais cores, às vezes com legendas, que se hasteia num pau, e é distintivo de nação, corporação, partido, etc.
BORBA	+	s.f. Procissão religiosa noturna.
HOUAISS	s.f. cortejo em homenagem a santos, em cuja frente se carrega uma bandeira ou estandarte com a imagem do santo, realizado ger. em zonas rurais e em cidades pequenas ao som de instrumentos e cantos.	

Tabela 5.10 Porcentagem de escolha da lexia **bandeira**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%		80%		70%	80%	80%	70%
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10		8/10		7/10	8/10	8/10	7/10

Quadro 6: sinônimo de bandeira: Quadra

Quadra: O mesmo que **bandeira**.

Resposta dada como sinônimo a bandeira.

Tabela 5.11 Comparação da lexia **quadra** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.f. Quadratus
BLUTEAU	+	s.f. Bandeira de quadra, ou a quadra, a que levão nos mastros grandes a Almiranta, ou não Capitania e a Fiscal.
SILVA	+	s.f. Bandeira de quadra, ou a quadra, a que levão nos mastros grandes a Almiranta, ou não Capitania e a Fiscal.
LUIZ PINTO	+	s.f. Sala ou quarto quadrado da casa. Pateo quadrado rodeado de edifício. Qualquer das estações do ano.
VIEIRA	+	s.f. Bandeira de quadra, ou á quadra, termo náutico; a que levam nos mastros grandes a almiranta, ou nau capitania, e a fiscal.
FREIRE	+	s.f. Naut. A bandeira que distingue o navio chefe.
AULETE	+	s.f. Espaço, interno ou ao ar livre, demarcado para a prática de certos esportes (<u>quadra</u> de tênis)
MICHAELIS	+	s.f. Bandeira da nau capitânia.
FERREIRA	+	s.f. Comprimento com a forma aproximada de um quadrilátero.
BORBA	+	s.f. Compartimento ou recinto quadrado.
HOUAISS	+	s.f. bandeira que distingue o navio que chefia uma esquadra.

Tabela 5.12 Porcentagem de escolha da lexia **quadra**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	20%	30%	20%	20%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	2/10	3/10	2/10	2/10	3/10

-QUADRA

A lexia **quadra** foi dada como sinônimo a lexia **bandeira** em nossa pesquisa. Apesar de menos frequente, surgiu como resposta em todos os grupos consultados. Da mesma forma, também está presente na totalidade das obras lexicográficas pesquisadas, mas em nenhuma delas com a acepção pretendida. Bluteau, Silva, Vieira, Freire, Michaelis e Houaiss não relacionam **quadra** ao contexto dos festejos religiosos, mas fazem referência a sua origem náutica.

Observando os registros dos dicionaristas e o quadro de frequência, podemos dizer que a lexia quadra apresenta manutenção semântico-lexical, uma vez que não há alteração do registro e, no campo semântico-lexical do cururu cuiabano concorre com sua variante bandeira.

Quadro 7: Braço

Braço: parte alongada da viola por onde se estendem as cordas.

Contexto de utilização:

“A exigência dos músicos hoje é o **braço** da viola ser maior, eles falavam pescoço da viola, para o cururu eles falam aqui em quinze centímetros” (A.R.).

Tabela 5.13 Comparação da lexia **braço** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	s.m. Iugum -i	
BLUTEAU	s.m. Braço da viola e outros instrumentos como cítaras, rebecas. É onde ficam os trastes, ou onde se comprimem as cordas quando se toca.	
SILVA	s.m. Braço da viola e outros instrumentos como cítaras, rebecas. É a porção que sai do corpo, e onde estão os trastes, ou onde se comprimem as cordas, quando se toca.	
LUIZ PINTO	s.m. A parte do instrumento de cordas estas se tilintam.	
VIEIRA	s.m. Braço da viola, rebeca, e em geral de qualquer instrumento de cordas, a parto por onde elle se segura e em que se acham as chaves.	
FREIRE	s.m. Parte alongada de certos instrumentos, como o violão, onde estão as cravelhas e onde se primem as cordas para fazer soar as diferentes notas.	
AULETE	s.m. Haste de certos instrumentos de corda, sobre a qual se pressionam as cordas: braço do violão: braço do violino	
MICHAELIS	s.m. Parte alongada de instrumentos de corda, sobre a qual corre o espelho e se estendem as cordas.	

FERREIRA	s.m. A parte superior, mais ou menos alongada, dos instrumentos de corda.	
BORBA	+	s.m. Cada um dos membros superiores do corpo humano.
HOUAISS	s.m. Parte alongada dos instrumentos de corda, sobre a qual se encontra o espelho e passam as cordas.	

Tabela 5.14 Porcentagem de escolha da lexia **braço**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	10%	20%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	1/10	2/10	4/10	3/10

BRAÇO

Um das partes que constitui a viola de cocho, assim como outros instrumentos de corda, a lexia **braço** foi encontrada com essa acepção em todas as obras lexicográficas consultadas, com exceção a Borba que traz apenas o significado de membro superior do corpo humano. Sendo assim, podemos dizer que há manutenção semântico-lexical deste item.

No entanto, ao observarmos a tabela de frequência, verificamos que entre os dois grupos de cururueiros há o reconhecimento da lexia em cem por cento dos casos. Já entre os não-cururueiros, essa porcentagem é menor. O que é justificável por se tratar de um item específico do campo semântico-lexical da música, mais precisamente dos instrumentos de corda, como é o caso da viola-de-cocho.

Quadro 8: Brincador

Brincador: cururueiro que apresenta passos de dança em sua apresentação.

Contexto de utilização:

“Eu comecei a ser cururueiro por gostar de cururu, de siriri. Primeiro eu gostava de siriri, de dançar o siriri. Eu fui gostando de ver o cururu que era muito bonito de ver, de entrosar as

voz, de ver os **brincador** na roda de cururu. Aí eu fui começar a aprender a tocar viola de cocho. Daí a diante fui aprendendo, ainda tô aprendendo, ainda falta muito para eu aprender” (J.C.).

Tabela 5.15 Comparação da lexia **brincador** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Lusor -oris
BLUTEAU	+	s.m. Amigo de brincar.
SILVA	+	s.m. Amigo de brincar.
LUIZ PINTO	+	s.m. Amigo de brincar.
VIEIRA	+	adj. Que brinca, que gosta de brincar.
FREIRE	+	adj. O que brinca, brincalhão.
AULETE	+	adj. e s. m. O que está sempre disposto a brincar, brincalhão.
MICHAELIS	+	s.m. Que ou aquele que brinca; brincador.
FERREIRA	+	s.m. Que ou aquele que sempre está disposto a brincar; brincalhão.
BORBA	-	
HOUAISS	+	adj. e s. m. que ou o que orna, enfeitada.

Tabela 5.16 Porcentagem de escolha da lexia **brincador**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	60%	40%	50%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	6/10	4/10	5/10	4/10	3/10

BRINCADOR

O registro da lexia **brincador**, apesar de constar em quase todas as obras consultadas, com exceção de Borba, não traz a mesma acepção da apresentada pelos nossos sujeitos. Em todos os materiais consultados, verificamos acepções relacionadas a pessoa que brinca, brincalhona. Consideramos, assim que há manutenção lexical do item.

No contexto do cururu, o músico que além de tocar e cantar também performa em suas apresentações com passos de dança, rodopios e batuques em sua viola é chamado de **brincador**. Na observação da tabela de frequência, notamos que há o reconhecimento da lexia em todos os grupos pesquisados, em menor número entre os não cururueiros. Tal fato é mais bem esclarecido ao analisarmos conjuntamente o quadro da lexia **folgador** que será apresentado a seguir e que foi dada como sinônimo à **brincador**, tendo assim um caso de variação.

Quadro 9: sinônimo de brincador: Folgador

Folgador: O mesmo que brincador.

Resposta dada como sinônimo a brincador.

Tabela 5.17 Comparação da lexia **folgador** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	+	adj. Que gosta de folgar; alegre, brincalhão.
AULETE	+	s.m. Dançador de fandango, esp. nas folgas de sábado e domingo.
MICHAELIS	+	adj. s.m. Dançador de fandango.
FERREIRA	+	s.m. Dançarino de fandango, assim chamado porque só dança na folga do sábado para o domingo.
BORBA	-	
HOUAISS	+	s.m. dançador de fandango, esp. nas noites de sábado e domingo.

Tabela 5.18 Porcentagem de escolha da lexia **folgador**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	40%	20%	20%	60%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	4/10	2/10	2/10	6/10	7/10

FOLGADOR

Em complemento ao quadro anterior, **brincador**, temos a lexia **folgador** que foi apresentada por nossos colaboradores em resposta a adjetivação dada ao cururueiro que além de cantar e tocar também performa em suas apresentações com passos de dança.

Analisando a tabela de frequência, percebemos que ambas as lexias são reconhecidas e utilizadas entre os quatro grupos consultados. Sendo que **brincador** é mais comum no grupo dos cururueiros, e **folgador** no grupo geral. Temos assim duas variantes concorrendo.

Encontramos o registro da lexia em cinco das onze obras lexicográficas consultadas, e, em quatro delas, há o registro específico de dançador de fandango, o que se aproxima à acepção desejada. Apesar de não relacionar diretamente ao contexto do cururu, temos o fandango que é um gênero de música popular espanhola, cujas apresentações contam com a dança, canto e o som das castanholas.

Quadro 10: Cavalete

Cavalete: peça da viola responsável por transmitir a vibração das cordas para o tampo.

Contexto de utilização:

“A viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em corpo, que também é chamado de cocho, e o braço. Para se prender as cordas, do lado do tampo, fica o **cavalete** e na ponta do braço ficam as cravelhas, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (C.R.).

Tabela 5.19 Comparação da lexia **cavalete** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	s.m. Peça da viola, rabeca onde se prendem, ou se levantam as cordas.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	s.m. Peça de madeira ou de marfim, sobre o tampo harmônico dos instrumentos de corda, servindo de apoio a estas.	
AULETE	s.m. Peça que sustenta, mantendo elevadas, as cordas de instrumentos musicais como o violino, a viola, o violoncelo e o contrabaixo.	
MICHAELIS	s.m. Peça de madeira, marfim ou metal para levantar as cordas de instrumentos de corda.	
FERREIRA	s.m. Pequena peça de madeira ou metal com que se levantam as cordas de alguns instrumentos musicais.	
BORBA	+	s.m. Tripé dobradiço no qual se colocam tela para pintar, quadro-negro ou máquinas fotográficas.
HOUAISS	s.m. Em alguns instrumentos de corda, peça que transmite a vibração das cordas para o tampo.	

Tabela 5.20 Porcentagem de escolha da lexia **cavalete**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	10%	20%	10%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	1/10	2/10	1/10	0/10

CAVALETE

A lexia **cavalete** é outro item de especialidade, mais do que do campo semântico do cururu, pertence ao campo da música, dos instrumentos de corda. Para que as cordas da viola, violino, violão não fiquem grudadas no tampo desses instrumentos e seja possível que a vibração e o som sejam produzidos, o **cavalete** serve justamente para erguê-las.

Por se tratar de uma lexia de especialidade já se era esperado a baixa frequência entre o público geral e maior reconhecimento entre os músicos. O que foi comprovado com a aplicação do questionário e pode ser observado na tabela de frequência.

Já a observação das obras lexicográficas nos permite inferir que há manutenção semântico-lexical do item, uma vez que ela consta na maioria das obras pesquisadas com a mesma aceção e registro.

Quadro 11: Chá-com-bolo

Chá-com-bolo: tradicional refeição cuiabana servida na recepção das festas de santos.

Contexto de utilização:

“Sempre que a gente vai ter uma reunião, um encontro, aqui é costume receber, fazer o **chá com bolo**. Não pode faltar bolo de arroz, lanche, suco, café, chá” (T.S.).

Tabela 5.21 Comparação da lexia **chá-com-bolo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.22 Porcentagem de escolha da lexia **chá-com-bolo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

CHÁ-COM-BOLO

O termo **chá-com-bolo** é notório em sua comunidade linguística, como podemos observar na tabela de frequência, com reconhecimento do item entre os consultados. Muito conhecido e utilizado, **chá-com-bolo** pertence ao cotidiano dos cuiabanos e determina o conjunto de alimentos que servidos, principalmente em uma situação de encontro, visita. Apesar de ser comum nessa localidade, não encontramos o registro em nenhuma obra lexicográfica consultada.

Quadro 12: Canutilho

Canutilho: quarta corda da viola de cocho que caracteriza certas afinações do instrumento.

Contexto de utilização:

“Na verdade, o **canutilho** surgiu, tem alguns que não usam **canutilho**, aqui nós chamamos rio acima, região de Nobres e Rosário eles não usam o **canutilho**. Aí tem o **canutilho** preso e o **canutilho** solto que se usa tocar, né? Aqui pra cima, tem uma outra região, toca com o **canutilho** preso. Nós aqui, o tocado nosso é mais com o **canutilho** solto. Mas antigamente, pra você vê uma coisa não tinha o **canutilho**” (A.R.).

Tabela 5.23 Comparação da lexia **canutilho** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. serica fila auro tetla
BLUTEAU	+	s.m. Fio de prata feito em canudinho, envolvendo-se espiralmente.
SILVA	+	s.m. Fio de prata feito em canudinho, envolvendo-se espiralmente.
LUIZ PINTO	+	s.m. Fio de prata feito em canudinho.
VIEIRA		s. m. Fio ou lâmina delgada de latão, prata, etc., enrolado em espiral, de modo que forma um canudo estreito.
FREIRE	s.m. Fio de latão prateado que se enrola nas cordas grossas ou	

	bordões dos instrumentos de corda.	
AULETE	+	s.m. Canudinho de vidro colorido, us. como enfeite ger. em roupas femininas e em fantasias.
MICHAELIS	s.m. Fio de latão prateado que se enrola nas cordas grossas ou bordões de certos instrumentos de corda, como, por exemplo, violinos e violoncelos.	
FERREIRA	+	s.m. Miçanga longa para enfeites e guarnições de vestuário de senhoras.
BORBA	+	s.m. Pequeno canudo de vidro para enfeite.
HOUAISS	s.m. fio de latão prateado que se enrola em torno das cordas de tripa para fazer os bordões dos violinos, violoncelos e outros instrumentos de corda.	

Tabela 5.24 Porcentagem de escolha da lexia **canutilho**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	20%	30%	60%	50%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	2/10	3/10	6/10	5/10

CANUTILHO

Outro item de especialidade é **canutilho**. Corda sobressalente que foi incorporada à quarta corda da viola de cocho, trazendo sonoridade diferenciada ao instrumento e passou a ser referência para afinação dele, afinação em Mi.

Foi possível localizar a lexia **canutilho** dentre todos os dicionaristas consultados, mas em apenas três deles com a acepção próxima à da desejada. Freire, Michaelis e Houaiss fazem a conexão da lexia ao campo semântico da música, mas não há menção à viola-de-cocho ou cururu. As demais obras apresentam **canutilho** como espécie de miçanga para ornamentação.

Quanto a utilização e reconhecimento da lexia, é possível constatar, pela observação da tabela de frequência, que **canutilho** possui prestígio entre os cururueiros e, mesmo que em menor escala, também entre o público em geral, com tendência à manutenção.

Quadro 13: Cantar esclarecido

Cantar esclarecido: cururueiro dotado de boa elocução e criatividade.

Contexto de utilização:

“Agora nós temos que dar um jeito de levantar nossa cultura, porque é tradição de Mato Grosso. Eu tô com 83 anos, meu pai morreu com 95 anos, cantador de cururu. Era aquele cururu sadio, noite inteira o pessoal brincando, sabia **cantar esclarecido**” (C.R.).

Tabela 5.25 Comparação da lexia **cantar esclarecido** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	adj. Esclarecido . Lucidus- a, um
BLUTEAU	+	adj. Esclarecido . Ilustre.
SILVA	+	adj. Esclarecido . Varão esclarecido: entendimento esclarecido pela doutrina.
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	adj. Esclarecido . Ilustre.
FREIRE	+	adj. Esclarecido Ilustrado, afamado, famoso.
AULETE	+	adj. Esclarecido . Que é culto, instruído (déspota <u>esclarecido</u>).
MICHAELIS	+	adj. Esclarecido . Que é dotado de saber, de cultura; instruído.
FERREIRA	+	adj. Esclarecido . Dotado de ilustração, saber, cultura.
BORBA	+	adj. Esclarecido . Dotado de ilustração ou saber; sábio.
HOUAISS	+	adj. Esclarecido . que é dotado de saber, de conhecimentos

Tabela 5.26 Porcentagem de escolha da lexia cantar **esclarecido**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	100%	10%	20%	70%	50%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	10/10	1/10	2/10	7/10	5/10

CANTAR ESCLARECIDO

Como em qualquer outro fazer, no cururu há artistas mais e menos talentosos e para definir os bons cururueiros encontramos a expressão **cantar esclarecido**. Como não achamos a expressão nas obras lexicográficas consultadas, buscamos por **esclarecido** e localizamos o registro em todas elas. A acepção de **esclarecido** dada pelos dicionaristas se aproxima a da que colhemos com nossos colaboradores, a de quem possui saber, conhecimento.

Ao aplicarmos o questionário, recebemos como resposta outras duas variantes: **cantar bonito** e **cantar bem**. Sendo que **cantar esclarecido** teve maior prestígio entre o grupo dos cururueiros e o grupo dos não cururueiros mais idosos.

Quadro 14: sinônimo de cantar esclarecido: Cantar bonito

Cantar bonito: O mesmo que **cantar esclarecido**.

Resposta dada como sinônimo a cantar esclarecido.

Tabela 5.27 Comparação da lexia **cantar bonito** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	adv. No lugar de bonitamente.
SILVA	+	adv. Lindo. De bom parecer, menos que formoso e belo.
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	adj. Lindo, gentil, de bom parecer; menos quo formoso e bello.
FREIRE	+	adj. Bom, apetecível.
AULETE	+	adv. Que é agradável ou aprazível ao sentido da audição ou que causa comoção a quem ouve (ou lê): <i>Certos pássaros têm canto bonito!</i> : <i>Seu discurso foi muito bonito.</i>
MICHAELIS	+	adv. De maneira bonita, com estilo; bem.
FERREIRA	+	adv. De modo bonito; bem.
BORBA	+	adv. Com talento, com bom estilo; bem
HOUAISS	+	adv. Com talento, com bom estilo; bem.

Tabela 5.28 Porcentagem de escolha da lexia **cantar bonito**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%	0%	40%	50%	20%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10	0/10	4/10	5/10	2/10	3/10

CANTAR BONITO

A expressão **cantar bonito** não foi localizada em nenhuma das obras lexicográficas, procuramos assim pela lexia **bonito** que, próxima da acepção desejada, foi apresentada como um advérbio. Com exceção da obra de Bento Pereira, **bonito** está presente nos demais dicionários e, em todos eles, com o sentido de belo, agradável. E, nos mais atuais, Borba e Houaiss, faz-se referência à talento.

Ao analisarmos a tabela de frequência, percebemos que esse item está mais presente entre os não cururueiros, e mais precisamente entre os mais jovens. Temos, assim, um quadro de variação lexical.

Quadro 15: sinônimo de cantar esclarecido: Cantar bem

Cantar bem: O mesmo que **cantar esclarecido**.

Resposta dada como sinônimo a cantar esclarecido

Tabela 5.29 Comparação da lexia **cantar bem** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	adv. Bem. Egrigie
BLUTEAU	+	adv. Bem. De um modo bom.
SILVA	+	adv. Bem. De bom modo. Com bondade. Com regularidade. Pinta bem, fala, dança, canta.
LUIZ PINTO	+	adv. Bem. De um modo bom.
VIEIRA	+	adj. Bem. Muito, bastante; o bom estado de uma cousa, ou algum grau de perfeição; junto às palavras que exprimem qualidades, maneiras de ser das pessoas e das cousas, imprime-lhe um maior grau de energia.
FREIRE	+	adv. Bem. De modo bom e conveniente.
AULETE	+	adv. Bem. Sem falhas, com acerto, em alto nível de qualidade: <i>Ela canta <u>bem</u>.</i> : <i>Ele joga <u>bem</u> vôlei.</i>
MICHAELIS	+	adv. Que demonstra um bom índice de competência.
FERREIRA	+	adv. Muito, bastante.
BORBA	+	adv. De modo conveniente
HOUAISS	+	adv. Bem. De maneira correta ou impecável.

Tabela 5.30 Porcentagem de escolha da lexia **cantar bem**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior	Não cururueiro sênior
-------------------	-------------------	-----------------------	-----------------------

10%	0%	50%	30%	10%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1/10	0/10	5/10	3/10	1/10	2/10

CANTAR BEM

Semelhante à variante **cantar bonito**, a expressão **cantar bem** não foi localizada nos dicionários consultados. Também optamos pela consulta da lexia **bem** que está registrada em todas as obras com o sentido de boa maneira. Em Aulete e Silva é oferecido o exemplo cantar bem.

Os dados da tabela de frequência nos mostram que essa variante é mais comum entre o público geral, de não cururueiros, e mais jovens.

Quadro 16: Cantar na escritura

Cantar na escritura: expressar-se vocalmente sobre a temática bíblica.

Contexto de utilização:

“Meu pai tinha um tema que era preferencial dele, dizendo que nasceu no Mato Grosso, então as toadas dele era focada na região do Pantanal. Outros já fazem para louvar o santo. Meu pai também tinha, tipo o pai de T., outros que a gente conheceu aqui da cidade que estudava muito as escrituras e que **cantam as toadas nas escrituras**” (A.R.).

Tabela 5.31 Comparação da lexia **cantar na escritura** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.32 Porcentagem de escolha da lexia **cantar na escritura**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior	Não cururueiro sênior
60%	70%	40%	30%
		60%	50%

		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	7/10	4/10	3/10	6/10	5/10

CANTAR NA ESCRITURA

A expressão **cantar na escritura** mostrou ter bom reconhecimento em sua comunidade linguística, uma vez que surgiu como resposta nos três grupos consultados e com frequência próxima entre eles.

Contudo, não há registros da expressão nas obras de referência para esse trabalho.

Quadro 17: Sinônimo de cantar na escritura: Cantar em cima da escritura

Cantar em cima da escritura: O mesmo que **cantar na escritura**.

Resposta dada como sinônimo a cantar na escritura.

Tabela 5.33 Comparação da lexia **cantar em cima da escritura** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.34 Porcentagem de escolha da lexia **cantar em cima da escritura**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	30%	20%	10%	40%	50%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	3/10	2/10	1/10	4/10	5/10

CANTAR EM CIMA DA ESCRITURA

Em resposta ao item esperado, **cantar na escritura**, de nosso questionário, também recebemos **cantar em cima da escritura**. Acreditamos que seja uma forma analítica da expressão em questão e que também não conta com registro nas obras lexicográficas consultadas.

Os dados da tabela de frequência mostram que esse item é comum para os três grupos estudados, demonstrando, assim, um quadro de variação.

Quadro 18: Cantador de lari larai

Cantador de lari larai: cururueiro sem talento.

Contexto de utilização:

“A gente chama **cantador de lari larai**, quando o cururueiro não sabe fazer verso e fica só repetindo essa cantiga lari larai. Aqui mesmo no Coxipó não encontra **cantador de lari larai**, só mesmo pros lados de Poconé (rindo)” (J.C.).

Tabela 5.35 Comparação da lexia **cantador de lari larai** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.36 Porcentagem de escolha da lexia **cantador de lari larai**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	100%	20%	10%	40%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	10/10	2/10	1/10	4/10	2/10

CANTADOR DE LARI LARAI

Assim como temos a expressão **cantar esclarecido** para definir o cururueiro que compõe bons versos, em forma e conteúdo, temos o oposto que é chamado de **cantador de lari larai**. No cururu, há momentos em que o cururueiro entoava vocalizações, isso preenche a apresentação e convida os expectadores a cantar junto. Mas, o bom cururu é composto principalmente pelos versos bem elaborados e de autorais. Por isso, o cururueiro que não apresenta versos inéditos e persiste em entoar um refrão é chamado de **cantador de lari larai**.

Por se tratar de uma expressão de um grupo bastante específico, já se era esperado que não fosse encontrado esse registro nos dicionários, fato que se confirmou. Além disso, também era esperada maior frequência entre o grupo dos cururueiros em relação ao público em geral.

Segundo a tabela de frequência, a totalidade dos cururueiros mais idosos respondeu com esse item ao nosso questionário. Enquanto entre os cururueiros mais jovens e os não cururueiros, nós obtivemos não só uma frequência menor, como também colhemos a variante **ruim** que será analisada no quadro a seguir.

Quadro 19: Sinônimo de cantador de lari larai: ruim

Ruim: O mesmo que **cantador de lari larai**.

Resposta dada como sinônimo a cantador de lari larai.

Tabela 5.37 Comparação da lexia **ruim** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	adj. Mau física ou moralmente.
SILVA	+	adj. Mau física ou moralmente.
LUIZ PINTO	+	adj. Mau
VIEIRA	+	adj. Mau, assim no sentido natural como moral.

FREIRE	+	adj. Destituído de mérito.
AULETE	+	adj. De má qualidade; que não funciona bem.
MICHAELIS	+	adj. Que é de má qualidade; ordinário.
FERREIRA	+	adj. Que não tem préstimo; inútil.
BORBA	+	adj. De má qualidade.
HOUAISS	+	adj. Cujo desempenho é insatisfatório.

Tabela 5.38 Porcentagem de escolha da lexia **ruim**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	0%	80%	90%	60%	80%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	0/10	8/10	9/10	6/10	8/10

Ruim

A variante **ruim**, com exceção da obra de Bento Pereira, consta em todos os outros dicionários consultados. E, apesar de não fazerem relação ao cururu ou ao campo da música, em todos há a acepção daquilo que é ordinário, insatisfatório.

Em relação a sua frequência de escolha, ocorre em maior número entre o público geral, em menor número entre os cururueiros jovens (trinta por cento) e sem ocorrência entre os cururueiros mais idosos. Temos um caso de variação, sendo a variante **ruim** mais comum entre os não-cururueiros.

Quadro 20: Capelão

Capelão: pessoa responsável pelos ofícios religiosos das festas de santos.

Contexto de utilização:

“Depois a gente tem a reza, né. O **capelão** ou a **capeloa**, aqui a gente tem muita **capeloa**, faz a reza, como se fosse assim a missa, uma oração pro santo de devoção da casa, pros donos da casa, e aí a procissão do erguimento do mastro segue” (J.C.).

Tabela 5.39 Comparação da lexia **capelão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.m. Capellanus- i	
BLUTEAU	s.m. Clérigo que faz os ofícios divinos de alguma capela e assim se chamam os que recitam nos coros das igrejas.	
SILVA	s.m. Clérigo que faz os ofícios divinos de alguma capela e assim	

	se chamam os que recitam nos coros das igrejas.	
LUIZ PINTO	s.m. Clérigo que tem capelania, com obrigação de coro, ou de dizer Missa.	
VIEIRA	s.m. Sacerdote que vae dizer missa nas capelas dos príncipes ou dos particulares.	
FREIRE	s.m. Padre que diz missão e presta assistência espiritual nos regimentos militares.	
AULETE	s.m. Quem puxa reza, que começa as frases das orações, sendo seguido pelos demais.	
MICHAELIS	s.m. Sacerdote que dirige serviços religiosos e presta assistência espiritual em corporações militares, hospitais, colégios e comunidades religiosas.	
FERREIRA	s.m. Tirador de ladainha, terço ou qualquer outra reza.	
BORBA	s.m. Sacerdote que dirige os serviços religiosos e presta assistência espiritual em corporações militares, hospitais, colégios e comunidades.	
HOUAISS	s.m. Sacerdote responsável pelos ofícios religiosos de uma capela.	

Tabela 5.40 Porcentagem de escolha da lexia **capelão**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

CAPELÃO OU CAPELOA

As chamadas festas de Santo nas quais o cururu está inserido apresentam um complexo cerimonial. Divididas em algumas etapas, tais como a louvação ao santo de devoção homenageado, os agradecimentos ao festeiro, o carregamento da bandeira, hasteamento do mastro e a reza que é conduzida pelo **capelão** ou **capeloa**. Trata-se de uma celebração religiosa realizada por uma pessoa comum, mas com prestígio em sua comunidade para conduzir alguns rituais espirituais, podendo ser homem ou mulher.

Encontramos o registro da lexia **capelão** nas obras lexicográficas consultadas, em todas elas com a acepção de sacerdote ou clérigo responsável pelos serviços religiosos em

sua comunidade. Mais próximo ao uso empregado por nossos colaboradores, Aulete e Ferreira apresentam **capelão** como aquele que puxa as ladainhas e conduz a reza.

Item de prestígio em sua comunidade linguística, foi dado como resposta na totalidade da pesquisa, apontando, assim, para um quadro de manutenção da lexia **capelão**.

Quadro 21: Capitão do mastro

Capitão do mastro: festeiro responsável pelo mastro.

Contexto de utilização:

“A festa de santo tem todo um processo, uma sequência. Tem uma palavra mais científica, que T. fala, tem um cerimonial. Então, por exemplo, neste ano aqui, já vai se indicar quem vai ser os festeiros do ano que vem. Aí, vem o capitão do mastro, alferes de bandeira. Quando vai levantar o mastro, tem todo esse processo. Aí vai chamar o pessoal pra acender vela, o pessoal da procissão, pegar o santo que tá no altar. Nessa aí, tem o alferes de bandeira que pega a bandeira, tem os santos para pegar, tem o **capitão do mastro** que pega a coroa que vai na ponta do mastro, que é quase igual a folia de reis. Então, tem todo esse processo, no qual o pessoal que tá no pé de verso vai chamando. Vamos acender a iluminação. Tudo aquilo, quando está tudo composto aí sai com a procissão, até a onde vai fazer o levantamento de mastro e continua ainda. Ainda vai mandar colocar a bandeira, que é o alferes de bandeira. Isso tudo é processo, tem gente aqui que acha demorado, mas é uma coisa muito bonita, leva, assim, de uma hora à uma hora e meia todo esse processo” (A.R.).

Tabela 5.41 Comparação da lexia **capitão do mastro** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Ductor – oris
BLUTEAU	+	s.m. Oficial militar entre o ajudante, e major. Governa uma companhia
SILVA	+	s.m. Oficial militar entre o ajudante, e major. Governa uma companhia
LUIZ PINTO	+	s.m. Oficial que governa uma companhia. Ou um navio.
VIEIRA	+	s.m. O oficial militar que comanda uma companhia
FREIRE	+	s.m. Oficial do exército, de posto imediatamente inferior ao do major e que comanda uma companhia de infantaria, cavalaria ou artilharia ou uma artilharia de bateria montada.

AULETE	+	s.m. Comandante de navio capitânia de uma força naval, quando não acumula a função de comandante de toda a força.
MICHAELIS	s.m. Pessoa que doa e acompanha o mastro em algumas festas, especialmente na do Divino Espírito Santo, e que carrega um cetro de madeira.	
FERREIRA	+	s.m. Militar que detém o posto de capitão.
BORBA	+	s.m. Comandante de navio mercante.
HOUAISS	+	s.m. Chefe de qualquer grupo de pessoas.

Tabela 5.42 Porcentagem de escolha da lexia **capitão do mastro**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
100%	100%	100%	100%	100%	100%
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

CAPITÃO DO MASTRO

Outro item com origem militar, **capitão do mastro** designa, no contexto das festas de santo, a pessoa responsável pela condução e hasteamento do mastro onde será erguida a bandeira, símbolo do santo homenageado.

Na consulta aos dicionaristas, localizamos em todos a lexia **capitão** em referência à patente militar. Em Michaelis, temos a entrada com a acepção pretendida. Tal fato somado à observação da tabela de frequência, nos leva a um quadro de manutenção da lexia, uma vez que em todos os grupos consultados obtivemos como a totalidade das respostas o item **capitão do mastro**.

Quadro 22: Cebolão

Cebolão: uma das afinações da viola-de-cocho.

Tabela 5.43 Comparação da lexia **cebolão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	

LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	s.m. Relógio grande de prata.
FREIRE	+	s.m. Relógio grande de prata.
AULETE	+	s.m. Modelo antigo de relógio de bolso, grande e redondo; cebola; PATAÇÃO.
MICHAELIS	s.m. Uma das afinações da viola, também chamada afinação em mi.	
FERREIRA	+	s.m. Relógio antigo de algibeira ou de pulso.
BORBA	s.m. Uma das afinações da viola. Afinação em mi.	
HOUAISS	s.m. Uma das afinações da viola caipira, tb. dita afinação em mi.	

Tabela 5.44 Porcentagem de escolha da lexia **cebolão**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%		40%		0%		0%	
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10		4/10		0/10	0/10	0/10	0/10

CEBOLÃO

A lexia **cebolão** caracteriza uma das afinações da viola de cocho. Além dela, também nos foram apresentadas as afinações do canutilho solto e do canutilho preso que serão aqui também apresentadas e analisadas.

Por ser um termo de especialidade, a lexia **cebolão**, com a acepção dada pelos nossos sujeitos, só consta em três dos onze dicionaristas consultados, sendo eles Michaelis, Borba e Houaiss, mas sem fazer menção ao cururu, definindo apenas como um tipo de afinação da viola.

Entre os registros lexicográficos mais antigos, não encontramos lexia, e só vamos encontrá-la a partir de Vieira, mas com outra acepção, o que se segue na maioria dos outros dicionários consultados. Neles, encontramos comumente a lexia **cebolão** relacionada a relógio antigo, grande e redondo, ou ainda a de cebola grande.

Ao aplicarmos o questionário, verificamos que a lexia não era conhecida do público geral. Mesmo no grupo dos cururueiros, não há amplo reconhecimento. Além de ser um termo específico do cururu, o que explica sua baixa frequência entre os não cururueiros, essa afinação tem estilo antigo e já não é mais tão utilizada no cururu de Mato Grosso, por isso seu baixo prestígio.

Quadro 23: Sinônimo de cebolão: canutilho solto

Canutilho Solto: Uma das afinações da viola-de-cocho.

“**Canotio solto** e canotio preso são os tipos de afinação da viola de cocho. Os mais antigos usavam muito mais a o **canotio preso**, mas hoje em dia é mais comum a gente tocar com a afinação do **canotio solto**, que é em um tom a mais” (T.F.).

Tabela 5.45 Comparação da lexia **canutilho solto** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.46 Porcentagem de escolha da lexia **canutilho solto**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	40%	0%	0%	0%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	2/10	0/10	0/10	0/10	0/10

CANOTILHO SOLTO

Outra afinação da viola-de-cocho é a chamada de **canutilho solto**. Recebe esse nome devido a corda extra, o canutilho, anexada ao instrumento servir de referência para a afinação. No caso do **canutilho solto**, a corda fica livre, por isso a nomenclatura. O contrário ocorre com a outra afinação que tem essa corda presa junto à quarta corda da viola-de-cocho, trazendo outra sonoridade.

Segundo nossos sujeitos, a preferência atual é pela afinação com o **canutilho solto**, mas anteriormente já foi o contrário, utilizando-se essa corda presa.

Como já foi visto anteriormente no quadro 12, a lexia **canutilho** está registrada em todas as obras lexicográficas consultadas e em três delas encontramos a acepção desejada. Por já termos feito a análise do item **canutilho**, buscamos neste quadro pelo item complexo **canutilho solto**, que não foi registrado por nenhum dicionarista.

Quanto à análise da tabela de frequência, no grupo dos cururueiros houve reconhecimento, já no grupo dos não cururueiros, não. O que nos confirma ser um item de uso específico.

Quadro 24: Sinônimo de cebolão: canutilho preso

Canutilho preso: Uma das afinações da viola-de-cocho.

Contexto de utilização:

“Canotio solto e **canotio preso** são os tipos de afinação da viola de cocho. Os mais antigos usavam muito mais a o **canotio preso**, mas hoje em dia é mais comum a gente tocar com a afinação do canotio solto, que é em um tom a mais” (T.F.).

Tabela 5.47 Comparação da lexia **canutilho preso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.48 Porcentagem de escolha da lexia **canutilho preso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%	400%	0%	0%	0%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10	4/10	0/10	0/10	0/10	0/10

CANUTILHO PRESO

Muito semelhante à análise do quadro anterior, o item **canutilho preso** também não está registrado em nenhuma das obras lexicográficas consultadas, apresenta baixa frequência no grupo geral e maior reconhecimento entre os cururueiros.

Quadro 25: Corpo

Corpo: a caixa acústica da viola.

Contexto de utilização:

“A viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em **corpo**, que também é chamado de cocho, e o braço. Pra se prender as cordas, do lado do tampo, fica o cavalete, e na ponta do braço ficam as cravelhas, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (T.F.).

Tabela 5.49 Comparação da lexia **corpo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Corpus, oris
BLUTEAU	+	s.m. Oposto a espírito, substância material, extensa, impenetrável, divisível.
SILVA	+	s.m. Oposto a espírito, substância material, extensa, impenetrável, divisível.
LUIZ PINTO	+	s.m. substância material extensa, divisível.
VIEIRA	+	s.m. A parte principal ou maior de certos objetos. O corpo de um rehecão.
FREIRE	+	s.m. Parte central e principal de certos objetos.
AULETE	+	s.m. Materialidade.
MICHAELIS	s.m. Parte oca com a função de ampliar o som das cordas de determinados instrumentos; caixa de ressonância.	
FERREIRA	+	s.m. A parte essencial, principal ou central de certos objetos.
BORBA	+	s.m. Parte central e principal de um objeto
HOUAISS	s.m. Compartimento oco que tem a função de ampliar o som das cordas em certos instrumentos; caixa de ressonância <i>«o c. de um violão»</i>	

Tabela 5.50 Porcentagem de escolha da lexia **corpo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	60%	0%	20%	10%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	6/10	0/10	2/10	1/10	0/10

CORPO

Assim como todos os instrumentos de corda, o **corpo** denomina a principal área da viola-de-cocho, onde localiza-se a parte oca responsável por ampliar o som promovido pelas cordas. O registro com essa acepção foi encontrado em apenas duas obras consultadas, Michaelis e Houaiss, nas demais há menção à materialidade ou parte principal de algo.

Na aplicação do questionário, como já se era esperado por ser um item de especialidade, tivemos maior reconhecimento da lexia entre os cururueiros em relação ao público em geral, mas também recebemos a variante **cocho**, que será analisada a seguir.

Quadro 26: sinônimo de corpo: cocho

Cocho: O mesmo que **corpo**.

Resposta dada como sinônimo a corpo.

Tabela 5.51 Comparação da lexia **cocho** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	+	s.m. Vasilha de levar aos pedreiros a cal amassada para a obra.
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	s.m. Vasilha de levar aos pedreiros a cal amassada para a obra.
FREIRE	+	s.m. Espécie de vasilha oblonga, onde se põe água ou comida para o gado, e que serve também para a lavagem da mandioca e fabrico da farinha.
AULETE	s.m. Viola de cinco cordas, ger. de braço curto. [Tb. se diz <i>viola de cocho</i> .].	
MICHAELIS	s.m. Pequena viola com cinco cordas; viola de cocho.	
FERREIRA	+	s.m. Espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, em geral para a comida do gado.
BORBA	+	s.m. Recipiente alongado, geralmente feito de um tronco de madeira escavada, onde se coloca água ou ração para animais.
HOUAISS	s.m. Tipo de viola popular de cinco cordas us. no cururu; viola de cocho.	

Tabela 5.52 Porcentagem de escolha da lexia **cocho**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	40%	10%	10%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	4/10	1/10	1/10	4/10	3/10

COCHO

Na aplicação de nosso questionário, recebemos também como resposta, para definir a parte principal da viola, a lexia **cocho**. A definição encontrada na maioria dos dicionaristas é a mesma que deu origem ao uso no contexto do cururu, ou seja, **cocho** é um pedaço de madeira escavada que serve de utensílio para depositar o alimento de animais, geralmente do gado.

Encontramos a lexia **cocho** em oito das onze obras consultadas, sendo que não foi localizada a entrada nos dicionaristas mais antigos. Já com a acepção desejada, a de parte constituinte da viola-de-cocho, temos o registro em três dicionaristas mais modernos, Aulete, Michaelis e Houaiss.

Essa variante, como podemos observar pela tabela de frequência, demonstra ser reconhecida e utilizada pelos três grupos consultados, assim como o item com que concorre, **corpo**.

Quadro 27: Contra

Contra: a segunda corda da viola-de-cocho.

Contexto de utilização:

“Eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a prima. Aí a segunda é **contra**; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é de cima mesmo” (A viola de cocho e a proteção ao patrimônio imaterial. Visualizado em 20-06-2020 . disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CE2KZ6fgxJ0&t=969s>)

Tabela 5.53 Comparação da lexia **contra** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	prep. Aduersus
BLUTEAU	+	prep. Coisa, que se lhe oponha; réplica.
SILVA	+	prep. Coisa, que se lhe oponha; réplica.
LUIZ PINTO	+	prep. Anteposta ao nome significa oposição. Algumas vezes se usa dela só, como se fora um substantivo.
VIEIRA	+	prep. Em oposição a, opondo-se a, para se defender de.
FREIRE	+	prep. Em inimizade com, em oposição hostil a.
AULETE	+	prep. De modo desfavorável ou antagônico, contrariamente.
MICHAELIS	+	adv. Em sentido contrário; contrariamente, desfavoravelmente
FERREIRA	+	prep. Em oposição a; em luta com.
BORBA	+	prep. Indica posição contrária; de encontro.
HOUAISS	+	prep. Em direção ou sentido oposto a.

Tabela 5.54 Porcentagem de escolha da lexia **contra**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	0%	0%	0%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	0/10	0/10	0/10	0/10

CONTRA

A viola-de-cocho, talvez por sua origem popular, difere de outros instrumentos de corda, tais como o violino e violão, cujas cordas são nomeadas de acordo com as notas musicais que representam. A nomenclatura empregada pelos cururueiros está relacionada ao posicionamento espacial das cordas, sendo elas: **prima, contra, do meio, de cima**. Mais contemporânea foi incorporado o **canutilho** que ocuparia a posição da quarta corda.

Com a acepção de nome de corda de instrumento musical não foi encontrado o registro em nenhuma das obras consultadas, mas temos a entrada **contra** em todos os materiais pesquisados. O que somado a informação da tabela de frequência, na qual observamos um uso quase que exclusivo ao grupo dos cururueiros, aponta para um item de

especialidade, de pouco espalhamento geográfico e por isso a falta de registro nas obras lexicográficas.

Quadro 28: Corda

Corda: fio de náilon ou aço usado em certos instrumentos musicais que produz som ao ser vibrado.

Contexto de utilização:

“Bem antigamente, as cordas da viola eram feitas de tripa de animal, principalmente do macaco. O povo conta, eu mesmo nunca cheguei a ver. Aí foram chegando as leis, o IBAMA e proibiram. Mas, hoje também é mais fácil. Você precisa de um encordoamento, você compra barato em qualquer lugar. Antigamente não era assim” (M.J.).

Tabela 5.55 Comparação da lexia **corda** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Fides, fidis	
BLUTEAU	s.f. Porção de fios de linha, estopa, lã, cairo torcidos entre si; ou de pele, e tripas de animais para instrumentos músicos.	
SILVA	s.f. Porção de fios de linha, estopa, lã, cairo torcidos entre si; ou de pele, e tripas de animais para instrumentos músicos.	
LUIZ PINTO	s.f. Fios torcidos de estopa entre si de diversas grossuras e para diversos usos. Nos instrumentos músicos é de intestino de animais ou de arame.	
VIEIRA	s.f. Termo de Musicada. Tripa do carneiro, depois de estendida, seca, e preparada para servir em certos instrumentos, tais como violão, a rabeca, o violoncelo, violino» rabecão, harpa, lira, etc., ou também metal passados pela fieira, que são usados em certos instrumentos, tais como o piano, viola, guitarra, etc.	
FREIRE	s.f. Fio de tripa ou de arame liso, que posta em vibração produz som em certos instrumentos.	
AULETE	s.f. Fio de tripa, seda, náilon, aço que produz som quando dedilhado, friccionado, percutido.	

MICHAELIS	s.f. Fio de tripa, crina etc., de náilon, de seda ou de metal, para produzir sons em certos instrumentos.	
FERREIRA	s.f. Fio tripa, de seda, de náilon ou de aço, esticado sobre a caixa de ressonância dum instrumento de cordas.	
BORBA	s.f. Fio de tripa, seda, náilon ou aço retesado sobre a caixa de ressonância de um instrumento musical.	
HOUAISS	s.f. Fio de tripa, seda, náilon, aço ou outra liga metálica us. em certos instrumentos musicais e que produz som ao ser vibrado por diferentes meios.	

Tabela 5.56 Porcentagem de escolha da lexia **corda**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%		100%		100%		100%	
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10		10/10		10/10	10/10	10/10	10/10

CORDA

De registro antigo, presente desde a obra de Bluteau que data do século XVIII, a lexia **corda**, no contexto do cururu e de forma mais geral pode denominar o fio que produz o som em certos instrumentos musicais. Originalmente, feita a partir de tripa de animais, esse dispositivo foi se modernizando e passou a ser fabricado com outros materiais, como o náilon ou ligas metálicas, o que além de estar de acordo com as leis de proteção ambiental, também traz facilidade na confecção do instrumento e maior durabilidade do encordoamento.

Em conversas informais com nossos colaboradores, percebemos que se trata de um assunto tabu. Apenas um cururueiro disse ter tocado viola-de-cocho com cordas de tripa de macaco, mas que eram muito frágeis e era necessário realizar a troca com frequência. Atualmente, não se fabrica instrumento dessa forma. Tanto pelas leis vigentes, quanto pela facilidade de se comprar um encordoamento de boa qualidade em lojas do ramo.

A lexia **corda**, apesar de ser parte do instrumento viola-de-cocho, demonstrou ter notoriedade entre todos os grupos pesquisados como mostra a tabela de frequência, com a totalidade de respostas nos quatro seguimentos consultados.

Da mesma forma, localizamos o item e com a acepção desejada nas onze obras lexicográficas consultadas, o que nos aponta para um quadro de manutenção da lexia.

Quadro 29: Cravelha

Cravelha: controla a afinação da viola, ajustando a tensão das cordas.

Contexto de utilização:

“A viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em corpo, que também é chamado de cocho, e o braço. Para se prender as cordas, do lado do tampo, fica o cavalete e na ponta do braço ficam as **cravelhas**, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (T.F.).

Tabela 5.57 Comparação da lexia **cravelha** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	s.f. são uns pauzinhos metidos no braço da viola para apertar, temperar e afinar as cordas.	
SILVA	s.f. Peça de pau o marfim, dos braços da rabeca, da viola e outros instrumentos, como cravo, com que se apertam ou afrouxam as cordas enroladas nela.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	s.f. Peça de pau, ferro ou outro metal, em que se enrolam e retesam as cordas de certos instrumentos, como a rabeca, a viola, etc.	
AULETE	s.f. Peça à qual se prende a extremidade de cada corda de certos instrumentos musicais (violão, guitarra etc.), e que ao ser girada retesa-a ou afrouxa-a, permitindo a afinação.	
MICHAELIS	s.f. Pequena clave, nas extremidades dos instrumentos de cordas, onde estas se prendem, enrolam e retesam.	
FERREIRA	s.f. Peça de madeira ou de metal de certos instrumentos musicais, destinada a retesar-lhes as cordas.	

BORBA	s.f Peça de madeira ou de metal usada para retesar as cordas de instrumentos musicais.	
HOUAISS	s.f. Peça ger. de madeira ou aço com uma haste cônica e uma cabeça, com que se enrolam ou retesam as cordas dos instrumentos, para afiná-los.	

Tabela 5.58 Porcentagem de escolha da lexia **cravelha**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	0%	10%	10%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	0/10	1/10	1/10	0/10

CRAVELHA

Outra lexia utilizada para denominação de partes da viola-de-cocho e que é comum a outros instrumentos de corda é **cravelha**. Com a função de apertar ou soltar as cordas, alterando a tensão das mesmas e por sua vez a vibração e o som produzido, as **cravelhas** são responsáveis pela afinação dos instrumentos de corda.

Por ser um item de uso mais específico, percebemos pela da tabela de frequência que quase não há reconhecimento dela entre o público em geral, mas total entre os cururueiros. Somando-se aos registros encontrados nas obras lexicográficas que correspondem ao uso dado por nossos sujeitos, podemos concluir que há um quadro de manutenção.

Quadro 30: Cururu

Cururu: variedade de desafio acompanhada de dança de roda em que os cantadores improvisam ao som da viola de cocho e do ganzá.

Contexto de utilização:

“Tem assim as regras, os cururueiros dizem assim: a ciência do cururu. O que que faz primeiro, como que canta, para quem canta, por exemplo, numa festa de santo para quem canta, por que a importância do **cururu** está nem tanto na coreografia, mas no texto da toada. Por isso que o cururu, diferente do siriri, é tido como uma cantoria. Precisa prestar atenção

no que eles estão dizendo. Agora estão chamando os festeiros para vir para frente do altar para chamar a procissão. O cururu que conduz todo o cerimonial” (T.F.).

Tabela 5.59 Comparação da lexia **cururu** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	s.m. Pequeno arbusto natural do Brasil, congênera da saboeira, denominado pelos naturalistas cururu. O suco desta planta bebido com água é muito eficaz contra os vômitos de sangue.
FREIRE	s.m. Espécie de batuque sertanejo, com canto ao desafio.	
AULETE	s.m. Dança de roda com cantos de desafio e temas quase sempre religiosos.	
MICHAELIS	s.m. Dança de roda, embalada por músicos e cantos de desafios, geralmente com temas religiosos.	
FERREIRA	s.m. Dança de roda em que se canta ao desafio.	
BORBA	s.m. Dança de roda, com cantoria, palmas e sapateado.	
HOUAISS	s.m. Dança de roda acompanhada de cantos de desafio e de temática predominantemente religiosa.	

Tabela 5.60 Porcentagem de escolha da lexia **cururu**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
100%	100%	100%	100%	100%	100%
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

CURURU

Item central de nossa pesquisa, o **cururu** pertence à história e tradição cuiabana. Recentemente, voltou a ganhar prestígio na cena cultural mato-grossense, através de incentivos políticos e valorização acadêmica. Fato que comprovamos pelo resultado da

aplicação de nosso questionário, sendo que houve o reconhecimento da lexia em todos os grupos pesquisados.

Dentre os dicionaristas, localizamos o registro em seis deles, nos mais atuais. A partir de Freire há a entrada de **cururu** com a acepção de canto de improviso e dança de roda no contexto das festas populares de tradição católica.

Somando-se as informações da presença do registro nas obras lexicográficas ao reconhecimento da lexia em sua comunidade de fala, temos um quadro de manutenção lexical.

Quadro 31: Cururueiro

Cururueiro: aquele que canta cururu.

Contexto de utilização:

“Sim, e sou filho e neto de **cururueiro**. Nasci nesse contexto assim das... que aqui chamamos assim de festa de santo, né? Nesse contexto das festas de santo, desse movimento do cururu, siriri. Meus avós, meus tios, meus pais, tudo era envolvido com isso. Nasci nesse meio. E desde aí fui criando gosto, né? Por essa, essa manifestação e fui me envolvendo, aprendendo e hoje eu continuo sendo assim cururueiro, participando” (T. F.).

Tabela 5.61 Comparação da lexia **cururueiro** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	s.m. Dançador de cururu; batuqueiro.	
MICHAELIS	s.m. Relativo a cururu ou cantador de cururu; cururueiro.	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.62 Porcentagem de escolha da lexia **cururueiro**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

CURURUEIRO

Aquele que compõe versos, toca viola-de-cocho, canta e dança a coreografia do cururu é chamado de **cururueiro**. Logo, trata-se de um artista completo, com habilidade e talento em mais de uma área.

Assim como outras formas de arte que tem ciclos de valorização e depreciação. Em Cuiabá, o cururu também já foi uma demonstração artística de grande notoriedade, passou por um período de estigmatização e mais recentemente voltou ao gosto popular. Da mesma maneira seus representantes, os **cururueiros**.

Em conversa informal com nossos colaboradores, principalmente entre os mais jovens, foi nos relatado que, quando crianças eles observavam os pais e avós cururueiros e os admiravam, mas como o cururu era considerado ultrapassado, eles sentiam vergonha em seguir a tradição da família. Contudo, esse cenário foi sendo modificado. Graças a alguns incentivos governamentais e ações de entusiastas do cururu, o panorama atual do cururu de Mato Grosso se modificou. Voltou a ser prestigiado e hoje podemos encontrar jovens cururueiros participando das apresentações.

A tabela de frequência confirma essa conjuntura, sendo que a lexia **cururueiro** foi conhecida por todos os entrevistados. E, na pesquisa do material lexicográfico, encontramos o registro de cururueiro em dois dicionaristas, Aulete e Michaelis. Apontando assim para um quadro de manutenção lexical.

Quadro 32: de cima

De cima: a quinta corda da viola de cocho.

Contexto de utilização:

“Eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a prima. Aí a segunda é contra; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é **de cima** mesmo. (A viola de cocho e a proteção ao patrimônio imaterial. Visualizado em 20-06-2020 . disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CE2KZ6fgxJ0&t=969s>)

Tabela 5.63 Comparação da lexia **de cima** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	adj. Em cima, sobre. Acima, antes, em primeiro lugar.
SILVA	+	adj. Em cima, sobre. Acima, antes, em primeiro lugar.
LUIZ PINTO	+	adj. Em cima, sobre. Acima, antes, em primeiro lugar.
VIEIRA	+	adj. Da parte superior, do alto.
FREIRE	+	s.f. A parte mais elevada, cume, cumieira.
AULETE	+	adj. Da parte mais elevada, do alto.
MICHAELIS	+	Da parte mais elevada, do alto, do topo
FERREIRA		s.f. A parte mais elevada, cume.
BORBA		s.f. Parte mais elevada, superior.
HOUAISS	+	s.f. A parte superior de alguma coisa; alto, cume, cimeira, topo.

Tabela 5.64 Porcentagem de escolha da lexia **de cima**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	0%	0%	0%	0%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	0/10	0/10	0/10	0/10

DE CIMA:

A quinta e última corda da viola-de-cocho, quando se conta de cima para baixo, temos a **de cima**. Item amplamente reconhecido pelos cururueiros, jovens e idosos, e, por ser específico a esse grupo, sem reconhecimento entre o público em geral pesquisado.

Na consulta às obras lexicográficas, encontramos **de cima** em todas elas, contudo com outra acepção, sempre com o sentido de parte mais elevada, cume.

Quadro 33: do meio

Do meio: a terceira corda da viola de cocho.

Contexto de utilização:

“Eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a prima. Aí a segunda é contra; a terceira é a **do meio**; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é de cima mesmo. (A viola de cocho e a proteção ao patrimônio imaterial. Visualizado em 20-06-2020 . disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CE2KZ6fgxJ0&t=969s>)

Tabela 5.65 Comparação da lexia **do meio** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	<i>Médium</i>
BLUTEAU	+	adj. mediano
SILVA	+	s.m. O lugar ou parte entre os extremos, que dista deles igualmente.
LUIZ PINTO	+	s.m. O lugar entre dois extremos.
VIEIRA	+	s.m. O lugar que está igualmente distante das duas extremidades.
FREIRE	+	adj. Que indica metade do objeto significado pelo substantivo.
AULETE	+	adj. Que fica num ponto médio.
MICHAELIS	+	adj. Que está em posição intermediária, meio, mediano, médio.
FERREIRA	+	adj. Ponto situado ao centro de um espaço, equidistante de suas extremidades.
BORBA	+	s.m. O lugar entre dois extremos.
HOUAISS	+	s.m. Aquilo que ocupa posição entre duas ou mais coisas.

Tabela 5.66 Porcentagem de escolha da lexia **do meio**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%		100%		0%		0%	
				Homens		Mulheres	
10/10		10/10		0/10		0/10	

DO MEIO:

A terceira corda da viola-de-cocho, localizada na posição mediana do encordoamento do instrumento é chamada **do meio**. Assim como foi registrado com as demais nomenclaturas das cordas da viola-de-cocho, a **do meio** foi bastante reconhecida entre

os dois grupos de cururueiros consultados, mas não houve registro entre o público geral. Situação já esperada por se tratar de um termo específico do músico cururueiro.

Na consulta às obras lexicográficas, encontramos a lexia **meio** em todas elas. Apesar de não trazerem a acepção de nome dado a uma das cordas da viola-de-cocho, localizamos o significado de posição mediana, que gerou o nome dessa corda.

Quadro 34: Desentoado

Desentoado: cururueiro desafinado.

Contexto de utilização:

“Nem todo mundo que faz, toca. E, nem todos que toca, faz viola de cocho, que é o meu caso. Sou filho e neto de cururueiro, tô na quarta geração, só que não nasci com esse dom. Como diria seu M. aqui “você é muito **desentoado**”, então demoraria muito tempo para eu aprender, então deixa eu ficar só na confecção de viola de cocho” (A. R.).

Tabela 5.67 Comparação da lexia **desentoado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO”	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	adj. Dissonus, a, um	
BLUTEAU	adj. Fora de tom. Que não sabe entoar.	
SILVA	adj. Fora de tom. Que não sabe entoar.	
LUIZ PINTO	adj. Que não sabe entoar.	
VIEIRA	part. passado. de desentoar.	
FREIRE	adj. Que está fora do tom; desafinado, dissonante.	
AULETE	adj. Que canta ou toca fora do tom (coro <u>desentoado</u>); DESAFINADO [Antôn.: entoado].	
MICHAELIS	adj. Que está fora do tom; desafinado, dissonante, não entoado.	
FERREIRA	adj. Desafinado, dissonante, destoante.	
BORBA	adj. Desafinado, dissonante.	
HOUAISS	adj. Não entoado, fora do tom; desafinado.	

Tabela 5.68 Porcentagem de escolha da lexia **desentoado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
80%	100%	20%	10%	40%	40%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
8/10	10/10	2/10	1/10	4/10	4/10

DESENTOADO

Outra adjetivação que o cururueiro pode receber é quanto a sua afinação. Como já foi dito, o bom cururueiro deve saber tocar viola-de-cocho, criar letras de cururu, dançar, cantar e ser afinado.

Em nossas conversas, conhecemos alguns apreciadores de cururu que disseram não ter dom para a música. Alguns não conseguiram aprender a tocar viola-de-cocho, outros são introvertidos para as apresentações ou ainda não possuem afinação musical e são chamados de **desentoados**.

Em todas as obras lexicográficas, encontramos o registro da lexia com a acepção desejada, característica de quem ou aquilo que está fora do tom, dissonante.

Desentoadado também se mostrou comum entre os cururueiros, como podemos observar na tabela de frequência, e com taxa um pouco menor entre os não-cururueiros, grupo em que apareceu a variante **desafinado** que será analisada a seguir.

Quadro 35: sinônimo de desentoadado: desafinado

Desafinado: O mesmo que **desentoadado**.

Resposta dada como sinônimo a desentoadado.

Tabela 5.69 Comparação da lexia **desafinado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	part. pass. de desafinar. O contrário de afinado.	
SILVA	part. pass. de desafinar. O contrário de afinado.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	part. pass. de desafinar.	
FREIRE	adj. part. pass. de desafinar. Desacorde; dissonante.	
AULETE	adj. Que está fora do tom; não afinado (violão <u>desafinado</u> , vozes <u>desafinadas</u>).	
MICHAELIS	adj. Que não está afinado; destoante, dissonante.	
FERREIRA	adj. Que perdeu a afinação.	
BORBA	adj. Dissonante, dasarmônico.	
HOUAISS	adj. Que saiu do tom próprio; não afinado; desentoadado, dissonante.	

Tabela 5.70 Porcentagem de escolha da lexia **desafinado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%	0%	80%	90%	60%	60%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10	0/10	8/10	9/10	6/10	6/10

DESAFINADO:

Em resposta ao cururueiro sem afinação, recebemos as lexias **desentoadado**, preferência de cururueiros e não cururueiros mais idosos, e **desafinado**, preferência do público geral mais jovem.

A lexia **desafinado** está presente em todas as obras lexicográficas consultadas, com exceção a de Bento Pereira.

Quadro 36: empalizado

Empalizado: construção arquitetônica que consiste em um conjunto de troncos cravados verticalmente no solo e cobertos por folhagem de coqueiro nativo.

Contexto de utilização:

“**Empalizado** é um salão de fazer a festa, né. Você coloca as taquaras, os madeiramento, né. Aí corta folha de acuri, que é uma palmeira daqui, né, corta ele, deixa ele tudo assim empalizado, nessa altura. Então virou tradição por aqui o **empalizado**, há muitos e muitos anos tá tendo isso” (A. R.).

Tabela 5.71 Comparação da lexia **empalizado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.72 Porcentagem de escolha da lexia **empalizado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	80%	40%	30%	70%	60%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	8/10	6/10	6/10	7/10	6/10

EMPALIZADO:

A preparação das festas de santo envolve muitos detalhes. As pessoas responsáveis por conduzir a festa, o que será servido e quem irá cozinhar, a música, o celebrante, e o espaço. Bastante comum nos quintais das casas em que visitamos, o **empalizado** é uma estrutura construída para delimitar o espaço do evento. Feito, geralmente, de bambu trançado que é fincado no chão e que recebe cobertura de palha de coqueiro. Uma construção que utiliza recursos naturais e que protege os convidados das intempéries do tempo.

Apesar de não termos encontrado o registro da lexia nos dicionaristas consultados, ela foi bastante reconhecida pelos quatro grupos pesquisados e que nos aponta para um termo regional de pouco espalhamento. Além disso, também recebemos como resposta a variante **salão** que será analisada a seguir.

Quadro 37: sinônimo de empalizado: salão

Salão: O mesmo que **empalizado**.

Resposta dada como sinônimo a empalizado.

Tabela 5.73 Comparação da lexia **salão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	s.m. Sala grande.	
SILVA	s.m. Sala grande.	
LUIZ PINTO	s.m. Sala grande.	
VIEIRA	s.m. Sala grande.	
FREIRE	s.m. Sala grande em que se recebe, onde se dão bailes, onde se dão concertos.	
AULETE	s.m. Sala grande destinada a reuniões e recepções sociais.	
MICHAELIS	s.m. Sala ampla, própria para bailes, concertos, recepções etc.	
FERREIRA	s.m. Grande sala.	

BORBA	s.m. Grande sala para bailes.	
HOUAISS	s.m. Sala grande que se destina esp. a recepção de visitas, a bailes e outras grandes reuniões.	

Tabela 5.74 Porcentagem de escolha da lexia **salão**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	20%	60%	70%	30%	40%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	2/10	6/10	7/10	3/10	4/10

SALÃO

Como resposta ao espaço destinado às festas, além de **empalizado**, também recebemos a lexia **salão**. Com taxa maior de frequência entre o grupo de jovens não-cururueiros, acreditamos que o emprego dessa lexia, no contexto das festas de santo seja mais atual, e possa se estender à outras celebrações, tais como o **baile**.

À exceção de Bento Pereira. seu registro está presente em todos os dicionaristas consultados, o que aponta para manutenção lexical do item salão.

Quadro 38: ensopadão

Ensopadão: prato típico servido nas festas de santos. Constituído por pedaços de carne de boi, temperados e guisados, a que geralmente se misturam legumes ou tubérculos.

Contexto de utilização:

Após o momento de interação e troca importante do espaço democrático da festa é o jantar, que é oferecido gratuitamente a todos que participam. [...] para que a festa seja tradicional precisa ter uma boa comida, isto é, o tradicional **ensopadão**, sopão, além de licores e bebidas típicas geralmente feitos pela própria comunidade (GRANDO, 2007, p. 26).

Tabela 5.75 Comparação da lexia **ensopadão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	Ensopada cousa. Immersus, a, um	
BLUTEAU	Ensopado. part. pass. de ensopar. Embebido em caldo.	
SILVA	Ensopado. part. pass. de ensopar. Embebido em caldo.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	

FREIRE	Ensopado. part. pass. de ensopar. Diz-se da carne ou do vegetal cozido em caldo.	
AULETE	Ensopado. s.m. Carne em pequenos pedaços (ou camarão, peixe etc.) cozida em molho, com batatas ou legumes.	
MICHAELIS	s.m. Prato preparado com pedaços de carne guisados, misturados com legumes, cozinhado a fogo lento em água ou vinho; ensopadinho.	
FERREIRA	Ensopado. s.m. Prato de carne picada ensopada em molho abundante; guisado.	
BORBA	Ensopado. s.m. Prato de carne picada ao molho abundante; guisado.	
HOUAISS	Ensopado. s.m. Iguaria constituída de pedaços de carne (de boi, frango, peixe etc.) bem temperados e guisados, a que ger. se misturam legumes ou tubérculos antes de cozinhar a fogo lento em água, caldo ou vinho; ensopadinho.	

Tabela 5.76 Porcentagem de escolha da lexia **ensopadão**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
50%	60%	50%	60%	70%	60%		
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
5/10	6/10	5/10	6/10	7/10	6/10		

ENSOPADÃO

Prato típico de Cuiabá, o **ensopadão** é feito geralmente com carne bovina cozida, com muitos temperos e legumes. Esse caldo é servido com arroz e mandioca. Chamado popularmente de prato de uma panela só, o **ensopadão** começa a ser produzido no início da manhã da festa, uma vez que a quantidade a ser preparada é grande e essa iguaria precisa ser cozida em fogo brando.

A lexia **ensopadão** só não foi encontrada em Luiz Pinto e Vieira, nos demais dicionaristas localizamos o registro e com a mesma acepção dada por nossos colaboradores, a de guisado de carne com legumes. Somando-se a essa informação ao fato de ter sido registrada uma frequência de reconhecimento média em todos os grupos da pesquisa, verificamos assim que há tendência à manutenção semântico-lexical da palavra.

Para esse item, também recebemos como resposta, na aplicação de nosso questionário, as variantes **afogado** e **cozidão**, que serão analisadas na sequência.

Quadro 39: sinônimo de ensopadão: afogado

Afogado: O mesmo que **ensopadão**.

Resposta dada como sinônimo a ensopadão.

Tabela 5.77 Comparação da lexia **afogado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	s.m. Guisado de qualquer pescado, carne, ervas cozidas em águas com adubos.	
SILVA	s.m. Guisado de qualquer pescado, carne, ervas cozidas em águas com adubos.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	s.m. Pessoa que sofreu asfixia por submersão.
FREIRE	+	adj. Asfixiado, morto por submersão.
AULETE	+	adj. Que se afogou.
MICHAELIS	s.m. Alimento preparado com gordura, cebola e outros temperos; afogado.	
FERREIRA	s.m. Culinária. Refogado.	
BORBA	s.m. Embebido.	
HOUAISS	s.m. Culinária. Refogado.	

Tabela 5.78 Porcentagem de escolha da lexia **afogado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	30%	40%	40%	20%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	3/10	4/10	4/10	2/10	2/10

AFOGADO:

Como sinônimo de **ensopadão** temos o item **afogado**. A lexia foi reconhecida por todos os grupos da pesquisa, apesar da realização em menor número em relação à **ensopadão**, especialmente entre os não cururueiros mais idosos.

A lexia está registrada na maioria das obras lexicográficas consultadas, só não localizamos sua entrada em Bento Pereira e Luiz Pinto. Nas obras de Vieira, Freire e Aulete temos o registro, mas com outra acepção, a de quem sofreu asfixia por submersão. Podemos dizer assim que há tendência à manutenção semântico-lexical.

Quadro 40: sinônimo de ensopadão: cozidão

Cozidão: O mesmo que **ensopadão**.

Resposta dada como sinônimo a ensopadão.

Tabela 5.79 Comparação da lexia **cozidão** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	Cosido. Part. Pass. de coser.	
SILVA	Cosido. Part. Pass. de coser.	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	part. pass. de cozer.	
FREIRE	s.m. Cozido. Comida feita com carne do peito de vaca, charque, paio, toucinho e diversos legumes cozidos em água e às vezes servido com pirão de farinha de mandioca.	
AULETE	s.m. Cozido. Prato ger. composto de carnes, legumes e algumas verduras, ovos, batatas etc., cozidos, servido ger. com pirão de farinha.	
MICHAELIS	s.m. Cozido. Prato de origem europeia, que reúne diversos tipos de carne, batatas, legumes, verduras etc.; fervido.	
FERREIRA	s.m. Cozido. Prato de carnes cozidas com legumes, verduras, ovos, batatas, etc.	
BORBA	s.m. Cozido. Prato de carnes que se cozem com verduras e legumes.	
HOUAISS	s.m. Cozido. Prato muito popular, no Brasil e em Portugal, que reúne carnes diversas, legumes, verduras, batatas, ovos etc., e que ger. se faz acompanhar de um pirão de farinha; fervido.	

Tabela 5.80 Porcentagem de escolha da lexia **cozidão**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
10%	10%	10%	0%	10%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1/10	1/10	1/10	0/10	1/10	2/10

COZIDÃO:

Ainda como variante de **ensopadão**, temos a lexia **cozidão**. Menos frequente nos quatro grupos consultados o item está registrado na maioria das obras pesquisadas e em seis delas encontramos com a mesma acepção pretendida, a de prato de carne cozida com legumes em um caldo.

Quadro 41: escritura

Escritura: nome atribuído à bíblia, em referências às escrituras sagradas.

Contexto de utilização:

“As toadas do cururu tem de todo tipo, de todo tema. Depende do cururueiro. Tem cururueiro que gosta de falar da morena, tem cururueiro que fala da vida e tem cururueiro que canta na **escritura**, que fala das histórias da bíblia, que louva os santos” (M.J.).

Tabela 5.81 Comparação da lexia **escritura** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Scriptura, ae	
BLUTEAU	s.f. A escritura sagrada, ou santa. A bíblia.	
SILVA	s.f. A escritura sagrada, ou santa. A bíblia.	
LUIZ PINTO	s.f. Chama-se Escritura Sagrada os livros da bíblia.	
VIEIRA	s.f. Chama-se Escritura Sagrada os livros da bíblia.	
FREIRE	s.f. Conjunto dos livros do Antigo e Novo Testamento.	
AULETE	s.f. O conjunto dos livros canônicos do Antigo e do Novo Testamento; a bíblia.	
MICHAELIS	s.f. O conjunto dos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento, que integram a bíblia; Sagrada Escritura.	
FERREIRA	s.f. A bíblia.	
BORBA	s.f. O conjunto dos livros canônicos do Antigo e do Novo Testamento; a bíblia.	
HOUAISS	s.f. O conjunto dos livros da bíblia (mais us. no pl.); Sagrada Escritura.	

Tabela 5.82 Porcentagem de escolha da lexia **escritura**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior	Não cururueiro sênior
-------------------	-------------------	-----------------------	-----------------------

40%	70%	10%	0%	60%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	7/10	1/10	0/10	6/10	7/10

ESCRITURA

O cururu cuiabano, segundo nossos colaboradores, pode apresentar toadas sobre variadas temáticas. Desde a exaltação da beleza da mulher, às características da fauna e flora pantaneira, até às relações humanas. Contudo, assim como no cururu encontrado em Piracicaba, as músicas escritas a partir das histórias bíblicas são ainda as de maior prestígio.

Para se referir ao livro da bíblia, frequentemente recebemos o item **escritura**. E, como podemos observar pela tabela de frequência, trata-se de um uso mais comum entre os mais idosos, cururueiros ou não. Sendo pouco ou não realizado por não-cururueiros mais jovens.

Quanto ao registro dos dicionaristas, a lexia está presente em todas as obras consultadas e com a mesma acepção dada por nossos colaboradores, apontando para um quadro de tendência à manutenção semântico lexical. Também recebemos como resposta ao item do questionário a lexia bíblia, com a qual **escritura** concorre e será analisada a seguir.

Quadro 42: sinônimo de escritura: bíblia

Bíblia: O mesmo que **escritura**.

Resposta dada como sinônimo a escritura.

Tabela 5.83 Comparação da lexia **bíblia** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Biblia. Sacer textos.	
BLUTEAU	s.f. Livros; por excelência da se dá este nome aos Livros Sagrados do antigo e novo Testamento.	
SILVA	s.f. Livros; por excelência da se dá este nome aos Livros Sagrados do antigo e novo Testamento.	
LUIZ PINTO	s.f. Dá-se este nome aos livros da Sagrada Escritura.	
VIEIRA	s.f. Nome que a contar do século v se empregou para designar o conjunto dos livros das Escrituras hebraicas e cristãs.	
FREIRE	s.f. Livros sagrados do Antigo e Novo Testamento.	

AULETE	s.f. A Sagrada Escritura, compreendendo o Antigo e o Novo Testamento.	
MICHAELIS	s.f. Conjunto dos livros sagrados do Antigo e Novo Testamentos, aceitos pelas igrejas cristãs (parcialmente, pelos judeus) como revelação da palavra de Deus; Escritura, Escrituras, Sagrada Escritura.	
FERREIRA	s.f. O conjunto dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento; Escrituras; Sagrada Escritura.	
BORBA	s.f. Conjunto de livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento, aceito pelas igrejas cristãs como revelação da palavra de Deus.	
HOUAISS	s.f. compilação das Sagradas Escrituras (livro sagrado dos cristãos e, parcialmente, dos judeus), que compreende o Antigo e o Novo Testamento.	

Tabela 5.84 Porcentagem de escolha da lexia **bíblia**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	30%	90%	100%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	3/10	9/10	10/10	4/10	3/10

BÍBLIA:

A lexia **bíblia** foi apresentada como uma variante para **escritura**. Presente em todos os grupos pesquisados, demonstrou ser mais popular entre os jovens não envolvidos com o cururu.

Como já era esperado, encontramos o registro da lexia **bíblia** em todos os dicionaristas consultados, uma vez que se trata de um dos livros mais populares já escrito. Sendo assim, temos um quadro de tendência à manutenção lexical.

Quadro 43: festa de santo

Festa de santo: festa religiosa da tradição católica em homenagem a um santo de devoção.

Contexto de utilização:

“Aqui em Cuiabá, a tradição da **festa de santo** é tão forte que o cururueiro, em certas épocas do ano, não consegue atender a todos os festeiros. Ele canta sexta, sábado e domingo. Principalmente festa de São Gonçalo que tem muita gente devota e faz a festa” (A.S.).

Tabela 5.85 Comparação da lexia **feira de santo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.86 Porcentagem de escolha da lexia **feira de santo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

FESTA DE SANTO:

Tradição popular em Cuiabá, assim como em outras cidades brasileiras, as **festas de santo** revelam as marcas da colonização europeia no Brasil, majoritariamente com o culto dos santos católicos, mas que também contam com a influência de religiões de matrizes africanas.

Percorrendo o território brasileiro, encontramos diversas festas de santo, tais como a Folia de Reis, Festa do Divino, Festa do Círio de Nazaré, Festas de São João. Cada uma com suas especificidades, mas com algumas características em comum.

As festas de santo em Cuiabá, celebram os santos católicos, sendo promovidas anualmente por famílias devotas ou pontualmente no pagamento de promessas. Com o apoio da comunidade, nas festas são servidas comida e bebida aos convidados, além da celebração religiosa, a reza, e música, em que está inserido o cururu.

Apesar de ser muito popular, como podemos notar pela tabela de frequência, em que observamos a totalidade de reconhecimento da lexia por todos os grupos, não encontramos o item **feira de santo** em nenhuma das obras de referência consultadas.

Festeiro: quem organiza, promove e custeia a festa de santo.

Contexto de utilização:

“Minha mãe faz essa festa também. O patrocínio que a gente tem é assim, o **festeiro**. A comunidade pega alguém como o rei e ele dá a vaca, pega a rainha e dá outra ajuda, através de cota, mas ajuda, assim geral, de governante, quase não tem. Mas junta todo mundo, faz o que pode. Dá de comer ao pessoal, comida, bebida. Não cobra nada” (M. J.).

Tabela 5.87 Comparação da lexia **festeiro** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	s.m. O que faz a festa a sua custa.	
SILVA	s.m. O que faz a festa a sua custa.	
LUIZ PINTO	s.m. O que faz a festa a sua custa.	
VIEIRA	s.m. O que faz a festa a sua custa.	
FREIRE	s.m. Aquele que faz ou dirige uma festa.	
AULETE	adj. Diz-se de que ou quem frequenta festas; que organiza, realiza e/ou patrocina festas.	
MICHAELIS	adj. e s.m. Que ou aquele que organiza e realiza festas.	
FERREIRA	s.m. Aquele que faz ou dirige uma festa.	
BORBA	s.m. Quem patrocina solenidades ou festas religiosas.	
HOUAISS	adj. e s.m. Que ou aquele que é escolhido para dar crédito, patrocínio à solenidade religiosa.	

Tabela 5.88 Porcentagem de escolha da lexia **festeiro**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	80%	60%	50%	80%	80%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	8/10	6/10	5/10	8/10	8/10

FESTEIRO:

Para nomear a pessoa responsável pela organização e patrocínio de uma festa de santo, temos a lexia **festeiro**. Comum a várias regiões do Brasil, a figura desse anfitrião traz consigo notoriedade e respeito em sua comunidade. O **festeiro** é aquele que se esmera em produzir um evento em devoção à um santo, o que envolve arcar com a maioria dos custos e toda a logística necessária.

Há **festeiros** pontuais, que patrocinam uma festa esporadicamente. Esse modelo ocorre em decorrência de uma promessa ou no revezamento de organizadores de uma festa da comunidade. Há também **festeiros** tradicionais, aqueles que anualmente, na data que celebra seu santo de devoção, promove sua festa, o que ocorre com frequência em Cuiabá.

Na pesquisa feita nos dicionaristas, percebemos que a lexia **festeiro** tem registro antigo, pois só não está presente em Bento Pereira, nas demais obras lexicográficas, temos a entrada com a acepção desejada, daquele que custeia festas. E, ainda, em Borba e Houaiss, encontramos a notação mais específica em que é feita associação às festas religiosas.

Com a aplicação do questionário, constatamos ser um item amplamente reconhecido em sua comunidade de fala, uma vez que apresenta altos índices de frequência nos quatro grupos pesquisados. O que nos aponta para um quadro de tendência à manutenção lexical de **festeiro**.

Quadro 45: sinônimo de festeiro: promesseiro

Promesseiro: O mesmo que **festeiro**.

Resposta dada como sinônimo a festeiro.

Tabela 5.89 Comparação da lexia **promesseiro** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	+	s.m. Pessoa que, para ter uma graça alcançada, costuma fazer promessas ao santo ou santa de devoção.
MICHAELIS	+	s.m. Que ou o que promete; promesseiro.
FERREIRA	+	s.m. Pessoa que faz promessa.
BORBA	+	s.m. Aquele que faz promessas.
HOUAISS	+	Adj. s.m. Que ou aquele que é dado a fazer promessas.

Tabela 5.90 Porcentagem de escolha da lexia **promesseiro**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	20%	40%	50%	20%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	2/10	4/10	5/10	2/10	2/10

PROMESSEIRO

Como sinônimo à lexia **festeiro**, recolhemos com a aplicação de nosso questionário, a variante **promesseiro**. Assim como já foi dito anteriormente, o **festeiro** ou **promesseiro** são os responsáveis pela organização e custeio das festas de santo.

Também comum aos quatro grupos de colaboradores pesquisados, a variante **promesseiro** consta em cinco das onze obras lexicográficas consultadas, mas em nenhuma delas com a acepção desejada, somente o registro de pessoa que faz promessa.

Quadro 46: função do cururu

Função do cururu: momento em que o cururu é dançado em roda.

Contexto de utilização:

“Então, no cururu, é a viola de cocho, o ganzá e a voz, né? Canta em dupla, assim como em dupla sertaneja, embora seja uma roda assim com uns dez, quinze cururueiros, mas por vez vai cantando a dupla. E o cururu tem uma coreografia que é chamada de **função do cururu**, às vezes canta parado e às vezes tem uma coreografia que é chamada **função do cururu**” (T.F).

Tabela 5.91 Comparação da lexia **função do cururu** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	s.f. Função. Exercício de atividades físicas.
SILVA	+	s.f. Função. Festa ou festim nas casas ou nos templos.
LUIZ PINTO	+	s.f. Função. Festa ou festim.
VIEIRA	+	s.f. Função. Festa ou festim nas casas ou nos templos.
FREIRE	+	s.f. Função. Festividade, solenidade, festa.
AULETE	+	s.f. Função. Espetáculo, exibição, esp. de circo: A função vai começar.

MICHAELIS	+	s.f. Função. Ato público ao qual comparecem muitas pessoas; celebração, festa, solenidade.
FERREIRA	+	s.f. Função. Divertimento; festança.
BORBA	+	s.f. Função. Festa dançante; baile; dança.
HOUAISS	+	s.f. Função. Reunião social, divertimento, festa.

Tabela 5.92 Porcentagem de escolha da lexia **função do cururu**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%		70%		20%	10%	40%	30%
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10		7/10		2/10	1/10	4/10	3/10

FUNÇÃO DO CURURU:

Para além do canto e instrumentação, o cururu também se caracteriza por sua coreografia. Em dado momento de cada apresentação, os cururueiros dispõem-se em roda e iniciam seu balé, ao mesmo tempo que continuam a cantar e tocar seus instrumentos. Nesse momento, também é possível observar alguns cururueiros, chamados de **brincadores**, dirigirem-se ao centro dessa roda e desenvolverem passos de dança mais elaborados, agachando e se levantando, jogando o corpo para frente e para trás, rodopiando e manipulando a viola-de-cocho quase como um malabar. Esse momento é nomeado **função do cururu**.

Não sendo possível localizar em nenhuma das obras lexicográficas o item **função do cururu**, buscamos a lexia **função** que está registrada em todos os dicionários, à exceção de Bento Pereira, mas em todos eles com outra acepção, a de festa, divertimento

O item é de reconhecimento dos quatro grupos de sujeitos pesquisados, com maior frequência entre os cururueiros, e menos comum entre o público geral, que dos deu por resposta ao questionário a variante **arrodiar cururu**, que será analisada na sequência.

Quadro 47: sinônimo de função do cururu: arrodial cururu

Arrodial cururu: O mesmo que **função do cururu**.

Resposta dada como sinônimo a função do cururu.

Tabela 5.93 Comparação da lexia **arrodial cururu** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	v. Circumeo, is.
BLUTEAU	+	v. Rodear . Fazer andar em roda.
SILVA	+	v. Rodear . Fazer andar em roda.
LUIZ PINTO	+	v. Rodear . Andar em roda. Fazer andar em roda. Cercar.
VIEIRA	+	v. Rodear . Fazer andar em roda, girar.
FREIRE	+	v. Rodear . Andar à roda de.
AULETE	+	v. Rodear . Andar em volta de; dar voltas em torno de; contornar.
MICHAELIS	+	v. Rodear Formar círculo ao redor de: Os curiosos rodearam o motociclista caído.
FERREIRA	+	v. Rodear . Andar em roda de; percorrer em volta ou em giro.
BORBA	+	v. Rodear . Andar em volta; circular.
HOUAISS	+	v. Rodear . andar em volta de; contornar, rodar, voltar.

Tabela 5.94 Porcentagem de escolha da lexia **arrodial cururu**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	30%	40%	60%	60%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	3/10	4/10	6/10	6/10	7/10

ARRODIAR CURURU:

Assim como não localizamos o registro de **função do cururu**, e buscamos por **função**, nos dicionários, também não foi possível encontrar **arrodial cururu**, e pesquisamos, assim, por **rodear**. Presente em todas as obras lexicográficas, a lexia **rodear** está registrada com o sentido de andar em volta, circular, sem fazer menção em nenhuma delas ao contexto do cururu.

Frequente nos quatro grupos consultados, **arrodial cururu** é mais comum entre os não cururueiros, com taxas superiores a sessenta por cento de frequência, segundo a tabela de frequência.

Quadro 48: galanteoso

Galanteoso: cururueiro que se destaca por sua elegância.

Contexto de utilização:

“Aqui os cururueiros ainda tá simples, eles anda mais **galanteoso**. Tudo, né, com sua roupa, sua farda melhor, chapéu só de moscaro, Um dia, seu M.S. passando na avenida aqui. Ele lá com a viola dele, num domingo de manhã, tinha saído de uma festa. Aí passou umas meninas, chegou e falou assim “mas, olha aquele velho, como tá bem bonito, **galanteoso**, todo orgulhoso. E com isso, com essa palavra de orgulhoso, ele fez essa toada ‘me chamaram de orgulhoso, eu não sei porque razão, nasci na casa de palha, num ranchinho beira chão, maior orgulho que eu tenho, de eu ser mato-grossense, não nego minha geração” (A. R.).

Tabela 5.95 Comparação da lexia **galanteoso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	adj. Galante. Elegans, antis.	
BLUTEAU	adj. Galante. O homem polido, gracioso, bem posto e concertado nos trajos.	
SILVA	adj. Galante. O homem polido, gracioso, bem posto e concertado nos trajos.	
LUIZ PINTO	adj. Galante. Namorado. Polido, engraçado. Elegante, bem ornado. Bem feito.	
VIEIRA	adj. Galante. Elegante, de boa aparência.	
FREIRE	adj. Galante. Garboso, airoso, gracioso, elegante, que fala e se apresenta na sociedade com elegância.	
AULETE	adj. Galante. Que tem boa aparência, se veste bem.	
MICHAELIS	adj. Galante. Que se destaca pela cortesia, delicadeza e elegância; distinto.	
FERREIRA	Adj. Galante. Distinto, elegante, polido.	
BORBA	adj. Galante. Gentil, fino.	
HOUAISS	adj. Galante. Que se destaca pela elegância, discrição etc.; donairoso, esbelto, distinto	

Tabela 5.96 Porcentagem de escolha da lexia **galanteoso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	50%	10%	20%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	5/10	1/0	2/10	4/10	3/10

GALANTEOSO:

Em suas apresentações, os cururueiros seguem um código de vestimenta, geralmente composto por calça, camisa, terno e chapéu. Atualmente, segundo nossos colaboradores, tem-se um padrão de cor das peças de roupa, o que dá a identidade visual de cada um dos grupos de cururu.

O cururueiro bem trajado, portando seu melhor chapéu, com camisa e terno alinhados, pode receber o adjetivo **galanteoso**. Não localizamos o registro **galanteoso** nas obras consultadas, mas encontramos **galante** que recebeu o sufixo **oso** no processo de derivação sufixal, em que, possivelmente, para sua comunidade de fala, o adjetivo **galante** já estava esvaziado de sentido, sendo necessário o acréscimo de outro sufixo. Todos os dicionários apresentam a mesma definição para **galante**, a de pessoa elegante.

Em todos os grupos consultados, a lexia **galanteoso** foi reconhecida, com índices maiores entre os cururueiros mais idosos.

Quadro 49: sinônimo de galanteoso: bem aparelhado

Bem aparelhado: o mesmo que **galanteoso**.

Resposta dada como sinônimo a galanteoso.

Tabela 5.97 Comparação da lexia **bem aparelhado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	adj. Aparelhado Paratus, a, um.
BLUTEAU	-	
SILVA	+	part. pass. aparelhar .
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	+	adj. part. pass. aparelhar . Preparado, disposto, pronto.
AULETE	+	adj. Aparelhado . Preparado, disposto, pronto.
MICHAELIS	+	adj. Aparelhado . Disposto (para entrar em operação ou

		funcionamento); organizado, preparado, pronto.
FERREIRA	Adj. Aparelhado. Enfeitado, adornado, ornamentado.	
BORBA	adj. Aparelhado. Ornado, enfeitado.	
HOUAISS	adj. Aparelhado. Adornado com (enfeites, joias etc.); enfeitado.	

Tabela 5.98 Porcentagem de escolha da lexia **bem aparelhado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
0%	30%	0%	0%	30%	50%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0/10	3/10	0/10	0/10	3/10	5/10

BEM APARELHADO:

Para qualificar o cururueiro bem-vestido e arrumado, recolhemos em nossas entrevistas informais a lexia **galanteoso**, e, com a aplicação do questionário semântico-lexical, foi nos dada como resposta a variante **bem aparelhado**. Nos dicionários consultados, **aparelhado** somente não está registrado em Bluteau, Luiz Pinto e Vieira, e com a acepção de enfeitado, adornado consta nas obras mais atuais, sendo elas Ferreira, Borba e Houaiss.

Menos frequente que o item **galanteoso**, **bem aparelhado** teve maior registro entre os não-cururueiros mais idosos. No grupo de não-cururueiros mais jovens não houve caso e entre os cururueiros houve baixa frequência.

Quadro 50: sinônimo de galanteoso: elegante

Elegante: O mesmo que **galanteoso**.

Resposta dada como sinônimo a galanteoso.

Tabela 5.99 Comparação da lexia **elegante** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	adj. Elegans, antis.	
BLUTEAU	adj. Em que há elegância.	
SILVA	adj. Em que há elegância.	
LUIZ PINTO	adj. Em que há elegância. Belo.	
VIEIRA	adj. Em que há elegância.	
FREIRE	adj. Que tem elegância, graça, nobreza, distinção, donairoso.	
AULETE	adj. Que se veste com bom gosto (professor <u>elegante</u>).	

MICHAELIS	adj. Que tem ou revela bom gosto e estilo na apresentação e nos movimentos; alinhado.	
FERREIRA	adj. Que tem elegância; donairoso; gracioso.	
BORBA	adj. Que é distinto; que se veste bem, que tem boas maneiras.	
HOUAISS	adj. que ou quem revela bom gosto na escolha de suas vestes e no modo de usá-las.	

Tabela 5.100 Porcentagem de escolha da lexia **elegante**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	20%	60%	70%	30%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	2/10	6/10	7/10	3/10	2/10

ELEGANTE:

Ainda para definir o cururueiro de boa aparência, recebemos como resposta ao nosso questionário, a lexia **elegante**. Presente em todas as obras consultadas e com a mesma acepção, **elegante** também consta nos quatro grupos de colaboradores, com prevalência entre os não-cururueiros mais jovens. Dessa forma, podemos dizer que temos um caso de tendência à manutenção lexical.

Quadro 51: ganzá

Ganzá: instrumento percussivo feito de bambu utilizado no cururu.

Contexto de utilização:

“O **ganzá** consta de um fragmento de bambu (*Bambusa vulgaris*, ou o tipo que existir ao alcance) ranhurado no sentido transversal ao comprimento. As ranhuras são friccionadas por uma baqueta, pedaço de pau, grafo ou pedaço de osso de costela de boi. Alguns cracachás são preparados fendendo-se um dos gomos do bambu para se obter o ruído característico de madeira oca. Na falta de cracachá, usa-se prato ágate, raspado com grafo (ANDRADE, 1981, p. 34).

Tabela 5.101 Comparação da lexia **ganzá** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	

BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	s.m. Instrumento musical de bambu para os choros.	
AULETE	s.m. Espécie de chocalho em forma de cilindro de metal, que contém sementes ou pedrinhas.	
MICHAELIS	s.m. Tipo de chocalho que contém sementes secas de leguminosas ou pequenos seixos e que se agita cadenciadamente em certas músicas e danças; amelê, canzá, pau de semente, xaque-xaque, xeque ³ , xeque-xeque, xique-xique.	
FERREIRA	s.m. Espécie de chocalho de folha-de-flandres e formas variadas.	
BORBA	s.m. Chocalho em forma de cilindro de folha-de-flandres, com grãos ou seixos dentro.	
HOUAISS	s.m. Espécie de chocalho formado por um cilindro de metal contendo sementes ou seixos; canzá.	

Tabela 5.102 Porcentagem de escolha da lexia **ganzá**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

GANZÁ:

No cururu cuiabano, a prevalência entre os músicos é da viola-de-cocho, mas outro instrumento também faz parte das apresentações, o **ganzá**. Instrumento de percussão, parecido com o reco-reco, o **ganzá** é confeccionado de maneira artesanal. A partir de um pedaço de bambu, o artesão escava pequenas ranhuras na madeira e com um pedaço de osso bovino, faz-se a fricção, produzindo o som.

Segundo nossos colaboradores, toca **ganzá** quem não aprendeu a tocar viola-de-cocho, por ser um instrumento menos complexo. Em nossas visitas, percebemos ser um instrumento comum entre as crianças, até mesmo pela facilidade em confeccioná-lo.

Encontramos o registro em seis das onze obras lexicográficas consultadas, sendo as mais recentes. Somando-se ao fato de termos o total do reconhecimento de nossos colaboradores, podemos dizer que **ganzá** apresenta tendência à manutenção lexical.

Quadro 52: licor

Licor: bebida alcóolica à base de leite servida nas festas de santos.

Contexto de utilização:

“Festa de Santo começa no sábado e termina só no domingo, o pessoal come, bebe, dorme, mas não vai embora. Por isso que os preparativos para a festa precisam começar muito antes, preparar o **licor** e o amargo, convidar que vai fazer o ensopadão” (D.S.).

Tabela 5.103 Comparação da lexia **licor** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	s.m. Corpo líquido, como água, vinho, óleos. Em geral se diz de bebidas espirituosas.	
LUIZ PINTO	s.m. Bebida espirituosa.	
VIEIRA	s.m. Bebida espirituosa.	
FREIRE	s.m. Bebida espirituosa obtida artificialmente, quer por fermentação, quer pela mistura de certos vegetais aromáticos ou seus produtos, como o açúcar, no álcool ou na aguardente.	
AULETE	Bebida alcoólica doce e espessa, obtida por destilação ou adição de certos vegetais aromáticos (<u>licor</u> de cacau).	
MICHAELIS	s.m. Bebida alcoólica, aromatizada e geralmente açucarada.	
FERREIRA	s.m. Bebida aromatizada e doce, obtida pela mistura de álcool ou água ardente com substâncias geralmente de origem vegetal, adicionada de sacarose, glicose ou mel.	
BORBA	s.m. Bebida alcoólica adocicada, tomada ao fim de uma refeição.	
HOUAISS	s.m. Cada uma de certas bebidas alcoolizadas, espessas, açucaradas e não fermentadas, preparadas por destilação, maceração ou pela adição de essências.	

Tabela 5.104 Porcentagem de escolha da lexia **licor**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres

10/10

10/10

10/10

10/10

10/10

10/10

LICOR:

Entre os preparativos da festa de santo está a fabricação caseira de algumas bebidas, como o **licor** e o **amargo**. Em visitas aos nossos colaboradores e conversas informais, percebemos que cada família desenvolveu sua própria receita e se orgulha em servir seu produto nas festas.

Além das festas de santo, o **licor** também é oferecido em outras reuniões festivas. Por ser uma bebida mais adocicada, segundo nos foi dito, o **licor** é majoritariamente consumido por mulheres, já o **amargo**, produzido a base de cachaça e raízes aromáticas, é preferido do público masculino.

Na consulta aos dicionários, encontramos o registro de **licor** na maioria deles, só não localizamos a entrada em Bento Pereira e Bluteau, nas demais temos notação de bebida alcohólica adocicada não fermentada. Somando-se essa informação às altas taxas de reconhecimento da lexia, como é possível verificar pela tabela de frequência, podemos dizer que a lexia **licor** apresenta um quadro de tendência à manutenção lexical.

Quadro 53: louvação

Louvação: elogio em versos elaborados pelos cururueiros para homenagear os santos.

Contexto de utilização:

“**Louvação** é o certo, né? Mas, nós aqui não coloca essa regra, não. Costuma cantar na hora, né, fazer o verso, louvando os santo. Mas falar assim, agora é a hora da **louvação**. Não tem esse momento, não. Eu chego já vejo e já faço meu verso pra saudar aquele santo” (J. C.).

Tabela 5.105 Comparação da lexia **louvação** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	s.m. Louvamento. A sentença do juiz, louvado, árbitro.
SILVA	+	s.m. Louvamento. A sentença do juiz, louvado, árbitro.
LUIZ PINTO	+	s.m. Louvamento. A sentença do juiz, louvado, árbitro.
VIEIRA	+	s.m. Louvamento. A sentença do juiz, louvado, árbitro.
FREIRE	s.f. Cânticos populares usados no interior para louvar os santos por graças recebidas.	
AULETE	+	s.f. Ação ou resultado de louvar; LOUVOR.

MICHAELIS	s.f. Cânticos populares do interior, para celebrar festas ou render homenagens em louvor dos santos por graças alcançadas.	
FERREIRA	s.f. Composição poética popular em homenagem a pessoas ou em comemoração de casamentos, nascimentos, batizados e outras festas sertanejas.	
BORBA	s.f. Cântico usado no interior em louvor aos santos por graças alcançadas.	
HOUAISS	s.f. Canto (no sentido de 'melodia') popular de louvor a pessoas pelos seus feitos.	

Tabela 5.106 Porcentagem de escolha da lexia **louvação**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	70%	30%	50%	60%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	7/10	3/10	5/10	6/10	7/10

LOUVAÇÃO:

As festas de santo contam com vários rituais, uma sequência cerimoniosa que o cururu conduz. Para cada etapa, os cururueiros, tais quais mestres de cerimônia, anunciam o que irá acontecer, seja o agradecimento aos festeiros, a condução e hasteamento da bandeira ou a reza.

Por se tratar de uma festa de cunho religioso, a celebração ao santo homenageado é parte fundamental. No cururu, esse momento é chamado de **louvação**. Os cantores se colocam em frente ao altar e com seus versos enaltecem o padroeiro da festa.

Através do questionário, percebemos que a lexia **louvação** é reconhecida e utilizada por sua comunidade de fala, principalmente entre os não cururueiros mais idosos e pelos cururueiros em geral.

Nas obras lexicográficas consultadas, só não encontramos o registro em Bento Pereira e, com a mesma acepção dada por nossos colaboradores, em cinco dicionaristas, sendo os mais atuais. Indicando, assim, um caso de tendência à manutenção lexical.

Quadro 54: sinônimo de louvação: louvar o santo

Louvar o santo: O mesmo que **louvação**.

Resposta dada como sinônimo a louvação.

Tabela 5.107 Comparação da lexia **louvar o santo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	+	v. Louvar. Laubidus extollere
BLUTEAU	+	v. Louvar. Gabar, elogiar, dizer palavras em sinal de aprovação.
SILVA	+	v. Louvar. Gabar, elogiar, dizer palavras em sinal de aprovação.
LUIZ PINTO	+	v. Louvar. Gabar, dar louvores.
VIEIRA	+	v. Louvar. Gabar, elogiar, dizer palavras em sinal de aprovação.
FREIRE	+	v. Louvar. Dirigir louvores a; elogiar.
AULETE	v. Louvar. Exaltar, bendizer: <i>Louvar (a) Deus.</i>	
MICHAELIS	v. louvar. Reconhecer como bendito; bendizer: A religiosa louva todos os santos.	
FERREIRA	+	v. Louvar. Bendizer.
BORBA	+	v. Louvar. Adorar, bendizer.
HOUAISS	+	v. Louvar. Exaltar, declarar como bendito; bendizer, abençoar.

Tabela 5.108 Porcentagem de escolha da lexia **louvar o santo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	30%	40%	50%	40%	30%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	3/10	4/10	5/10	4/10	3/10

LOUVAR O SANTO:

Resposta dada como sinônimo para **louvação**, a paráfrase **louvar o santo** também é comum em todos os grupos de sujeitos consultados, mostrando-se uma variante frequente em sua comunidade de fala.

Nos dicionários não foi possível localizar **louvar o santo**, mas encontramos a lexia **louvar** em todos eles. E, nas obras de Aulete e Michaelis, tem-se a referência religiosa.

Quadro 55: mastro

Mastro: pau que, em festas populares, serve de base para se pendurar a bandeira.

Contexto de utilização: “Aqui em casa a gente é devoto de São Benedito, né? Todo ano, dia cinco de outubro tem a nossa festa, junta muita gente, a família toda vem. A gente faz tudo conforme manda a tradição, tem a reza, levanta o **mastro**, canta o cururu, depois vem o baile” (M.D.).

Tabela 5.109 Comparação da lexia **mastro** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	s.m. Pau direito das embarcações, onde se abrem as velas, as quais lhe comunicam os movimentos.
SILVA	+	s.m. Pau direito das embarcações, onde se abrem as velas, as quais lhe comunicam os movimentos.
LUIZ PINTO	+	s.m. Pau introduzido no corpo do navio, e cruzado pelas vergas.
VIEIRA	+	s.m. Longa peça de pau levantada num navio, onde se abrem as velas, as quais lhe comunicam o movimento e eles ao vaso.
FREIRE	s.m. Madeiro alto e esguio, revestido de folhagens e flores, que se coloca em certos lugares em ocasião festiva.	
AULETE	s.m. Pau comprido em que se içam as bandeiras.	
MICHAELIS	s.m. Pau em que as bandeiras são içadas; haste.	
FERREIRA	s.m. Haste na qual se içam as bandeiras.	
BORBA	s.m. Tronco alto e enfeitado em ocasião festiva.	
HOUAISS	s.m. Pau em que se içam bandeiras.	

Tabela 5.110 Porcentagem de escolha da lexia **mastro**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

MASTRO:

Outro item de origem náutica, o **mastro** é caracterizado como sendo um tronco de madeira comprido no qual é hasteada a bandeira do santo padroeiro da festa. Lexia bastante reconhecida em sua comunidade de fala, o item **mastro** foi realizado por todos os entrevistados. Além disso, está registrado em todas as obras lexicográficas consultadas, com exceção de Bento Pereira, o que leva a um quadro de tendência à manutenção lexical.

Quadro 56: osso

Osso: pedaço de osso de costela bovina usado para tocar o ganzá.

Contexto de utilização:

“Para fazer o ganzá precisa escolher a taquara, que é o bambu, chamado em São Paulo. A taquara tem que torneir ela todinha e, para sair o som, você tem que rachar o gomo da taquara para poder sair o som no que raspa ela com o osso, que é um pedaço de **osso** de costela bovina” (A. R).

Tabela 5.111 Comparação da lexia **osso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.m. Os, ossis.	
BLUTEAU	s.m. Parte sólida, dura branca de que consta o corpo humano e onde se atacam os músculos que os revestem.	
SILVA	s.m. Parte sólida, dura branca de que consta o corpo humano e onde se atacam os músculos que os revestem.	
LUIZ PINTO	s.m. Parte sólida e dura do corpo do animal.	
VIEIRA	s.m. Termo de anatomia. Partes duras e sólidas do corpo dos animais, cuja reunião forma a ligação óssea ou o esqueleto.	
FREIRE	s.m. Parte dura e sólida, que forma o arcabouço do corpo dos animais vertebrados.	
AULETE	s.m. Matéria dura que forma o esqueleto do homem e dos demais vertebrados, constituída de tecido conjuntivo com osseína e fibras de colágeno repletas de sais de cálcio.	
MICHAELIS	s.m. Tecido conjuntivo, duro e resistente, formado por substâncias orgânicas e sais minerais e envolto em uma membrana fibrosa, que forma o	

	esqueleto da maioria dos vertebrados.	
FERREIRA	s.m. Cada uma das diversas peças formadas por tecido rígido, composto de células incluídas em material conjuntivo duro e constituídas, principalmente por colágeno e fosfato de cálcio.	
BORBA	s.m. Cada um dos elementos sólidos e calcificados que formam o esqueleto dos vertebrados.	
HOUAISS	s.m. Tecido duro que forma o esqueleto da maioria dos animais vertebrados, consistindo em uma matriz de tecido conjuntivo, composta de osseína e fibras colágenas impregnadas de sais de cálcio.	

Tabela 5.112 Porcentagem de escolha da lexia **osso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	100/10	10/10	10/10	10/10

OSSO:

Os instrumentos usados no cururu, tradicionalmente, são produzidos de maneira artesanal e com matéria-prima acessível, de baixo custo e de origem local. As madeiras utilizadas para a confecção das partes da viola-de-cocho são nativas de Mato Grosso, da mesma forma, para se fazer o ganzá é extraído o bambu e para se produzir o som, um simples pedaço de osso, geralmente de costela bovina, é friccionado contra o instrumento.

Localizamos o registro da lexia **osso** em todas as obras lexicográficas consultada, além disso o item foi dado como resposta ao nosso questionário pela totalidade dos entrevistados, o que nos permite concluir que temos um caso de tendência à manutenção lexical.

Quadro 57: pé-de-verso

Pé-de-verso: quantidade de versos a serem cantados por cada cururueiro na apresentação.

Contexto de utilização:

Tem outro detalhe dos versos também aqui é que a gente fala assim: **pé-de-verso**. Por exemplo, vai cantar a toada, numa apresentação, numa festa é livre, né? O cururueiro, às vezes canta a sua toada quatro vezes, cinco vezes, uma toada curta. Então, ele vai cantar quatro versos, cinco versos. Numa apresentação, a gente já determina. Assim, se for uma apresentação rápida, já combina, cada um vai cantar três **pé-de-verso**, diz pé-de-verso, ou seja, vai cantar a toada três vezes (T. F.).

Tabela 5.113 Comparação da lexia **pé-de-verso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	s.m. Certo número de sílabas.
SILVA	+	s.m. Certo número de sílabas.
LUIZ PINTO	+	s.m. Certo número de sílabas.
VIEIRA	+	s.m. Diz-se das partes ou divisões das diferentes espécies de versos, quando estes são formados, como na poesia grega e latina, o na de alguns povos modernos, de um certo número de sílabas de diferentes valores Segundo a natureza dos versos.
FREIRE	+	s.m. Parte do verso composto de duas até quatro sílabas longas ou breves.
AULETE	+	s.m. Parte do verso composto de duas até quatro sílabas longas ou breves.
MICHAELIS	+	s.m. Parte de um verso latino ou grego formado por duas, três ou quatro sílabas longas ou breves.
FERREIRA		s.m. Verso.
BORBA	+	s.m. Parte dos membros inferiores que se articula com a extremidade inferior da perna.
HOUAISS	+	s.m. unidade rítmica e melódica do verso, constituída de duas ou mais sílabas, sendo uma forte e outra(s), fraca(s), característica da versificação em línguas onde há acento de intensidade, como o português; pé métrico.

Tabela 5.114 Porcentagem de escolha da lexia **pé-de-verso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior	Não cururueiro sênior
-------------------	-------------------	-----------------------	-----------------------

80%	100%	20%	30%	50%	40%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
8/10	10/10	2/10	3/10	5/10	4/10

PÉ-DE-VERSO:

O item **pé-de-verso** não foi localizado em nenhum dos dicionários consultados, por isso decidimos pesquisar por **verso** que consta em todas as obras, a exceção de Bento Pereira. Os dicionaristas apresentam **verso** como sendo a unidade rítmica, mas nenhum deles faz referência a uma composição musical, tal qual nossos colaboradores cururueiros definiram **pé-de-verso**.

As apresentações de cururu podem ser longas ou breves a depender da disponibilidade do grupo de cururueiros e da organização do evento. Além disso, há ocasiões em que há vários músicos se apresentando e em outras um número menor. Considerando esses fatores, os cururueiros, antes de cada apresentação, dividem o tempo que cada um terá para cantar, e para eles isso significa dizer quantas toadas cada um poderá cantar, ou seja, quantos **pé-de-verso** poderão apresentar.

Por se tratar de um item de especialidade do fazer do **cururueiros**, o item **pé-de-verso** foi mais reconhecido entre o grupo dos cururueiros e menor escala entre o público em geral, como podemos observar na tabela de frequência, na qual há quase a totalidade de reconhecimento do grupo dos cururueiros e menor pelo público geral.

Quadro 58: ponto

Ponto: verso elaborado em provocação a alguém ou alguma situação.

Contexto de utilização:

Pode ser uma toada ou um verso que você pode fazer pra uma situação que alguém fez você passar. Alguém passou na rua. não te cumprimentou. Aí você improvisa ali um verso, pra jogar um **ponto** pra essa pessoa, ou uma toada falando desse episódio. Por isso, que até hoje aqui em Cuiabá, tem esse linguajar, por exemplo, fala assim, A. só falou assim pra jogar um **ponto** pra M (T. F.).

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Punctus
BLUTEAU	s.m. O ponto sobre o que discorremos	
SILVA	s.m. Assunto. Ocasão. Questão.	
LUIZ PINTO	s.m. Assunto. Ocasão. Questão.	
VIEIRA	s.m. Tema ou assunto: <i>Nada tenho a dizer acerca desse ponto.</i>	
FREIRE	s.m. Matéria tirada à sorte sobre o que há de versar um exame ou concurso.	
AULETE	s.m. Assunto, tema.	
MICHAELIS	s.m. Assunto sobre o qual se conversa, discute ou escreve.	
FERREIRA	s.m. Caso, problema ou questão importante, em que se tem vivo empenho.	
BORBA	s.m. Assunto, tema.	
HOUAISS	s.m. Assunto sobre o qual se conversa, escreve ou pensa; matéria.	

Tabela 5.116 Porcentagem de escolha da lexia **ponto**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	80%	60%	50%	40%	40%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	8/10	6/10	5/10	4/10	4/10

PONTO:

Assim como já foi anteriormente citado, o cururu tradicionalmente traz em seus versos temas bíblicos, seja exaltando um santo ou cantando histórias do velho e novo testamento. Contudo, o cururu contemporâneo vem apresentando os mais diversos assuntos em suas toadas. O cururueiros compõe sobre a beleza da mulher cuiabana, sobre a cultura e história da cidade, sobre a natureza e sobre situações cotidianas, podendo narrar em seus versos algum desagravo que lhes aconteceu. Quando o cururueiro faz uma provocação direta ou indiretamente a alguém, diz-se que ele jogou um **ponto**.

Encontramos a lexia **ponto** em todas as obras lexicográficas consultadas e em todas elas com a acepção dada por nossos informantes, apesar de não fazerem referência ao contexto do cururu.

A aplicação do questionário semântico lexical nos revelou ser a lexia **ponto** bastante reconhecida e utilizada por sua comunidade de fala. Há sua realização em todos os grupos

consultados, em maior número entre os cururueiros e nos foi oferecida uma variante, **toada de ponto**, que será analisada a seguir.

Quadro 59: sinônimo de ponto: toada de ponto

Toada de ponto: O mesmo que **ponto**.

Resposta dada como sinônimo a ponto.

Tabela 5.117 Comparação da lexia **toada de ponto** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.118 Porcentagem de escolha da lexia **toada de ponto**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	20%	20%	10%	20%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	2/10	2/10	1/10	2/10	1/10

TOADA DE PONTO:

Como resposta ao item **ponto**, também recebemos como resposta **toada de ponto**. Menos frequente nos quatro grupos consultados, ainda assim esse item foi realizado em todos eles. Contudo, não foi possível localizá-lo em nenhuma obra de referência consultada.

Quadro 60: prima

Prima: primeira corda da viola-de-cocho.

Contexto de utilização:

Eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a **prima**. Aí a segunda é contra; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é última mesmo. (A viola de cocho e a proteção ao patrimônio imaterial. Visualizado em 20-06-2020 . disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CE2KZ6fgxJ0&t=969s>).

Tabela 5.119 Comparação da lexia **prima** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Chorda acuta.	
BLUTEAU	s.f. Uma corda da viola, rabeca, cítara.	
SILVA	s.f. Uma corda da viola, rabeca, cítara.	
LUIZ PINTO	s.f. Uma das cordas da rabeca, viola, e da cítara.	
VIEIRA	s.f. Uma corda de viola, rabeca, cítara, a primeira e a mais delgada.	
FREIRE	s.f. A primeira e mais delgada corda de alguns instrumentos músicos, como a viola, a guitarra, etc.	
AULETE	s.f. A primeira e mais fina das cordas de vários instrumentos, como viola, guitarra etc.	
MICHAELIS	s.f. A primeira e mais fina corda de alguns instrumentos musicais (cítara, guitarra, viola etc.); primeira.	
FERREIRA	s.f. A corda mais fina de certos instrumentos que dá o som mais agudo.	
BORBA	s.f. Prostituta.	
HOUAISS	s.f. A primeira e mais fina corda de alguns instrumentos (cítara, guitarra, viola etc.); primeira.	

Tabela 5.120 Porcentagem de escolha da lexia **prima**

Cururueiro júnior		Cururueiro sênior		Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%		100%		0%	0%	0%	0%
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10		10/10		0/10	0/10	0/10	0/10

PRIMA:

Para denominar a primeira corda da viola-de-cocho, os cururueiros usam a lexia **prima**. Na sequência, temos contra, do meio, canutilho e última. Importante para o cururueiro tocador de viola-de-cocho saber identificar cada uma das cordas, uma vez que elas são responsáveis pela afinação do instrumento e quando se toca em conjunto com outros músicos é importante que eles estejam em consonância.

A lexia **prima** foi localizada em todos os dicionaristas, com exceção de Borba, e com a mesma acepção com que nos foi apresentada por nossos colaboradores. Contudo, ao aplicarmos o questionário, somente os entrevistados cururueiros souberam responder a esse item. O que nos indica ser um item de especialidade de reconhecimento e uso específico a um grupo.

Quadro 61: principiante

Principiante: cururueiro de pouca experiência.

Contexto de utilização:

Desde que eu me entendo por gente, eu canto cururu. Diferente não tá, né, agora com os pessoal mais novo que tá vindo, os **principiante**. Antigamente o povo era acostumado a ir nas festa mesmo, né. Agora tá ficando mais fácil de aprender e mais difícil das criança querer aprender, se envolver nesse negócio de cururu, né. É mais fácil eles se envolverem nesse negócio do baile, do siriri. O siriri é mais fácil para eles. Eu tenho um neto. Ele toca viola, toca ganzá, mas pra cantar ele é meio desentoadado, né. Já não tem aquele dom que a gente tem, né (M. J.).

Tabela 5.121 Comparação da lexia **principiante** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	adj. Tyro, onis.	
BLUTEAU	adj. O menino, moço ou pessoa que tem tido as primeiras lições de alguma arte liberal, ciência, ou exercício.	
SILVA	adj. O menino, moço ou pessoa que tem tido as primeiras lições de alguma arte liberal, ciência, ou exercício.	
LUIZ PINTO	+	part. pass. de Principiar.
VIEIRA	adj. Pessoa que tem tido as primeiras lições do alguma arte liberal, ou ciência, ou exercício.	
FREIRE	adj. Que principia; que está no começo ou princípio.	
AULETE	adj. Pessoa que começa a aprender alguma atividade ou profissão; aprendiz; novato.	

MICHAELIS	adj. Diz-se de ou pessoa que começa a exercitar-se ou a aprender alguma coisa; aprendiz, novato.	
FERREIRA	adj. Que principia; que está no começo.	
BORBA	adj. Que principia, que está no começo.	
HOUAISS	adj. Que está ou se dá no início; que principia.	

Tabela 5.122 Porcentagem de escolha da lexia **principiante**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	80%	40%	50%	30%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	8/10	4/10	5/10	3/10	2/10

PRINCIPIANTE:

No cururu, aquele que inicia seu aprendizado e ingressa nesse fazer artístico é chamado de **principiante**, não sendo necessariamente jovem em idade, uma vez que muitos começam a se envolver com a música mais velhos, sendo por uma questão de oportunidade, interesse ou até mesmo pela recente valorização do cururu no cenário cultural cuiabano. Com exceção de Luiz Pinto, localizamos a lexia **principiante**, e com a acepção desejada, em todas as obras lexicográficas consultadas. Da mesma forma, **principiante** foi realizado em todos os grupos da pesquisa, com maior ocorrência entre os cururueiros. Também recebemos como resposta a variante **iniciante** que será analisada na sequência.

Quadro 62: sinônimo de principiante: iniciante

Iniciante: O mesmo que **principiante**.

Resposta dada como sinônimo a principiante.

Tabela 5.123 Comparação da lexia **iniciante** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	adj. Que está começando a adquirir conhecimento e	

	experiência em determinada atividade (advogado iniciante).	
MICHAELIS	adj. Que ou aquele que se inicia; principiante.	
FERREIRA	adj. Que inicia.	
BORBA	adj. Que se inicia; novato.	
HOUAISS	adj. Que ou aquele que está começando a adquirir a experiência ou a prática de algo; principiante, novato.	

Tabela 5.124 Porcentagem de escolha da lexia **iniciante**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	20%	60%	50%	70%	80%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	2/10	6/10	5/10	7/10	8/10

INICIANTE:

Como sinônimo à **principiante** foi nos apresentada a lexia **iniciante**. Mais frequente entre o grupo de não cururueiros, a lexia **iniciante** não está presente em todas as obras lexicográficas, somente consta nas obras mais recentes, a partir de Aulete. Por manter a acepção, a qualidade de que inicia algo, e ser comum a todos os grupos pesquisados, temos um quadro de tendência à manutenção lexical.

Quadro 63: rainhado

Rainhado: conjunto de todo o cerimonial das festas de santos.

Contexto de utilização:

Geralmente é acordado o louvor ao santo, né? Se tá louvando São Benedito, então a gente tem que compor mais ou menos em cima disso aí. Tem o **rainhado**, então já tem que compor a toada pra chamar o rei, a rainha, pra levantar o mastro, pra beijar a bandeira. Então, tem todo esse envolvimento (M. J.).

Tabela 5.125 Comparação da lexia **rainhado** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	

SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	+	s.f. planta, o mesmo que <i>erva-ulmeira</i> .
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.126 Porcentagem de escolha da lexia **rainhado**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	70%	80%	90%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	7/10	8/10	9/10	10/10

RAINHADO:

As festas de santo apresentam boa organização, uma vez que são compostas de um cerimonial dividido em vários momentos. Há a apresentação e agradecimento dos festeiros, a louvação ao santo padroeiro, o erguimento do mastro e da bandeira, a reza, entre outros. Cada um desses momentos é conduzido pelo grupo dos cururueiros e a parte introdutória, em que o rei a rainha da festa, os anfitriões, são apresentados e são feitas as homenagens ao santo de devoção, é chamada de **rainhado**.

Observando o quadro de frequência, podemos dizer que a lexia **rainhado** é bastante conhecida em sua comunidade de fala, uma vez que nos quatro grupos consultados há altas porcentagens de realização do item. Contudo, nas obras lexicográficas somente encontrados o registro em Aulete, mas com outra acepção. O que nos leva a deduzir que se trata de uma lexia de uso regional e de pouco espalhamento geográfico.

Quadro 64: requinta

Requinta: viola de cocho que possui seis cordas.

Contexto de utilização:

Também surgiu há muito tempo atrás a tal da **requinta**. Tem uma viola de cocho que seria a prima que viria junto com a do meio, seria seis corda, então. Era colada, aqui, ela vinha colada junto com essa corda do meio, então, eram seis cordas. E a afinação, segundo seu M. era fácil também de acertar (A. R.).

Tabela 5.127 Comparação da lexia **requinta** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	+	s.f. Instrumento de música, espécie de pequeno clarinete.
FREIRE	s.f. Viola ou guitarra, de sons agudos, mais pequenas que as ordinárias.	
AULETE	+	s.f. Instrumento de sopro semelhante ao clarinete, porém menor e de sons mais agudos.
MICHAELIS	+	s.f. Instrumento de sopro, semelhante ao clarinete, utilizado principalmente em bandas militares.
FERREIRA	+	s.f. Pequeno clarinete, que soa na região aguda, especialmente o em mi bemol.
BORBA	+	s.f. Clarinete pequeno, de registro agudo.
HOUAISS	+	s.f. Instrumento mais agudo de qualquer família.

Tabela 5.128 Porcentagem de escolha da lexia **requinta**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	100%	0%	0%	20%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	10/10	0/10	0/10	2/10	0/10

REQUINTA:

Outro diferencial que a viola-de-cocho pode apresentar, além do canutilho, que já foi aqui apresentado, é a **requinta**. Também se trata de uma corda extra que é anexada ao instrumento. Segundo nossos colaboradores cururueiros, a **requinta** viria junto com a terceira corda, trazendo nova sonoridade ao instrumento. Contudo, o uso da **requinta** já não é mais tão popular entre os cururueiros, como fora no passado.

Na consulta aos dicionários, encontramos o item na maioria das obras consultadas, mas somente em Freire temos a relação da lexia com um instrumento de corda, como violas e guitarras, nas demais obras **requinta** é apresentada como instrumentos de sopro de som mais agudo.

Por ser um item de especialidade, as taxas de frequência de reconhecimento foram altas entre os dois grupos de cururueiros consultados e menor entre o público em geral.

Quadro 65: reza

Reza: cerimônia religiosa não oficial das festas de santos.

Contexto de utilização:

De localidade para localidade, de vez em quando tem uma mudança, nessa região é de um jeito, no Pantanal, na Várzea Grande é diferente. Um faz à noite, outro faz durante o dia. Tem uma região, a região de Santo Antônio, lá eles fazem a **reza**, depois que levanta o mastro. Aqui, a **reza** é primeiro. Então tem umas variações, depende do festeiro, da localidade. Porque tem o capelão que tira a **reza** cantada, tem uns que tiram já meia-noite, uma hora. Tem outros que já quer que tira mais cedo. Depende de como o dono da festa organiza a festa (A. R.).

Tabela 5.129 Comparação da lexia **reza** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	s.f. Orações que se dizem por obrigação ou devoção.	
SILVA	s.f. Orações que se dizem por obrigação ou devoção.	
LUIZ PINTO	s.f. Orações que se dizem.	
VIEIRA	s.f. Orações feitas por devoção, ou obrigação.	
FREIRE	s.f. Ato ou efeito de rezar; oração.	
AULETE	s.f. Ação ou resultado de rezar (hora da <u>reza</u>).	
MICHAELIS	s.f. Ato ou efeito de rezar.	
FERREIRA	s.f. Ato ou efeito de rezar.	
BORBA	s.f. Oração, prece.	
HOUAISS	s.f. Ação ou efeito de rezar.	

Tabela 5.130 Porcentagem de escolha da lexia **reza**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior	Não cururueiro sênior
-------------------	-------------------	-----------------------	-----------------------

90%	100%	80%	80%	80%	90%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
9/10	10/10	8/10	8/10	8/10	9/10

REZA:

Reza caracteriza-se por ser uma celebração religiosa em que o capelão ou capeloa conduz o cerimonial de agradecimentos e pedidos ao santo homenageado. Momento auge das festas de santo que antecede o cururu e o baile.

A exceção de Bento Pereira, localizamos o item **reza** em todas as obras lexicográficas consultadas e, apesar de não fazerem referência às festas de santo, em todas temos a acepção de ato ou efeito de rezar.

Bastante reconhecida em sua comunidade fala, a lexia **reza** apresentou porcentagens acima de oitenta por cento em todos os grupos de sujeitos consultados, como podemos observar na tabela de frequência. Esse fato somado a informação de haver o registro do item na maioria dos dicionaristas, podemos dizer que há um caso de tendência à manutenção lexical.

Quadro 66: sinônimo de reza: louvor

Louvor: O mesmo que **reza**.

Resposta dada como sinônimo a reza.

Tabela 5.131 Comparação da lexia **louvor** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.m. Laus, dis.	
BLUTEAU	s.m. gabo, elogio, aprovação.	
SILVA	s.m. gabo, elogio, aprovação.	
LUIZ PINTO	s.m. elogio, gabo. Palavras em sinal de aprovação.	
VIEIRA	s.m. gabo, elogio, aprovação.	
FREIRE	s.m. Ato de louvar; elogio, aplauso.	

AULETE	s.m. Glorificação, exaltação: <i>missa em louvor a um santo.</i>	
MICHAELIS	s.m. Ato de louvar(-se).	
FERREIRA	s.m. gabo, elogio, encômio.	
BORBA	s.m. Homenagem feita com palavras ou hinos.	
HOUAISS	s.m. Ato ou efeito de louvar(-se).	

Tabela 5.132 Porcentagem de escolha da lexia **louvor**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
10%	0%	20%	20%	20%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1/10	0/10	2/10	2/10	2/10	1/10

LOUVOR:

Como sinônimo a **reza** também recebemos com a aplicação de nosso questionário a lexia **louvor**. Da mesma forma, foi possível encontrar o registro da lexia em todas as obras lexicográficas consultadas e com a mesma acepção relacionada. Contudo, com menor índice de realização da lexia entre os grupos consultados.

Quadro 67: roda de cururu

Roda de cururu: momento da apresentação de cururu sem coreografia.

Contexto de utilização:

Geralmente começa parado, o processo de cururu, aí é a **roda de cururu**. O pessoal fica de frente pro altar, e mesmo no improviso, louva o santo. Já olha o santo que tá lá, louva o santo e volta na toada de novo. Agora tem uma hora que um companheiro chama pra rodar, pra fazer a função do cururu, como a gente chama (T. F).

Tabela 5.133 Comparação da lexia **roda de cururu** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	

HOUAISS	-	
----------------	---	--

Tabela 5.134 Porcentagem de escolha da lexia **roda de cururu**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	60%	50%	80%	70%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	6/10	5/10	8/10	7/10

RODA DE CURURU

As apresentações de cururu são compostas de dois momentos. No primeiro, que dura a maior parte do tempo, os músicos permanecem em pé, parados, perfilados um ao lado do outro. Já em um segundo momento, os músicos se dispõem em um círculo e começam a rodar, cantando e tocando, o que é chamado de **roda de cururu**. Não há regra para que a **roda de cururu** tenha início, geralmente um cururueiro convida os demais músicos para começar essa modalidade de sua apresentação. Da mesma forma, também não há protocolo para o fim dessa dança circular, os músicos vão retornando a suas posições de origem e voltam a tocar e a cantar um ao lado do outro.

Não foi possível localizar o item **roda de cururu** em nenhuma das obras lexicográficas consultadas. Já em relação ao seu reconhecimento por sua comunidade de fala, podemos observar na tabela de frequência altas porcentagens, principalmente entre os cururueiros.

Quadro 68: sede

Sede: local onde os cururueiros se reúnem para discutir seus interesses.

Contexto de utilização:

Nós aqui vamos completar quatros anos da existência da nossa **sede**, mas pela cara de dezoito anos (risos) você tá vendo aqui, é um grupo que já cantava antes junto. Tem gente aqui que já canta junto tem mais de trinta anos. Mas, a agora a gente consegue saber melhor das coisas, das festas, de como a gente faz para ir. Agora a gente tem um uniforme, todo mundo já sabe que é do nosso grupo (T. F.).

Tabela 5.135 Comparação da lexia **sede** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Sitis, is.	
BLUTEAU	+	s.f. Assento, cadeira.
SILVA	+	s.f. Assento, cadeira.
LUIZ PINTO	+	s.f. Assento, cadeira.
VIEIRA	+	s.f. Assento, cadeira.
FREIRE	s.f. Centro ou ponto escolhido para nele se estabelecer alguma coisa.	
AULETE	s.f. Centro, ponto escolhido para nele se estabelecer alguma coisa.	
MICHAELIS	s.f. Prédio ou parte de prédio que aloja a administração ou secretaria de um clube ou associação e onde também se podem realizar eventos sociais.	
FERREIRA	s.f. Lugar onde se fixa um tribunal, um governo, uma administração ou onde uma empresa comercial tem seu principal estabelecimento.	
BORBA	s.f. Lugar onde se fixa um tribunal, um governo, uma administração ou onde uma empresa comercial tem seu principal estabelecimento.	
HOUAISS	s.f. Local de reuniões.	

Tabela 5.136 Porcentagem de escolha da lexia **sede**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
70%	80%	60%	70%	90%	90%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
7/10	8/10	6/10	7/10	9/10	9/10

SEDE:

Como parte do processo da revitalização do cenário cultural de Cuiabá e do cururu que está inserido nele, aqueles que se engajaram pela retomada do prestígio de tradições populares, tais como o cururu e o siriri, sentiram a necessidade de serem criados locais onde

se centralizariam as informações dos grupos culturais, poderiam ser feitos os ensaios e reuniões, ou seja, trouxeram certa formalidade e organização para algo que sempre foi feito informalmente nos quintais das casas.

Com subsídio governamental ou não, salões foram construídos, geralmente em terrenos cedidos por algum integrante dos grupos, e esses espaços são chamados de **sede**. Em conversas informais com nossos colaboradores cururueiros, nos foi relatado que a construção desses espaços trouxe vantagens aos grupos de cururu, no que diz respeito à sua organização. Os integrantes passaram a se reunir com frequência para discutir assuntos pertinentes ao grupo, da mesma forma os ensaios que ocorrem com regularidade.

Nas obras lexicográficas, encontramos em todas o registro de **sede**, contudo apenas nas mais recentes, Freire, Aulete, Michaelis, Ferreira, Borba e Houaiss, com a acepção desejada, nos demais temos o significado de assento.

Conforme podemos observar na tabela de frequência, a lexia **sede** é bastante comum em sua comunidade fala, uma vez que foi realizada em todos os grupos consultados e com média acima de setenta por cento de reconhecimento. O que nos aponta para um quadro de tendência à manutenção semântico-lexical.

Quadro 69: sinônimo de sede: associação

Associação: O mesmo que **sede**.

Resposta dada como sinônimo a sede.

Tabela 5.137 Comparação da lexia **associação** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	s.f. União estabelecida entre muitas pessoas em um interesse comum, para qualquer empresa.	
FREIRE	s.f. Reunião de várias pessoas para um fim ou interesse comum.	
AULETE	s.f. União organizada de pessoas ou entidades com um objetivo comum.	
MICHAELIS	s.f. Agrupamento de pessoas para um fim ou interesse comum; agremiação, clube, sociedade.	
FERREIRA	s.f. Liga; organização.	
BORBA	s.f. Agremiação, grêmio, sociedade.	

HOUAISS	s.f. Agrupamento permanente de pessoas com objetivos que não sejam esp. de ordem patrimonial; grupo de indivíduos que se unem para uma finalidade específica e se mantêm coesos graças a procedimentos, rotinas e tb. sanções que aceitam e aprovam de forma consciente e racional.	
----------------	---	--

Tabela 5.138 Porcentagem de escolha da lexia **associação**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
30%	20%	40%	30%	10%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/10	2/10	4/10	3/10	1/10	1/10

ASSOCIAÇÃO:

Além da lexia **sede**, com a aplicação de nosso questionário, recebemos a variante **associação**. Menos frequente nos quatro grupos entrevistados, mas ainda assim, realizado em todos eles, o item **associação** também está registrado na maioria dos dicionaristas consultados, com exceção dos mais antigos, Bento Pereira, Bluteau, Silva e Luiz Pinto, e com a mesma acepção da oferecida por nossos colaboradores, a de agremiação de pessoas com objetivo em comum. Dessa forma, podemos dizer que a lexia apresenta manutenção semântico-lexical e um processo de inovação lexical em que concorrem as lexias **sede** e **associação**.

Quadro 70: tampo

Tampo: folha de madeira que cobre o corpo da viola de cocho.

Contexto de utilização:

Essa aqui é a marca minha. Do seu Manoel é até mais fácil de fazer. Ele pega aqui no **tampo** e risca reto, como é o traçado dele. Quando as pessoas vê isso aqui, acha que é comprado pronto, que não é artesanal. O meu é até mais difícil de fazer que é a meia lua, bem arrumadinho. Tem que ter a paciência, o conhecimento, ajustar certinho (A.R.).

Tabela 5.139 Comparação da lexia **tampo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESEÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	

BLUTEAU	s.m. a peça de madeira que compõe o lado dianteiro da rabeca, da viola.	
SILVA	s.m. a peça de madeira que compõe o lado dianteiro da rabeca, da viola.	
LUIZ PINTO	+	s.m. A peça das cabeceiras das pipas.
VIEIRA	+	s.m. Peça com que se tapa, e cobre a boca de um vaso, caixa, estojo, etc.
FREIRE	s.m. Cada uma das duas peças de madeira que formam a caixa ou o bojo de algum instrumento de cordas e sobre uma das quais estas se estendem.	
AULETE	s.m. A cobertura da caixa de ressonância em instrumentos de corda: <i>o tampo do bandolim.</i>	
MICHAELIS	+	s.m. Parte superior de mesas, armários etc., feita de madeira, vidro, mármore, granito entre outros materiais.
FERREIRA	s.m. A parte superior da caixa de ressonância dos instrumentos de corda.	
BORBA	s.m. Parte superior da caixa de ressonância dos instrumentos de corda.	
HOUAISS	+	s.m. Peça de madeira, plástico, louça ou metal, móvel ou fixa, us. esp. para vedar ou tampar tonéis, vasos sanitários, tinas etc.; tampa, tampão.

Tabela 5.140 Porcentagem de escolha da lexia **tampo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	30%	20%	30%	10%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	3/10	2/10	3/10	1/10

TAMPO:

Mais um item que denomina uma das partes que constituem a viola-de-cocho é o **tampo**. Trata-se da parte superior do instrumento, a que cobre a caixa de ressonância. É no **tampo** que podemos localizar a assinatura do artesão, através de alguns detalhes que são inseridos nessa parte do instrumento. Nosso colaborador, por exemplo, usa como molde a boca de uma xícara para fazer o desenho de uma meia lua que cuidadosamente é esculpida.

A lexia **tampo** foi localizada em todas as obras lexicográficas consultadas, só não apenas em Bento Pereira. Na maioria delas podemos encontrar a acepção de parte superior de instrumentos de corda, mas em Luiz Pinto, Vieira, Michaelis e Houaiss temos um significado mais genérico, a de parte que cobre algum utensílio, sem fazer conexão à música.

Com nosso questionário, podemos verificar que **tampo** é bastante reconhecido entre os dois grupos de cururueiros pesquisados, e menos entre o público em geral. Possivelmente por ser um item de especialidade, do campo da música. Contudo, podemos dizer que há tendência à manutenção semântico-lexical.

Quadro 71: terno

Terno: conjunto de vestimenta usado pelos cururueiros.

Contexto de utilização:

O cururueiro quando vai se apresentar, ele separa o **terno** dele. Veste calça, camisa e o chapéu que é obrigatório. Cururueiro não se apresenta sem chapéu (A.R.).

Tabela 5.141 Comparação da lexia **terno** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	Adj. Ternus, a, um.
BLUTEAU	+	Adj. De coração brando, compassivo.
SILVA	+	Adj. De coração brando, compassivo.
LUIZ PINTO	+	Adj. Compassivo de coração meigo.
VIEIRA	+	Adj. Do coração brando, mavioso, compassivo.
FREIRE	s.m. Vestuário masculino, composto de paletó, colete e calças.	
AULETE	s.m. Vestuário masculino composto de calça, paletó e colete, do mesma fazenda e cor	
MICHAELIS	+	Adj. Que manifesta sentimento de afeto.
FERREIRA	s.m. Vestuário masculino composto de calça, paletó e colete, do mesmo tecido e cor	
BORBA	s.m. Vestuário masculino composto de calça, paletó e, às vezes, colete, do mesmo tecido e cor	
HOUAISS	s.m. Traje masculino, composto de paletó, calças e, ocasionalmente, colete, do mesmo tecido e cor.	

Tabela 5.142 Porcentagem de escolha da lexia **terno**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
60%	70%	30%	20%	40%	20%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
6/10	7/10	3/10	2/2	4/10	2/10

TERNO:

Os cururueiros além de cuidarem de sua voz e instrumentos, também se preocupam com sua aparência. No contexto das apresentações, procuram realizar suas performances trajando roupas mais formais. O conjunto dessas peças é chamado por eles de **terno**.

Encontramos a lexia **terno** em todas as obras lexicográficas pesquisadas e na maioria deles com a mesma acepção fornecida por nossos colaboradores. Nas demais obras, há o sentido de compassivo.

A lexia foi realizada nos quatro grupos pesquisados, com maior porcentagem entre os cururueiros. Com a aplicação do questionário recolhemos também a variante **calça e camisa**, mais comum entre o público geral.

Dessa maneira, podemos dizer que a lexia **terno** apresenta variação semântico-lexical e um quadro de variação na qual o item **calça e camisa** concorre.

Quadro 72: sinônimo de terno: calça e camisa

Calça e camisa: O mesmo que **terno**.

Resposta dada como sinônimo a terno.

Tabela 5.143 Comparação da lexia **calça e camisa** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	-	
FERREIRA	-	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.144 Porcentagem de escolha da lexia calça e camisa

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
40%	30%	70%	80%	60%	80%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
4/10	3/10	7/10	8/10	6/10	8/10

CALÇA E CAMISA

Em resposta a nosso questionário, para o item esperado **terno**, também recebemos como resposta **calça e camisa**. De maneira a explicitar os itens que compõe a tradicional vestimenta do cururueiro, especialmente o público em geral que respondeu ao questionário apresentou esse item complexo como resposta mais genérica.

Quadro 73: toada

Toada: versos previamente elaborados pelo cururueiro.

Contexto de utilização:

Você vê tocando aqui, tem pessoas, tem hora que dizem não sei, não consigo entender o que vocês estão cantando, não é claro o que eles estão cantando. Eu digo, gente, não é claro, eles são verdadeiros compositores. Quando eles estão ali parados, eles estão criando a **toada** do cururu, como nós chamamos, seria a composição de uma música, na qual é para louvar um santo, é para dar uma cantada, é para aquelas coisas, tudo que tem na música popular brasileira, tem no cururu (A. R.).

Tabela 5.145 Comparação da lexia **toada** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Tonus, i.	
BLUTEAU	s.f. A música com que a letra se acompanha.	
SILVA	s.f. Tom. Música que acompanha a letra.	
LUIZ PINTO	s.f. Tom. Música que acompanha a letra.	
VIEIRA	s.f. Tom. A música com que a letra se acompanha.	
FREIRE	s.f. Frases musicais simples e monótonas, feitas para acompanhar versos.	
AULETE	s.f. Nome genérico atribuído às cantigas de melodia simples e monótona, com temática singela,	

	compostas por pequenas estrofes e refrões.	
MICHAELIS	s.f. Cantiga de melodia simples e repetitiva, texto curto, sentimental ou brejeiro, com estrofe ou refrão.	
FERREIRA	s.f. Qualquer cantiga de melodia simples e monótona; texto curto, sentimental ou brejeiro, de estrofe e refrão.	
BORBA	s.f. Cantiga de melodia simples e dolente.	
HOUAISS	s.f. Designação atribuída a qualquer cantiga de melodia simples e monótona, de texto ger. curto (brejeiro ou sentimental), não romanceada, mas com estrofe e refrão [As toadas tratam de religião, da natureza, de fatos e figuras da história do Brasil etc.]	

Tabela 5.146 Porcentagem de escolha da lexia **toada**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não. cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	80%	80%	100%	90%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	8/10	8/10	10/10	9/10

TOADA:

A lexia **toada** refere-se aos versos previamente compostos pelos cururueiros. Em Cuiabá, ao contrário do que foi registrado em Piracicaba (BRITO, 2013), algumas **toadas** são composições fixas e que se alternam nas apresentações com as de improviso, a depender da demanda do evento e da criatividade do cantor.

A temática é bastante variada, mesmo que o tema prevaleça, ao menos no que se refere ao contexto das festas de santo. Há composições sobre as belezas geográficas e naturais da região, sobre questões cotidianas, políticas, amizade, entre outras.

Foi possível localizar a lexia **toada** em todas as obras lexicográficas, Bluteau, Silva, Luiz Pinto e Vieira fazem referência à música que acompanha a letra das canções, os demais dicionaristas trazem a acepção de cantiga de melodia simples, com conotação de algo de menor valor. Também não fazem referência ao cururu ou outra expressão artística musical brasileira.

Como podemos observar na tabela de frequência, a lexia **toada** foi reconhecida por todos os colaboradores cururueiros entrevistados, assim como também teve altos índices de

realização entre o público em geral. Podemos assim dizer que **toada** apresenta tendência à manutenção semântico-lexical.

Quadro 74: trovo

Trovo: composição poética que apresenta rima.

Contexto de utilização:

Nós aqui, como se diz, um verso que fala assim que é rimado, nós, os cururueiros, não chama rima, chama **trovo**. Diz, nós vamos trovar, com A, com ão, com Ei. Isso chama trovo. No linguajar, pra quem não sabe, é rima (J. C.).

Tabela 5.147 Comparação da lexia **trovo** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPTÃO
BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	+	s.f. Trova. Composição em verso vulgar e não muito polida.
SILVA	+	s.f. Trova. Composição em verso vulgar e não muito polida.
LUIZ PINTO	+	s.f. Trova. Composição em versos que mais consiste na sonância das palavras do que em regras de poesia.
VIEIRA	+	s.f. Trova. Composição em verso vulgar, e não muito polida.
FREIRE	+	s.f. Trova. Composição lírica, ligeira e de caráter mais ou menos popular.
AULETE	+	s.f. Trova. Poema de quatro versos, ger. setissílabos; QUADRINHA.
MICHAELIS	+	s.f. Trova. Quadra popular, musicada; canção, cantiga.
FERREIRA	+	s.f. Trova. Composição lírica ligeira e mais ou menos popular.
BORBA	+	s.f. Trova. Composição lírica ligeira e de caráter popular.
HOUAISS	+	s.f. Trova. Quadra musicada; cantiga, canção.

Tabela 5.148 Porcentagem de escolha da lexia **trovo**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
80%	100%	20%	30%	60%	50%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
8/10	10/10	2/10	3/10	6/10	5/10

TROVO:

Para os cururueiros, **trovo** denomina o verso rimado. Uma das habilidades do bom cantor de cururu é justamente criar composições que se enquadrem na métrica estabelecida, na temática abordada e contendo rima. Na maioria das vezes, essa criação é espontânea, o chamado improviso.

Nas obras lexicográficas consultadas, localizamos o registro no feminino, **trova**, e com acepção outra, ainda que dentro do mesmo campo semântico da música. Segundo os apontamentos dos dicionaristas, **trovo** é uma composição musical breve e de caráter popular, diferente do sentido dado por nossos colaboradores, como sendo sinônimo de rima. Dessa forma, entendemos que temos uma inovação lexical.

Observando a tabela de frequência, podemos notar que **trovo** é mais reconhecido entre os cururueiros. Já entre o público geral, a lexia teve menores índices de reconhecimento e colhemos a variante **rima de verso**, que será analisada a seguir.

Quadro 75: sinônimo de trovo: rima de verso

Rima de versos: O mesmo que **trovo**.

Resposta dada como sinônimo a trovo.

Tabela 5.149 Comparação da lexia **rima de verso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	s.f. Carminum ferries.	
BLUTEAU	s.f. Rima . O consoante em que terminam os versos.	
SILVA	s.f. Rima . O consoante em que terminam os versos.	
LUIZ PINTO	s.f. Rima . O consoante em que terminam os versos.	
VIEIRA	s.f. Rima . O consoante em que terminam os versos.	
FREIRE	s.f. Rima . Repetição do mesmo som no fim de dois ou mais versos.	
AULETE	s.f. Rima . Repetição de sons ao fim de dois ou mais versos.	
MICHAELIS	s.f. Rima . Repetição de sons vocais, consonantais ou combinados, idênticos ou similares, em uma ou mais sílabas,	

	geralmente acentuadas, que ocorrem em intervalos reconhecíveis e determinados.	
FERREIRA	s.f. Rima. Repetição de um som no final de dois ou mais versos.	
BORBA	s.f. Rima. Identidade de sons entre palavras, no interior ou no final de versos de um poema.	
HOUAISS	s.f. Rima. Repetição de um som em mais de uma palavra de um mesmo verso.	

Tabela 5.150 Porcentagem de escolha da lexia **rima de verso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
20%	0%	50%	40%	30%	40%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2/10	0/10	5/10	4/10	3/10	4/10

RIMA DE VERSO:

Como resposta a esse de nosso questionário semântico-lexical, recebemos a variante para **trovo, rima de verso**. Mais comum entre o público em geral, esse item não foi realizado entre os cururueiros mais idosos e pouco entre os cururueiros mais jovens.

Não foi possível localizar o item **rima de verso** nas obras lexicográficas, por isso pesquisamos apenas por **rima** que está presente em todas as obras consultadas e com a mesma aceção da que nos foi dada.

Quadro 76: verso

Verso: canto com versos improvisados.

Contexto de utilização:

Os temas das toadas são variados, tem toada que fala sobre a amizade, que fala da morena. Só que, antes dele cantar a toada, ele tem que ver, assim, o momento que é pra fazer o que. É pra chamar o rei, pra pegar o santo. Então ele improvisa um **verso** pra chamar o rei, pra pegar a imagem do santo que está sendo celebrado, aí pode entrar com a toada dele que fala sobre a amizade. Então, mesmo que é um momento religioso, é um momento sacro, como ele está dizendo, o verso tem que acompanhar isso, já a toada, não (T. F.).

Tabela 5.151 Comparação da lexia **verso** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
BENTO PEREIRA	+	s.m. Carmem, inis.
BLUTEAU	+	s.m. oração ligada e adstrita a certa medida de sílabas e acentos, em que os poetas compõem suas obras.
SILVA	+	s.m. oração ligada e rimada, ou adstrita a certa medida de sílabas e acentos, em que os poetas compõem suas obras com consoantes ou sem elas.
LUIZ PINTO	+	s.m. oração ligada a certa medida de sílabas.
VIEIRA	+	s.m. reunião de palavras medidas e cadenciadas segundo certas regras fixas o determinadas.
FREIRE	+	s.m. Reunião de palavras sujeitas a certa medida e cadência, segundo regras fixas, convencionalmente adotadas.
AULETE	+	s.m. Subdivisão de um poema, ger. correspondente a uma linha desse tipo de texto.
MICHAELIS	+	s.m. Palavra ou reunião de palavras que representam uma unidade rítmica de um poema, conforme regras fixas, convencionalmente adotadas.
FERREIRA	+	s.m. Quadra ou estrofe qualquer.
BORBA	+	s.m. Palavra ou combinação de palavras sujeitas a certa medida e cadência e que na escrita ocupa uma linha da composição poética.
HOUAISS	+	s.m. Subdivisão de um poema, ger. coincidindo com uma linha do mesmo, que obedece a padrões de métrica (pés) e de rima (variáveis no tempo e no espaço), ou prescinde deles (versos brancos e livres), caracterizando-se por possuir certa linha melódica ou efeitos sonoros, além de apresentar unidade de sentido.

Tabela 5.152 Porcentagem de escolha da lexia **verso**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	50%	40%	70%	80%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	5/10	4/10	7/10	8/10

VERSO:

O cururu cuiabano apresenta duas composições distintas, a **toada** e o **verso**. A primeira caracteriza-se por ser previamente elaborada e reproduzida nas apresentações, já a segunda tem na espontaneidade e criatividade seus princípios.

De forma improvisada, o **verso** demanda do cururueiro rapidez, leitura circunstancial e habilidade para criar algo que acompanhe o ritmo do cururu, que faça sentido com o contexto narrado e apresente rima.

Pela leitura da tabela de frequência, podemos observar que os cururueiros reconhecem e usam a lexia **verso**, tivemos a totalidade de resposta para esse item nos dois grupos de cururueiros consultados. Já entre o grupo de não cururueiros, a identificação do item foi maior no grupo dos mais idosos.

A lexia **verso** está presente em todas as obras consultadas, mas com acepção distinta da que nos foi apresentada por nossos colaboradores. Nelas, não há menção ao improviso, mas sim à métrica e a divisão do poema. Sendo assim, temos um quadro de tendência à manutenção lexical, mas com inovação semântica.

Quadro 77: viola-de-cocho

Viola de cocho: típica viola popular de cinco cordas, usada no cururu mato-grossense.

Contexto de utilização:

No cururu o instrumento que participa, né? Além da voz é a **viola de cocho** e o ganzá. A viola é um instrumento já melódico, harmônico. Já o ganzá é um instrumento percussivo. Somente esses dois instrumentos que participam. Tempos atrás, é... tinha mais um instrumento que chamava adulfê, adulfo, que era uma espécie de pandeiro, mas foi abolido, né? Já tá em extinção, não se usa mais no cururu. Hoje é somente a viola de cocho e o ganzá. Às vezes também se usava aquele prato, chamado prato de ágata, outros falavam prato de folha, que se tocava com um garfo, um talher (T. F.).

Tabela 5.153 Comparação da lexia **viola-de-cocho** entre os dicionários

DISCIONÁRIO	PRESENÇA DE REGISTRO	OUTRA ACEPÇÃO
-------------	----------------------	---------------

BENTO PEREIRA	-	
BLUTEAU	-	
SILVA	-	
LUIZ PINTO	-	
VIEIRA	-	
FREIRE	-	
AULETE	-	
MICHAELIS	s.f. Pequena viola com cinco cordas.	
FERREIRA	s.f. Violão de cinco cordas, de fabricação popular, que se toca na dança do cururu e noutras.	
BORBA	-	
HOUAISS	-	

Tabela 5.154 Porcentagem de escolha da lexia **viola-de-cocho**

Cururueiro júnior	Cururueiro sênior	Não cururueiro júnior		Não cururueiro sênior	
100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10/10	10/10	10/10	10/10	10/10	10/10

VIOLA-DE-COCHO

Item central do cururu, a viola-de-cocho recebe esse nome devido a forma como é confeccionada. Esculpida a partir de um tronco de madeira inteiriço, semelhante ao processo como é feito os cochos para alimentação do gado bovino, daí o nome. Esse modo de fazer a viola foi considerado patrimônio imaterial do Brasil, em 2005, devido a sua importância para a cultura popular.

Confeccionada ainda de forma artesanal, a partir de madeira de árvores nativas. A fabricação da viola-de-cocho, assim como o cururu, é uma tradição familiar que atravessa gerações e vem resistindo à modernização cultural da região.

Só foi possível localizar a lexia **viola-de-cocho** em duas obras lexicográficas consultadas, **Michaelis** e em **Ferreira** que faz a conexão dela ao cururu. Já com a aplicação do nosso questionário, tivemos a totalidade do reconhecimento do item por nossos entrevistados. Sendo assim, podemos dizer que temos um caso de tendência à manutenção semântico-lexical.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nos ajudar a compreender a condição atual do vocabulário do cururu em Cuiabá e termos condições ainda de estabelecer um comparativo com a pesquisa realizada em Piracicaba, acreditamos ser necessário apresentar as lexias que foram estudadas em cada uma das localidades, uma vez que, em Cuiabá, foram-nos apresentadas lexias diferentes das estudadas em Piracicaba, pois encontramos, como já era esperado, outro cenário cultural. E, mesmo algumas lexias, próprias do fazer do cururu, não foram reconhecidas, em Cuiabá. Para melhor observação, apresentamos a seguir uma tabela com as lexias analisadas nos dois estudos e aquelas em comum a eles.

Tabela 6.1 – Relação das lexias consultadas nas duas localidades pesquisadas

Lexias estudadas em Piracicaba	Lexias em estudadas em Cuiabá	Lexias comuns às duas localidades
Baixão, Bocudo, Caçoísta, Canotilho, Cantador, Cantar No Livro, Caracaxá, Carreira, Carreira Dura, Cebolão, Contrário, Cururu, Dobra, Escritureiro, Festeiro, Folha, Função, Principiante, Improvisador, Intimidador, Louvação, Malhão, Pedestre, Porfia, Povoado, Regra Das Dez Rimas, Repente, Tablado, Tico-Tico, Verso-Batido, Verso-Encontrado.	Alferes de bandeira Amargo, Baixão, Bandeira, Braço, Brincador, Cavalete, Chá-com-bolo, Canutilho, Cantar esclarecido, Cantar na escritura, Cantador de lari-larai, Capelão, Capitão do mastro, Cebolão, Corpo, Contra, Corda, Cravelha, Cururu, Cururueiro, De cima, Do meio, Desentoado, Empalizado, Ensopadão, Escritura, Festa de santo, Festeiro, Função do cururu, Galanteoso, Ganzá, Licor, Louvação, Mastro, Osso, Pé de verso, Ponto, Prima, Principiante, Rainhado, Requinta, Reza, Roda de cururu, Sede, Tampo, Terno, Toada, Trovo, Verso, Viola-de-cocho.	Baixão, Canutilho, Cebolão, Cururu, Festeiro.

Conhecendo as lexias, passamos agora à análise das cinquenta e uma lexias pesquisas nesse estudo. Ainda com a intenção de estabelecer um comparativo com o estudo realizado em Piracicaba, valemo-nos da tabela elaborada por Brito (2013), que será apresentada a seguir.

Tabela 6.2– Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical entre os diferentes grupos

Manutenção da lexia de entrada nos três grupos sem variação	Manutenção da lexia de entrada nos três grupos com variação apenas no grupo dos cururueiros	Manutenção da lexia de entrada nos três grupos com variação apenas no grupo dos não cururueiros	Manutenção da lexia de entrada com variação nos quatro grupos	Sem manutenção da lexia de entrada com substituição de suas variações nos quatro grupos	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no grupo dos não cururueiros	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no grupo dos mais jovens não cururueiros

Alferes de bandeira	Não há ocorrências.	Não há ocorrências.	Bandeira Brincador	Não há ocorrências.	Corpo Contra	Baixão Cebolão
Amargo			Cantar		Cravelha	
Braço			esclarecido		De cima	
Cavalete			Cantador de		Do meio	
Chá-com-bolo			lari-larai		Prima	
Canutilho			Cantar na		Requinta	
Capelão			escritura			
Capitão do mastro			Desentoadado			
Corda			Empalizado			
Cururu			Ensopadão			
Cururueiro			Escritura			
Festa de santo			Festeiro			
Ganzá			Função do cururu			
Licor			Galanteoso			
Mastro			Louvação			
Osso			Ponto			
Pé de verso			Principiante			
Rainhado			Reza			
Roda de cururu			Sede			
Tampo			Terno			
Toada			Trovo			
Verso						
Viola-de-cocho						
45,09%	0%	0%	37,29%	0%	13,72%	3,92%

Ao observar o quadro acima, chegamos a uma nova tabela com os valores totais de lexias com tendência à manutenção, variação e tendência ao desuso:

Tabela 6.3 – Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção

Lexias com tendência à manutenção	Lexias com variação	Lexias com tendência ao desuso
45,09%	37,29%	17,64%

Por meio da observação dos quadros apresentados no capítulo anterior e da compilação das informações obtidas, registradas nas últimas duas tabelas, podemos inferir que o vocabulário do cururu cuiabano tende à manutenção. Tal conclusão é ilustrada pelos dados de

porcentagem de lexias de entrada com tendência à manutenção (45,09%) serem superiores as com variação (37,29%) ou com tendência ao desuso (17,64%). Para melhor compreender essa conclusão, a seguir faremos as observações sobre as lexias estudadas.

Dos cinquenta e um itens de nosso questionário semântico-lexical, treze tiveram cem por cento de resposta ao item esperado para aquela pergunta, nos quatro grupos, sem apresentar nenhuma variante, sendo eles: **alferes de bandeira, amargo, chá-com-bolo, capelão, capitão do mastro, cururu, cururueiro, festa de santo, ganzá, licor, mastro, osso e viola de cocho**. Podemos notar que a maioria desses itens lexicais também pertencem a outros campos semânticos, como a do campo festa de santo, por exemplo, contexto no qual o cururu está inserido.

Os dados da primeira coluna da tabela 6.1 vão ao encontro dessa informação, uma vez que ali estão agrupadas as lexias que indicam tendência à manutenção, uma vez que seus registros coincidem com os das obras lexicográficas pesquisadas, foram dadas como resposta ao nosso questionário e sem registro de variante. As vinte e três lexias representam quase metade dos itens pesquisados e organizados em nosso questionário semântico lexical (45,09%), o que por si só já traz um dado importante sobre o *status* do vocabulário cururueiro nessa comunidade.

A segunda e a terceira colunas da tabela não apresentaram registro. Elas representariam as lexias com manutenção e variação apenas em um grupo, ou dos cururueiros ou dos não cururueiros.

Já a quarta coluna da tabela, comporta as lexias que são reconhecidas e utilizadas em sua comunidade linguística, mas que já apresentam variação, visto que nos quatro grupos de sujeitos pesquisados, obtivemos como resposta tanto o item esperado, quanto variantes por eles oferecidas. As lexias dessa coluna representam 37,29% dos itens pesquisados, um número expressivo que comporta itens restritos ao campo semântico do cururu, tais como **brincador, ponto e função do cururu**; e lexias que também estão presentes em outros campos semânticos, como **bandeira, festeiro e reza**. O que nos possibilita refletir que apesar de haver reconhecimento e realização dessas lexias estudadas em todos os grupos pesquisados, já há variação lexical em alguns casos, por se tratar de um processo natural da língua. Somente com o passar dos anos e novos estudos sincrônicos poderão revelar se essas lexias irão continuar concorrendo ou uma das variantes deixará de ser utilizada, num processo de mudança em curso.

A quinta coluna da tabela é significativa para nosso estudo, uma vez que nela estariam as lexias com tendência ao desuso, ou seja, sem realização nos grupos consultados, e que apresentassem variantes em todos os grupos. O que não ocorreu em nenhum dos casos,

corroborando para a nossa hipótese de tendência à manutenção do vocabulário do cururu cuiabano.

Os dois últimos casos da tabela tratam dos itens com tendência ao apagamento e sem substituição da lexia de entrada e suas variações nos grupos de não cururueiros. São itens que nomeiam as cordas da viola-de-cocho: **prima, contra, de cima, do meio**; as partes que compõe a viola: **cravelha, corpo**; o cerimonial do cururu: **baixão**, ou ainda tipo de afinação do instrumento: **cebolão, requinta**. No total, foram nove os casos registrados, somando as duas colunas (17,64%). Comparado ao total de lexias com tendência à manutenção, esse número é bastante inferior e somando-se a informação de que são itens que nomeiam as partes da viola-de-cocho, termos específicos ao fazer do músico cururueiro, temos mais um indicativo de que há tendência à manutenção desse vocabulário.

No que diz respeito a diferença de idade entre os cururueiros entrevistados, notamos que nos dois grupos há predominância a tendência à manutenção do vocabulário cururueiro. A exceção de alguns itens para os quais foram oferecidas variantes com que concorrem, na maior parte dos casos temos altos índices de resposta esperada. Os cururueiros mais jovens, assim como os mais experientes, conhecem, utilizam e respeitam esse vocabulário, o que também foi observado nas conversas informais.

Por se tratar de um fazer tipicamente masculino, não foi possível aplicar nosso questionário ao grupo de cururueiras. Apesar de não participarem diretamente do cururu, as mulheres gostam de assistir às apresentações, além de estarem presentes ativamente em outros contextos culturais em que o cururu está inserido, tais como as festas de santo, apresentações de siriri e os bailes. Analisando os dados obtidos nos grupos de não cururueiros, percebemos que não há diferença significativa no que diz respeito a diferença de gênero.

Nossa pesquisa teve como ponto de partida o desejo de estabelecer um comparativo com o estudo já realizado por Brito (2013) na cidade de Piracicaba, São Paulo. No interior paulista, o cururu que outrora era valorizado em sua comunidade, mostrou-se como uma tradição desprestigiada. Foram localizados poucos e já bastante idosos cururueiros. A juventude piracicabana desconhecia esse fazer. Fato que foi confirmado com o estudo realizado sobre o léxico cururueiro nessa localidade que tendia ao desuso.

Em Piracicaba, não foi possível localizar cururueiros jovens, por essa razão, não se realizou na pesquisa esse comparativo geracional. Contudo, devido à valorização do cururu em Cuiabá, músicos jovens se somaram ao nosso grupo de colaboradores e contribuíram para que a pesquisa oferecesse um panorama amplo sobre o cururu dessa localidade.

Para elaborar nosso questionário semântico-lexial, partimos do que havia sido aplicado por Brito (2013), levamos as lexias a um grupo de cururueiros em uma conversa informal. Notamos que há muitas diferenças entre o léxico do cururu dessas duas localidades. Itens como **carreira, malhão, caracaxá, pedestre, porfia, regra-das-dez-rimas, dobra, verso batido e verso encontrado**, que fazem parte do vocabulário cururueiro piracicabano, ou não existem em Cuiabá ou há outra lexia empregada para esse uso. Por exemplo, o mau cantador, no interior paulista, é chamado de **caracaxá**, já em Mato Grosso, de **cantador de lari larai**. Assim como o item **porfia**, que lá significa o momento da disputa entre dois cantores, já em Cuiabá não há a utilização desse termo, e o que se aproxima dele é o item **ponto**, que se caracteriza por uma provocação entre dois cururueiros.

Nas duas localidades, foram consultados colaboradores não cururueiros, divididos por idade e sexo. Em Piracicaba, houve uma diferença notória de reconhecimento do léxico cururueiro entre os colaboradores homens e mulheres. Lá, o grupo de mulheres teve uma porcentagem de reconhecimento dos itens do questionário menor em relação aos homens. Fato que não se repetiu em Cuiabá, onde não houve diferença significativa entre esses dois grupos.

Na pesquisa realizada em São Paulo, alguns itens específicos do léxico cururueiro só foram realizados por colaboradores homens. Por exemplo, o item **carreira dura**, que significa uma rima difícil de se executar, assim como **adversário** e **dobra**. Já em Cuiabá, essa diferença não foi marcada. Como exemplo disso, temos a lexia **cururu**, que foi reconhecida por todos os colaboradores dessa pesquisa, enquanto em Piracicaba, apenas vinte por cento das mulheres mais jovens responderam a esse item do questionário.

O movimento das Bandeiras Paulistas teve em seu percurso o destino de Cuiabá, desbravando territórios, em busca de riquezas. Nesse movimento, os bandeirantes levavam consigo sua Língua Falada – o dialeto caipira – e sua cultura. O cururu foi um desses bens transportados. Em Mato Grosso, encontrou terreno fértil e se misturou à cultura local.

A preservação de um bem cultural, como é o caso do cururu, depende de muitas variáveis, mas o retrato que conseguimos com nossa pesquisa revela que uma gestão interessada, com políticas públicas assertivas e lideranças comunitárias talvez possam nortear o fomento e conservação de patrimônios culturais, como o cururu.

Atualmente, em Cuiabá, há grupos de cururu que recebem subsídios para suas apresentações, algumas delas realizadas em outros países. Também há eventos organizados pela secretaria municipal de cultura para promover e popularizar tradições culturais. Assim como lideranças comunitárias que organizam grupos, ensinam e ensaiam com crianças, jovens e

adultos. Resultado disso é o interesse da juventude cuiabana em aprender a tocar e a cantar cururu.

O cururu é o fio que conduz o cerimonial das tradicionais festas de santo cuiabanas. São os cururueiros que apresentam e convidam para cada um dos momentos que compõem esses festejos. Acreditamos que o fato do cururu ter papel central nessas festas colabora para sua valorização e, conseqüentemente, seus frequentadores se apropriam naturalmente de seu vocabulário,

Esses elementos contribuíram para um cenário de prestígio do cururu em Cuiabá. Nossa hipótese de que o vocabulário do cururu cuiabano tendia à manutenção foi confirmada no reconhecimento e realização dos itens desse trabalho, na fala de nossos colaboradores e nos dados de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALLEONI, O. N. **Cururu em Piracicaba**. Piracicaba: Degaspari, 2006.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Atividades terminológicas no Brasil. Terminômetro** – A terminologia no Brasil. Barcelona: n. 3, 1998. Número Especial.

AMARAL, A. (1920). **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: Anhembi; 2ª. ed., São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **Tradições populares**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

ANDRADE, J. **Cocho mato-grossense: um alaúde brasileiro**. São Paulo: Escola de Folclore, 1981.

_____. **Cururu**: espetáculo de teatro não-formal poético-musical e coreográfico. Um cancionero trovadoresco do médio tietê. 1992. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BALDUS, H. **Ensaio sobre a etnologia brasileira**. São Paulo: Nacional, 1931.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

BIDERMAN, M. T. C. **O léxico**. In: OLIVEIRA, A. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

_____. **Teoria linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulário português latino** (digitalizado), 1712 – 1728.

BOLÉO, M. P. **O estudo dos dialectos e falares portugueses (um inquérito linguístico)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1942.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. (org). **Dicionário UNESP do Português contemporâneo**. São Paulo: UNESP. 2004.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, M. S. **Estudo do vocabulário do cururu em Piracicaba**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CANDIDO, A. Cururu. In **Remate dos Males**, s/v, s/n. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635987/3696>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017. E- ISSN: 2316-5758

_____. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed 34, 2001.

CARRADORE, H. P. **Retrato das tradições piracicabanas** (história e folclore). 2. ed. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1998.

CASTILHO, D.; CASTILHO, W. **Raízes caipiras de Piracicaba na era da globalização:** cururu, catira e moda de viola. 2. ed. Piracicaba: Shekinah Gráfica, 2006.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1959.

CÉSAR, J. **Viva Júlia.** Intérpretes: Júnior César, Thomas Flaviano. Cuiabá: Tradição Cuiabana do Coxipó, c2004. 1CD.

CRISTIANINI, A. C. Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, I. P. (org.). **Sociogeolinguística em questão:** reflexões e análise. São Paulo: Paulistana, 2012; p. 21-32.

Comitê Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil.** Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

_____. **Atlas Linguístico Brasileiro.** Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

ERCOLIN, G. L. D` A., OSCAR (Orgs.). **Piracicaba:** a noiva da colina. São Paulo. Nova América, 2007.

FERRAZ, A. P. **Neologismos no Português Brasileiro Contemporâneo: Aplicação ao ensino de Português para Estrangeiros.** Livro Actas. Diálogo com lusofonia. Polônia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, 2007, p. 133 – 151. Disponível em://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISII-UW_8_FERRAZAderlande-PEREIRA_Neologismos-no-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em: 03 de setembro de 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, C. *et al.* **Atlas linguístico do Sergipe**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, M. B.; SARAMAGO, J. *et al.* **Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores**: v. 1. A criação do gado. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

FLAVIANO, T. **Minha Cuiabá**. Intérprete: Thomas Flaviano. Cuiabá: Tradição Cuiabana. c2014. 1CD.

FREIRE, L. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

GARUTI, A. **Cururu**: retratos de uma tradição. Sorocaba: Ed. Create, 2003.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

Governo do Mato Grosso. Disponível em: <http://www.mt.gov.br>. Acesso em: 10 agos. de 2017.

GRANDO, B. S. **Cultura e Dança em Mato Grosso: catira, curussé, folia de reis, siriri, cururu, são gonçalo, rasqueado e dança cabocla na região de Cáceres**. Cuiabá-MT: Central do Texto; Cáceres: Unemat Editora, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 jan. de 2018.

JESUS, M. **Viva nosso Mato Grosso**. Intérpretes: Daniel da Silva, Marcelino de Jesus. Cuiabá: Tradição Cuiabana do Coxipó, c2004. 1CD.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MORAES, Milena Borges. **Estudo semântico-lexical do códice oitocentista Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Defensiva da Capitania de Matto Grosso**. 2016. Tese (Doutorado em língua portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2016.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. **Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, D. P. O estudo Dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho. In: AGUILERA, V. A. (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 381-390.

PELEGRINE, S. C. A. **Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do Divino em São Luiz do Paraitinga**. Patrimônio e Memória, on-line, Assis, v.7, n.1, junho de 2011, p. 231-256. Disponível: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem>. Acesso em 14 de agosto de 2017. ISSN 1808-1967.

PEREIRA, B. **Thesouro da Lingoa Portuguesa**. 1647. Disponível em: (<http://purl.pt/29129>).

PINTO, L. M. da S. **Diccionario da Lingua Brasileira**. 1832

Disponível em: (<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/>)

PORTO, G. **As folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC/SECFUNARTE – Instituto Nacional de Folclore, 1982.

RODRIGUES, D.; MÜLLER, M. A. **Movimento musical em Cuiabá**. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

ROMANCINI, S. R. **Cuiabá: paisagens e histórias da memória**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ROSSI, N.; ISENSEE, D. M.; FERREIRA, C. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS, I. P. Geolinguística e interação face a face: diálogo possível In: SANTOS, I. P. (org.). **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 33-50.

SILVA, Adalberto Prado (Org.). **Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1970.

SILVA, A. M.. **Diccionario da lingua portugueza** - recopilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina 1813.

SILVA, A. **Oi, morena**. Intérpretes: Amarante da Silva, Marcelino de Jesus. Cuiabá: Tradição Cuiabana do Coxipó, c2004. 1CD.

SILVA, L. **Gente, vamos rezar!** Intérprete: Daniel da Silva, Marcelino de Jesus: Tradição Cuiabana do Coxipó. c2014. 1CD.

SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialetológicos**. 2 ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. CNPq, 1957.

SIQUEIRA, E. M. **História do Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística no Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

VERDELHO, T. S. Os dicionários bilingues até o fim do sec. XVIII. Fonte privilegiada da lexicografia portuguesa. In **Actas do colóquio de lexicografia e lexicologia 26/27**. Lisboa: Universidade Nova, 1990.

VIEIRA, D. **Grande Dicionário Português: ou thesouro da língua portuguesa**. Lisboa: Chadron, 1871-1874.

VILELA, I. Vem viola, vem cantando. **Revista Estudos Avançados USP**, n. 69, p. 323-347, mai.- ago./2010.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILELA, M. **Quando Deus aponta a nossa província ao anjo da morte: a varíola em Cuiabá – 1867**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas sociais/ Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

APÊNDICE A – Glossário do cururu cuiabano

Como produto de nossa pesquisa, que levantou e analisou lexias ligadas ao campo semântico do cururu de Cuiabá, a partir de pesquisa e consulta a material bibliográfico e humano, elaboramos um glossário do cururu cuiabano.

As lexias que compõe nosso *corpus*, tanto as presentes em nosso questionário semântico-lexical, quanto as que derivaram dele, foram por nós organizadas em um modelo de glossário e serão apresentadas a seguir em ordem alfabética.

Para nos guiarmos na elaboração desse glossário, seguimos as instruções dadas por Borba (2003, p. 311) a esse respeito, em seu manual de organização de dicionários: “Como é de praxe, a primeira informação é taxionômica: a classe a que pertence a palavra de entrada, depois a informação sintática, depois a semântica e pragmática”.

A lista de reduções apresentada a seguir consta somente das abreviaturas que foram utilizadas nos verbetes aqui estudados.

Lista geral de reduções:

adj. adjetivo

e.f.	expressão fixa
f.	feminino
m.	masculino
s.	substantivo
t	termo

1 **Afogado** | s.m.

Ver

2 **alferes de bandeira** | t.

Festeiro responsável por conduzir as bandeiras, nas festas de santos.

Abonação: “Depois que os mais velho não aguentá mais eu quero ver quem dos novo vai fazer isso. Eu tenho um sobrinho que foi **alferes de bandeira** esse ano, ele sabe tocar ganzá, viola de cocho, mas o jovem não quer aprender mais nada disso. Tem que ter baile, se não tiver baile não é festa pra eles” (M.C.).

3 **amargo** | s.m.

Bebida de sabor acre preparada à base de cachaça e raízes aromáticas.

Abonação: “Aqui nós temos por costume preparar o **amargo** e o licor, quando vai chegando a época das festa de santo. O licor é feito com leite e é mais docinho, agrada mais as mulheres. Já o **amargo** é feito com a cachaça que a gente deixa curtindo com algumas raízes, por isso do nome” (A.S.).

4 **arrodiar cururu** | t.

Ver função do cururu.

5 **associação** | s.f.

Ver sede.

6 **baixão** | s.m.

Vocalização em coro que ocorre no final do cururu.

Abonação: “**Baixão** pra nós, que a gente conhece, é no final do cururu. O povo conhece como grito, mas não é um grito, é uma entonação mais alta. Acabou a toada a gente entra, finalizando, com todos os cururueiros. E quando o cururu está, como a gente fala, tá bonito, aí é que o **baixão** fica mais fervoroso” (J.C.).

7 **bandeira** | s.f.

Peça de pano ornamentada com a imagem do santo homenageado.

Abonação: “festa de santo aqui em Cuiabá é coisa muito antiga. Cada família tem sua devoção, aqui em casa nossa devoção é São Benedito. Quando termina uma festa, já começa a preparar a próxima. Quem vai ser o festero, quem vai levar a **bandera**, quem vai cantar o cururu” (M.C.).

8 **bem aparelhado** | adj.

Ver galanteoso.

9 **bíblia** | s.f.

Ver escritura.

10 **braço** | s.m.

Parte alongada da viola por onde se estendem as cordas.

Abonação: “a exigência dos músicos hoje é o **braço** da viola ser maior, eles falavam pescoço da viola, para o cururu eles falam aqui em quinze centímetros” (A.R.).

11 **brincador** | adj.

Ver folgador.

12 **calça e camisa** | t.

Ver terno.

13 cantador de lari larai | adj.

Diz-se do cururueiro considerado sem talento.

Abonação: “A gente chama **cantador de lari larai**, quando o cururueiro não sabe fazer verso e fica só repetindo essa cantiga lari larai. Aqui mesmo no Coxipó não encontra **cantador de lari larai**, só mesmo pros lados de Poconé (rindo)” (J.C.).

14 cantar bem | t.

Ver cantar esclarecido.

15 cantar bonito | t.

Ver cantar esclarecido.

16 cantar em cima da escritura | t.

Ver cantar na escritura.

17 cantar esclarecido | t.

Cururueiro dotado de boa elocução e criatividade

Abonação: “Agora nós temos que dar um jeito de levantar nossa cultura, porque é tradição de Mato Grosso. Eu tô com 83 anos, meu pai morreu com 95 anos, cantador de cururu. Era aquele cururu sadio, noite inteira o pessoal brincando, sabia **cantar esclarecido**” (C.R.).

18 cantar na escritura | t.

Expressar-se vocalmente sobre a temática bíblica.

Abonação: “meu pai tinha um tema que era preferencial dele, dizendo que nasceu no Mato Grosso, então as toadas dele era focada na região do Pantanal. Outros já fazem para louvar o santo. Meu pai também tinha, tipo o pai de T., outros que a gente conheceu aqui da cidade que estudava muito as escrituras e que **cantam as toadas nas escrituras**” (A.R.).

19 canutilho | s.m.

Quarta corda da viola de cocho que caracteriza certas afinações do instrumento.

Abonação: “na verdade, o **canutilho** surgiu, tem alguns que não usam **canutilho**, aqui nós chamamos rio acima, região de Nobres e Rosário eles não usam o **canutilho**. Aí tem o **canutilho** preso e o canutilho solto que se usa tocar, né? Aqui pra cima, tem uma outra região, toca com o **canutilho** preso. Nós aqui, o tocado nosso é mais com o **canutilho** solto. Mas antigamente, pra você vê uma coisa não tinha o **canutilho**” (A.R.).

20 **canutilho preso** | t.

Uma das afinações da viola-de-cocho

Abonação: “canotio solto e **canotio preso** são os tipos de afinação da viola de cocho. Os mais antigos usavam muito mais a o **canotio preso**, mas hoje em dia é mais comum a gente tocar com a afinação do canotio solto, que é em um tom a mais” (T.F.).

21 **canutilho solto** | t.

Uma das afinações da viola-de-cocho

Abonação: “**Canotio solto** e canotio preso são os tipos de afinação da viola de cocho. Os mais antigos usavam muito mais a o canotio preso, mas hoje em dia é mais comum a gente tocar com a afinação do **canotio solto**, que é em um tom a mais” (T.F.).

22 **capelão** | s.m.

Pessoa responsável pelos ofícios religiosos das festas de santos.

Abonação: “depois a gente tem a reza, né. O **capelão** ou a capeloia, aqui a gente tem muita capeloia, faz a reza, como se fosse assim a missa, uma oração pro santo de devoção da casa, pros donos da casa, e aí a procissão do erguimento do mastro segue” (J.C.).

23 **capitão do mastro** | s.m.

Festeiro responsável pelo mastro.

Abonação: “A festa de santo tem todo um processo, uma sequência. Tem uma palavra mais científica, que T. fala, tem um cerimonial. Então, por exemplo, neste ano aqui, já vai se indicar quem vai ser os festeiros do ano que vem. Aí, vem o **capitão do mastro**, alferes de bandeira. Quando vai levantar o mastro, tem todo esse processo. Aí vai chamar o pessoal pra acender vela, o pessoal da procissão, pegar o santo que tá no altar. Nessa aí, tem o alferes de bandeira que pega a bandeira, tem os santos para pegar, tem o capitão do mastro que pega a coroa que vai na ponta do mastro, que é quase igual a folia

de reis. Então, tem todo esse processo, no qual o pessoal que tá no pé de verso vai chamando. Vamos acender a iluminação. Tudo aquilo, quando está tudo composto aí sai com a procissão, até a onde vai fazer o levantamento de mastro e continua ainda. Ainda vai mandar colocar a bandeira, que é o alferes de bandeira. Isso tudo é processo, tem gente aqui que acha demorado, mas é uma coisa muito bonita, leva, assim, de uma hora à uma hora e meia todo esse processo” (A.R.).

24 **cavalete** | s.m.

Peça da viola responsável por transmitir a vibração das cordas para o tampo.

Abonação: “a viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em corpo, que também é chamado de cocho, e o braço. Para se prender as cordas, do lado do tampo, fica o **cavalete** e na ponta do braço ficam as cravelhas, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (C.R.).

25 **cebolão** | s.m.

Uma das afinações da viola-de-cocho.

26 **chá-com-bolo** | t.

Tradicional refeição cuiabana servida na recepção das festas de santos.

Abonação: “Sempre que a gente vai ter uma reunião, um encontro, aqui é costume receber, fazer o **chá-com-bolo**. Não pode faltar bolo de arroz, lanche, suco, café, chá” (T.S.).

27 **cocho** | s.m.

Ver corpo.

28 **contra** | s.f.

A segunda corda da viola-de-cocho.

Abonação: “eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a prima. Aí a segunda é **contra**; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é de cima mesmo”.

29 **corda** | s.f.

Fio de náilon ou aço usado em certos instrumentos musicais que produz som ao ser vibrado.

Abonação: “bem antigamente, as **cordas** da viola eram feitas de tripa de animal, principalmente do macaco. O povo conta, eu mesmo nunca cheguei a ver. Aí foram chegando as leis, o IBAMA e proibiram. Mas, hoje também é mais fácil. Você precisa de um encordoamento, você compra barato em qualquer lugar. Antigamente não era assim” (M.J.).

30 **corpo** | s.m.

A caixa acústica da viola.

Abonação: “a viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em **corpo**, que também é chamado de cocho, e o braço. Pra se prender as cordas, do lado do tampo, fica o cavalete, e na ponta do braço ficam as cravelhas, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (T.F.).

31 **cozidão** | s.m.

Ver ensopadão.

32 **cravelha** | s.f.

Controla a afinação da viola, ajustando a tensão das cordas.

Abonação: “a viola de cocho é um instrumento de corda e tem basicamente as mesmas partes. Ela é dividida em corpo, que também é chamado de cocho, e o braço. Para se prender as cordas, do lado do tampo, fica o cavalete e na ponta do braço ficam as **cravelhas**, que servem para apertar ou soltar as cordas, dando a afinação da viola” (T.F.).

33 **cururu** | s.m.

Variedade de desafio acompanhada de dança de roda em que os cantadores improvisam ao som da viola de cocho e do ganzá.

Abonação: “tem assim as regras, os cururueiros dizem assim: a ciência do **cururu**. O que que faz primeiro, como que canta, para quem canta, por exemplo, numa festa de santo para quem canta, por que a importância do **cururu** está nem tanto na coreografia, mas no texto da toada. Por isso que o cururu, diferente do siriri, é tido como uma cantoria. Precisa prestar atenção no que eles estão dizendo.

Agora estão chamando os festeiros para vir para frente do altar para chamar a procissão. O **cururu** que conduz todo o cerimonial” (T.F.).

34 **cururueiro** | s.m.

Aquele que canta cururu.

Abonação: “sim, e sou filho e neto de **cururueiro**. Nasci nesse contexto assim das... que aqui chamamos assim de festa de santo, né? Nesse contexto das festas de santo, desse movimento do cururu, siriri. Meus avós, meus tios, meus pais, tudo era envolvido com isso. Nasci nesse meio. E desde aí fui criando gosto, né? Por essa, essa manifestação e fui me envolvendo, aprendendo e hoje eu continuo sendo assim **cururueiro**, participando” (T. F.).

35 **de cima** | s.f.

A quinta corda da viola-de-cocho.

Abonação: “eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a prima. Aí a segunda é contra; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é **de cima** mesmo. (A viola de cocho e a proteção ao patrimônio imaterial”.

36 **Do meio** | s.m.

A terceira corda da viola-de-cocho.

37 **desafinado** | adj.

Ver desentoadado.

38 **desentoadado** | adj.

Diz-se do cururueiro desafinado.

Abonação: “nem todo mundo que faz, toca. E, nem todos que toca, faz viola de cocho, que é o meu caso. Sou filho e neto de cururueiro, tô na quarta geração, só que não nasci com esse dom. Como diria seu M. aqui “você é muito **desentoadado**”, então demoraria muito tempo para eu aprender, então deixa eu ficar só na confecção de viola de cocho” (A. R.).

39 **do meio**

40 elegante | adj.

Ver galanteoso.

41 empalizado s.m.

Construção arquitetônica que consiste em um conjunto de troncos cravados verticalmente no solo e cobertos por folhagem de coqueiro nativo.

Abonação: “**empalizado** é um salão de fazer a festa, né. Você coloca as taquaras, os madeiramento, né. Aí corta folha de acuri, que é uma palmeira daqui, né, corta ele, deixa ele tudo assim **empalizado**, nessa altura. Então virou tradição por aqui o **empalizado**, há muitos e muitos anos tá tendo isso” (A. R.).

42 ensopadão s.m.

Prato típico servido nas festas de santos. Constituído por pedaços de carne de boi, temperados e guisados, a que geralmente se misturam legumes ou tubérculos.

Abonação: “após o momento de interação e troca importante do espaço democrático da festa é o jantar, que é oferecido gratuitamente a todos que participam. [...] para que a festa seja tradicional precisa ter uma boa comida, isto é, o tradicional **ensopadão**, sopão, além de licores e bebidas típicas geralmente feitos pela própria comunidade” (GRANDO, 2007, p. 26).

43 escritura | s.f.

Nome atribuído à bíblia, em referências às Escrituras Sagradas.

Abonação: “as toadas do cururu tem de todo tipo, de todo tema. Depende do cururueiro. Tem cururueiro que gosta de falar da morena, tem cururueiro que fala da vida e tem cururueiro que canta na **escritura**, que fala das histórias da bíblia, que louva os santos” (M.J.).

44 festa de santo | t.

Festa religiosa da tradição católica em homenagem a um santo de devoção.

Abonação: “aqui em Cuiabá, a tradição da **festa de santo** é tão forte que o cururueiro, em certas épocas do ano, não consegue atender a todos os festeiros. Ele canta sexta, sábado e domingo. Principalmente festa de São Gonçalo que tem muita gente devota e faz a festa” (A.S.).

45 festeiro s.m.

Aquele organiza, promove e custeia a festa de santo.

Abonação: “Minha mãe faz essa festa também. O patrocínio que a gente tem é assim, o **festeiro**. A comunidade pega alguém como o rei e ele dá a vaca, pega a rainha e dá outra ajuda, através de cota, mas ajuda, assim geral, de governante, quase não tem. Mas junta todo mundo, faz o que pode. Dá de comer ao pessoal, comida, bebida. Não cobra nada” (M. J.).

46 folgador | adj.

Ver brincador.

47 função do cururu | t.

Momento em que o cururu é dançado em roda.

Abonação: “então, no cururu, é a viola de cocho, o ganzá e a voz, né? Canta em dupla, assim como em dupla sertaneja, embora seja uma roda assim com uns dez, quinze cururueiros, mas por vez vai cantando a dupla. E o cururu tem uma coreografia que é chamada de **função do cururu**, às vezes canta parado e às vezes tem uma coreografia que é chamada **função do cururu**” (T.F.).

48 galanteoso | adj.

Diz-se do cururueiro que se destaca por sua elegância.

Abonação: “Aqui os cururueiros ainda tá simples, eles anda mais **galanteoso**. Tudo, né, com sua roupa, sua farda melhor, chapéu só de moscaro, Um dia, seu M.S. passando na avenida aqui. Ele lá com a viola dele, num domingo de manhã, tinha saído de uma festa. Aí passou umas meninas, chegou e falou assim “mas, olha aquele velho, como tá bem bonito, **galanteoso**, todo orgulhoso. E com isso, com essa palavra de orgulhoso, ele fez essa toada ‘me chamaram de orgulhoso, eu não sei porque razão, nasci na casa de palha, num ranchinho beira chão, maior orgulho que eu tenho, de eu ser mato-grossense, não nego minha geração” (A. R.).

49 ganzá s.m.

Instrumento percussivo feito de bambu utilizado no cururu.

Abonação: “O **ganzá** consta de um fragmento de bambu (*Bambusa vulgaris*, ou o tipo que existir ao alcance) ranhurado no sentido transversal ao comprimento. As ranhuras são friccionadas por uma baqueta, pedaço de pau, grafo ou pedaço de osso de costela de boi. Alguns cracachás são preparados

fendendo-se um dos gomos do bambu para se obter o ruído característico de madeira oca. Na falta de cracachá, usa-se prato ágate, raspado com grafo (ANDRADE, 1981, p. 34).

50 grito s.m.

Ver baixão.

51 iniciante | adj.

Ver principiante.

52 licor s.m.

Bebida alcoólica à base de leite servida nas festas de santos.

Abonação: “festa de Santo começa no sábado e termina só no domingo, o pessoal come, bebe, dorme, mas não vai embora. Por isso que os preparativos para a festa precisam começar muito antes, preparar o **licor** e o amargo, convidar que vai fazer o ensopadão” (D.S.).

53 louvação | s.f.

Elogio em versos elaborados pelos cururueiros para homenagear os santos.

Abonação: “**Louvação** é o certo, né? Mas, nós aqui não coloca essa regra, não. Costuma cantar na hora, né, fazer o verso, louvando os santo. Mas falar assim, agora é a hora da **louvação**. Não tem esse momento, não. Eu chego já vejo e já faço meu verso pra saudar aquele santo” (J. C.).

54 louvar o santo | t.

Ver louvação.

55 louvor s.m.

Ver louvação.

56 mastro s.m.

Pau que, em festas populares, serve de base para se pendurar a bandeira.

Abonação:

57 osso s.m.

Pedaco de osso de costela bovina usado para tocar ganzá.

“Para fazer o ganzá precisa escolher a taquara, que é o bambu, chamado em São Paulo. A taquara tem que torneir ela todinha e, para sair o som, você tem que rachar o gomo da taquara para poder sair o som no que raspa ela com o **osso**, que é um pedaco de **osso** de costela bovina” (A. R).

58 pé de verso | t.

Quantidade de versos a serem cantados por cada cururueiro na apresentação.

Abonação: Tem outro detalhe dos versos também aqui é que a gente fala assim: **pé-de-verso**. Por exemplo, vai cantar a toada, numa apresentação, numa festa é livre, né? O cururueiro, às vezes canta a sua toada quatro vezes, cinco vezes, uma toada curta. Então, ele vai cantar quatro versos, cinco versos. Numa apresentação, a gente já determina. Assim, se for uma apresentação rápida, já combina, cada um vai cantar três **pé-de-verso**, diz **pé-de-verso**, ou seja, vai cantar a toada três vezes. (T. F.)

59 ponto s.m.

Verso elaborado em provocação a alguém ou alguma situação.

Abonação: “pode ser uma toada ou um verso que você pode fazer pra uma situação que alguém fez você passar. Alguém passou na rua. não te cumprimentou. Aí você improvisa ali um verso, pra jogar um **ponto** pra essa pessoa, ou uma toada falando desse episódio. Por isso, que até hoje aqui em Cuiabá, tem esse linguajar, por exemplo, fala assim, A. só falou assim pra jogar um **ponto** pra M.” (T. F.).

60 prima | s.f.

Nome dado a primeira corda da viola-de-cocho.

Abonação: Eu vou contar a linguagem da viola de cocho pro cê. Essa primeira da turma, aqui na nossa linguagem antiga de fazer viola, é a **prima**. Aí a segunda é contra; a terceira é a do meio; a quarta é canutilho. A corda de cima, a última, é última mesmo.

61 principiante | adj.

Diz-se do cururueiro com pouca experiência.

Abonação: “desde que eu me entendo por gente, eu canto cururu. Diferente não tá, né, agora com os pessoal mais novo que tá vindo, os **pricipiante**. Antigamente o povo era acostumado a ir nas festa mesmo, né. Agora tá ficando mais fácil de aprender e mais difícil das criança querer aprender, se envolver nesse negócio de cururu, né. É mais fácil eles se envolverem nesse negócio do baile, do siriri. O siriri é mais fácil para eles. Eu tenho um neto. Ele toca viola, toca ganzá, mas pra cantar ele é meio desentoadado, né. Já não tem aquele dom que a gente tem, né” (M. J.).

62 promesseiro s.m.

Ver festeiro.

63 quadra | s.f.

Ver bandeira.

64 rainhado | s.m.

Cerimonial das festas de santo.

Abonação: “geralmente é acordado o louvor ao santo, né? Se tá louvando São Benedito, então a gente tem que compor mais ou menos em cima disso aí. Tem o **rainhado**, então já tem que compor a toada pra chamar o rei, a rainha, pra levantar o mastro, pra beijar a bandeira. Então, tem todo esse envolvimento” (M. J.).

65 requinta | s.f.

Viola-de-cocho com seis cordas.

Abonação: “também surgiu há muito tempo atrás a tal da **requinta**. Tem uma viola de cocho que seria a prima que viria junto com a do meio, seria seis corda, então. Era colada, aqui, ela vinha colada junto com essa corda do meio, então, eram seis cordas. E a afinação, segundo seu M. era fácil também de acertar” (A. R.).

66 reza | s.f.

Cerimônia religiosa não oficial das festas de santo.

Abonação: “de localidade para localidade, de vez em quando tem uma mudança, nessa região é de um jeito, no Pantanal, na Várzea Grande é diferente. Um faz à noite, outro faz durante o dia. Tem uma região, a região de Santo Antônio, lá eles fazem a **reza**, depois que levanta o mastro. Aqui, a **reza** é primeiro. Então tem umas variações, depende do festeiro, da localidade. Porque tem o capelão que tira a **reza** cantada, tem uns que tiram já meia-noite, uma hora. Tem outros que já quer que tira mais cedo. Depende de como o dono da festa organiza a festa” (A. R.).

67 rima de verso | t.

Ver trovo.

68 roda de cururu | t.

Momento da apresentação de cururu sem coreografia.

Abonação: “geralmente começa parado, o processo de cururu, aí é a **roda de cururu**. O pessoal fica de frente pro altar, e mesmo no improvisado, louva o santo. Já olha o santo que tá lá, louva o santo e volta na toada de novo. Agora tem uma hora que um companheiro chama pra rodar, pra fazer a função do cururu, como a gente chama” (T. F.).

69 ruim | adj.

Ver cantador de lari larai.

70 salão s.m.

Ver empalizado.

71 sede | s.f.

Local onde os cururueiros se reúnem para discutir seus interesses.

Abonação: “nós aqui vamos completar quatro anos da existência da nossa **sede**, mas pela cara de dezoito anos (risos) você tá vendo aqui, é um grupo que já cantava antes junto. Tem gente aqui que já canta junto tem mais de trinta anos. Mas, a agora a gente consegue saber melhor das coisas, das festas, de como a gente faz para ir. Agora a gente tem um uniforme, todo mundo já sabe que é do nosso grupo” (T. F.).

72 tampo s.m.

Folha de madeira que cobre o corpo da viola de cocho.

Abonação: “essa aqui é a marca minha. Do seu Manoel é até mais fácil de fazer. Ele pega aqui no **tampo** e risca reto, como é o traçado dele. Quando as pessoas vê isso aqui, acha que é comprado pronto, que não é artesanal. O meu é até mais difícil de fazer que é a meia lua, bem arrumadinho. Tem que ter a paciência, o conhecimento, ajustar certinho” (A.R.).

73 terno s.m.

Conjunto de vestimenta usado pelos cururueiros.

Abonação: “o cururueiro quando vai se apresentar, ele separa o **terno** dele. Veste calça, camisa e o chapéu que é obrigatório. Cururueiro não se apresenta sem chapéu” (A.R.).

74 toada | s.f.

Versos previamente elaborados pelo cururueiro.

Abonação: “você vê tocando aqui, tem pessoas, tem hora que dizem não sei, não consigo entender o que vocês estão cantando, não é claro o que eles estão cantando. Eu digo, gente, não é claro, eles são verdadeiros compositores. Quando eles estão ali parados, eles estão criando a **toada** do cururu, como nós chamamos, seria a composição de uma música, na qual é para louvar um santo, é para dar uma cantada, é para aquelas coisas, tudo que tem na música popular brasileira, tem no cururu” (A. R.).

75 toada de ponto | t.

Ver ponto.

76 trovo s.m.

Composição poética que apresenta rima.

Abonação: “nós aqui, como se diz, um verso que fala assim que é rimado, nós, os cururueiros, não chama rima, chama **trovo**. Diz, nós vamos trovar, com A, com ão, com Ei. Isso chama **trovo**. No linguajar, pra quem não sabe, é rima” (J. C.).

77 verso s.m.

Canto com versos improvisados.

Abonação: “os temas das toadas são variados, tem toada que fala sobre a amizade, que fala da morena. Só que, antes dele cantar a toada, ele tem que ver, assim, o momento que é pra fazer o que. É pra chamar o rei, pra pegar o santo. Então ele improvisa um **verso** pra chamar o rei, pra pegar a imagem do santo que está sendo celebrado, aí pode entrar com a toada dele que fala sobre a amizade. Então, mesmo que é um momento religioso, é um momento sacro, como ele está dizendo, o **verso** tem que acompanhar isso, já a toada, não” (T. F.).

78 **viola-de-cocho** | s.m.

Viola popular de cinco cordas, usada no cururu mato-grossense.

Abonação: “no cururu o instrumento que participa, né? Além da voz é a **viola-de-cocho** e o ganzá. A viola é um instrumento já melódico, harmônico. Já o ganzá é um instrumento percussivo. Somente esses dois instrumentos que participam. Tempos atrás, é... tinha mais um instrumento que chamava adulfe, adulfo, que era uma espécie de pandeiro, mas foi abolido, né? Já tá em extinção, não se usa mais no cururu. Hoje é somente a **viola-de-cocho** e o ganzá. Às vezes também se usava aquele prato, chamado prato de ágata, outros falavam prato de folha, que se tocava com um garfo, um talher” (T. F.).